



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

Daniel Ivonesio Santos

**Como um grupo de homens cisgênero percebe a privacidade e proteção de dados no Tinder? Uma análise pelas lentes da Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista**

Florianópolis  
2023

Daniel Ivonesio Santos

**Como um grupo de homens cisgênero percebe a privacidade e proteção de dados no Tinder? Uma análise pelas lentes da Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Direito.

Orientador(a): Prof. Clarindo Epaminondas de Sá Neto, Dr.

Florianópolis

2023

Santos, Daniel Ivonesio

Como um grupo de homens cisgênero percebe a privacidade e proteção de dados no Tinder? : Uma análise pelas lentes da Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista / Daniel Ivonesio Santos ; orientador, Clarindo Epaminondas de Sá Neto, 2023.

357 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Programa de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Direito. 2. Privacidade. 3. Proteção de dados pessoais. 4. Direitos humanos. 5. Direitos fundamentais. I. Sá Neto, Clarindo Epaminondas de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Direito. III. Título.

Daniel Ivonesio Santos

**Como um grupo de homens cisgênero percebe a privacidade e proteção de dados no  
Tinder? Uma análise pelas lentes da Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 27 de dezembro de  
2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. José Albenes Bezerra Junior, Dr.  
Instituição UFERSA

Prof. Rafael Medeiros Popini Vaz, Dr.  
Instituição UFSC

Prof.<sup>a</sup> Raquel Fabiana Lopes Sparemberger, Dr.<sup>a</sup>  
Instituição FURG

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de Mestre em Direito.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof. Clarindo Epaminondas de Sá Neto, Dr.  
Orientador(a)

Florianópolis, 2023.

Dedico esta dissertação àqueles que valorizam  
os saberes múltiplos, dinâmicos, para além da  
hegemonia positivista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos amigos que fiz durante o mestrado, por ouvirem minhas angústias, compartilhando delas e dando suporte emocional e intelectual para que a dissertação fosse levada à cabo. Ao meu orientador, Prof. Dr. Clarindo Epaminondas de Sá Neto, por ter aceitado o convite para embarcar no mundo da pesquisa empírica, por todo auxílio prestado e compreensão quanto às dificuldades que se avivaram na execução da dissertação. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Direito com quem tive a grata felicidade de partilhar alguns momentos de bastante aprendizado e incentivo à busca por novos horizontes. Por fim, ao Estado de Santa Catarina, pelo custeio da pesquisa, através da concessão da bolsa de estudos UNIEDU/FUMDES Pós-graduação.

*I don't know why people are so keen to put the details of their private life in public, they forget that invisibility is a superpower*

— Banksy, estampado no Museu Moco, Amsterdã.

## RESUMO

Nas sociedades contemporâneas há emergência de uma economia que tem como principais ativos os dados e informações da vida privada de cada um dos indivíduos que a compõe. A concretização do direito fundamental à privacidade, portanto, passa a ter papel pivotal nesse novo contexto, o que demanda dos cientistas jurídicos análise aprofundada sobre as variáveis que podem dificultar sua efetividade. As redes sociais e os aplicativos de relacionamento servem de espaço para expressão dos direitos sexuais, na medida em que garantem camadas extras de sigilo e construção de identidades que podem ser controladas e expostas apenas para um núcleo mais específico de pessoas. Manter-se privado tem impactos na vida em sociedade, mas não se manter também vem com custos. O presente estudo elegeu como problema de pesquisa a seguinte questão: “Qual a relação entre orientação sexual e a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados pessoais no aplicativo Tinder.”. A hipótese que se pretende verificar é a de que a orientação sexual não heterocentrada mitiga a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados pessoais no aplicativo Tinder. Partindo das premissas de que o direito à privacidade é um direito de escolha e de liberdade e que os grupos sociais e indivíduos que compõem a sociedade carregam subjetividades que merecem atenção para a análise da concretização de direitos fundamentais, pretende-se verificar, como objetivo geral, se o vetor orientação sexual mitiga a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados pessoais no aplicativo Tinder. Para validar a hipótese será realizada análise da percepção do direito fundamental à privacidade e proteção de dados no aplicativo Tinder para um grupo de usuários cisgênero, residentes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná, com idades entre 18 e 40 anos, com no mínimo ensino médio em curso e que sejam ou bissexuais, ou heterossexuais ou homossexuais. A compreensão das teorias de relações de poder e o relacionamento do exercício de direitos sexuais ao exercício da privacidade e proteção de dados são objetivos específicos que permitirão alcançar o objetivo geral. A pesquisa empírica se vale de questionário e entrevistas semiestruturadas e teve análise dos dados por meio da Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista. Foram dadas 67 respostas ao questionário, das quais 50 passaram os critérios de exclusão, e foram entrevistadas 7 pessoas. Após análise, os dados permitiram construir uma teoria representativa da amostra apta a ser contrastada com o estado da arte no campo de estudo. A teoria criada foi “A privacidade é um atributo que permite a cada indivíduo escolher em que extensão pretende participar nas mais diversas esferas de sua vida e relações sociais e comunitárias, por meio da decisão consciente daquilo que quer expor, feita através de um cálculo subjetivo das consequências, impactos e riscos que essa exposição poderá ter, colocando-o como corresponsável nesse processo de se expor, mas garantindo que o que escolheu seja respeitado por terceiros, sejam pessoas, sejam empresas, sejam entidades ou órgãos públicos.”.

**Palavras-chave:** privacidade; proteção de dados pessoais; direitos humanos; direitos fundamentais.

## ABSTRACT

Contemporary societies are witnessing the emergence of an economy whose main assets are data and information about private lives. The realisation of the fundamental right to privacy therefore plays a pivotal role in this new context, demanding from legal scientists an in-depth analysis of the variables that may hinder its effectiveness. Social networks and dating apps are spaces for the expression of sexual rights, insofar they guarantee extra layers of secrecy and the construction of identities that can be controlled and exposed only to a specific group of people. Keeping private has an impact on life in society and the opposite may have a high cost. This study has chosen the following question as its research problem: "What is the relationship between sexual orientation and the realisation of the fundamental right to privacy and the protection of personal data on the Tinder app?". The hypothesis is that non-heterocentric sexual orientation mitigates the realisation of the fundamental right to privacy and personal data protection on the Tinder app. Based on the premises that the right to privacy is a right of choice and freedom and that social groups and individuals have personal views that deserve attention for the analysis of the realisation of fundamental rights, we intend to verify as the main objective if the orientation sexual mitigates the realisation of the fundamental right to privacy and protection of personal data on the Tinder app. To validate the hypothesis, the perception of the fundamental right to privacy and data protection on the Tinder app will be analysed for a group of cisgender users, living in Rio Grande do Sul, Santa Catarina or Paraná, aged between 18 and 40, with at least attending high school and who are either bisexual, heterosexual or homosexual. The understanding of theories of power relations and the relationship between the realisation of sexual rights and the exercise of privacy and data protection are specific objectives that will enable the main objective to be achieved. The empirical research will use questionnaires and semi-structured interviews and will analyse the data using Constructivist Grounded Theory, which will allow the creation of a representative theory of the sample that can be contrasted with the state-of-the-art in the field of study. There were 67 responses to the questionnaire, of which 50 passed the exclusion criteria, and 7 people were interviewed. After analysing the data, it was possible to construct a grounded theory representative of the sample that could be contrasted with the state-of-the-art in the field of study. The theory created was "Privacy is an attribute that allows each individual to choose the extent to which they want to participate in the most diverse spheres of their life and social and community relations, through the conscious decision of what they want to expose, made through a subjective calculation of the consequences, impacts and risks that this exposure may have, placing them as co-responsible in this process of exposing themselves, but ensuring that what they have chosen is respected by third parties, be they people, companies, organisations or public bodies."

**Keywords:** privacy; personal data protection; human rights; fundamental rights.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CC	Código Civil
CF	Constituição Federal
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
GDPR	<i>General Data Protection Regulation</i>
HxH	Homens que fazem sexo com outros homens
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexo
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
PPDP	Privacidade e Proteção de Dados Pessoais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TFD	Teoria Fundamentada nos Dados
TFDC	Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>21</b>
2.1	A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS CONSTRUTIVISTA .....	21
<b>2.1.1</b>	<b>Perfil Amostral .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Estratégia de coleta de dados .....</b>	<b>26</b>
2.1.2.1	<i>Questionários.....</i>	28
2.1.2.2	<i>Entrevistas .....</i>	28
<b>2.1.3</b>	<b>Estratégia de análise de dados .....</b>	<b>31</b>
2.2	ASPECTOS ÉTICOS .....	32
<b>2.2.1</b>	<b>Riscos .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Desconfortos .....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Medidas para atenuar riscos e desconfortos.....</b>	<b>35</b>
<b>2.2.4</b>	<b>Benefícios .....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.5</b>	<b>Aspectos financeiros.....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.6</b>	<b>Cronograma.....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.7</b>	<b>Declaração de isenção de conflitos de interesse .....</b>	<b>37</b>
2.3	MODIFICAÇÕES APÓS SUA EXECUÇÃO.....	37
<b>3.</b>	<b>A TEORIA DOUTRINÁRIA.....</b>	<b>39</b>
3.1	PESQUISA BIBLIOMÉTRICA.....	39
3.2	PRIVACIDADE.....	41
3.3	PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS.....	54
3.4	DIREITOS HUMANOS E ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	60
<b>4.</b>	<b>A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS .....</b>	<b>70</b>
4.1	QUESTIONÁRIOS .....	70
4.2	ENTREVISTAS .....	75
<b>4.2.1</b>	<b>Privacidade.....</b>	<b>77</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Dados pessoais.....</b>	<b>84</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Dados pessoais sensíveis .....</b>	<b>87</b>
4.3	CATEGORIZAÇÃO.....	91
4.4	TEORIA EMERGENTE PRELIMINAR.....	96
<b>5.</b>	<b>DISCUSSÕES .....</b>	<b>98</b>
5.1	ESCOLHA METODOLÓGICA .....	98

5.2	ENTRE A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS E A TEORIA DOUTRINÁRIA.....	100
6.	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>105</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>115</b>
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>119</b>
	<b>APÊNDICE C – ROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>127</b>
	<b>APÊNDICE D – FOTOGRAFIA E DESCRIÇÃO DO PERFIL.....</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICE E – TEXTOS PADRÃO .....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE F – BLOCOS PADRÃO DE RESPOSTA .....</b>	<b>132</b>
	<b>APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 1 .....</b>	<b>137</b>
	<b>APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 2 .....</b>	<b>175</b>
	<b>APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 3 .....</b>	<b>202</b>
	<b>APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 4237 .....</b>	<b>237</b>
	<b>APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 6 .....</b>	<b>269</b>
	<b>APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 9 .....</b>	<b>297</b>
	<b>APÊNDICE M – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO RECRUTADO 13 .....</b>	<b>316</b>
	<b>APÊNDICE N – CATEGORIAS, SUBCATEGORIAS E CÓDIGOS .....</b>	<b>351</b>
	<b>APÊNDICE O – LISTA DE CATEGORIAS POR RECRUTADO .....</b>	<b>355</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Um *smartphone*, uma *smart TV*, uma *smart city*, e, por que não, uma *smart society*?

Há muito em comum entre estas quatro coisas, mas dois pontos são essenciais: *disrupção* e *inteligência*.

A inovação disruptiva se apoderou dos avanços nas ciências e nas tecnologias e modificou a forma como enxergávamos as coisas anteriormente: celulares já não servem apenas para ligar; as TVs permitem muito mais do que assistir à programação de domingo ou um telejornal; as cidades já não se conformam em um mero agrupamento burocrático e ineficiente; e as sociedades vão explorando a transcendência da dimensão virtual e seu entrelaçamento com o mundo físico.

Mas para além da inovação, o termo *smart* tem um quê de relevante – e pretensioso. O adjetivo é utilizado para qualificar a tecnologia, ela é inteligente, não o ser humano que a desenvolveu e trouxe progresso para a sociedade. As tecnologias foram pintadas como capazes de mover um mundo combalido pela falta de novidades, e introjetar novos desejos em pessoas ávidas para consumir.

O consumo de coisas (*smartphones*, *smart TVs*), se refinou e recebeu uma camada extra após novos desdobramentos do poder de processamento e descoberta de novos processos e materiais mais eficientes e baratos. Agora se consomem conceitos (*smart cities*, *smart societies*), a vida entre o físico e o digital afastou o ser humano da tangibilidade dos objetos e da criação de conexões locais, levando-o a adaptar a sua noção de vida, de tempo, de desejo e de relacionamento, movendo tudo para uma camada mais abstrata.

E se há uma mudança na forma de se viver, também surgem novas reflexões, questões e problemas a serem enfrentados. Essa dinâmica nova que intersecciona a vida traz a dicotomia físico-virtual onde antes o que imperava era a dicotomia público-privado.

Especialmente no que toca aos aplicativos de relacionamento, passaram a servir de espaço para expressão dos direitos sexuais, na medida em que garantem camadas extras de sigilo e construção de outras identidades para além do mundo físico, que podem ser controladas e expostas apenas para um núcleo mais específico de pessoas.

O espaço virtual permite que pessoas com uma sexualidade dissidente possam existir de forma plena ou, no mínimo, com mais completude. Seus corpos físicos, que muitas vezes sofriam escrachos e preconceitos por performar uma identidade de gênero distinta da atribuída em seu nascimento ou mesmo expressar gestualmente e esteticamente uma sexualidade com características malvistas pela heteronorma, agora têm espaço em um universo de possibilidades ilimitadas.

Expor-se no mundo virtual, todavia, implica em jogar a moeda da privacidade e pensar como suas informações e dados podem ser usados. Deixar para depois estas questões pode fazer com que tudo isto vire-se contra o indivíduo de forma agressiva. Exposições forçadas da sexualidade, chamadas de *outing*, podem ter reflexos na vida familiar, como com expulsões de casa; comunitária, com exclusão de grupos religiosos ou ataques dos sutis aos verbais e físicos; e individual, com um menosprezo por si mesmo, desenvolvimento de culpa e introjeção de homofobia/bifobia.

As preocupações com a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados pessoais, portanto, são cada vez mais prementes na sociedade contemporânea, levando à necessidade de novas regulações e modificações normativas que dão lugar de destaque ao assunto, bem como análise aprofundada sobre as variáveis que podem dificultar sua efetividade frente à diversidade dos fenômenos sociais. Tais preocupações motivam-se também pela emergência de uma economia de dados fomentada por avanços nos campos da inteligência artificial e a expansão de algoritmos que permitem a predição de comportamentos e de aspectos subjetivos que muitas vezes são mantidos intencionalmente às escuras pelos indivíduos.

As pesquisas em direito, todavia, têm tido um enfoque bastante dogmático, buscando dar compreensão às normas positivadas, implícitas ou que estão em discussão com um apego teórico que é indicativo da importância que o juspositivismo e a episteme racionalista teve para a construção da ciência jurídica contemporânea no Brasil.

Para além da epistemologia e metodologias tradicionais, tem havido um crescente interesse pela pesquisa empírica em direito fora do Brasil, fruto da percepção de que os métodos das pesquisas jurídicas clássicas são insuficientes para a compreensão aprofundada de diversos fenômenos, sobretudo aqueles que demandam entender o impacto das normas positivadas, e não valorizam a

interdisciplinaridade desejada na construção de um pensamento complexo tão em voga.

Dentre a diversidade de grupos que integram a tessitura social, os cidadãos pertencentes à grupos LGBTI+<sup>1</sup> enfrentam dinâmicas peculiares que podem influenciar substancialmente na materialização do seu direito à privacidade e proteção de dados, sobretudo por conta das dificuldades que têm em viver livremente sua sexualidade, demonstrar afeto em espaços públicos e construir vínculos que tenham alheamento à sua forma de vida.

A compreensão dessa realidade, especialmente no Brasil, passou e continua às margens das ciências jurídicas, que fincou suas bases em uma pretensa objetividade, característica do paradigma racionalista, na universalização de um sujeito de direitos humanos e que desconsiderou tudo aquilo que ousasse destoar dos padrões eurocêntricos, sejam eles fenotípicos, culturais ou econômicos.

Nesse contexto, o estudo visa um pontapé à compreensão da percepção de homens cisgêneros de orientações sexuais diversas acerca dos aspectos atinentes à privacidade e proteção de dados no uso do aplicativo Tinder, com fins de analisar estas percepções e compreender se homens com orientação sexual diferente da heteronormativa enfrentam maiores dificuldades ou restrições no exercício do seu direito à privacidade e proteção de dados especificamente neste aplicativo.

O estudo foi proposto dentro da área de concentração “Direito, Estado e Sociedade”, na linha de pesquisa: “Constitucionalismo, Democracia e Organização do Estado” da Universidade Federal de Santa Catarina, por tratar de pesquisa que relaciona direito e *práxis*, com amparo sociológico e que pondera a medida em que se tem a concretização de direitos fundamentais quando alguns vetores sociais são levados em conta.

O problema de pesquisa se situa justamente em responder qual a relação entre orientação sexual e a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados pessoais no aplicativo Tinder.

---

<sup>1</sup> No trabalho optou-se por utilizar a sigla LGBTI+, definida na 16ª Conferência Nacional de Saúde após ampla conversa entre entidades representativas de grupos que conglobam orientações sexuais e identidades de gênero das mais diversas, não apenas por ser uma unificação que veio por um processo de luta e de reconhecimento da necessidade de aproximação destas entidades, mas por ser a sigla que, aos olhos do pesquisador, representa de forma mais adequada a diversidade existente de identidades de gênero e orientações sexuais sem se criar siglas de considerável extensão que podem perder sua essência de luta e capital político pela indicação de dissenso.

A construção da dissertação parte de duas premissas principais, a primeira é a de que o direito à privacidade é um direito de escolha e liberdade, a segunda premissa é que os grupos sociais e indivíduos que os compõem carregam subjetividades que merecem atenção para a análise da concretização de direitos fundamentais. Com suporte nas premissas, a hipótese que se pretende verificar é a de que a orientação sexual não heterocentrada mitiga a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados pessoais no aplicativo Tinder.

O objetivo geral da dissertação é compreender os impactos da orientação sexual homossexual na concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados no Brasil para um grupo de usuários do aplicativo Tinder. Por sua vez, os objetivos específicos necessários para alcançar o objetivo geral consistem em compreender a percepção de um grupo de homens cisgênero acerca da privacidade e proteção de dados no referido aplicativo; compreender as relações de poder e sujeição; e relacionar o exercício de direitos sexuais ao exercício da privacidade e proteção de dados pessoais.

É preciso retomar o adjetivo *smart* para associá-lo ao ser humano. A inteligência se constrói refletindo sobre o mundo com uma visão cada vez mais ampla, complexa, que permite traçar relações entre fenômenos e pôr em xeque o pedestal em que se sustentam as grandes tecnologias.

Do ponto de vista teórico, ao afastar-se das teorias clássicas de direitos humanos, que pautam as normas positivadas com base em um pretense universalismo desconectado com as realidades e tensões plurais da sociedade, a pesquisa empírica permitirá uma compreensão teórico-prática, ainda que inicial, acerca dos impactos que a orientação sexual de homens cisgêneros podem ter na concretização do seu direito fundamental à privacidade em aplicativos de relacionamentos como o Tinder, deslocando a análise para as pessoas, e não para a plataforma e como ela se conforma, como tem sido feito em outros estudos.

Compreender como grupos marginalizados (gays e bissexuais, no caso) percebem e entendem como se dá e até onde vai o exercício de sua privacidade e de seu direito à proteção de dados pessoais permite ampliar o olhar da ciência jurídica para a realidade, isto traz questões novas na prognose legislativa, na construção de políticas públicas e instrumentos jurídicos aptos a endereçar a questão da privacidade de uma maneira mais adequada às pluralidades de formas de viver a vida sexual. Para além disso, este tipo de pesquisa pavimenta caminho

para que novos vetores de análise, como gênero, raça e classe possam ser utilizados com o mesmo intento em pesquisas empíricas futuras cujo objeto se relacione ao proposto aqui.

No que toca à abordagem a pesquisa será empírica, tendo como método procedimental para o capítulo de análise da dados o comparativo, valendo-se de questionários e entrevistas semiestruturadas como técnicas de pesquisa para coleta de dados. Já o capítulo teórico será monográfico, a pesquisa dos avanços do campo se dará com aporte em doutrinas, teses, monografias e artigos sobre direitos fundamentais, privacidade, proteção de dados, direitos sexuais, orientação sexual, poder e sujeição. Por fim, a parte teórica de construção da teoria com base nos dados analisados se valerá das bases metodológicas da Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista – TFDC.

A opção pelo uso da metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) permitirá ao cabo verificar sua pertinência como um dentre o rol de instrumentos das outras ciências disponíveis ao pesquisador para conduzir uma pesquisa, apontando-se seus pontos positivos, negativos e limitações, além de dar sustento e encorajamento à pesquisa empírica em direito.

O trabalho foi dividido em cinco títulos. No título dois, o primeiro deles, são apresentados os aspectos metodológicos do trabalho, tendo em vista a forma como a pesquisa se conforma e a novidade na escolha da metodologia, que certamente é desconhecida de vasta parte da comunidade acadêmica que estuda o Direito. No título três ocupou-se de apresentar todos os dados coletados no curso da pesquisa, bem como o percurso firmado para análise destes dados — em suma, é o capítulo de execução e descoberta da teoria fundamentada. O título quatro traz o desenvolvimento teórico do campo de estudos. O título cinco, por sua vez, representa as discussões acerca da escolha metodológica e dos resultados obtidos pela TFDC, colocando em comparação a teoria emergente e a teoria doutrinária. Por fim, no sexto título há o arremate de todo o trabalho, com as conclusões.

## 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS CONSTRUTIVISTA

O escopo do trabalho não é o meramente normativo, mas antes descritivo, lida com as formas plurais de se compreender o mundo, viver as liberdades sexuais, privacidade e proteção de dados, o que certamente pode fomentar reflexões acerca dos limites que as normas já positivadas ou em discussões têm.

Ou seja, o compromisso do estudo é com a realidade social e com a forma como indivíduos percebem e exercem seu direito à privacidade e proteção de dados em um aplicativo de relacionamentos pessoais, o Tinder. Vai para além de uma preocupação exegética, dogmática ou para uma epistemologia puramente racionalista, o que faz com que essa pesquisa tenha bases empíricas e qualitativas: busca-se compreender em profundidade sobre o assunto pesquisado de forma a verificar as diversas nuances que o encobrem, mas afastando-se da criação de formulações teóricas amplas e replicáveis.

Não é de hoje que a linearidade de análises empregadas em mais diversos campos têm sido posta à prova por sua incapacidade de incorporar nuances importantes nas teorias formuladas, especialmente quando as pesquisas se dão nas áreas onde a subjetividade é um vetor de relevo. O caos, a complexidade (Morin, 2015), a organicidade da vida, tudo isso se entrelaça e influencia cada um dos fenômenos pinçados pelo pesquisador para estudo.

A visão de que apenas uma teoria pura do direito poderia servir de base para a construção de sistemas normativos parte dessa premissa epistemológica que, embora não se possa dizer ultrapassada, certamente não está integrada e aproveitando-se do que pode vir em uma ecologia dos saberes (Santos, 2003).

Para tanto, a dissertação se vale da Teoria Fundamentada nos Dados em sua vertente construtivista para alcançar a resposta ao problema de pesquisa, vez que parte da análise de um conjunto específico de dados coletados por meio de técnicas de pesquisa qualitativa e, agrupando-os e categorizando-os chega em uma análise teórica possível e integrada, que se espera tenda a se interseccionar com alguns conceitos gerais já estabelecidos pelo estado da arte da literatura, criando-se, assim, uma teoria para aquela amostra que possa validar a hipótese.

Ao eleger a Teoria Fundamentada nos Dados Construtivista como método para levar adiante os estudos a pesquisa se afasta do paradigma positivista e se vale de enfoque interpretativista, portanto, a vivência e experiência das pessoas com o objeto de estudo é o que permite compreender o mundo e a sociedade (Gil, 2017, p. 40).

Assim, foram questionados e entrevistados homens cisgêneros usuários do aplicativo de relacionamentos Tinder para que se pudesse compreender a percepção que têm acerca dos temas “privacidade” e “proteção de dados” no uso do aplicativo.

A opção pela vertente construtivista da teoria fundamentada nos dados tem suas razões de ser. Em primeiro lugar, Kathy Charmaz se afasta da pretensa objetividade e neutralidade defendida pela TFD em sua vertente clássica, na medida em que posiciona a construção da teoria no campo da interpretação da realidade – construtivismo –, o que não pode se dar de forma desapegada do pesquisador, sobretudo pois é nossa linguagem e comportamentos que nos permitem conhecer o mundo empírico (Charmaz, 2009, p. 73).

Nas palavras de Charmaz (2009, p. 54):

Uma abordagem construtivista enfatiza a obtenção das definições dos participantes quanto aos termos, às situações e aos eventos, na tentativa de explorar as suas suposições, os seus significados implícitos e as regras tácitas. Por outro lado, uma abordagem objetivista estaria mais interessada na obtenção de informações sobre a cronologia, os eventos, os ambientes e os comportamentos.

A proposta vanguardista de Glaser e Strauss, ancorada em abordagem objetivista, buscava um frontal combate às pesquisas quantitativas sob a epistemologia racionalista, dominante nas ciências sociais, mas o intento de deixar as coisas o mais *objetivas* possíveis acabou levando a vertente clássica da TFD a ser vitimada exatamente no ponto em que criticava: seus pressupostos e seu rigor tinham as digitais do positivismo (Charmaz, 2009, p. 23).

Enquanto na TFD clássica as diretrizes apontam para a necessidade de um alheamento do pesquisador acerca do objeto que estudará, de forma a se evitar supostas contaminações que poderão guiar seu caminho de descoberta, na TFDC o conhecimento do pesquisador já é importante desde o primeiro momento em que levado à cabo o estudo, isto pois Charmaz (2009, p. 32) entende que quem conduz a pesquisa viveu experiências, solidificou valores, determinou suas “verdades”, ameahou um repertório de conhecimentos, pertence à dado estrato da sociedade,

enfim, sofreu diuturna influência do mundo em sua volta antes mesmo de desenhá-la ou passar à coleta dos dados.

Inobstante a ciência jurídica tenha se calcado em uma pretensa objetividade, tônica trazida por suas bases epistemológicas racionalistas, certo é que a opção por este ou aquele caminho metodológico por si só já reflete a compreensão que o pesquisador tem do mundo e delimita quais lentes pretende se valer para poder analisar fenômenos.

Não é o método eleito pelo pesquisador que ditará, por si só, a qualidade de uma pesquisa, mas a forma como o pesquisador se vale dele, reconhecendo suas possibilidades e limitações, e sua capacidade de perceber as minúcias do pequeno mundo sobre o qual pretende se debruçar em estudos (Charmaz, 2009, p. 31), e esta característica certamente é inerente a todos os atravessamentos já sofridos pelo pesquisador.

A crítica do método, vale dizer, cabe às discussões de epistemologia, já a empreitada do pesquisador deve ser avaliada conforme aquilo que se propôs e dentro do escopo que o método de seleção permite alcançar, cabendo ao condutor da pesquisa a constante reflexão sobre as possíveis influências que suas percepções de mundo podem ter tido no resultado atingido (Charmaz, 2009, p. 32).

Sabedora das influências que todo ser humano sofreu e sofre em sua vida, até levar a cabo um estudo, e valendo-se de frase de Ian Dey (1999, p. 251, *apud* Charmaz, 2009, p. 74), “há uma diferença entre uma mente aberta e uma cabeça vazia”, Charmaz propõe não um alheamento do pesquisador, mas a sensibilidade de se manter aberto às descobertas para evitar que suas concepções formem categorias analíticas antes mesmo dos dados serem coletados.

Os conhecimentos prévios do campo de estudos, em geral já substanciais ao pesquisador, devem ser utilizados como ponto de partida, pois na TFDC as ideias preconcebidas e teorias consolidadas não podem servir como fôrma para subsumir os dados coletados. É com base nos dados e do que deles emerge que uma nova teoria surgirá, e não o oposto (Charmaz, 2009, p. 35).

A serendipidade e vislumbre ocasional de categorias distintas das que o pesquisador imaginava no limiar da pesquisa têm papel bastante relevante para que a teoria seja representativa da amostra, e não do pensamento do pesquisador, como seria uma pesquisa teórica aos moldes racionalistas.

Charmaz (2009, p. 24) entende que os métodos da TFDC permitem ao pesquisador maleabilidade para adaptá-los e se valer de sua criatividade de forma a chegar na construção de um resultado, seja ele uma teoria ou uma etapa de uma dada pesquisa, concatenando os princípios e as práticas de forma dinâmica e não-linear.

Sobre a definição da amostra imperioso lembrar que diferentemente da pesquisa quantitativa, onde se tem um  $n$  pré-definido, “A flexibilidade da pesquisa qualitativa permite ao pesquisador seguir as indicações que vão surgindo” (Charmaz, 2009, p. 31), prioriza-se a seleção de pessoas que se envolveram com os processos sociais que são objeto da pesquisa, o que confere maior robustez no estudo, deixando-se em segundo plano a rígida representatividade ou proporcionalidade amostral (Gil, 2017, p. 100).

Para definir a suficiência e qualidade dos dados coletados Charmaz (2009, p. 37) formula algumas diretrizes: 1) é preciso que permitam compreender, recuperar e retratar os contextos das pessoas, ambientes e processos; 2) é preciso que descrevam de forma detalhada as opiniões e ações de uma gama de participantes; 3) devem revelar para além da superfície; 4) devem ser suficientes para retratar mudanças em dado período; 5) devem reunir uma plêiade de opiniões sobre as variadas ações dos participantes do estudo; 6) devem permitir o desenvolvimento de categorias analíticas; e 7) devem permitir comparações.

Além disso, a estratégia e planejamento no processo de coleta dos dados é essencial, especialmente para criar afinidade com os participantes, oferecendo-lhes respeito, estabelecendo um vínculo de confiança e afastando-se de julgamentos e moralismos intrínsecos, para que o pesquisador possa com cada vez mais refinamento tentar entender a vida, opiniões, ações e contextos do participante pelas lentes dele, e não pelas suas. Esse esforço conjunto entre pesquisador e participante é o que permitirá àquele acessar de forma profunda dados que podem ser de grande valia para pesquisa, inclusive aqueles que o participante sequer trouxe à lume, por entender óbvios (Charmaz, 2009, p. 37).

A tarefa de análise dos dados tem sua relevância desde o primeiro momento para que se possa fazer uma filtragem daquilo que dito nas entrevistas, isto pois “os dados variam na qualidade, na relevância dos seus interesses emergentes e na utilidade para a interpretação” (Charmaz, 2009, p. 33). o pesquisador não reconstruirá a perspectiva do participante, mas interpretará aquilo a que teve

acesso, assim, reconstruirá uma realidade sob sua interpretação dos dados – os dados não *estão* nem *são*, “[a]s pessoas constroem os dados” (Charmaz, 2009, p. 33, grifos da autora),

Nessa toada, para a construção destes dados é necessária a observação das ações, processos e palavras; o delineamento adequado e cauteloso do contexto, com atenção às cenas e circunstâncias; o registro das ações, seus realizadores, suas razões e motivações, as circunstâncias e cronologia; a identificação das condições que influenciam na emergência ou abrandamento das ações, intenções e processos; a identificação das palavras e expressões específicas que podem ter significado especial aos participantes; a descoberta das suposições ocultas e tidas como óbvias pelos participantes; e a busca por caminhos interpretativos (Charmaz, 2009, p. 39).

### **2.1.1 Perfil Amostral**

O perfil amostral escolhido foi o de homens cisgêneros, com orientação sexual variante entre heterossexual, homossexual e bissexual, podendo, ainda, haver os que se identificam como homens que fazem sexo com outros homens (HxH). A idade dos participantes inicialmente foi definida entre 18 e 35 anos, alterando-se, posteriormente, em emenda ao projeto, para entre 18 e 40 anos. O local geográfico inicialmente foi definido como grande Florianópolis, sendo, em emenda ao projeto, ampliado para a mesorregião Sul do Brasil. O nível de instrução deveria corresponder a pelo menos o ensino médio completo ou em curso. As modificações foram necessárias diante das dificuldades com o recrutamento, retratadas em tópico adiante.

Como critério de exclusão foi considerada nacionalidade estrangeira.

Optou-se por delimitar identidade de gênero, idade, instrução e nacionalidade tendo em vista a diferença que esses marcadores podem trazer, seja pela compreensão e experiência que cada geração tem acerca do que é experimentar sua sexualidade, dada as condicionantes socioculturais e históricas, seja pelo acesso a diferentes estratos da sociedade, locais de aquisição de conhecimento, desenvolvimento de noções de mundo, e facilidade ou dificuldade normativa impostas para exercício de seus direitos sexuais e liberdade em seu Estado de origem e vivência.

Naturalmente, reconhece-se que os critérios adotados ainda assim podem implicar em dificuldades para a análise, porém, a pesquisa não se beneficiaria de outra opção, tendo em vista as dificuldades encontradas para recrutar indivíduos para participar dela, diante da especificidade e delicadeza do assunto, que incursiona por aspectos afetivos e sexuais, bem como da falta de financiamento específico para levar adiante alternativas mais eficientes de recrutamento.

### **2.1.2 Estratégia de coleta de dados**

A estratégia de coleta de dados enfrentou dois momentos distintos.

Inicialmente foram criados dois perfis na rede social Tinder. Nesse aplicativo os usuários podem definir seu gênero e com qual gênero que buscam se relacionar, incluindo uma descrição breve sua, conectando redes sociais como o Instagram e aplicativos como o Spotify e expondo fotos suas. Concluída a customização do perfil o usuário passa a ter acesso aos perfis dos outros usuários, um a cada vez, não podendo saltar para o próximo sem avaliar se tem interesse em dar *match* com o anterior. O “deslize” é a forma como os usuários dão *match* e confirmam interesse ou desinteresse em um determinado perfil que lhes é apresentado: ao deslizar para a esquerda, apontam que não querem manter contato com o perfil que apareceu para sua análise; para a direita apontam que estão interessados na interação com o perfil; para cima apontam um interesse excepcional. Quando o usuário que desliza e o usuário do perfil mostrado têm mútuo interesse acontece o *match* e abre-se a possibilidade de eles conversarem por chat.

Na pesquisa o primeiro perfil criado tinha como gênero homem, e mostrava interesse apenas em homens, ou seja, tendia a levar ao encontro de homens que têm orientação sexual homossexual, bissexual, homens que façam sexo com outros homens ou qualquer outra orientação sexual diferente da heterossexual. O segundo perfil foi identificado com o gênero feminino, e mostrava apenas homens, neste o objetivo era encontrar homens heterossexuais ou bissexuais. Vale ressaltar que a amostra é mais ampla e genérica do que estudos focais pois a intenção é encontrar aqueles que se relacionaram de alguma forma com o fenômeno em estudo (Gil, 2017, p. 101).

A descrição do perfil apontou os detalhes da pesquisa de forma muito sucinta, dada a limitação de 500 caracteres imposta pela plataforma: qual seu

objetivo, em que instituição está sendo desenvolvida, como se dará, informou sobre sua participação voluntária e gratuita e explicitou sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, bem como a possibilidade de esclarecimento de dúvidas pelo chat (Apêndice D). As dúvidas poderiam ser respondidas se valendo dos textos padrões (Apêndice F) e, quando não prevista nos textos padrões, observando os detalhes do projeto aprovado.

Além disso, foi incluída uma foto que se relaciona com a pesquisa, indicando que ambos se tratavam de perfis para este fim, mas identificando o pesquisador em um contexto não acadêmico (Apêndice D), conduta que se mostrou mais assertiva nos estudos de Ramon Silva Costa (2020) em aplicativo similar, ainda que com outra dinâmica interacional.

Nos dois casos os critérios de inclusão foram adicionados nas configurações do aplicativo, salvo os que não era possível incluir, mas que seriam avaliados na primeira etapa da coleta de dados, feita pelo questionário. A localização do uso foi definida para a cidade de Florianópolis, com raio de 30km do ponto em que o aplicativo estava sendo utilizado.

O pesquisador deslizou para a direita durante 10 minutos no período da manhã, 10 minutos no período da tarde e 10 minutos no período da noite, dinâmica que estava prevista para ocorrer em 10 dias consecutivos, em busca de *matches* dos quais deveriam surgir interessados em responder o questionário e agendar entrevistas.

A forma de recrutamento proposta se daria da seguinte forma, para cada *match* seria encaminhada uma mensagem padrão se apresentando, apresentando a pesquisa e questionando se a pessoa tem interesse em participar (Apêndice E). Havendo interesse seria enviado *link* para a coleta de dados e respostas à algumas questões predefinidas em questionário (Apêndice B) e encaminhado o *e-mail* que será utilizado especialmente para a pesquisa, com objetivo de verificar aqueles que gostariam de ser entrevistados. Os que responderem o questionário e se enquadrarem nos critérios de inclusão poderiam ser entrevistados, se assim o desejarem, mediante agendamento pelo *e-mail* da pesquisa.

Após a execução o recrutamento sofreu substanciais modificações, diante das dificuldades encontradas e que não puderam ser antevistas, de forma que o texto padrão e blocos padrão de mensagens ficaram praticamente sem uso.

Passou-se a enviar o *link* para o questionário diretamente por posts em redes sociais aos interessados, agendando entrevista com aqueles que apontavam interesse em serem entrevistados.

#### 2.1.2.1 *Questionários*

O questionário foi utilizado como primeiro instrumento de coleta. Ele foi criado na plataforma Google Forms, com base no desenho previsto no Apêndice B, e inicialmente seria compartilhado apenas com as pessoas que dessem *match* no Tinder e se mostrassem interessadas em respondê-lo, todavia, após a emenda ao projeto, foi disponibilizado de forma irrestrita em redes sociais.

O questionário foi anonimizado em sua maior extensão, todavia, a opção por não anonimá-lo integralmente se deu para que as entrevistas posteriores pudessem ser analisadas correlacionando-as com os dados coletados no instrumento. O objetivo dos questionários é coletar dados demográficos e traçar uma percepção inicial sobre privacidade e proteção de dados dos participantes, de forma mais objetiva.

Os interessados em responder o questionário tiveram que concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido digitalmente na própria plataforma onde foram coletados os dados (Apêndice A). Se não concordassem o formulário os enviaria para uma página que encerra a possibilidade de participação. O Termo de Consentimento foi enviado em sua via assinada pelo pesquisador para o *e-mail* informado no formulário.

Ao final da fase de coleta de dados eles foram compilados em planilha gerada pelo próprio Google Forms, que serviu para análise e para coligar aos dados dos entrevistados.

#### 2.1.2.2 *Entrevistas*

A entrevista semiestruturada foi feita espontaneamente, com aqueles que demonstraram interesse em sua participação, após passarem pelos filtros de inclusão e exclusão do questionário prévio, já referido. Na teoria fundamentada nos dados não se define uma amostra previamente, pois o objetivo se dirige muito mais

ao encontro fortuito e serendipidade, de forma a expandir e aprofundar os conceitos que foram observados nas primeiras entrevistas, assim, no curso da pesquisa que o número foi se revelando como suficiente ou não, observando-se o potencial de saturação teórica e as particularidades do caso (Gil, 2017).

A entrevista semiestruturada é uma ferramenta dinâmica e flexível, permite modificação de seu curso, para que se explore novas ideias e tópicos, a depender das respostas do entrevistado (Charmaz, 2009, p. 50), além de ter característica exploratória, e não interrogatória (Charmaz, 2009, p. 51), nessa senda, “será o instrumento que permitirá aprofundar a percepção sobre os sujeitos, suas ações, percepções e processos, cabendo ao pesquisador a função de guiar o participante na reflexão e detalhamento de suas experiências” (Charmaz, 2009, p. 46).

Para conduzir a entrevista algumas questões prévias foram definidas, mas com espaço para que novas questões pudessem surgir no processo e com a maleabilidade característica da TFDC, sempre tendo em vista o objetivo de entender o que está acontecendo, que situação está sendo relatada, o que a pessoa está querendo dizer com o que diz e que categorias de análise surgem das respostas dadas por ela (Gil, 2017, p. 101). O cuidado do pesquisador cinge em formular outras perguntas que sejam abertas, que não guiem as respostas e não impliquem em desconforto ou impactos além dos esperados para o tipo de pesquisa e metodologia definida.

O roteiro, vale dizer, não implica que sempre serão formuladas todas as questões ali presentes (Gil, 2017, p. 101), é suporte para o pesquisador poder guiar suas intervenções sempre atento aos pontos de partida que podem ser importantes, sem prejuízo de se estabelecerem novos enfoques.

Os entrevistados foram questionados no início acerca de seu consentimento para participar da pesquisa e para ter seus dados biométricos (imagem e voz) coletados e tratados. As entrevistas foram feitas com a amostra eleita e foram gravadas pela plataforma Google Meet. As gravações de vídeo foram convertidas pelo *software* VLC para áudio e dos áudios foram transcritas as falas, com suporte do *software* HappyScribe, para posterior análise, verificando-se o acerto da versão transcrita em comparação com o arquivo original.

O *output* das transcrições foi anonimizado com supressão de nome e outras características pessoais únicas que pudessem identificar o entrevistado, assim, os

dados e referências que possam identificar determinada pessoa serão substituídos por outros dados e referências aleatórios.

Quanto aos elementos visuais, coletados em vídeo, geraram percepções que foram anotadas nos memorandos. Os memorandos serviram para auxiliar na anotação de percepções, reflexões, relações e caminhos possíveis de investigação e análise para cada um dos dados, sempre que necessário.

Os vídeos das entrevistas não serão disponibilizados para fins acadêmicos para terceiros ou em bases de compilação de dados, por representarem risco elevado de identificação e que pode trazer impactos deletérios além dos indiretos aos participantes da pesquisa. As percepções anotadas em memorando, todavia, poderão ser disponibilizadas na mesma base de dados em que disponibilizadas as transcrições dos áudios, com o mesmo cuidado para remover elementos que permitam identificar o indivíduo participante, deixando anonimizados os dados.

Após a fase de análise dos dados os vídeos foram imediatamente excluídos, os áudios, todavia, foram mantidos em arquivo pessoal do pesquisador, compactados com senha (formato ZIP ou RAR), serão guardados apenas para fins de comprovar o consentimento e não serão disponibilizados para qualquer pessoa, salvo para cumprimento ou comprovação de dever legal.

O objetivo da entrevista foi de compreender a percepção dos entrevistados sobre a concretização do seu direito à privacidade e proteção de dados, de uma maneira mais orgânica do que a possibilitada no questionário, aprofundando-se a construção da teoria para a amostra.

A saturação teórica corresponde ao momento em que a coleta de novos dados não adiciona ao conjunto de dados já coletados e categorizações possíveis, tendo em vista a repetição de respostas similares, coletá-los implicaria na necessidade de criar múltiplas novas categorias fracionárias, além de dificuldades para integrar estas novas às categorias já existentes, redundando em uma teoria fragmentada. A percepção da ocorrência de saturação depende do conhecimento teórico do pesquisador — e daí a importância da pesquisa teórica de base, primordial à vertente construtivista da TFD —, e da percepção empírica de que novos dados não permitem integração e adensamento da teoria a ser criada. A pesquisa é qualitativa, assim, o que se busca não é um número mágico definido por critérios estatísticos, mas uma compreensão mais aprofundada dos dados em si

para notar quando eles já não somam para a resposta do problema. (Glaser; Strauss, 2006).

### **2.1.3 Estratégia de análise de dados**

Os dados foram analisados com suporte do *software* Atlas.ti, um dos mais usados para análise qualitativa de dados (Gil, 2017), o que permitiu a inserção de cada uma das entrevistas e apontamento de categorizações para elas.

A codificação é a categorização de segmentos de dados com uma denominação concisa que permita resumir e representar cada um dos dados, permitindo uma interpretação analítica (Charmaz, 2009, p. 69), é, portanto, o “elo fundamental entre a coleta dos dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente para explicar esses dados” (Charmaz, 2009, p. 70), pela categorização se identifica o que dizem os enunciados e mergulha profundamente na descoberta do significado disto (Charmaz, 2009, p. 69; 72).

Em um primeiro momento a codificação foi feita denominando-se cada segmento de dado provisoriamente (Charmaz, 2009, p. 72; 76), valendo-se de uma leitura flutuante, técnica de análise de conteúdo em que se buscam os termos literais e que se repetem em cada entrevista, separando aquilo que é relevante e agrupando com os demais códigos (Bardin, 2011), de forma a se criar códigos representativos da entrevista analisada e que poderão, na fase posterior de análise, ser analisados comparativamente e semanticamente, bem como por meio de inferências com as demais categorizações resultantes das outras entrevistas.

Na segunda etapa ocorre a focalização e as categorias começam a se unir em pedaços mais robustos, seletivos, integrados e conceituais, que permitem pavimentar o caminho até a teoria fundamentada representativa da amostra (Charmaz, 2009, p. 87). Parte-se da análise dos códigos iniciais com maior significado e frequência de aparição. O significado se analisa com base na percepção transmitida pelo entrevistado.

Importante ter em vista que na pesquisa quantitativa em geral a codificação parte de categorias preconcebidas onde os dados serão subsumidos, enquanto na teoria fundamentada os códigos são criados no curso da análise, conforme se observa com atenção os dados, interagindo com eles e questionando-nos de formas distintas (Charmaz, 2009, p. 72).

O objetivo da categorização é responder às seguintes questões, sem prejuízo de novas que surjam no curso das descobertas: o que o grupo entende por privacidade? Quem entende desta forma? Para quem este conceito serve? Por que entendem este conceito assim? Como chegaram no presente entendimento? As respostas permitirão a integração das categorias e a criação da teoria fundamentada.

O texto transcrito, que permitirá toda a análise, é repleto de espaços para desbravamento de sentidos, percorrendo o texto é que o pesquisador pode se apoderar dele para desvelar sua compreensão (Lévy, 1996, p. 36).

Criada a teoria fundamentada nos dados, ela foi levada à validação pelos entrevistados que tiveram interesse (*follow-up*) e, posteriormente, foi contrastada com o estado da arte para o campo pesquisado, conforme se verá nos capítulos subsequentes.

A devolutiva dos resultados será inicialmente feita na sessão pública de defesa da dissertação e em eventuais congressos, eventos e publicações que tratem da questão, sem prejuízo de fornecimento aos participantes que tiverem interesse do *link* para acesso da cópia da dissertação no repositório institucional da universidade, quando disponibilizado lá.

## 2.2 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa envolveu seres humanos, portanto, foi necessária a aprovação de projeto de pesquisa e cronograma pelo Comitê de Ética e sua adequação no que toca aos aspectos éticos. As balizas para a pesquisa estão presentes na Resolução CNS 510/2016, bem como as demais normativas e legislações vigentes e aplicáveis, especialmente os requisitos da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que foram utilizados para a execução do trabalho. O projeto apresentado passou por duas rodadas de adequações, sendo a primeira substancial e a segunda bastante pontual. Em seu curso, foram necessárias adaptações metodológicas que demandaram novos ajustes, submetidos como emenda ao projeto aprovado, mas com pouco ou nenhum impacto nos aspectos éticos. Adiante são listados os riscos, desconfortos, medidas utilizadas para atenuá-los, benefícios possíveis, dentre outros aspectos éticos relevantes.

### 2.2.1 Riscos

A participação na pesquisa envolve alguns riscos, como em toda pesquisa. Existe risco de vazamento de dados e as consequências decorrentes deles, o que pode implicar em violação de privacidade e proteção de dados. Embora todos os participantes possam ser afetados, sobretudo pela natureza dos dados coletados, que em sua parte são legalmente considerados dados sensíveis, os maiores implicados certamente são pessoas que não sejam heterossexuais, para as quais o vazamento de dados pode desencadear um processo chamado *outing*, ou seja, divulgação forçada e não consentida de sua orientação sexual; e pessoas heterossexuais que estejam em relacionamentos monogâmicos, que buscam relações extraconjugais, às quais poderão ficar expostas a ponto de isto trazer implicações indesejadas em seu relacionamento.

Objetivando atenuar a possibilidade de vazamento de dados foi criado um repositório no Google Drive com um *e-mail* específico para a pesquisa, que não foi compartilhado publicamente e cujo acesso se deu apenas pelo pesquisador responsável pela pesquisa. Para cada acesso nesta conta foi necessário fazer novo *login*, de forma a não se manter conectado na conta de *e-mail* quando não estiver trabalhando na pesquisa. Os vídeos das entrevistas foram excluídos após o processo de análise, gravando-se apenas a transcrição de seu áudio e as anotações de percepções do pesquisador nos memorandos. Os vídeos não foram submetidos a plataformas que impliquem tratamento *online* e, nas transcrições de áudio, processos de anonimização foram implementados o mais cedo possível.

Para amenizar riscos de vazamento de dados foram escolhidos prestadores de serviços que são referência em seu mercado e sem históricos importantes de vazamentos recentes. Na pesquisa serão utilizados alguns serviços do ecossistema de serviços Google: Google Drive, Gmail, Google Forms e Planilhas; os vídeos serão convertidos em áudio pelo *software* VLC, que não transmite dados *online*, não se sujeitando a vazamentos; os *outputs* dos áudios passarão pelo processo de transcrição automática, ou seja, sem contato com pessoas, pela plataforma online HappyScribe.

Todos os prestadores de serviços têm políticas de privacidade e confidencialidade relativas aos dados que garantem a baixa possibilidade de *data breaches*. Em caso de vazamento de dados, todos os prestadores estão sob a tutela

da LGPD e/ou GDPR, e se comprometem a apresentar planos de contingência ao vazamento nos termos legais. Também foi garantido ao participante que poderá buscar compensação por eventual dano que sofra em decorrência do vazamento de dados, seja contra o pesquisador responsável, seja contra a empresa que vazou os dados, sem prejuízo, no primeiro caso, de eventual ação regressiva.

Os riscos de danos imateriais advém do próprio vazamento de dados, já indicado anteriormente.

Há ainda risco de revitimização em caso de relato de situações de violência psicológica e/ou física decorrentes do uso do aplicativo. Esse risco foi atenuado sempre lembrando, no início de questões mais delicadas, que o entrevistado poderia optar por não as responder ou, se preferir, desistir de participar da pesquisa, sem que isso implicasse em qualquer prejuízo.

Havia risco, na primeira versão da pesquisa, de que o participante se sentisse exposto por ter dado *match* com um pesquisador da UFSC. Dessa forma, foi garantido ao participante que suas informações seriam confidenciais e mantidas sob sigilo, desde o momento em que o pesquisador viu o participante no aplicativo em diante. Após a primeira emenda ao projeto este risco deixou de existir.

Não há riscos de danos materiais identificados e o resultado da pesquisa não implica em risco de estigmatização.

### **2.2.2 Desconfortos**

A participação na pesquisa também envolveu possíveis desconfortos toleráveis, que decorrem da natureza do assunto tratado. Foram feitos questionamentos que envolvem questões afeitas à vida sexual, afetiva e eventuais traumas ou experiências negativas sofridas na plataforma ou em decorrência do uso dela. Foram tomados os cuidados necessários para evitar que as perguntas avançassem para além do desejado pelo participante, lembrando que ele poderia optar por respondê-las ou não.

Também se descortinou a possibilidade de desconforto se o participante considerasse sua intimidade excessivamente invadida. Conquanto o participante tenha ciência de que a pesquisa trata de questões afeitas à vida e orientação sexual, sempre há o risco de que durante as entrevistas se incursione em aspectos destes dois temas que por seu elevado grau de subjetividade podem ser causa de

desconforto maior do que o esperado pela natureza da pesquisa. Para atenuar esse desconforto o pesquisador responsável ficou atento aos sinais corporais e verbais que pudessem indicar este cenário para, então, redirecionar as perguntas da entrevista para outro assunto.

Nenhum dos procedimentos usados ofereceu riscos à dignidade humana dos participantes, a voluntariedade foi marca indelével do prosseguimento dos trabalhos e o contexto do qual os participantes provieram, um aplicativo de relacionamento em que os próprios participantes demonstram interesse em participar da pesquisa e, posteriormente, das redes sociais onde partilhado o convite à participação, já implica certa liberdade e facilidade para que tratem de temas afeitos à vida sexual e afetiva com maior desinibição.

### **2.2.3 Medidas para atenuar riscos e desconfortos**

Como formas de atenuar os riscos e desconfortos apontados foi garantido o sigilo e a confidencialidade em relação às respostas, as quais foram utilizadas unicamente para fins científicos. Os nomes porventura utilizados nas publicações futuras, além dos desta dissertação, serão fictícios, de forma a garantir o anonimato dos participantes. Quaisquer informações que pudessem identificar o participante foram omitidas ou substituídas por informações fictícias. O participante foi orientado a buscar um local em que pudesse ter privacidade para participar da entrevista. Foi garantida uma abordagem humanizada, com escuta atenta e acolhimento dos participantes, de forma que as informações coletadas fossem unicamente as essenciais à compreensão do contexto de uso do Tinder e as diretamente relacionadas ao objeto da pesquisa.

Ao participante foi assegurado o direito de desistir a qualquer tempo da participação da pesquisa, sem que isso implicasse prejuízo para si, podendo, ainda, optar por não responder questões constrangedoras, bem como sendo garantido que nenhuma informação prestada será utilizada de forma desfavorável ou que possa estigmatizá-lo ou estigmatizar o grupo ao qual pertença, respeitando-se suas crenças, visões de mundo e valores, sem interferência e opiniões pessoais do pesquisador sobre os aspectos da vida pessoal do participante.

#### **2.2.4 Benefícios**

Os benefícios do estudo são potenciais e coletivos, na medida em que avança para a compreensão teórica do que significam os direitos fundamentais à privacidade e proteção de dados acaba por permitir que as descobertas sejam utilizadas de forma ampla para que a prognose legislativa em questões afeitas aos temas se conectem eficientemente com as múltiplas realidades. Essa perspectiva reforça a promoção e o respeito aos direitos fundamentais, valoriza a autonomia e liberdade dos indivíduos e ressalta a importância de se observar as visões plurais do mundo. Além disso, abrem-se possibilidades de reflexão sobre o uso de metodologias para além das cartesianas nas pesquisas em direito, realçando a importância da pesquisa empírica e de um olhar interdisciplinar. Ademais, o estudo desperta benefícios indiretos, como a satisfação pessoal em poder colaborar com o desenvolvimento científico em questão que envolve debate que toca a vida de grupos sexuais marginalizados, especialmente os homossexuais e bissexuais.

#### **2.2.5 Aspectos financeiros**

A pesquisa não trouxe despesas aos participantes por sua participação, nem previu qualquer pagamento de contrapartida pela resposta aos questionários ou participação nas entrevistas, porém, o estudo teve alguns dispêndios para sua instrumentalização e execução, despesas que foram custeadas pelo pesquisador e pela bolsa de estudos UNIEDU/FUMDES Pós-graduação agraciada ao pesquisador.

#### **2.2.6 Cronograma**

O cronograma da pesquisa, que precisou ser aprovado previamente ao recrutamento de participantes, sofreu algumas modificações durante a execução dos estudos, sobretudo em decorrência das adaptações que se fizeram necessárias. E para além de mero formalismo, demarcou com precisão, dentre outros, início e fim do recrutamento, data em que os vídeos das entrevistas seriam apagados, e, em sua primeira versão, quando as contas do *app* Tinder seriam removidas.

### 2.2.7 Declaração de isenção de conflitos de interesse

O pesquisador responsável pela pesquisa a desenvolveu sem qualquer conflito de interesse que pudesse influenciar em seu resultado; não possui qualquer relação jurídica, seja civil ou trabalhista, com o *app* Tinder ou qualquer outro aplicativo de relacionamentos; e a agência de fomento da pesquisa não impôs quaisquer restrições, vedações, protocolos ou procedimento metodológico, influência política ou ideológica que pudesse implicar os resultados e/ou a condução do estudo.

### 2.3 MODIFICAÇÕES APÓS SUA EXECUÇÃO

A TFDC tem como premissa uma constante modificação e adaptação das metodologias e ferramentas utilizadas para atingir o objetivo final do estudo, assim, quando há algo que falha, refinamentos podem ser propostos e novos caminhos podem ser explorados — desde que não se alterem os fundamentos iniciais da pesquisa. No caso, foram necessárias 3 emendas, especialmente para endereçar as dificuldades encontradas no recrutamento.

O pesquisador iniciou o recrutamento em 01/03/2023, todavia, já no mesmo dia um dos perfis foi banido do aplicativo Tinder, por suposta violação dos termos de uso da comunidade. Por sua vez, o segundo perfil criado foi banido no dia 03/03/2023, o que levou ao encerramento do recrutamento para ajustes nessa fase.

De todo modo, não houve *matches* no período, o que pode ser atribuível à posição passiva que o pesquisador tem ao depender que o usuário dê *match* e se interesse em se engajar na pesquisa, diferentemente do estudo conduzido por Ramon Costa, onde o pesquisador assumia papel mais ativo entrando em contato com os perfis disponíveis e os convidando para serem entrevistados e participar de seus estudos.

Diante desse contexto, foi submetida ao Comitê de Ética emenda ao projeto no dia 06/03/2023, com aprovação no dia 13/03/2023. A emenda alterou o recrutamento, permitindo que os convites passassem a ser feitos por redes sociais.

Com a primeira emenda foi possível a coleta de 20 respostas para o questionário e realização de quatro entrevistas, número que não se mostrou suficiente para esgotar a fase de coleta de dados, diante disso, foi proposta uma

segunda emenda, mantendo-se os critérios da anterior, mas ampliando o período de coleta de dados para mais dois meses, o que foi aprovado, permitindo alcançar-se outras 20 respostas para o questionário e mais duas entrevistas.

Como o número ainda se mostrou insuficiente para esgotar a fase de coleta de dados, uma terceira emenda foi proposta, mantendo-se os critérios da anterior, requerendo autorização para mais uma rodada de recrutamento, de um mês, entre 15/09/2023 e 15/10/2023, o que foi aprovado em 12/09/2023 pelo Comitê de Ética.

### 3. A TEORIA DOUTRINÁRIA

O estado da arte em um campo de estudos se refere tanto aos avanços mais recentes nas discussões travadas na academia e redes científicas quanto a produção clássica de ponta e que se mantém relevante a despeito de muitas vezes ter sido produzida há décadas.

A privacidade e a proteção de dados são áreas de estudo muito amplas e por demais genéricas, à guisa exemplificativa, pode abarcar o direito internacional privado com a transferência internacional de dados, ciência política com as discussões entre relações de privacidade, redes, proteção de dados e *fake news*, direito penal com a incursão na identificação do bem jurídico tutelado nos crimes digitais, apenas para citar alguns pontos de tensão. Para não perder de vista o tópico deste trabalho e não cair na teia sem-fim de possibilidades, considerou-se como campo de estudo a privacidade e/ou proteção de dados sempre em conexão com questões afeitas à orientação sexual e/ou identidade sexual.

Para endereçar o estado da arte, que será apresentado de forma a verificar as convergências e divergências com a teoria fundamentada, este título apresentará, inicialmente, um subtítulo que traz a metodologia de pesquisa bibliométrica levada à cabo em busca de avanços recentes do campo; um segundo subtítulo que exporá o conceito de privacidade; e, por fim, um terceiro que explicitará o conceito de proteção de dados pessoais. Estes dois últimos apresentarão os resultados da pesquisa bibliométrica, além das teorias doutrinárias, e virão em contraste com a teoria fundamentada.

#### 3.1 PESQUISA BIBLIOMÉTRICA

Em 6 e 7 de julho de 2022 foi realizada pesquisa bibliométrica em busca dos avanços do campo, com suporte nos dados de classificação de periódicos do quadriênio 2013 – 2016, disponibilizada pela plataforma Sucupira, para os periódicos das áreas “Direito”, “Antropologia” e “Sociologia”, em busca das revistas classificadas no estrato A1 e que pudessem ter artigos que se relacionem com o campo. A listagem apresentou 167 resultados, todavia, por aparente erro no sistema o texto da consulta informa 214 entradas. Foram consideradas as revistas com títulos em português e inglês, assim, 13 resultados foram excluídos da análise.

Após, foram excluídas as versões das revistas impressas, que seriam inacessíveis para a consulta, e, após, as entradas duplicadas, resultando em, respectivamente, 36 e 29 remoções. Por fim, dos 89 resultados remanescentes foram analisados os títulos para remover aqueles que de partida não se relacionavam diretamente com o tema desta pesquisa, foram 37 remoções. Os títulos que não continham elementos representativos para a análise anterior foram 10, cada uma das revistas com título não representativo foi pesquisada e analisado seu escopo, resultando em outras 6 remoções. Sobraram 46. Por fim, cada uma delas foi analisada sob o ponto de vista da política de acesso, apenas a com acesso livre foram consideradas, o que redundou em outras 11 revistas removidas.

Remaneceram, então, 35 revistas para serem analisadas, todas elas tiveram seu sumário verificado em busca dos seguintes sufixos: “*privac-*”, “*proteção de-*”, “*percep-*”, “*homos-*”, “*heteros-*”, “*cisgen-*”; e as seguintes palavras-chave: “*tinder*”, “*internet*”, “*rede*”, “*network*”, “*dado*”, “*data*”, “*LGBT*”. Para otimizar a pesquisa recorreu-se à extensão “Search multi tabs”, do navegador Mozilla Firefox, que permite buscar cada um dos termos em inúmeras abas abertas, assim, para cada revista abriu-se o sumário de cada uma de suas edições e foi feita a busca global.

Foram analisados, ao cabo, o sumário de 2.334 edições de revistas, todas as disponibilizadas de cada um dos 36 periódicos, contando com suas edições temáticas, especiais, dossiês e *ahead of prints*, resultando na seleção de 15 artigos que se relacionavam com o tema da pesquisa.

Os trabalhos em nível de mestrado e doutorado que investigam a privacidade no mundo digital e/ou relacionam privacidade e orientação sexual não são em grande número. Foi realizada uma pesquisa no dia 2 de julho de 2022, tendo como ponto de partida o repositório institucional da UFSC, onde estão depositadas as teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Direito. A busca pelo termo “*privacidade*” retornou 105 resultados, todos eles analisados pelo seu título e descrição mostrada na própria pesquisa, salvo dois trabalhos, que tinham títulos vagos e foram analisados em seu corpo de texto. Nenhum resultado se relaciona ao tema ou problema desta pesquisa. A busca pelo termo “*proteção de dados*” listou 11 resultados, também sem relação.

Os mesmos termos foram pesquisados no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política e ainda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. A busca

pelo termo “*privacidade*” resultou em 44, 0 e 44 entradas, respectivamente. Nenhuma das entradas analisadas se relacionava ao tema ou problema de pesquisa. O termo “*proteção de dados*” não trouxe resultado em nenhum dos três repositórios.

Já em busca pelo catálogo de dissertações e teses da CAPES os termos foram pesquisados em conjunto com os filtros grande área do conhecimento: “ciências sociais aplicadas” e “ciências humanas”; área do conhecimento: “direito”, “direito constitucional”, “direito público”, “sociologia”, “antropologia”, devido à profusão de trabalhos, já que este *website* abrange uma ampla gama de instituições privadas. O repositório não lista descrição dos trabalhos no resultado das buscas, portanto, para cada título que indicava, ainda que muito sutilmente, incursão pelo tema ou problema de pesquisa deste trabalho, abriu-se a entrada para verificar os detalhes dela.

O termo “*privacidade*” resultou 310 entradas, foram analisados os resumos de 41 trabalhos, selecionados com base em seu título, que apontava para a questão da privacidade na internet, redes sociais ou aplicativos, a depender da abrangência do escopo. Os trabalhos que indicavam tratar de privacidade em sentido *lato*, associados com outras áreas do direito que não o civil e constitucional, a exemplo do direito penal, direito internacional privado ou administrativo, foram desconsiderados. Não foram apresentados trabalhos que relacionavam privacidade e orientação sexual.

Dos 42 resumos sobreditos apenas 1 se aproximou consideravelmente do tema e problema da pesquisa propostos aqui. Outros tantos trabalhos tratavam do conceito de privacidade ou proteção de dados em cotejo com o contexto da sociedade de informação, porém, por sua generalidade não representam avanços no campo específico em que este trabalho se situa: privacidade, proteção de dado e orientação sexual na sociedade de informação.

### 3.2 PRIVACIDADE

A privacidade é conceito que sofreu inúmeras transformações desde suas origens e, por conta de fatores diversos, especialmente socioculturais e econômicos, pode ser entendida das mais diversas formas. Por essa razão, não há consenso e

buscar elementos de aproximação entre uma e outra definição é tarefa que pode ser bastante difícil.

A dificuldade de conceituação tem implicações práticas para o dia a dia, compreender corretamente a extensão garantida do direito fundamental à privacidade, seus limites ontológicos e o que efetivamente significa pode ajudar na construção de políticas públicas adequadas, na prognose legislativa, e na resolução de conflitos pelo poder judiciário, apenas para citar alguns pontos.

Não é apenas no direito brasileiro que se descortina a dificuldade, como visto, a plêiade de conceituações, de doutrinadores dos mais diversos países, aponta para a nebulosidade do tema, que se complexifica ainda mais com a importação de conceitos de um ordenamento jurídico para o outro sem a necessária reflexão e adequação da tradução. No direito italiano, por exemplo, o termo *privatezza* não tem o mesmo conteúdo do *privacy* americano, muito embora sejam, em tradução literal, os mesmos termos. *Privatezza* se refere à soma de *privacy* e *riservatezza*, este último que poderia equivaler à confidencialidade do direito brasileiro (Caputo, 2018).

Ao estudo, o objetivo é apresentar alguns dos principais conceitos desenvolvidos por cientistas jurídicos em seu intento de encontrar solução definitiva para o desafio posto, portanto, adiante será feito apanhado geral, sem pretensão de revisão exaustiva ou caminhada histórica definitiva — que se tornaria impossível no exíguo tempo e com os poucos recursos econômicos disponíveis ao pesquisador.

As expressões ou limitações da vida privada não são recentes. O corpo nu remontava ao vigor da força física e ares de civilidade em Atenas e eram comuns os banhos compartilhados e sem qualquer pudor da nudez na Roma Antiga. A ascensão do cristianismo, no entanto, cuidou de remover a ode à vitalidade corpórea, rechaçando o corpo despido e sobre ele lançando o véu da impureza, o que denota a influência que a igreja passou a ter sobre a privacidade, impondo padrões morais rígidos, com resguardo da expressão dos sentimentos e corpos e dos demais aspectos da vida domiciliada, o que permitiria a proteção da entidade familiar com o reforço das opressões internas, próprias do patriarcado (Solove, 2008).

Com a expansão da burguesia no pós-Idade Média, a família passou a ser um ativo comercial importante: através de seus membros e suas residências, em uma clara confusão entre as esferas pública e privada, reforçavam-se as relações

negociais e redes de contatos (Solove, 2008). Foi mérito principalmente do individualismo a delimitação de contornos mais adequados para a vida privada, com a separação de família e do trabalho e o rechaço à algumas das condutas violadoras da autodeterminação e dos corpos dos sujeitos. Parte da teoria feminista criticou esta separação, pois via o âmbito privado como antro de opressões, como já referido (Marwick, 2023; Solove, 2008).

Mais adiante, as atrocidades das experiências escravagistas e nazifascistas pelo mundo reposicionaram o ser humano como centro gravitacional da tutela jurídica, porém, mesmo com a mudança paradigmática, a limitação entre público e privado foi se alterando conforme o período histórico vivido e de acordo com cada contexto, estrutura social e jurídica (Solove, 2008). Como marco jurídico paradigmático, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, no pós-Segunda Grande Guerra, trouxe em seu artigo 12 a proteção da privacidade nas esferas do domicílio, da família, da reputação de um indivíduo, e em suas correspondências (OHCHR, 2019).

A doutrina majoritariamente tem referenciado a ideia trazida por Samuel Warren e Louis Brandeis (1890), que define privacidade como o direito de ser deixado à sós (*right to be let alone*). Esta noção cunhada em 1890 partiu de preocupações com o crescente avanço tecnológico, impulsionada especialmente pelos jornais, telégrafos e possibilidades advindas da fotografia e *marketing*.

A noção de um direito de ser deixado à sós, cuja influência do direito germânico remonta especialmente às conexões familiares, geográficas e culturais que Brandeis tinha com a Alemanha, tem como pilar a ideia de uma personalidade inviolável, todavia, os autores americanos não definem de forma clara o que exatamente isto significa, muito embora contextualizem tal aspecto como um direito à imunidade que pessoas têm no que toca à sua personalidade (Schwartz; Peifer, 2010). Vale dizer que esta noção conceitual não recebeu espede constitucional, ainda que tenha havido empenho de Brandeis para tanto (*ex. vi.*, divergência (*dissent*) apresentada por ele no caso *Olmstead v. United States*, de 1928, da Suprema Corte dos Estados Unidos).

O conceito sobredito foi cunhado em época em que a ideia de *feminilidade verdadeira*<sup>2</sup> perpassava as classes média e alta brancas dos Estados Unidos. A ideia de *feminilidade verdadeira* chegou aos Estados Unidos importada da Inglaterra, em região de colonização Inglesa conhecida como Nova Inglaterra, ao nordeste estadunidense, no século 18, sendo prevalente até o século 19, e prescrevia que as mulheres deveriam se restringir ao âmbito doméstico, mantendo-se submissas e reservadas, e trabalhando apenas naquilo atinente ao lar e cuidado da família (Marwick, 2023, p. 10).

A feminilidade verdadeira domesticou os corpos e desejos femininos reforçando a noção de esfera pública e privada, aquela reservada ao poder masculino, com sua liberdade de expressão e participação, esta às mulheres, com submissão, pureza e modéstia (Marwick, 2023, p. 10). Em outras palavras, tal direito, se é que assim pode ser chamado, não possuía extensão protetiva às titulares, apenas aos homens. Ao contrário, calcando-se na ideia de privacidade foi que se permitiu manter longe do conhecimento público e das autoridades o cometimento de violência doméstica, abuso sexual e dificultar o empoderamento feminino.

A despeito de inúmeras construções teóricas/doutrinárias que abstraíram direitos fundamentais ao ponto da mais completa generalização, a privacidade não pode ser vista como igualmente distribuída, ou seja, o gozo desse direito varia influenciado por aspectos econômicos, políticos, sociais, raciais, de gênero. Não por menos, como visto, a história da privacidade nos Estados Unidos e Europa aponta para a subversão do direito à privacidade, que serviu ao silenciamento, vigilância e opressão de diversos grupos minoritários, tendo em vista que sua fundação se deu sobre noções de gênero escritas pelas penas do machismo e por um conservadorismo que circunscrevia a mulher ao âmbito doméstico (Marwick, 2023, p. 6 – 7)<sup>3</sup>.

A separação em esfera pública e privada foi central para Warren e Brandeis formularem sua noção de privacidade, na medida em que a publicidade de informações e imagens promovidas pelos avanços da mídia imporia especial ofensa

---

<sup>2</sup> O termo é uma tradução livre do inglês, *true womanhood*, também chamado de *culture of domesticity* ou *cult of domesticity*, cultura da domesticidade ou culto da domesticidade, respectivamente.

<sup>3</sup> A autora lembra que apenas à mulher branca era relegado o âmbito doméstico. As mulheres negras, imigrantes e pobres não estariam incluídas na ideia de “*true womanhood*” fundante da noção de privacidade estadunidense (Marwick, 2023, p. 10). No discurso célebre “E não sou uma mulher” ou, do original, “*Ain’t I a Woman?*”, Sojourner Truth coloca luz sobre a discrepância de tratamento entre mulheres brancas e negras, estas em regra sequer eram vistas como mulheres.

à modéstia e humildade da mulher, atributos da feminilidade verdadeira que precisariam ser preservados (Allen; Mack, 1989). Não por menos o conceito se vincula a ideia de isolamento, mas enquanto tal isolamento vem aos homens acompanhado de autodeterminação, se impõe às mulheres como obrigação social.

Hannah Arendt já havia sublinhado a necessidade de se superar esta dicotomia fundante, ressaltando que desde a idade moderna tem havido uma dificuldade de definir com clareza quais limites do público e privado. Este esfacelamento dos contornos vem em decorrência da socialização do homem e da invasão que foi promovida pela sociedade na esfera privada, o que indica a necessidade de se pensar estas esferas de uma nova perspectiva, a do domínio social (Arendt, 2010).

A questão também é endereçada por Luis Felipe Miguel e Adriana Veloso Meireles (2021), em seu artigo “*O fim da velha divisão? Público e privado na era da internet*”, onde defendem que os vetores contrastantes público/privado devem ser entendidos para além de uma representação da realidade, mas ferramenta heurística capaz de dar luz para a interpretação de fenômenos, o que demanda sempre incursão contextual e cuidado. A internet trouxe um conjunto novo de comportamentos, símbolos e formas de agir, cenário que tem deixado ainda mais tormentosa a tarefa interpretativa ao tornar nebuloso o limite público/privado, trazendo zonas de penumbra e questionamentos acerca da própria compreensão do mundo (Miguel; Meireles, 2021), especificamente a privatização e individualismo característicos do neoconservadorismo, que mercantiliza todos os aspectos da existência humana.

Prosseguindo, William L. Prosser (1960) elaborou de forma mais refinada a noção clássica de Samuel D. Warren e Louis D. Brandeis ao se afastar de um conceito unificado de privacidade, amparado na análise de mais de trezentos casos julgados pelas cortes estadunidenses.

Nas palavras do autor, traduzidas:

O que emergiu das decisões não é uma questão simples. Não é um ilícito, mas um complexo de quatro. A lei de privacidade compreende quatro tipos distintos de invasão de quatro interesses diferentes do autor, que estão ligados pelo nome comum, mas não têm quase nada em comum, exceto que cada um representa uma interferência no direito do autor, na frase

cunhado pelo juiz Cooley, "para ser deixado em paz" (Prosser, 1960, p. 388, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Em resumo, para o autor, a privacidade se desvela pela proteção à quatro categorias de ilícitos (*four torts theory*), que embora toquem uma à outra, não se entrelaçam: intrusão no isolamento, solitude ou assuntos privados; compartilhamento não autorizado de fatos constrangedores do indivíduo; publicidade que descreve o indivíduo de forma enganosa ou equivocada perante a opinião pública (*false light*); e, por fim, apropriação do nome ou atributos da identidade do indivíduo (Prosser, 1960).

Essa mudança de metodologia para compreender o que é privacidade, saindo de uma visão unificada, permitiu maior consistência no direito estadunidense, que se via em apuros para trilhar um caminho conceitual adequado à realidade desde Warren e Brandeis.

Não é por menos que após 1955, quando da primeira versão do trabalho de Prosser, a doutrina e jurisprudência americana se viram mais amansadas. A teoria do professor americano ressoa até hoje, tendo influenciado o trabalho de Daniel J. Solove, em seu livro de 2008, *Understanding Privacy*, onde Solove trouxe a noção de privacidade informacional, cunhada sobre a premissa de que o direito à privacidade trata de múltiplos interesses que podem se sobrepor de alguma maneira, concepção formatada com apoio em situações-hipótese, duas das características disruptivas das ideias de Prosser (Schwartz; Peifer, 2010)<sup>5</sup>.

Foi o desenvolvimento posterior destas ideias que aproximou de forma mais cristalina o conceito à noção de dignidade humana, que se descortinava no cenário de pós-guerra, especialmente na Alemanha que superava o nazismo. Edward J. Bloustein argumentava em contraponto à Prosser e defesa de Warren e Brandeis que o direito à privacidade servia justamente para prevenir degradação à personalidade e integridade individual, tendo como seu núcleo de tutela a dignidade humana (Bloustein, 1964, p. 991), o que o afastava das construções patrimonialistas

---

<sup>4</sup> Do original, "What has emerged from the decisions is no simple matter. It is not one tort, but a complex of four. The law of privacy comprises four distinct kinds of invasion of four different interests of the plaintiff, which are tied together by the common name, but otherwise have almost nothing in common except that each represents an interference with the right of the plaintiff, in the phrase coined by Judge Cooley, 'to be let alone.'" (Prosser, 1960, p. 388).

<sup>5</sup> Schwartz e Peifer (2010) ressaltam que Daniel J. Solove defende ter como paradigma principal de sua obra a noção de "semelhança de família", de Ludwig Wittgenstein, muito embora vejam que sua obra se abeberou mesmo de Prosser, indo além das teorias do filósofo austríaco.

clássicas, atrelando-o à propriedade privada. A concepção de Prosser, todavia, acabou guiando a doutrina e cortes estadunidenses.

Richard Posner (1977), seguindo, conceitua privacidade como a garantia que os indivíduos têm de poder esconder dos outros informações desvantajosas sobre si mesmos, ou seja, autodeterminar-se. Já pela lente das teorias filosóficas liberais clássicas, ainda que de forma mais implícita, é o limite da interferência do estado (Hobbes, 2019; Locke, 1973); Jeffrey Rosen (2011) entende que é o direito de restringir do alcance geral determinadas informações, ainda que neutras, que, fora de contexto, poderiam macular a imagem de determinada pessoa; há quem aponte, em referência ao caso americano *Roe v. Wade*, que a privacidade seria o direito de realizar escolhas que sejam significativas para a vida do indivíduo sem a interferência de terceiros (Rohrmann, 2005);

O desenvolvimento da sociedade de informação e avanço das tecnologias fez emergir novos impactos e olhares para a tutela da privacidade como direito fundamental (Bioni, 2019), embora este direito possa estar sendo desconsiderado, sobretudo por quem navega no mundo digital, que é o âmbito de relações de consumo agressivas, onde se condena os indivíduos à exposição e a abrir mão de sua liberdade em troca de reforçar o sentido próprio de pertença e validação social, assim, “submetemos à matança nossos direitos de privacidade por vontade própria” (Bauman, 2014, p. 42).

Para além da privacidade analisada da perspectiva do indivíduo a que se refere, também há uma preocupação em se compreender a noção interpessoal de privacidade, até porque a clássica ideia dos círculos concêntricos ignora — ou no mínimo atribui pouca importância — à relevância das relações pessoais e do contexto social para se pensar a privacidade. Dito de outro modo, a relação entre privacidade e liberdade de decidir o que se quer tornar público esbarra na possibilidade de os outros tornarem público aquilo que lhes foi confidenciado ou usar estas informações de forma deletéria.

Ademais, pensar privacidade e proteção de dados por aspectos unicamente normativos, esquecendo-se que a inovação e a sociedade sempre são mais ágeis e dinâmicas do que a promulgação de uma lei, acaba por fomentar legislações incompatíveis com as realidades.

Um aspecto inicial desta conclusão pode ser visto quando, a despeito da grande preocupação com a privacidade, não apenas pelos legisladores, mas pelos

usuários, cada vez mais se vê dificuldades de autodeterminação dos fluxos de dados nos ambientes digital e não digital.

Do ponto de vista do espaço digital, a arquitetura da escolha (*nudging* ou *nudging theory*), fruto dos estudos das ciências comportamentais, é uma ferramenta que permite ao usuário de alguma plataforma *online* refletir acerca daquilo que compartilha, sobre si ou sobre terceiros, com objetivo de diminuir externalidades negativas e reforçar sua privacidade e de terceiros (Iglesias, 2018, p. 49 – 50). As críticas recaem sobre a tendência paternalista de se duvidar da autonomia e racionalidade das escolhas dos indivíduos, terceirizando-as para alguém ou algum mecanismo que pode ser mais capaz de gerar resultados positivos (Iglesias, 2018, p. 58). Ademais, ainda faltam discussões profundas a respeito da valoração das escolhas, pois, não se pode partir a priori do entendimento de que determinada arquitetura será sempre a mais favorável ao usuário quando há uma plêiade de usuários dos mais diversos serviços da *internet* e da *internet das coisas* — número em crescente, especialmente quanto ao segundo.

Alice Marwick estatui que é “difícil, se não impossível, impedir violações de privacidade em um cenário de informação em rede”<sup>6</sup> (Marwick, 2023, p. 5, tradução nossa), tendo em vista que estamos todos em redes de maior ou menor alcance e dispersão, dificultando que informações que possam ter sido reveladas em particular deixem de circular para pessoas inicialmente desautorizadas.

Afastando-se da visão estadunidense que vê a privacidade como algo sob a batuta individual, a autora caracteriza a privacidade como “profundamente social, contextual e frágil” (Marwick, 2023, p. 6), de forma que mesmo se fosse eleita a pessoa mais cuidadosa com tal direito, ainda assim, haveria a impossibilidade de se controlar integralmente aquilo que passa ao alvedrio público sem autorização desta diligente alma. Essa conclusão, mais uma vez, traz dificuldades para a utilização da dicotomia público-privado.

Ao cunhar o conceito de privacidade sexual para dar compreensão às formas como o sexo, em suas mais diversas acepções e formas de aparição simbólica, se relaciona com a privacidade, Danielle Keats Citron (2019) acertou precisamente também no contexto da sociedade da informação. Para a autora, a privacidade sexual se refere às

---

<sup>6</sup> Do original: “is difficult, if not impossible, to avoid privacy violations in a networked information landscape” (Marwick, 2023, p. 5).

[...] norms governing the management of boundaries around intimate life. It involves the extent to which others have access to and information about people's naked bodies (notably the parts of the body associated with sex and gender); their sexual desires, fantasies, and thoughts; communications related to their sex, sexuality, and gender; and intimate activities (including, but not limited, to sexual intercourse) (Citron, 2019, p. 1874).

As direções que se afiguram possíveis para que se possa experimentar os limites que circundam corpos e atividades íntimas têm relação direta com o espaço de liberdade que cada um possui, é neste reconhecimento da vida sexual como parte de uma completude, de um processo de trocar, evoluir, ousar, transar, sentir e amar que reside a privacidade sexual (Citron, 2019) e que acaba por se materializar também no âmbito digital como local do *corpo eletrônico*, para referendar Rodotà.

Alinhada com esta perspectiva, Mireille Hildebrandt (2015, p. 102) define privacidade como “o direito de co-determinar como seremos lidos”<sup>7</sup>, vez que a privacidade permite intervir diretamente na formação da identidade, de maneira a “[...] prevenir, afastar ou contestar restrições desarrazoadas à construção da sua identidade”<sup>8</sup>.

Muito embora, como visto, a diversidade de conceitos aponte para a dificuldade teórica em se compreender seu conteúdo, a ideia de privacidade está geralmente associada a três sentidos distintos, mas inter-relacionados: privacidade como direito à proteção de determinados espaços físicos sacralizados — casa, trabalho, igreja, corpo, etc. —; privacidade como direito à proteção e não-interferência desautorizada na esfera de intimidade e segredo; e, por fim, privacidade como direito à proteção das crenças religiosas pessoais (Robertson, 2004, p. 174 - 175). Não é demais lembrar que esta classificação é datada de 2004, assim, necessário o reconhecimento de um quarto sentido, privacidade como proteção de dados pessoais. Este quarto sentido, vale dizer, aparenta ter dado o pontapé nas discussões entre privacidade e proteção de dados pessoais no Brasil, o que, com o desenvolvimento do campo, fez com que sobreviesse a estes um novo campo doutrinário que embora interpenetrado à privacidade, goza de autonomia.

Fala-se, também, em uma tridimensionalidade da privacidade, que poderia ser vista como privacidade informacional, privacidade decisória e privacidade espacial. Grosso modo, a primeira trata de proteger o indivíduo da vigilância e de questionamentos sobre suas escolhas, decisões e questões íntimas, a segunda se

<sup>7</sup> Do original: “[...] the right to co-determine how we shall be read” (Hildebrandt, 2015, p. 102).

<sup>8</sup> Do original: “[...] to prevent, ward off or contest unreasonable constraints on the construction of her identity.” (Hildebrandt, 2015, p. 102).

refere à possibilidade de um indivíduo tomar suas decisões sem interferências externas, a terceira, por fim, diz respeito à proteção de determinados locais frequentados pelos indivíduos, como a casa e o trabalho (Rössler, 2015; Solove, 2008).

Adentrando nos meandros legislativos, a experiência brasileira com a privacidade remonta à Constituição de 1824, que trouxe nos incisos VII e XXVII do artigo 179 previsões acerca da inviolabilidade do domicílio e segredo das correspondências (Brasil, 1824). Do ponto de vista formal pouca coisa mudou de lá para cá, mas no aspecto substancial os contextos jurídico e político sofreram intensas alterações, que impactaram na tutela dos direitos, aí incluído os correlatos à privacidade.

O ponto mais relevante de mudança, e superado com a proclamação da República e escritura da constituição republicana, é que a Constituição de 1824 se apegou na teoria da separação de poderes de Montesquieu e a interpretação trazida pela verve revolucionária francesa, que ergueu um constitucionalismo onde o judiciário tinha papel secundário, e o controle constitucional das leis era político, o que impactou sobretudo na existência de um rol enorme de direitos de liberdade que se desapegavam da realidade escravocrata, aristocrática e altamente desigual, impondo uma tutela inadequada ou até inexistente (Sarlet *et al.*, 2018).

Ainda antes da Constituição de 1988 o Brasil assinou a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, em San José da Costa Rica, conforme Decreto nº 678, promulgado em 6 de novembro de 1992, sendo nela prevista, em seu artigo 11.2 que: “ninguém pode ser objeto de ingerências arbitrárias ou abusivas em sua vida privada, em sua família, em seu domicílio ou em sua correspondência, nem ofensas ilegais à sua honra ou reputação” (Brasil, 1992), o que demonstra um empenho normativo alinhado à proteção da privacidade no que se refere à sua esfera da intimidade e vida privada.

Já em 1988, a Constituição-cidadã avivou a perspectiva humanista para os direitos fundamentais, sua postura dirigente e programática colocou no centro e fundamento de seu texto a dignidade humana, tida como acessória nas Constituições precedentes, e fortaleceu as instituições que adiante serão responsáveis por garantir o efetivo alcance dos objetivos emancipadores da Constituição e, em eficácia horizontal, a observância da Constituição no direito privado (Sarlet *et al.*, 2018).

Atualmente, no Brasil não há explicitamente um direito à privacidade positivado na Constituição Federal de 1988, mas existe um rol de direitos fundamentais autônomos que estão sob o conceito lato da privacidade, como os previstos em seu artigo 5º, incisos X e XII. Por sua vez, o Código Civil de 2002, traz alguns dispositivos de proteção à vida privada e há na legislação mais especializada algumas experiências, como a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei 13.709/2018, o Marco Civil da Internet, Lei 12.965/2014, a legislação que regulamenta o artigo 5º, inciso XII da Constituição, qual seja, Lei 9.296/1996, e as leis de cunho penal nº 12.737/2012 e nº 13.718/2018.

Aqui no Brasil, a dignidade humana e a liberdade como direitos fundamentais guarda-chuva, que protegem e justificam os demais direitos, permitiriam que eventuais embates acerca do direito à privacidade pudessem ser resolvidos por estes vetores *mater* (Mendes; Branco, 2021).

A privacidade possui em sua gênese uma relação com o corpo e suas conceituações originárias, que punham limites para a interferência na autodeterminação da escolha em se exhibir o corpo, suas partes, sua performatividade e seus afetos. A virtualização e transformação do corpo em dados biométricos e, pela análise contextual, em informação, escancara ainda mais esta relação (Konder, 2013). O Tinder, foco desta dissertação, e muitos outros aplicativos, mesmo aqueles que não têm foco em relacionamentos apostam na imagem corporal e em atributos estéticos de seus usuários para melhorar chance de êxito na busca de um parceiro para sexo casual ou para selecionar qual conteúdo será mais ou menos exibido para os demais usuários da rede.

O artigo de Carlos Nelson Konder (2013), "*Privacidade e corpo: convergências possíveis*" apresenta o individualismo jurídico e os vieses patrimonialista e voluntarista como vetores importantes para que o direito à privacidade pudesse ser socialmente compreendido como algo maleável, passível de comercialização e até renunciável, o que traz uma noção negocial para o que deveria ser um direito fundamental. O autor alerta sobre a necessidade de se especar tal direito em bases que não sejam patrimonialistas, de forma que a autonomia, inerente ao exercício da privacidade, não observe a mesma gramática das relações puramente econômicas.

Retornando aos conceitos, Ferraz Júnior (1993, p. 440) conceitua privacidade, explicitando seu conteúdo, como "[...] a faculdade de constranger os

outros ao respeito e de resistir à violação do que lhe é próprio, isto é, das situações vitais que, por dizerem a ele só respeito, deseja manter para si, ao abrigo de sua única e discricionária decisão”.

Gilmar Ferreira Mendes e Paulo Gustavo Gonet Branco (2021, p. 552) conceituam como a “pretensão do indivíduo de não ser foco da observação por terceiros, de não ter os seus assuntos, informações pessoais e características particulares expostas a terceiros ou ao público em geral”; enfim, mas sem esgotar, Stefano Rodotà (2005) entende que, em sua acepção mais moderna, a privacidade consiste na liberdade que um indivíduo tem de exercer controle sobre dados que se referem a si, sua vida familiar ou doméstica.

O breve caminho histórico traçado até aqui e as definições expostas, em arremate, permitem relacionar a privacidade com pelo menos três níveis relevantes que definem seus valores e conformações: o político, o sociocultural e o pessoal (Westin, 2003). Cada um destes níveis possui implicações e tensões com os outros dois, mas os inúmeros conceitos sobreditos caminham de forma dispersa, muitas vezes se posicionando em apenas um local.

A determinação das bases político-filosóficas em uma sociedade é primordial, pois ela traçará o equilíbrio entre público e privado, que é distinto para cada tipo de regime político, o que implica em maior ou menor alcance do direito à privacidade. Em democracias a ideia de liberdade tende a permear os aspectos da vida privada, a mídia, as ciências, artes, religiões e cultos, enfim, tudo aquilo que foge do espectro de intervenção legitimada ao governo pelo povo. Já no extremo oposto, nos regimes políticos marcados pelo autoritarismo, a vigilância dos indivíduos é constante e o segredo é escudo de proteção apenas daqueles que estão no poder ou de quem comunga com seus ideais (Westin, 1967).

Quanto à democracia, importante ressaltar, não significa que exista sem implicações relevantes para a concretização do direito à privacidade. Há uma tendência firme de que em regimes democráticos surjam líderes populistas, que se posicionam contra determinados grupos, e que acabam, após eleitos, sustentando um monopólio da moral (Mounk, 2019), ou seja, atacam aqueles que não se amoldam em seus ideais, o que inclusive pode ser visto em relação aos grupos LGBTI+, que passaram a temer ainda mais agressões com o poder simbólico que a figura de Jair Bolsonaro trouxe nas eleições presidenciais de 2018 (Oliveira, 2018), o que impacta em sua privacidade e na necessidade de *ficar no armário*.

O nível sociocultural diz sobre como a privacidade se relaciona especificamente com a legitimação social, é o terreno de validação do *ser* perante os outros (Westin, 2003). Neste nível releva entender que o corpo social tende a eleger determinados comportamentos, características e estilos de vida como adequados, e defini-los como privados. Os comportamentos que rejeita viram assunto público, merecedor de debates e discussão, ainda que se refiram unicamente ao indivíduo (Westin, 2003), o que marca claramente a ideia acima, de monopólio da moral. Tudo que é moralmente aceitável não é merecedor de destaque e fica na esfera privada. De forma antagônica, tudo o que é moralmente reprovável e inaceitável — os inimigos — deve ser levado à público. Esse comportamento já foi usado para, dentre outros, dificultar a adoção por casais LGBTI+, sob pretexto de que em sua vida privada seriam mais propensos a cometer abusos contra a criança e que “incentivariam” uma orientação sexual.

Já no nível pessoal, há a perspectiva da privacidade como exercício de liberdade. Em algumas das conceituações utilizadas atualmente, este exercício fica adstrito ao controle exercido pelos indivíduos sobre seus próprios dados e informações pessoais, mas sem uma delimitação *a priori* do que significa “controle” e a quais informações se refere. Parte-se, em regra, da premissa que cabe apenas ao indivíduo a responsabilidade de definir o que manterá afastado do conhecimento público, como se exercer este direito de escolha fosse uma opção disponível para todos. Este posicionamento desconsidera as influências do contexto social sobre o indivíduo, os valores que a sociedade busca proteger ou rechaçar e as interações humanas (Solove, 2008), e, adicionamos ainda, os impactos decorrentes desta escolha e as barreiras que questões políticas e econômicas impõem para que seu exercício possa ser efetivado.

Todas as ponderações trazidas perfunctoriamente permitem concluir que a privacidade se dá de formas múltiplas, mas todas elas vinculadas à um direito de escolha: direito de escolha sobre aquilo que se quer expor, controle sobre aquilo que foi exposto e autodeterminação para tomar a decisão de ficar recluso. Todas estas formas, que parecem englobar as principais definições existentes, nortearão a comparação com a teoria fundamentada nos dados desenvolvida.

### 3.3 PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS

Até pouco tempo a doutrina constitucionalista não se ocupou da proteção de dados pessoais com a ênfase necessária, apenas a incorreção de dados sob custódia pública, cuja tutela se faz pelo *habeas data*, ganhou algumas linhas de destaque nos livros produzidos Silva (2021, p. 206).

Fato curioso nisto, lembrado por Gustavo Xavier Camargo (2021), é que o *habeas data* foi proposto por José Afonso da Silva com vistas a proteger os dados pessoais, como pode se verificar dos artigos 17 do anteprojeto da Constituição:

[...] 1. Toda pessoa tem direito de acesso aos informes a seu respeito e registrados por entidades públicas ou particulares, podendo exigir a retificação de dados, e a sua atualização. 2. É vedado o acesso de terceiros a esses registros. 3. Os informes não poderão ser utilizados para tratamento de dados referentes a convicção filosóficas ou políticas, filiação partidária ou sindical, fé religiosa ou vida privada, salvo quando se tratar do processamento de dados estatísticos não individualmente identificáveis. 4. Lei federal definirá quem pode manter registros informáticos, os respectivos fins e conteúdos (Silva, 2014, p. 457).<sup>9</sup>

E do artigo 31: “[...] conceder-se-á *habeas data* para proteger o direito à intimidade contra abusos de registros informáticos públicos e privados” (Silva, 2014, p. 457, grifo nosso). O remédio constitucional, como o próprio autor relata, tem as lições de Vittorio Frossini como referência, todavia, acabou sendo visto de lentes mais restritas, até por seu esvaziamento quando da escritura do texto definitivo pelo Constituinte Originário:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

LXXII - conceder-se-á "habeas-data":

---

<sup>9</sup> Ao cabo, o texto aprovado pela Comissão Afonso Arinos foi este:

Art. 17 – Todos têm direito de acesso às referências e informações a seu respeito, registradas por entidades públicas ou particulares, podendo exigir a retificação de dados, com sua atualização e supressão dos incorretos, mediante procedimento judicial sigiloso.

§ 1º – É vedado o registro informático sobre convicções pessoais, atividades políticas ou vida privada, ressalvado o processamento de dados não identificados para fins estatísticos.

§ 2º – A lesão decorrente do lançamento ou da utilização de registros falsos gera a responsabilidade civil, penal e administrativa.

[...]

Art. 48 – Dar-se-á *habeas data* ao legítimo interessado para assegurar os direitos tutelados no art. 17 (Brasil, 1986).

a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;

b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo; (Brasil, 1988).

Muito embora a proteção de dados pessoais tenha se desenvolvido doutrinariamente atrelada à privacidade, como um direito fundamental englobado dentro desta, atualmente a corrente majoritária de doutrinadores as divide em áreas distintas, mas que podem se relacionar, sem sobreposição ou continência totais (Silva, 2021, p. 207).

Tecnicamente a proteção de dados pessoais se trata de uma garantia ou direito-garantia, ainda que tenha sido tratada costumeiramente como direito fundamental, ou seja, não tem como objeto imediato um bem da pessoa, mas serve para instrumentalizar e proteger outros direitos fundamentais (Mendes; Branco, 2021), especialmente o direito à privacidade.

O Marco Civil da Internet e, posteriormente e de forma mais robusta, a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais marcam de forma clara a proteção de dados pessoais como uma das formas de tutela do direito fundamental à privacidade e trazem avanço considerável em termos legislativos para o país.

Só em 2022 que a proteção de dados pessoais foi incluída ao texto da Constituição Federal por meio da Emenda Constitucional nº 115, de 2022, que adiciona o inciso LXXIX ao rol dos direitos positivados em seu artigo 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

LXXIX - é assegurado, nos termos da lei, o direito à proteção dos dados pessoais, inclusive nos meios digitais. (Brasil, 1988).

Ao estudo importa compreender não o avanço histórico, ou seja, não o *de onde viemos*, mas o *onde estamos*, em termo de desenvolvimento jurídico-científico, especificamente o conceito de dados pessoais e seu posicionamento no contorno constitucional.

Atualmente o conceito de dados pessoais tem sido cunhado doutrinariamente com base em duas visões, a reducionista ou a expansionista. Enquanto aquela exige que haja relação direta entre um dado e uma pessoa identificada, para que ele seja considerado pessoal, por esta se entende dado

pessoal como qualquer dado que possa ser associado à pessoa identificável, ainda que indiretamente, por correlações e inferências (Bioni, 2019).

De partida, cabe trazer a definição do legislador, que trata como sinônimos *dado* e *informação*, já se valendo da perspectiva expansionista: “Art. 5º Para os fins desta Lei, considera-se: I - dado pessoal: informação relacionada a pessoa natural identificada ou identificável;” (Brasil, 2018). Valendo-se desta definição legal, um dado, para que seja considerado pessoal, precisa se vincular a uma pessoa de forma a permitir que um aspecto objetivo dela possa ser revelado.

Danilo Doneda em missiva para diferenciar dado e informação (2020, p. 139) explica que,

O dado, assim, estaria associado a uma espécie de “pré-informação”, anterior à interpretação e a um processo de elaboração. A informação, por sua vez, alude a algo além da representação contida no dado, chegando ao limiar da cognição. Mesmo sem aludir ao seu significado, na informação, já se pressupõe a depuração de seu conteúdo – daí que a informação carrega em si também um sentido instrumental, no sentido da redução de um estado de incerteza.

Em outras palavras, enquanto os dados pressupõem uma matéria-prima em estado bruto, as informações são sua lapidação, resultado de sua transformação, que ocorre pela linguagem, associação, interpretação e pelos mais diversos tratamentos tecnológicos, como algoritmos e ferramentas estatísticas para identificar perfis de consumo (*profiling*) com base em um gigantesco conjunto de dados que são minerados (*data mining*), por exemplo. A sinonímia mal-empregada na LGPD, por evidente, não afasta a intenção clara do legislador de dar proteção tanto aos dados quanto às informações decorrentes dele.

Para traçar uma relação entre privacidade e proteção de dados, a visão defendida por Hildebrandt acaba por caminhar em uma corda bamba quando consideramos em contraste com o perfilamento e a proteção dos dados pessoais. É que ao mesmo tempo que o indivíduo tem (em tese) controle para definir aqueles dados que gostaria de compartilhar com os provedores de produtos e serviços que fazem parte de sua rotina diária, seja em roupas inteligentes (*smart clothes*), móveis inteligentes (*smart furnitures*) ou no uso de suas redes sociais, para citar alguns, ainda assim, acabará não tendo controle das operações tecnológicas que culminarão na extração de significados sobre sua existência, gostos, comportamentos — metainformações (Doneda, 2020).

A conclusão lógica é que escorre pelos dedos a possibilidade de exercer o controle da identidade teorizado pela autora, tanto quanto se limita parcela da liberdade individual, na medida em que o perfil tecnologicamente projetado será preponderante na definição das próximas interações em rede<sup>10</sup>, pois os entes com os quais o indivíduo se relaciona “partem do pressuposto que ela adotaria um comportamento predefinido, tendo como consequência uma potencial diminuição de sua liberdade de escolha visto que muitas de suas possibilidades podem ser pré-formatadas em função destas ilações” (Doneda, 2020, p. 149).

Ainda se valendo dos ensinamentos de Doneda (2020, p. 165), “a proteção de dados pessoais, em suma, propõe o tema da privacidade, porém, modifica seus elementos; aprofunda seus postulados e toca nos pontos centrais dos interesses em questão”, por esta razão que a proteção de dados pessoais não pode ter relação de mera sobreposição com a privacidade, uma e outra vão muito além.

Outra preocupação pertinente no que toca aos dados pessoais está disposta na legislação especializada, que define de forma específica os dados sensíveis em seu artigo 5º, inciso II:

Art. 5º Para os fins desta Lei, considera-se:

[...]

II - dado pessoal sensível: dado pessoal sobre origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato ou a organização de caráter religioso, filosófico ou político, dado referente à saúde ou à vida sexual, dado genético ou biométrico, quando vinculado a uma pessoa natural; (Brasil, 2018).

A definição do que é um dado sensível “provém da constatação de que a circulação de determinadas espécies de informação apresentariam um elevado potencial lesivo aos seus titulares, em uma determinada configuração social” (Doneda, 2020, p. 144), conclusão que permite verificar sua natureza contextual, seriam, portanto, “uma espécie de dados pessoais que compreendem uma tipologia diferente em razão de o seu conteúdo oferecer uma especial vulnerabilidade: discriminação” (Bioni, 2019, p. 85).

Na medida em que as configurações sociais variam, também mudam aqueles que estão sujeitos a maiores riscos pelo uso ou tratamento indevido de seus

---

<sup>10</sup> Exemplo mais claro não há: o efeito das bolhas de informação, locais parametrizados pelo comportamento prévio do usuário e que limitam o leque de informações e opiniões àquilo que, pela análise algorítmica, ele tem o condão de aceitar sem questionar, pois confirma o que ele já acredita, impedem que o indivíduo se desloque para além de sua bolha.

dados. Calha em inferir, que serve como garantia à privacidade, mas mais ainda, reforça a igualdade material, na medida em que se confere tutela específica àquilo que pode servir para enaltecer comportamentos homofóbicos ou discriminatórios de qualquer natureza.

Note-se que o anteprojeto à Constituição proposto à Comissão Afonso Arinos por José Afonso da Silva, já referenciado, previa a proteção de dados pessoais sensíveis em seu artigo 17, inciso 3, quando tratava da tutela pelo *habeas data* (Brasil, 1986), com algumas limitações atinentes à época, preocupação havia, portanto, talvez sem o momento político mais adequado.

Os dados pessoais relacionados à orientação sexual e forma de viver a vida sexual, de interesse do presente estudo, são caracterizados como dados ou informações sensíveis pois “caso sejam conhecidas e submetidas a tratamento, podem se prestar a uma potencial utilização discriminatória ou lesiva e que apresentaria maiores riscos potenciais do que outros tipos de informação” (Doneda, 2020, p. 144).

A despeito da falta de indicação explícita na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais para que orientação sexual e identidade de gênero sejam considerados dados sensíveis, a pesquisa de Bernardo de Souza Dantas Fico e Henrique Meng Nóbrega (2022) defendem que os termos “vida sexual” e “origem racial”, presentes no artigo 6º, II da referida lei trazem esta indicação de forma implícita em uma interpretação baseada nos direitos humanos, portanto, há meios normativos de se tutelar grupos que possam sofrer tratamentos discriminatórios de seus dados por conta de aspectos atinentes à sua forma de viver a vida sexual e identidade de gênero.<sup>11</sup>

De mais a mais, expressiva parcela da doutrina tem considerado que o artigo 5º, inciso II da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, não é *numerus clausus*, ou seja, a lei tem caráter exemplificativo, sem impedimento para que outros dados sejam considerados sensíveis, a despeito de não constarem expressamente no texto legal.

---

<sup>11</sup> Na tônica dos dados sensíveis, ainda, o estudo levado à cabo por Ramon Silva Costa, Marília Papaléo Gagliardi e Livia Pazianotto Torres (2022), com título “*Gender Identity, Personal Data and Social Networks: An analysis of the categorization of sensitive data from a queer critique*”, analisou como alguns aplicativos estariam categorizando dados relacionados à identidade de gênero. A pesquisa apontou que o *app* Tinder não estaria considerando dados relativos à identidade de gênero como dados sensíveis. Embora o tema central da dissertação seja orientação sexual, é possível refletir de antemão, com amparo na pesquisa referida, que a empresa se opõe à interpretação constitucionalizada sugerida por Bernardo de Souza Dantas Fico e Henrique Meng Nóbrega (2022).

Essa conclusão se sustenta na premissa de que um dado que geralmente não seja considerado sensível pode, diante de determinado contexto, ganhar esse grau de relevância ao ser correlacionado com outros dados (Bioni, 2019). Já no célebre caso da Lei do Censo Alemão, de 1978, a Corte Constitucional Alemã (*Bundesverfassungsgericht*), ainda que não estivesse se referindo diretamente aos dados sensíveis, traçou conclusão que pode ser extrapolada para estes:

não se pode levar em consideração somente a natureza das informações; são determinantes, porém, a sua necessidade e utilização. Estas dependem em parte da finalidade para a qual a coleta de dados é destinada, e de outra parte, da possibilidade de elaboração e de conexão próprias da tecnologia da informação. Nesta situação, um dado que, em si, não aparenta possuir nenhuma importância, pode adquirir um novo valor; portanto, nas atuais condições do processamento automático de dados, não existe mais um dado 'sem importância' (Frosini, 1991, p. 128 – 129, *apud* Doneda, 2020, p. 159 – 160).

A razão de decidir implica na conclusão de que os tratamentos tecnológicos possíveis, independente da natureza dos dados tratados, pode permitir aderir a eles novas conclusões. Um exemplo atual é elucidativo: postagens em redes sociais, avaliadas individualmente, podem não ter lá grande valia ou indicar grandes coisas, mas se correlacionadas podem demonstrar claramente preferências político-partidárias, que são protegidas como dados sensíveis (opinião política).

Ainda, para compreender o tema, urge adentrar na relação umbilical com a noção de direitos de personalidade, que hoje dá a melhor roupagem para a proteção dos dados pessoais.

Os direitos de personalidade são a *alma mater* do direito civil contemporâneo, e representam a ipseidade do indivíduo em sua relação com os outros, isto pois

[o] indivíduo como unidade da vida social e jurídica, tem necessidade de afirmar a própria individualidade, distinguindo-se dos outros indivíduos e, por consequência, ser conhecido por quem é na realidade. O bem que satisfaz essa necessidade é o da identidade, o qual consiste, precisamente, no distinguir-se das outras pessoas nas relações sociais. (Cupis, 2008, p. 180 *apud* Bioni, 2019, p. 64).

Nessa perspectiva, importante que os elementos que individualizam o sujeito perante os seus pares e que se materializam em um dos aspectos da personalidade tenham tutela jurídica apropriada (Bioni, 2019, p. 64).

No século XXI, vale dizer, os olhares se voltam para as redes, com a circulação de dados e uma proteção dinâmica destes, o que implica que se antes a tutela dos aspectos mais íntimos do indivíduo se dava unicamente pela exclusão,

agora se dá pelo controle sobre o fluxo de dados e informações (Rodotà, 2008), naturalmente sem excluir as inúmeras outras facetas dos direitos de personalidade.

Nas celebradas palavras de Maria Helena Diniz (2007, p. 142),

São direitos subjetivos da pessoa de defender o que lhe é próprio, ou seja, a sua integridade física (vida, alimentos, próprio corpo vivo ou morto, corpo alheio, vivo ou morto, partes separadas do corpo vivo ou morto); a sua integridade intelectual (liberdade de pensamento, autoria científica, artística e literária) e sua integridade moral (honra, recato, segredo pessoal, profissional e doméstico, imagem, identidade pessoal, familiar e social).

Tais direitos da personalidade são, portanto, os garantidos à pessoa em sua essência e em suas diversas formas de projeções (física, psíquica e intelectual) e de relações e reconhecimento social, para que se permita o seu desenvolvimento pleno como pessoa (Farias; Rosenvald, 2006, p. 101 – 102).

Note-se dessa definição, portanto, que os direitos de personalidade podem conformar a projeção humana em seus caracteres incorpóreos e corpóreos, e, sendo o que são, assecuratórios do valor-fonte de nosso ordenamento jurídico (Bioni, 2019), não se sujeitam a cláusulas fechadas. É justamente essa elasticidade que permite enquadrar a proteção de dados pessoais como um dentre os direitos de personalidade.

Os dados pessoais sensíveis, nesse contexto de reconhecimento como direito de personalidade, são o melhor exemplo de como a conformação do indivíduo em seu aspecto mais íntimo pode passar pela forma como expõe publicamente seus desejos sexuais, sua opinião política, sua visão filosófica de mundo e convicção religiosa, para citar alguns. A todos é lícito dispor desses atributos, mas, ao mesmo tempo, nem todos podem, no campo da *práxis*, exercer esse direito.

### 3.4 DIREITOS HUMANOS E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Será que Banksy tinha razão quando disse que a invisibilidade é um superpoder?<sup>12</sup> A crítica que o artista de rua e ativista britânico faz certamente se dirige à superexposição que tem povoado a *internet* e que permite um desvelamento quase que total de aspectos que antes eram considerados muito mais reservados do indivíduo, e nessa perspectiva as críticas são numerosas mesmo.

Mas o que sobressai é outro questionamento que pode partir da conclusão do ativista, expor a vida não seria uma forma que os indivíduos *invisibilizados* pelas

---

<sup>12</sup> Frase da epígrafe deste trabalho.

forças sociais teriam para poder subverter a verdade da heteronorma? Esta é uma inquietação premente no objeto do estudo e que pode ser preliminarmente desbravada por lentes foucaultianas. A heteronorma é eleição da heterossexualidade como sistema de valores e afetos na sociedade, marginalizando tudo aquilo que não se amolda a ele (Miskolci, 2009). A apropriação deste discurso social excludente para então opor-se a ele demanda exposição e contraponto. Exposição, pois, a vida reclusa, além dos olhares sociais, não produz efeito discursivo além do hegemônico e o alcance do poder demanda sua sujeição a ele, ou seja, é na subordinação que reside a própria formação do sujeito (Foucault, 1979); contraponto pois, como assevera Foucault (1979), é do desafio da verdade que vem a volatilidade do poder.

Não se pode perder de vista que o direito foi e continua sendo concebido por pessoas, carregadas de ideologias e vinculadas à determinados estratos, ou seja, não nasce estéril, descontaminado dos preconceitos próprios do corpo social, marcado por determinado período histórico (Reale, 2010). Para entender se ser privado é um direito dirigido ao poder hegemônico necessária incursão reflexiva, pois, como situa Judith Butler (2017, p. 26), “o sujeito deriva sua ação precisamente do poder ao qual se opõe”, outrossim, a teia de relações e de tensões entre os marginalizados e os poderosos, como teorizado por Foucault, pode conduzir à apropriação e resignificação deste poder — inclusive tocante à concretização do direito à privacidade e proteção de dados pessoais.

Se por um lado a disposição do próprio corpo e desejo é requisito para participar da vida social, por outro as normas sociais limitaram e limitam essa disposição, colocando barreiras que obstruem e dificultam a exposição de tudo aquilo que não se enquadra no padrão corrente, assim, corpos desviantes são vistos como corpos anormais, desejos que não têm endosso dos saberes médico-científicos são vistos como ultrajantes, relegando, muitas vezes, o silêncio para indivíduos que possuem tais corpos e ditos desejos<sup>13</sup>.

Mas o silêncio *fala muito*. Para além de marcar uma falta de participação, aniquila parte da possibilidade de existir,

---

<sup>13</sup> Para percurso mais detalhada da história da sexualidade, especialmente na modernidade, e as relações entre corpo, desejo e a autoridade da ciência como ferramenta para conformar comportamentos e determinar padrões, vide Foucault, Michel. *História da Sexualidade: I. a vontade de saber*. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 2021, p. 30 – 31).

Como as relações de poder permeiam naturalmente o tecido social, acabam também contaminando as noções de verdade e legitimando discursos e práticas excludentes (Foucault, 1979), como a associação feita por jornais na década de 80 do século XX, conectando homens gays e a AIDS, tanto que a nominaram como “peste gay”, ou mesmo a catalogação do “homossexualismo” como doença, pela medicina (Câmara, 2018).

Nessa toada,

Não há dúvida que essas forças históricas imprimem sua influência na conformação de corpos e subjetividades: todos esses vetores socioculturais, econômicos e políticos exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços, estimulando a configuração de certas formas de ser e inibindo outras. Dentro dos limites desse território plástico e poroso que é o organismo da espécie *homo sapiens*, as sinergias históricas — e geográficas — incitam alguns desenhos corporais e subjetivos, ao mesmo tempo que bloqueiam o surgimento de formas alternativas. (SIBILIA, 2008, p. 19, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Ou seja, as subjetividades são conformadas não apenas no contato do eu consigo mesmo, em um desenho primariamente corporificado, mas também pelas inúmeras influências do meio onde o sujeito se encontra, o momento político que vive, as características socioculturais que demarcam a sociedade, os impactos da economia que o atravessa, as tecnologias que moldam sua forma de ver o mundo, enfim, muito mais do que apenas um protagonismo do *self*.

Paula Sibilia aduz, em sua obra “A Intimidade como Espetáculo”, que

Se as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, longe de qualquer essência fixa e estável que remeta ao ser humano como entidade a-histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam sob a proteção de diversas tradições culturais. De modo que a subjetividade não seja algo vagamente imaterial, que reside “dentro” de você - personalidade do ano- ou de cada um de nós. Assim como a subjetividade é necessariamente corporificada (*embodied*), corporificada em um corpo; ela também está sempre inserida (*embedded*), inserida em uma cultura intersubjetiva. Certas características biológicas traçam e delimitam o horizonte de possibilidades na vida de cada indivíduo, mas muito fica em

---

<sup>14</sup> Do original, com grifos da autora, “No hay duda de que esas fuerzas históricas imprimen su influencia en la conformación de cuerpos y subjetividades: todos esos vectores socioculturales, económicos y políticos ejercen una presión sobre los sujetos de los diversos tiempos y espacios, estimulando la configuración de ciertas formas de ser e inhibiendo otras modalidades. Dentro de los límites de ese territorio plástico y poroso que es el organismo de la especie *homo sapiens*, las sinergias históricas -y geográficas- incitan algunos desarrollos corporales y subjetivos, al mismo tiempo que bloquean el surgimiento de formas alternativas.” (Sibilia, 2008, p. 19).

aberto e indeterminado por essas forças. E é inegável que nossa experiência também é modulada pela interação com os outros e com o mundo. Por isso, resulta fundamental a influência da cultura sobre o que se é. E quando ocorrem mudanças nessas possibilidades de interação e nessas pressões culturais, o campo da experiência subjetiva também se altera, num jogo complexo, múltiplo e aberto. (Sibilia, 2008, p. 19, tradução nossa)<sup>15</sup>

Ao mudar as lentes usualmente adotadas pelos estudiosos que o precederam, Foucault (1995) analisou o poder por suas relações e explicitou que elas envolvem cada um de seus indivíduos em dinâmicas próprias, longe do maniqueísmo classista proletário *versus* burguesia. Superar as noções de verdade e os discursos discriminatórios imbricados na sociedade demanda resistência daqueles que buscam contornar o poder, mas não resistência como processo de oposição direta, e sim como processo de aceitação estratégica do discurso para posterior ruptura das bases hegemônicas (Foucault, 1979), como bem exemplifica:

Tomemos o caso da homossexualidade. Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e controles novos. [...] A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. Mas tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de um desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. (Foucault, 1979, p. 233 – 234).

Nesse sentido o filósofo traz a importância de se compreender os corpos para além de seus aspectos fisiológicos: o atravessamento pelas ideologias daqueles que têm a pena para escrever a história e seu constante destroçamento são aspectos relevantes para compreender o indivíduo e as teias de sujeição:

Pensamos em todo o caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos

---

<sup>15</sup> Do original, com grifos da autora: “Si las subjetividades son formas de ser y estar en el mundo, lejos de toda esencia fija y estable que remita al ser humano como una entidad ahistórica de relieves metafísicos, sus contornos son elásticos y cambian al amparo de las diversas tradiciones culturales. De modo que la subjetividad no es algo vagamente inmaterial, que reside “dentro” de *usted* - personalidad del año- o de cada uno de nosotros. Así como la subjetividad es necesariamente *embodied*, encarnada en un cuerpo; también es siempre *embedded*, embebida en una cultura intersubjetiva. Ciertas características biológicas trazan y delimitan el horizonte de posibilidades en la vida de cada individuo, pero es mucho lo que esas fuerzas dejan abierto e indeterminado. Y es innegable que nuestra experiencia también está modulada por la interacción con los otros y con el mundo. Por eso, resulta fundamental la influencia de la cultura sobre lo que se es. Y cuando ocurren cambios en esas posibilidades de interacción y en esas presiones culturales, el campo de la experiencia subjetiva también se altera, en un juego por demás complejo, múltiple y abierto.” (Sibilia, 2008, p. 20).

alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. [...] nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. (Foucault, 1979, p. 27).

Não é demais lembrar que a própria noção do corpo físico já foi, há muito, questionada. As pessoas já não são percebidas apenas por suas partes físicas, performatividade e comportamento fora da rede. Stefano Rodotà (2005) assevera que a corporeidade de nosso mundo físico se conecta, para usar o termo tecnológico, ao corpo eletrônico, exposto ao ambiente virtual em suas mais diversas formas e qualificado pelas interações e dados que pode gerar para alimentar a grande roda da sociedade tecnocrata e de vigilância.

O direito à privacidade, como já visto, é uma das formas de se limitar o alcance daquilo que se quer que a sociedade tenha acesso (Solove, 2008). É no reconhecimento do ser pelo outro que a sociedade valida o indivíduo (Westin, 2003). Nesse sentido, manter-se privado pode significar manter-se invisível, é abdicar de ser percebido como gostaria e de poder construir uma identidade em perspectiva com o outro. Entretanto, expor também é abdicar. Abdica-se do direito a manter privados os aspectos relacionados à orientação sexual ou contrários à heteronormia pela necessidade imposta pelo poder hegemônico de se reafirmar para ser aceito. Esta ambivalência permeia a própria noção de sujeição, pois é ao subordinar-se à continuidade das normas, contraditoriamente, que se forma o devir e o próprio sujeito (Butler, 2017).

O ser humano é dotado de uma natureza instintiva e grupal, reunir-se em grupos é, antes de qualquer coisa, uma forma evolutiva adotada por muitas espécies para se proteger de possíveis predadores e manter a continuidade de sua linhagem (Harari, 2015).

Para Hobbes (2002), a natureza pertenceria a todos igualmente, mas o estado primitivo do homem desencadeava guerras constantes de uns contra os outros em busca do usufruto das melhores vantagens que ela pudesse proporcionar. A dominação da natureza animal e a reunião em estruturas colaborativas e organizadas são o primeiro marco de passagem do homem para a vida em sociedade, principalmente com a instituição do Estado Civil. Essa formação do Estado Civil não ocorre por acaso. Como no estado de natureza há a possibilidade de constantes desequilíbrios e disputas, o medo é inarredável entre os homens, e a forma de combatê-lo é com a convergência de inúmeras vontades para a preservação dos direitos naturais, com a abdicção do direito natural à todas as

coisas em prol de um homem ou conselho, responsável por pacificar os conflitos e manter a ordem social.

A concepção contratualista de Locke e Rousseau caminha com particulares diferenças. Locke (2018) entende que do estado de natureza emana a liberdade e igualdade dos homens em sua forma mais pura, inclusive com o direito à autotutela para proteção da propriedade privada, que seria nada mais do que o assenhoreamento de parte dos recursos naturais pela incorporação do trabalho. Nesta concepção a organização do homem em comunidades políticas seria uma forma legítima de preservar a sociedade de eventuais conflitos e, por conseguinte, conservar a propriedade privada (Locke, 2018). Rousseau (2011), por sua vez, parte da premissa de que o homem é naturalmente dotado de bondade e retidão, mas a vida em sociedade o corrompe e cria desigualdades, que só podem ser combatidas pela associação destes indivíduos por um acordo tácito de vontades dirigidas à defesa contra as forças comuns e troca da liberdade natural pela liberdade civil.

As teorias contratualistas tiveram como base a ideia de que o homem necessita das relações sociais, seja para defesa de sua propriedade, seja para se opor às desigualdades ou mesmo para autopreservação. Além disso, acenderam a luz para a necessidade de se pensar o desenvolvimento das relações sociais, das dinâmicas de poder e sujeição.

Não por menos, retomando o fio, quando corpos ou desejos desviantes são impedidos de participar da sociedade ou têm essa participação dificultada, acabam por serem postos à margem do abstrato pacto contratualista. Por sua vez, em contraponto, as normas sociais definem um padrão de *normalidade* que colocará em um pedestal determinados atributos físicos, sexuais, de gênero, de raça, de classe e todos seus comportamentos correlatos.

Para aproximação com o tempo presente, o início da história LGBTI+ no Brasil demonstra a importância que o agrupamento e as relações sociais tiveram para a preservação do homossexual e, em contrapartida, como essa reunião foi contraponto às dificuldades enfrentadas para poderem pertencer ou se sentirem incluídos na sociedade.

O período embrionário desta história remonta à meados da década de 60 do século XX e foi marcado pelos guetos, local marginal situado entre as portas do armário e a entrada da sociedade, onde conviviam pessoas pobres pertencentes às minorias sexuais — vistas como moralmente reprováveis pela classe média — e que

servia de ponto de encontro seguro e de certa forma protegido da vida pública (Quinalha, 2018). O gueto era o local de acolhida de grupos que vivam à margem dos padrões morais vigentes e sujeitos à constante repressão estatal, mas se situava topologicamente como um contraponto ao poder hegemônico na medida em que os indivíduos passaram a se organizar e enveredar por caminhos mais políticos e questionadores (Quinalha, 2018).

Movimentos sociais, majoritariamente compostos por indivíduos marginalizados e com interesses em comum, na busca de pavimentar caminhos para uma sociedade justa, igualitária e plural, se oxigenaram já pelo final da década de 70 do século XX para reivindicar a ampliação de direitos e uma inclusão no projeto democrático emergente do contexto pós-ditadura (Lourenço, 2016). As reivindicações feitas pelo Movimento Homossexual Brasileiro à Assembleia Nacional Constituinte, visando a vedação da discriminação por orientação sexual, à guisa de exemplo, estão escritas em um dos capítulos embrionários da participação da sociedade civil na luta por dignidade, muito embora não tenham sido acolhidas no texto Constitucional de 1988 (Gama, 2021).

Essa participação também ocorreu por grupos tingidos pela marca do desprezo, como as mulheres, que buscaram e tiveram inúmeras reivindicações atingidas para fomentar políticas públicas mais igualitárias entre os gêneros (Gama, 2021) e os indígenas, com participação ativa da União das Nações Indígenas e histórico discurso e manifestação de Ailton Krenak<sup>16</sup>.

A teoria clássica dos direitos humanos, calcada em ideais forjados pelo humanismo eurocêntrico, punha como dogma a ideia inicial de que os direitos humanos seriam universais e inatos ao ser humano. Essa teoria clássica derivou duas concepções filosóficas principais, a essencialista e a formalista, que, em termos práticos, vão gerar duas compreensões distintas de direitos humanos: enquanto aquela propunha que toda pessoa é naturalmente merecedora destes direitos pelo simples fato de pertencer à espécie humana, coligando todo este rol de direitos à uma transcendência da essência, que se relaciona ao *ser* humano em uma corrente metafísica, âmbito próprio do jusnaturalismo, esta, por sua vez, trata direitos

---

<sup>16</sup> Sobre a participação dos povos originários no processo Constituinte de 1987/1988, recomenda-se o documentário “O Índio Cidadão”, disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/432678-indio-cidadao/> Acesso em 8 out. 2023.

humanos como tudo aquilo que expressamente é definido como tal pelo direito positivado (Flores, 2008).

De partida, o olhar histórico, especialmente a referida participação do Movimento Homossexual Brasileiro à Assembleia Nacional Constituinte deixa claro que as duas concepções carregam em seus genes a incapacidade de tocar realidades múltiplas. Essa crítica, aliás, foi elaborada também por Joaquín Herrera Flores (2009), que aduz que a teoria clássica se desenvolveu amparadas em um discurso que objetiva a concretização de direitos humanos através da generalização, abstração e isolamento histórico-cultural, cujos resultados práticos são ineficientes e dissociados da vida e luta dos indivíduos, tornando-os praticamente quimeras ou concepções teóricas que virtualizam direitos inalcançáveis.

Os fatos, na visão do jurista argentino, contradizem a teoria na medida em que grupos diversos disputam constantemente espaços de dignidade de forma local, mas acabam se sujeitando às decisões centralizadas nas mãos de poucos (Flores, 2009), como do Constituinte originário. É dizer, a própria disposição do corpo ou da sexualidade, exercício da privacidade em seu *lato sensu* ou a garantia de proteção de dados pessoais de cada indivíduo, em cada ordem normativa, embora possam se dar de formas múltiplas, para além do que está positivado em um texto legal, ainda assim se sujeitam a esses marcos normativos e às concepções daqueles que tomaram as decisões que passaram a integrar o corpo normativo de cada Estado.

A busca por dignidade e o gozo de direitos humanos cria espaços normativos que vão muito além daqueles pensados pelos Estados, cujo trânsito geralmente é restrito para certa casta de privilegiados. O pluralismo jurídico e as normatividades além-muros estatais são ferramentas emancipatórias e que dão potência para viveres diversos (Santos, 2003), pois valorizam atributos socioculturais e locais para definir e operacionalizar regras, direitos e conceitos legais.

Embora possa soar paradoxal, a dignidade humana depende, muitas vezes, de um *agir* do indivíduo, pois é o indivíduo em seu processo próprio de afirmação e construção de bases de dignidade, em constante conversa com a sociedade e suas lutas políticas, econômicas e sociais, em reflexões e movimentações criativas e potentes, empenhando papel de protagonista (Flores, 2009), que poderá eventualmente atingir um universalismo.

É preciso subverter a lógica que centraliza a ordem estatal, lançando mão de outra perspectiva epistemológica para coroar a pluralidade de realidades e

possibilidades além das positivadas, que têm se mostrado insuficientes na garantia de vidas minimamente dignas (Santos, 2003).

Nesse sentido Herrera Flores (2009, p. 163) conceitua que:

Os direitos humanos são os meios discursivos, expressivos e normativos que pugnam por reinserir os seres humanos no circuito de reprodução e manutenção da vida, nos permitindo abrir espaços de luta e reivindicação. São processos dinâmicos que permitem a abertura e a conseguinte consolidação e garantia de espaços de luta pela dignidade humana.

Não se parte de uma perspectiva formalista, onde os direitos humanos magicamente são positivados e passam a ter valor, tampouco de uma visão essencialista, que considera os direitos humanos inatos aos indivíduos, mas que na prática dá a cada cor, orientação sexual, origem étnica, classe social, gênero etc. um quilate diferente. Também não se busca uma atomização do indivíduo, forjada em ideais neoliberais, que poderiam dificultar ainda mais o exercício de direitos fundamentais.

A proposta do doutrinador é ir além, propugna pela construção cocriativa e coparticipativa das esferas da dignidade, em um processo de constante luta contra as opressões sociais, percepção que traz ao ser humano papel central, mas, ao mesmo tempo, articulado/tensionando com a sociedade e suas instituições (Flores, 2009).

O autor espanhol rompe com a classificação clássica, que agrupa os direitos fundamentais como aqueles positivados em uma dada ordem normativa soberana e os direitos humanos os que decorrem de uma perspectiva internacional e entre os Estados-Nação, com seus tratados e acordos internacionais (Alexy, 2014; Sarlet *et al.*, 2018), especialmente os cogentes (*jus cogens*).

Note-se que a própria divisão clássica já aponta para uma fragilidade: ora, se os direitos humanos são universais, deveriam valer de norte à sul, independente do Estado-Nação. Não o são, pois cada ordem normativa possui características econômicas, sociais e culturais que implicam em dar relevância para alguns aspectos da dignidade humana em detrimento de outros. Falar de universalismo sem *enforcement* é falar apenas da teoria.

A doutrina em geral, em sua busca por compreender melhor as coisas trás uma série de características quanto à eficácia, vinculação e dimensões (ou perspectivas) dos direitos humanos. Tais definições são importantes não como artifício classificativo ou afastamento dogmático, mas para se entender que a

concretização de direitos humanos reside em um corpo social variável, com forças diversas e processos de subjugação próprios entre Estado e relações privadas, o que demanda múltiplas lentes que não apenas as do cartesianismo analítico.

Todavia, tais categorias não dão conta dos problemas corriqueiros do indivíduo que depende do *enforcement* estatal, ou seja, estes delineamentos são a taxonomia de um caderno de promessas não cumpridas<sup>17</sup>. Isso, contudo, também não é salvo-conduto para se firmar uma percepção atomizada do indivíduo, deixando a cada um aquilo que achar mais prudente, independente do impacto que isso possa ter e da dificuldade para que se possa concretizar essas visões múltiplas e individualistas.

Essa receita é prato requentado do neoliberalismo, se, por um lado, carece de reflexões teórico-filosóficas acerca de sua pertinência ou impertinência, por outro já se faz sentir seu peso sobre os corpos de uma sociedade, especialmente aqueles marginalizados pela forma como amam e se relacionam sexualmente e afetivamente.

Os direitos humanos têm relação bastante íntima com os regimes democráticos, são eles que dão (*deveriam dar*) voz às minorias e permitem (*deveriam permitir*) uma modificação dos estratos sociais, com a participação de quem está à margem da sociedade em sua construção, como verdadeiro mecanismo de defesa (Häberle; Camazano, 2003). E esse mecanismo de defesa só pode ter suas engrenagens funcionando quando entendido de perspectivas que vão além do dogmatismo despreocupado com aspectos políticos, socioculturais e pessoais de cada indivíduo ou grupo. Falar de direitos fundamentais é falar de um campo de batalhas, e sua concretização deve ser vista com apoio nas tensões desta luta entre política, aspectos socioculturais mais amplos e individualidades.

---

<sup>17</sup> Não se descarta da importância dos avanços teóricos, mas, aqui, a perspectiva é de concretude.

## 4. A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS

### 4.1 QUESTIONÁRIOS

O questionário desenvolvido para a primeira fase da pesquisa foi formatado e enviado pela plataforma Google Forms. Iniciava com a apresentação do TCLE (Apêndice A) e coleta do consentimento, contando com 32 perguntas, sendo que algumas delas eram critério de exclusão, ou seja, a depender da resposta dada o participante já ia para o final do formulário (Apêndice B).

O questionário ficou aberto para respostas em três períodos, o primeiro do dia 01/03/2023 ao dia 30/03/2023, estendido em uma primeira emenda até o dia 15/04/2023, o segundo do dia 24/05/2023 ao dia 28/07/2023 e, por fim, o terceiro, do dia 15/09/2023 ao dia 15/10/2023, sendo que foram obtidas 67 respostas (n = 67), das quais 50 (74,63%) preencheram todos os critérios e se qualificaram, cinco (7,46%) abandonaram o preenchimento do formulário e 12 (17,91 %) não passaram nos critérios de exclusão.

Dentre os respondentes (n = 62), descontando os que abandonaram o preenchimento do formulário antes de superados os filtros de qualificação, dois (3,23%) foram desqualificados por terem entre 41 e 50 anos, quatro (6,45%) por não residirem em alguma das cidades do Paraná, Rio Grande do Sul, ou Santa Catarina, dois (3,23%) por terem ensino fundamental completo, um (1,61%) por ter identidade de gênero feminina, um (1,61%) por ter identidade de gênero não-binária, um (1,61%) por ser pansexual e outro (1,61%) por ser assexual .

Dos 50 restantes, todos qualificados, (n = 50), 5 (10%) possuem de 18 a 20 anos de idade, 9 (18%) possuem entre 21 e 25 anos de idade, 16 (32%) possuem entre 26 e 30 anos de idade, 11 (22%) possuem entre 31 e 35 anos de idade e 9 (18%) possuem entre 36 e 40 anos de idade.

Quanto à orientação sexual, 31 (62%) dos qualificados são heterossexuais, 11 (22%) são homossexuais e 8 (16%) bissexuais. Dos heterossexuais, 24 (77,42) são pessoas brancas, 3 (9,68%) são pessoas pardas, 2 (6,45%) são pessoas negras e 2 (6,45%) são pessoas amarelas; entre os homossexuais, cinco (45,45%) são pessoas brancas, 5 (45,45%) são pessoas pardas e uma (9,1%) preencheu “outros: nenhum”, o que indica que não quis explicitar seu pertencimento racial; por fim, entre

os bissexuais, 6 (75%) são pessoas brancas, 1 (12,5%) se identifica como pessoa parda e outro (12,5%) como pessoa negra.

Sobre o tempo que se utilizam de aplicativos de relacionamento, há certa constância nos dados, 6 pessoas (12%) utilizam a menos de um ano, 9 (18%) utilizam entre 1 e 2 anos, 7 (14%) utilizam entre 3 e 4 anos, 8 (16%) utilizam entre 5 e 6 anos, 10 (20%), entre 6 e 8 anos e, outras 10 (20%) utilizam há 9 anos ou mais. Para a pergunta “Atualmente você usa qual ou quais aplicativos de relacionamento abaixo?”, as respostas foram diversas, 38 pessoas utilizavam o Tinder, 11 pessoas utilizavam o Facebook Namoro, 11 pessoas utilizavam o Grindr, 11 pessoas utilizavam o Happn, 9 pessoas utilizavam o Bumble, 7 pessoas utilizavam o Badoo, 3 utilizavam o Scruff, 2 o Hornet, 2 o Inner Circle e, para D4swing, Instagram<sup>18</sup>, Denga Love, Uol e TurnUp havia um usuário em cada uma dessas plataformas. Unindo os dados, considerando o total de respondentes qualificados (n = 50), 20 (40%) utilizavam apenas um aplicativo, 11 (22%) utilizava três aplicativos, 8 (16%) utilizavam dois aplicativos distintos, 7 (14%) utilizavam mais do que três aplicativos simultaneamente e, por fim, 4 (8%) não utilizava aplicativo algum.

Fato interessante mostra disparidade entre as respostas, enquanto na questão anteriormente referida, onde precisavam indicar os aplicativos em uso na data da resposta, 38 pessoas indicaram o uso do Tinder, em uma das seguintes perguntas, “Atualmente você utiliza o aplicativo Tinder?”, apenas 29 pessoas responderam que sim, o que pode indicar uma dificuldade de compreender uma das duas questões.

Seguindo para termos mais práticos, percebe-se que há um desinteresse generalizado pela leitura de termos de uso, regras de comunidade e políticas de privacidade dos aplicativos utilizados atualmente pelos indivíduos. Para os termos de uso, apenas 5 pessoas o leram para todos os aplicativos que utilizam, outras 11 pessoas leram o documento de parte dos aplicativos que utilizam, enquanto a vasta maioria, 30 pessoas, não leram os termos de nenhum deles<sup>19</sup>. Para as regras da comunidade e políticas de privacidade, respectivamente, os números são similares,

---

<sup>18</sup> Embora o Instagram não seja considerado um aplicativo de relacionamento afetivo ou sexual, tem sido utilizado com esse intento, portanto, adicionado ao fato de o questionário permitir respostas livres, ele foi considerado para fins estatísticos.

<sup>19</sup> Foram desconsideradas as 4 pessoas que haviam respondido que não utilizam nenhum aplicativo de relacionamento atualmente.

29 e 30 pessoas não os leram de nenhuma plataforma, 12 e 13 leram de parte delas e 5 e 3 leram de todas elas.

Curiosamente, questionadas acerca da importância de ler os documentos referidos, 9 pessoas creem não ser nada importante, 6 acreditam ser pouco importante, 18 acreditam ser neutro, nem importante, nem desimportante, 7 indicam ser de importância e outros 9 apontam ser muito importante. Dos 7 que acreditam ser importante, 5 (71,42%) não leu nenhum dos termos de uso, enquanto dos 9 que indicam ser muito importante 3 (33,33%) não leu de nenhum deles e 3 (33,33%) leu de todos eles. Os demais, em ambos os casos, leram o documento de parte dos aplicativos que utiliza.

Sobre as regras da comunidade, sua leitura é considerada de nenhuma importância para 7 pessoas, de pouca importância para 7 pessoas, neutra para 13 pessoas — ou seja, nem importante e nem desimportante —, importante para 14 e muito importante para 9. Destes 14, 8 (57,14%) não leu as regras da comunidade de nenhum dos aplicativos que utilizava à época que respondeu ao questionário e, dos 9, 2 (22,22%) não leram de nenhum dos aplicativos e 3 (33,33%) leram de todos eles.

A política de privacidade é o documento considerado de leitura mais importante entre os três documentos indicados nas perguntas, 12 (24%) pessoas acreditam ser muito importante lê-las e 10 (20%) acreditam ser importante. Restaram 16 (32%) que indicam neutralidade, 5 (10%) que indicam pouca importância e 7 (14%) que apontam importância alguma. Apesar de acreditar ser importante a leitura dos termos de uso, 7 (70%) das 10 pessoas respondentes não o leram para nenhum aplicativo utilizado por si, e dos que creditam muita importância ao documento metade não o leu para nenhum dos aplicativos que utiliza.

Quando relacionado com orientação sexual, entre as pessoas homossexuais (n = 11), 27,27% acreditam ser importante ler os termos de uso, 36% as regras da comunidade e 18,18% as políticas de privacidade, enquanto 27,27% acreditam ser muito importante ler os termos de uso, 27,27% as regras da comunidade e 45,45% as políticas de privacidade. Entre os bissexuais (n = 8), apenas 1 (12,5%) indica ser importante a leitura dos termos de uso, 5 (62,5%) indicam ser importante ler as regras da comunidade e 2 (25%) as políticas de privacidade, sendo que para nenhum dos documentos foi creditada muita importância à leitura. Por fim, entre as pessoas heterossexuais (n = 31), 9,67%

acreditam ser importante ler os termos de uso, 16,12% as regras da comunidade e 19,35% as políticas de privacidade, enquanto 19,35% acreditam ser muito importante ler os termos de uso, 19,35% as regras da comunidade e 22,58% as políticas de privacidade.

Essa divergência entre respostas foi explorada inúmeras vezes pela doutrina da privacidade como um verdadeiro paradoxo da privacidade<sup>20</sup>, quando o tópico é este, que indica uma diferença entre o discurso e a ação, ou seja, mesmo considerando importante a privacidade, se engaja em posturas críticas a ela. No caso, porém, há também os termos de uso e políticas de privacidade, relativamente bem avaliados quando o assunto é importância, mas não lidos em sua maioria, o que pode indicar esse mesmo tipo de comportamento, mas por razões distintas. A principal, explorada nas entrevistas, é que ainda que os documentos sejam importantes, sua leitura é maçante, difícil, confusa, exige esforços superiores aos seus benefícios, portanto, vale “*correr o risco*”.

Questionados se já tiveram imagens utilizadas indevidamente por terceiros no aplicativo Tinder, 14% dos 50 respondentes disseram que sim, percentil formado por 8% de heterossexuais, 2% de bissexuais e 4% de homossexuais. Separando as amostras por orientação sexual são, 12,90% entre os heterossexuais (n = 31), 12,5% entre os bissexuais (n = 8) e 36,36% entre os homossexuais (n = 11).

Inquiridos acerca da exposição à situação vexatória no aplicativo, 12% das pessoas responderam que já foram expostas, sendo, 5 heterossexuais e 1 homossexual, o que equivale, na separação por orientação sexual, 16,12% entre os heterossexuais e 9,09% entre os homossexuais. Não houve resposta positiva entre o grupo de bissexuais.

Questionados se já tiveram dados pessoais seus vazados, apenas 4 pessoas responderam que sim, o que corresponde a 8% dos respondentes, sendo duas pessoas heterossexuais, 6,45% da amostra, e duas pessoas homossexuais, 18,18% da amostra.

Uma pessoa heterossexual e uma homossexual responderam que já foram tiradas do armário. Aqui é necessário adendo. A pesquisa é objetiva, mas as palavras não são, podem ter significados distintos para cada uma das pessoas, mesmo que em um grande grupo tenha sido atribuído significado específico. Aqui, a

---

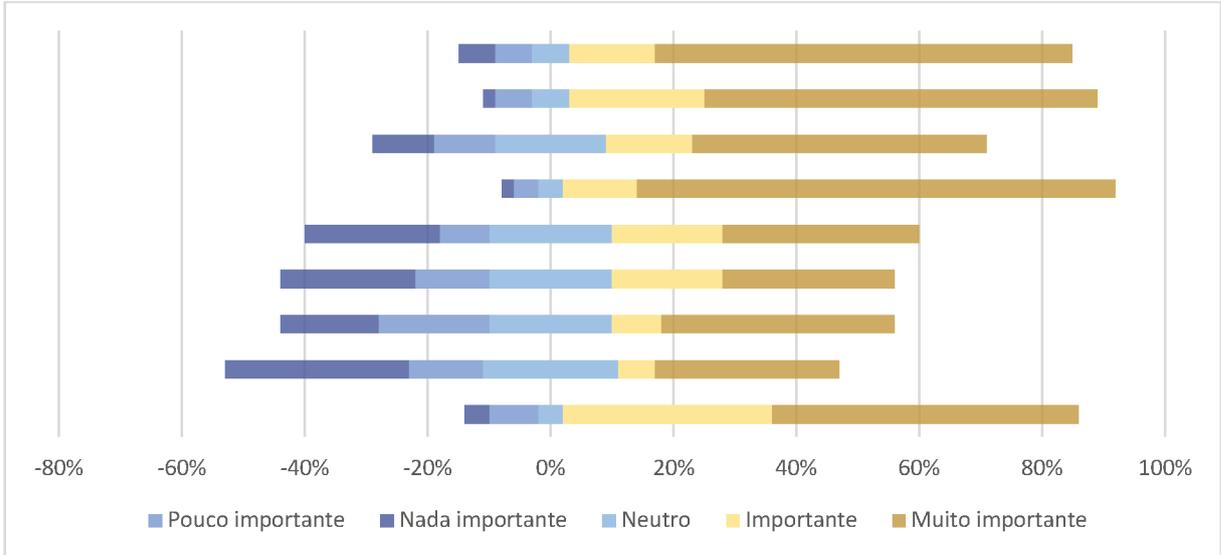
<sup>20</sup> Para uma refutação dessa ideia, apresentada recentemente por Daniel Solove, vide: SOLOVE, Daniel J. The myth of the privacy paradox. **Geo. Wash. L. Rev.**, v. 89, p. 1, 2021.

intenção da pergunta era descobrir aqueles que tiveram sua orientação sexual desvelada de forma não autorizada, o que só faz sentido para quem tem uma orientação sexual diversa da heterossexual, todavia, ainda assim, uma pessoa heterossexual respondeu sim para a pergunta.

Os que foram vítimas de ao menos uma situação de uso indevido de imagem, vazamento de dados, retirada do armário ou passaram por situação vexatória no Tinder totalizam, combinados os dados anteriores, 9 pessoas, das quais 6 são heterossexuais, 1 é bissexual e 2 são homossexuais. No grupo dos heterossexuais metade delas buscou auxílio do Tinder diante de uma das situações referidas e apenas 1 entre as 6 se socorreu de outro tipo de suporte externo; entre os bissexuais, o indivíduo que foi afetado buscou ajuda tanto da plataforma quanto externa, e, por fim, dos homossexuais nenhum dos ofendidos buscou ajuda, seja na plataforma ou fora dela.

Indagados se já deixaram de utilizar algum aplicativo de relacionamento por causa de receio quanto à privacidade, 46% dos participantes qualificados (n = 50) responderam que sim. Quando dividido em grupos por orientação sexual são 41,93% entre os héteros (n = 31), 62,5% entre os bissexuais (n = 8) e 45,45% entre os homossexuais (n = 11).

Finalizando as questões dicotômicas, questionados se já deixaram de usar algum aplicativo de relacionamento por causa de receio quanto à segurança de suas informações pessoais e dados, 42% dos 50 participantes qualificados responderam afirmativamente. Separando por grupos de orientação sexual, são 67,74% entre os héteros (n = 31), 62,5% entre os bissexuais (n = 8) e 36,36% entre os homossexuais (n = 11).



*Figura 1 – Distribuição das respostas dadas à questão em escala Likert do questionário. Os participantes deveriam avaliar o grau de importância para cada uma de oito afirmativas disponibilizadas, em uma escala que vai de “Nada importante” até “Muito importante”. No eixo y, cada linha representa uma questão, de cima para baixo: (1) Ter poder de escolher com quem compartilho meus dados pessoais; (2) Ter poder de escolher quem pode saber minha orientação sexual; (3) Ter poder de escolher quem pode saber minhas preferências de parceria; (4) Ter poder de escolher quem pode ver o meu rosto; (5) Ter poder de escolher quem pode ver o meu corpo que não está nu; (6) Ter poder de escolher quem pode ver o meu corpo nu; (7) Ter poder de ficar no sigilo; (8) Ter poder de modificar/retificar minhas informações pessoais; (9) Não ter meus dados pessoais utilizados para marketing sem minha autorização.*

Fonte: Elaborada pelo autor.

## 4.2 ENTREVISTAS

Durante o preenchimento dos questionários, os participantes puderam indicar se gostariam ou não de serem entrevistados, mediante agendamento em dia e horário que seria combinado com o pesquisador. As entrevistas, portanto, ocorreram em dias e horários diversos, de forma a permitir uma melhor adaptação à agenda e rotina do pesquisador e dos interessados.

Para a entrevista, partiu-se de roteiro preliminar (Apêndice C), que foi utilizado de maneira bastante flexível, seja por se tratar de entrevista semiestruturada, seja por ser um dos requisitos da própria metodologia utilizada, que adentra nas respostas do participante para desbravá-la tanto quanto possível.

Iniciou-se por questões relacionadas à orientação sexual do participante para poder compreender seu contexto social e vivências, o que aderiu às perguntas posteriores, já focadas no uso do aplicativo Tinder e nos aspectos atinentes à direito à privacidade e proteção dos dados pessoais. Esse começo também foi importante

para criar um vínculo e deixar os participantes um pouco mais confortáveis para responder as indagações seguintes.

Dentre todos os respondentes qualificados do questionário (n = 52) apenas 11 (21,15%) manifestaram ativo interesse em participar da próxima fase da pesquisa, de entrevista; 18 (34,62%) não gostariam de participar da entrevista e outros 23 (44,23%) membros submeteram o formulário sem manifestar seu interesse ou desinteresse.

Para os que não responderam à questão referente ao interesse em ser entrevistado foi encaminhado *e-mail* convite, assim, entre os *a priori* interessados e os que responderam ao referido *e-mail*, totalizaram-se 13 pessoas-alvo. Todavia, nem todas elas continuaram em seu intento de participar dessa segunda etapa do estudo. Ao cabo, portanto, foram realizadas 7 entrevistas (13,46%) de uma amostra de 52 respondentes qualificados, com o seguinte perfil demográfico:

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Identificação étnica</b>
Recrutado 1	31 a 35 anos	Mestrado completo	Bissexual	Pessoa branca
Recrutado 2	26 a 30 anos	Graduação completo	Homossexual	Pessoa branca
Recrutado 3	26 a 30 anos	Mestrado cursando	Homossexual	Pessoa parda
Recrutado 4	26 a 30 anos	Mestrado cursando	Homossexual	Pessoa branca
Recrutado 6	21 a 25 anos	Graduação cursando	Heterossexual	Pessoa branca
Recrutado 9	31 a 35 anos	Doutorado cursando	Heterossexual	Pessoa branca
Recrutado 13	26 a 30 anos	Graduação completo	Heterossexual	Pessoa branca

Como se vê, há o mesmo número de heterossexuais e homossexuais, além de uma pessoa bissexual. Como a pesquisa buscava contrastar a percepção entre heterossexuais, de um lado, e homossexuais e bissexuais, de outro, apresentou razoável equilíbrio. A amostra de entrevistados, todavia, é pequena. Esperava-se cerca de 15 a 20 pessoas no total, o que certamente geraria um número mais adequado de entrevistados para se alcançar a saturação teórica.

As transcrições das entrevistas constam dos Apêndices G a M da dissertação. Pode-se notar que os Recrutados não estão ordenados de 1 a 7, pois estão indicados pelo seu número dentre o grupo maior de 13 pessoas, das quais seis não levaram a entrevista adiante.

Nas próximas páginas serão apresentados os principais pontos de cada uma das entrevistas, partindo para a apresentação das categorias e subcategorias criadas, a definição de premissas teóricas e, por fim, a exposição da teoria fundamentada representativa da amostra.

#### 4.2.1 Privacidade

Partindo para o conteúdo das entrevistas, já de início é importante considerar que se esperava entre os entrevistados uma dificuldade para conceituar o que é privacidade, até porque, como já exposto anteriormente, essa palavra carrega consigo a indelével polissemia, que tem feito inúmeros doutrinadores refletirem e dar suas conclusões sem qualquer sinal de caminho para unanimidade. Foram as percepções concretas e respostas para situações objetivas da vida que puderam dar luz ao problema e guiar as análises.

O Recrutado 1 foi questionado acerca das imagens que lhe vêm à cabeça quando se fala em privacidade, pergunta que visa analisar os signos associados ao termo, e de pronto respondeu: *“Segurança, acesso restrito... E... Não sei por que, mas me veio na cabeça a palavra ‘comodidade’. Mas é uma comodidade no sentido que a pessoa ela se sentir segura, assim. Eu acho que é nesse sentido.”*<sup>21</sup> [01:01:14], instado a desenvolver melhor sua ideia, adicionou, *“[...] se sentir segura, assim, por exemplo, ela não ter os dados dela expostos, assim, que talvez ela possa encontrar algum problema, sabe? Tipo, ela possa, tipo, ter uma situação que possa deixar ela desconfortável, alguma coisa nesse sentido.”* [01:01:53], *“Pois é, uma comodidade que ela fala mais no sentido de conforto, sabe? Ela se sentir bem, ela também se sentir protegida ali naquele ambiente virtual.”* [01:02:06], em suma, é uma comodidade que se relaciona mais com o bem-estar do que com a segurança.

No trecho adiante fica claro que o Recrutado 1 também traça relação entre privacidade e seclusão ou, privacidade avançando para sua esfera privada, onde pode manter o exercício da profissão com garantia de que seus dados e os dados de pessoas que se relacionam com ele de alguma forma (ex. por meio de sindicâncias) sejam mantidos nessa esfera, sem passar para conhecimento amplo:

---

<sup>21</sup> Optou-se por deixar as citações de trechos da entrevista com menos de três linhas em itálico para facilitar a leitura do texto.

Mas eu acho que essa questão da privacidade é muito relativa também. Porque, por exemplo, eu penso em mim, né? Por exemplo, aqui no meu trabalho eu sinto, assim, que eu não tenho uma privacidade, né? Por exemplo, eu tenho uma privacidade quando eu venho para uma sala, estou aqui contigo, ou venho aqui, trabalho no meu material de aula, corrijo prova, trabalho em uma sindicância, coisarada... Então, eu acho que aí sim eu tenho privacidade, né? Só que é uma privacidade que eu também tenho que correr atrás dela para eu poder desenvolver alguma coisa em paz. [01:02:44]

[...]

Ter uma privacidade no trabalho é eu, por exemplo, trabalhar em cima de numa sindicância, mas eu, por exemplo, estou na mesa com outras pessoas. Eu sei que tem, por exemplo, pessoa que passa, que passam, que dão aquela olhada, "ah, ele tá fazendo a sindicância do soldado tal", daí já fica aquela coisa, tipo, "ah, mas esse soldado aí já deu problema aquela vez, porque pipipi", sabe, então, são informações que... Essa questão de não ter uma privacidade, são informações que infelizmente elas vazam, né? E na verdade isso não é correto de acontecer. [01:03:37].

Em certa medida essa ideia foi a primeira que veio à cabeça também do Recrutado 2:

Você fazer algo sem as pessoas saibam que você tá fazendo, tipo assim, é você, as pessoas não sabem nem se você tá ou se você não tá fazendo, tipo assim, você tem esse direito de estar no seu... Não só no inato mas no... As pessoas não têm acesso à informação, ideia. Se há ou se não há, se faz ou se não faz, tipo... [33:55].

A relação entre privacidade e segurança foi explicitada também por outros recrutados. O Recrutado 3, por exemplo, visualiza a imagem de um cadeado para representar privacidade [58:01]. Instado a esclarecer o que simboliza um cadeado para si, disse "*segurança*" [58:32]. De outro lado, também disse que há relação entre privacidade e algo íntimo [58:33].

O recrutado 6 indica segurança também como primeira coisa que lhe vem à cabeça, mas também aponta "*informação*" [38:51], relacionando as duas coisas: quanto mais alguém dispõe de suas informações, compartilhando-as em rede, mais se coloca em situação de vulnerabilidade:

Bom, quanto menos tu passar informações pras pessoas, menos elas vão ter o que usar pra se passar por ti, pra fazer alguma coisa por ti, então quanto menos tu passar essas informações pra essas pessoas... Eu acho que é isso. [39:23].

O Recrutado 13 entende que privacidade é

[...] eu entendo que seja qualquer força, qualquer informação relacionada a mim, que ela esteja condicionada a mim, que ela possa ser preservada de alguma forma, ou seja, informações como os dados que eu forneci ou que fulano ou beltrano terceiro informou sobre mim. Então eu entendo que ela é reservada a mim, porque se trata de mim. Isso seria minha privacidade. [39:51].

Nessa medida, indica que “[...] como invasão de privacidade alguém poder pegar as minhas informações, mesmo que elas estejam públicas e replicar, alterando essas informações” [09:40], o que também aponta para uma aproximação de privacidade com a ideia de segurança, além da ideia de intimidade.

Questionado posteriormente sobre as imagens que vêm à sua cabeça quando ouve a palavra privacidade, o Recrutado 13 disse informação e segurança [51:34], e a todo momento ficou claro que traça uma ligação entre poder ter suas informações mantidas sobre sigilo ou limitada àqueles com quem compartilhou e o impacto que o vazamento dessas informações pode trazer para sua vida.

Outra relação verificada nas respostas foi com uma certa responsabilidade. Muito embora alguns dos recrutados entendam que é necessário que tenham controle sobre suas informações, podendo definir quem as acessa, também entendem que eles é que são responsáveis por aquilo que compartilham na plataforma, algo como, “se eu não publicasse não vazaria”, como se infere das entrelinhas na fala do Recrutado 4:

Eu entendo que sim. Eu entendo que parte dela sim. Acho que tá mais pra, sob minha responsabilidade, eu que escolho, né, o que eu vou escrever e mostrar, mas, não sei, parece meio contraditório isso que eu tô falando, mas acho que depende também de quem, de eu saber quem que tá vendo. [45:34].

Desponta também a culpa ou autoresponsabilização por violações de privacidade, ou seja, *se algo vazou, talvez você tenha tido culpa por divulgar os dados*. O Recrutado 4, à guisa de conclusão, disse, “Acho que [a privacidade] tá mais pra, sob minha responsabilidade, eu que escolho, né, o que eu vou escrever e mostrar, mas, não sei, parece meio contraditório isso que eu tô falando, mas acho que depende também de quem, de eu saber quem que tá vendo.” [45:34].

De toda forma, em outro momento o Recrutado 4 parece implicar que quando suas informações são compartilhadas com um grupo limitado e preestabelecido de pessoas, sua privacidade está preservada, pois aqueles que não pertencem ao grupo não terão acesso às informações,

[Pausa pensativa] Bom, tecnicamente é só para as pessoas que usam Tinder, a minha privac... Então eu não vou ter privacidade, no caso ali eu boto muitas informações sobre mim. Muitas pessoas podem ver. Mas tecnicamente é só pessoas do Tinder mesmo, né? Então, é preservada para essas pessoas do Tinder, para as pessoas fora do Tinder, no caso. [10:34].

Todavia, questionado se o vazamento de alguma dessas informações da plataforma, promovido por um de seus membros, seria uma violação de sua

privacidade, apontou sua corresponsabilidade, pois disponibilizou as informações na plataforma:

Putz, é que eu deixo público também, né? Eu deixo exposta. Então, tecnicamente, não. Ao meu ver, né? Tecnicamente, não. Porque eu estou colocando as informações ali, né? Eu estou deixando expostas as minhas informações. Então, acho que não. [11:29].

Essa visão, porém, não foi mantida quando questionado se o vazamento fosse de uma fotografia sua, ele foi enfático em dizer que, nesse caso, seria uma violação de sua privacidade, ainda que ele tenha disponibilizado a fotografia.

Mas é que daí não acho que é... Não é nem questão do uso da minha imagem, né? Mas sei lá, o que que essa pessoa pode fazer isso passando por mim, né? [12:06]

Dessas contradições fica clara a falta de critérios claros de quando a corresponsabilidade é um vetor importante a se ter em mente e quando o indivíduo terá sua privacidade realmente violada sem atribuição a si de qualquer parcela de culpa.

O Recrutado 3 reforçou que o vazamento de dados, independente do uso que se faça deles, é uma violação de sua privacidade. A privacidade, em sua percepção, está relacionada com algo íntimo.

A noção de segredo, comumente associada à privacidade, foi, em certa medida, afastada dela por alguns dos entrevistados. O Recrutado 2 acredita que segredo e privacidade não se relacionam, enquanto o segredo está contido em uma esfera da informação não anunciada, a privacidade se relaciona mais com a forma do que com o conteúdo, ou seja, o exercício da privacidade diz respeito ao direito que se tem sobre informações suas, *“Porque tudo passa a ser uma informação, né? Ser resguardada a você. E é quem você quer, né, compartilhar com isso, porque existem coisas da nossa vida privada que só competem a gente [...]”* [35:01].

O entrevistado 2 ainda se referiu à privacidade como *dilatada*, na medida em que reconhece que certas informações que possui compartilha com outras pessoas, como aquelas da vida conjugal, não podendo gozar de forma unilateral de privacidade sem considerar o outro. Essa ideia de privacidade dilatada também aparece na doutrina especializada por Bruno Bioni, como já apresentado.

Outro trecho da entrevista que indica essa compreensão, mas com certa confusão, é o que responde onde mais a privacidade está, fora do mundo digital:

[...] Mas, de fato, quando a gente deixa rastros e gravações e mensagens, a gente, né, tem essa... essa posterioridade, né, dos dados, das coisas, então acho que a gente tem que ter uma responsabilidade maior. E aí a gente tem

que ver o que a gente faz, porque a gente passa a ter não nossa privacidade em jogo, mas as outras pessoas também, né? Se eu trabalho com isso, eu tenho acesso a um dado, se eu não tratei, não guardei esse dado, se esse dado vazou... Várias coisas, né, que a gente não tem que se preocupar, mas agora... É, até uma pesquisa que você faz pra faculdade agora tem que ter uma preocupação, tem que ter um protocolo para isso. [36:34]

A ressalva aqui é que o entrevistado junta uma noção de privacidade elástica, onde há relação entre dois ou mais titulares de dados que compartilham tais dados entre si, por conta de um vínculo, e a noção de violação da privacidade, onde há apenas um titular de dados, que os compartilha com alguém que o divulga para terceiros sem autorização ou trata de forma incorreta (ex.: um pesquisador que divulga nomes de um entrevistado que não autorizou isto, um médico que posta o resultado de um exame em sua rede social etc.).

Ainda sobre “onde está” a privacidade, o Recrutado 1 entende que ela não é algo unicamente do mundo digital, percepção que os demais recrutados, em regra, também carregam consigo, com uma ou outra nuance. O Recrutado 2, por exemplo, é enfático em dizer que “*A privacidade está em todas as relações, né?*” [36:34], o Recrutado 4, vai ao encontro dessa percepção: “*Entendo a questão da privacidade meio que como tudo.*” [40:35], mas reforça que “*É que a gente acaba se preocupando, acho que mais do meio digital porque parece ser meio fácil, talvez, de conseguir as coisas.*” [47:37].

Quando questionado sobre aspectos da vida fora da internet em que a privacidade está envolvida, o Recrutado 4 tem algumas dificuldades, porém aponta “*[...] fora da internet é, pensar onde que eu tô indo, se tem alguém, sei lá, me seguindo, se tem alguém vigiando onde é que eu tô, eu penso mais nisso, assim.*” [48:48].

O Recrutado 13, é enfático em considerar que a privacidade está no mundo digital e não digital, conclui que “*[...] da mesma forma, por exemplo, que alguém tem um perfil falso meu, alguém pode, sei lá, criar inverdade sobre mim e espalhar no mundo real mesmo para todo mundo.*” [44:02].

Para uma das questões do formulário que os entrevistados responderam previamente (Apêndice B, questão 20), eles precisaram escolher em uma escala de 1 a 5 quão preservada sua privacidade está no Tinder. Na entrevista, o Recrutado 4 foi questionado o que faltava para que sua privacidade ficasse totalmente preservada (5) no aplicativo, ao que ele respondeu que não haveria essa hipótese.

Ele relacionou essa impossibilidade com o fato de que por disponibilizar informações pessoais à plataforma não pode ter a privacidade muito preservada, já que ao fornecer tais dados teria renunciado a parte dela.

Um ponto interessante das entrevistas é que o *trade-off* da privacidade muitas vezes se dá levando em conta o porte dos atores envolvidos, assim, é mais fácil que o indivíduo disponibilize seus dados para um aplicativo de relacionamento de bom nome neste mercado e opte por não compartilhar os mesmos dados com aplicativos menos famosos. Veja-se o que o Recrutado 2 disse:

Não, não sei, porque tipo assim, quando é com uma grande empresa pelo menos você sabe que você pode colocar algum processo depois... Tem empresa que não sabe nem o que é, vou colocar lá meu negócio depois publica alguma coisa, ou utiliza alguma... eu não sei, eu acho que é o conhecimento nesse, nesse ponto... [22:23].

A participação internacional também foi um vetor de confiança elencado pelo Recrutado 2:

Como essas empresas são baseadas muitas vezes em outros países, eu acho que elas já acompanham essa tendência, que em outros países já foi regulamentada essa matéria. Eu vejo que aqui a gente ainda tá... A gente tem esse impasse com TikTok, com Telegram e com esse novo governo. Eu acho que vai haver essa regulamentação. Porque há muito conteúdo inapropriado na mão das crianças de todo mundo. Enfim, tá um caos esse mundo da internet. E os dados estão nesse meio, né? Então, eu acho que esses dois, o Grindr e o Tinder, eles já, né, tão atualizados com esses outros países, né, até porque eles são rápidos, porque eles... Eles são à frente, né? Porque eles trabalham com isso. [24:59].

Ainda assim, o Recrutado 2 se posiciona, em geral, de forma que aparenta ser menos cautelosa, pois entende que está em um contexto em que os dados são um grande ativo no mercado:

Aí, porque tu tens que aceitar altas coisas. Agora sempre que tu entra num aplicativo tu tem que dar um aceite toda hora, lá, tipo, com certeza eles compartilham aquilo com várias outras empresas e coisas, assim... Eu não fico nessas pira... eu sei que tudo hoje são dados e dados são, é dinheiro e eles vendem essas informações, marketing de vigilância, essas preferências todas que eles sabes que tu tens, dos vídeo que tu assiste, dos e-mails que tu não abre, tipo, várias coisas, eu... [24:17]

Estou mais interessado em utilizar imediatamente os aplicativos do que saber... [27:13].

O Recrutado 6 também trouxe essa relação de confiança, mas de modo diverso. Em termos de violação de privacidade, por confiar no aplicativo entende que um vazamento de dados partido da plataforma (empresa) é importante, enquanto um vazamento de dados partido de um de seus usuários não [31:25].

O Recrutado 6, ainda, acredita que não há privacidade no mundo digital [38:11], “*Só no real. Se tu quiser tu não passa nenhuma informação no mundo real e tals. Mas no virtual, tu coloca tudo, todas as informações em qualquer coisa.*” [38:29].

Já o Recrutado 9, relaciona privacidade com disposição de informações. Um trecho da entrevista que deixa claro isso é o que diz que quando o titular de dados se expõe, abdica de sua privacidade em certa medida:

[...] Porque, tipo assim, a partir do momento que tu coloca tua foto, coloca os teus dados, num ambiente, torna público os teus interesses, né? A partir desse momento eu acho que tu já de certa forma abdicou da tua privacidade, né? A não ser que faça um perfil anônimo. [05:58].

Diz, ainda, que “[...] a partir do momento que tu faz uma ação, tu tens que ser responsável pelas consequências daquela ação, né? [...]” [10:22]. O Recrutado 9 diz em tom jocoso que a forma para ter a privacidade mais preservada no Tinder é não criar uma conta, depois, adiciona criar um perfil anônimo [12:29].

Questionados sobre o que é a política de privacidade, as respostas foram diversas, ora o documento é visto como um amontoado de regras, ora como um escudo contra violações de privacidade e vazamento de dados, e até como uma carta de intenções que protege muito mais a empresa do que qualquer usuário:

Recrutado 1: [...] as regras que a pessoa tem para ser... para cuidar da sua privacidade, dos seus dados, o que a pessoa também pode ou não fazer, alguma coisa assim [43:29].

Recrutado 2: Eu acho que pra mim são os dados que eles compartilham, o que eles têm acesso, do teu telefone, tuas fotos, o que tu responde lá, o teu e-mail... Às vezes, tu usas os dados do teu cartão de crédito. Eu acho que tem, nesse sentido. [27:29]

Recrutado 4: Mas eu entendo que a política de privacidade, ela tá mais, eu acho que... [...] Pra me proteger, eu acho, tá? Se acontece alguma coisa, sei lá, com alguma foto minha, alguma coisa assim, eu acho, eu espero, talvez eu tenha que realmente ler pra saber. Que, sei lá, o aplicativo vai me ajudar nessa questão de... Se alguém tá usando uma foto minha e criou uma conta fake, e aí se eu faço contato com o aplicativo, ela vai me ajudar a derrubar a outra conta, que tá usando uma foto minha, que era [inaudível] minha. Então eu entendo mais ou menos isso. [36:36]

Recrutado 6: Ele deve... Ele deve... O Tinder, vamos pensar aqui, que ele tem uma política de privacidade. O Tinder em si não vai passar os seus dados para outras pessoas, mas ele também deve ter alguma lei ali, alguma coisa no contrato ali que... Lei não deve ter, né? Porque ele não é Estado, não é União. Mas ele deve ter alguma cláusula ali que ele não pode fazer nada se uma pessoa pegar as informações dali e passar. Mas ele em si não vai passar para outras pessoas, eu acho que é isso.

Recrutado 13: Política de privacidade, eu acredito que seja alguma coisa garantindo para mim que as minhas informações que estão ali, elas estão resguardadas, estão protegidas de alguma forma que impeça que, sei lá,

esses conteúdos vazem na internet ou que, sei lá, possa garantir que eu seja... [...] Mas, nesse sentido, assim de a gente tem a plataforma, você vai usar ela de tal jeito e informações, elas estão seguras com a gente. É o que eu entendo. [23:54].

O Recrutado 1 utiliza a palavra *contraditório* para explicar por que não lê as políticas de privacidade e termos de uso do Tinder, o que remonta à ideia do paradoxo de privacidade:

É que o ser humano é contraditório mesmo. Por exemplo, assim, quando a gente vê aquela coisa, aquela coisa enorme, assim, que tem que ler tudo, por exemplo, não, eu vou le... Quando você chega no quinto parágrafo, no quinto artigo, sei lá o nome daquilo lá, meeeeu Deus, começa a dar um cansaço, aí é o celular que vem mensagem, várias coisas distraindo, né, por exemplo, tu só baixa, vê ali o que pode ou não ser perigoso pra você e instala, sabe? Então **eu acho que pela questão de agilidade, né?** [42:14]

O Recrutado 3, por sua vez, coloca sua justificativa na preguiça [28:39] e na dificuldade com tecnologias: *“Eu tenho muita dificuldade com, com tecnologia, então eu sou daqueles que clica no li e aceita tudo e manda embora.”* [22:03]. Ao mesmo tempo, justifica seu cuidado em relação à disposição de suas informações pessoais na mesma falta com tecnologias: *“E eu, como tenho um péssimo aprendizado com essas tecnologias, não gosto nem de ficar fuçando muito, justamente para não entregar muita coisa.”* [22:58], posicionamento que também se aviva contraditório.

Os Recrutados 6, 9 e 13, por fim, atribuíram à extensão e complexidade do texto as principais razões para não lerem as políticas de privacidade, além de despontar das entrelinhas a preguiça, o desinteresse e a desmotivação em fazê-lo.

#### 4.2.2 Dados pessoais

Adentrando nas percepções sobre dados pessoais, o Recrutado 1 foi questionado sobre quais dados dos que incluía em seu perfil no Tinder seriam pessoais, ao que respondeu: *“Então seria o... É, eu não sei, a data de nascimento, eu acho.”* [51:09], sendo que ao preencher o perfil completamente considera que nem todos os dados disponibilizados à plataforma são pessoais: *“[...] porque aparece, por exemplo, assim, tipo de música, comida favorita. Então acho que não chega a ser dados pessoais, assim. Acho que está mais envolvido para a preferência da pessoa.”* [51:58]. Aqui é possível notar que o recrutado faz uma distinção entre preferências e dados, enquanto estes seriam, *“[...] por exemplo, na*

*minha concepção, identidade, CPF...*” [52:54], aquelas são “*artista preferido, Taylor Swift; música, não sei o que; comida favorita, pizza... acho que é isso*” [52:55].

Instado a desenvolver sua ideia, disse que fotos podem ser dado pessoal, desde que tragam algum atributo da pessoa, como o rosto. Também considera que o nome de usuário do perfil do Instagram, conhecido popularmente como @ é um dado pessoal. Percebeu-se ao largo da entrevista que o recrutado adotou postura reflexiva, de forma que algumas de suas respostas foram melhor elaboradas conforme outras perguntas sobrevinham.

Neste caso, separou dados de preferências, o que indica, em primeira análise, a dificuldade que as pessoas podem ter em separar o que é e o que não é um dado pessoal.

O Recrutado 2 também teve essa mesma dificuldade. Embora tenha dito que “*Dados pessoais são aqueles que te vinculam a quem você é, né? A pessoa física, né? O que vincula ao teu corpo, o teu nome, o teu CPF, teu número do RG, se expõe o nome da tua família, né? Acho que são, pra mim são esses dados pessoais, né?*” [37:58] quando questionado sobre quais dados do perfil do Tinder seriam pessoais disse que *hobbies*, música favorita e a imagem da frente da casa, sabidamente dados que podem servir para identificar o indivíduo, seus hábitos de consumo e seu endereço, não seriam pessoais.

Já o Recrutado 3 entende que todas as informações constantes no perfil do aplicativo são dados pessoais:

Sim, porque meio que você cria um código, né? Você coloca, ai, eu tenho um tal altura, então meio que... Isso aí é tecnologia que eu não sei explicar. Mas eu acredito, que você vai criando um algoritmo, você vai criando um padrão assim de as pessoas que chegam até você. Eu imagino quando eu dou um like, por exemplo, em uma pessoa alta, os próximos perfis vêm de pessoas altas, né? E por aí vai. [45:55].

Além disso, entende que os dados comportamentais seus na plataforma também são dados pessoais. A noção que carrega tem relação direta com a ideia de que com o maior número de informações coligadas é possível para a plataforma traçar perfis comportamentais que permitirão um refinamento no processo de dar *match*, sobretudo indicando ao usuário alternativas mais próximas daquelas que ele tende a aceitar na hora de deslizar em busca de um parceiro.

O Recrutado 4 indica que dados pessoais são “*dados que a pessoa poderia te achar.*” [42:59], ou seja, dados que podem permitir a alguém chegar na localização de uma pessoa específica. De todo modo, classificou data de

nascimento nesta rubrica, muito embora seja questionável que com a data de nascimento alguém possa ser localizado. Nota-se aqui, novamente, uma dificuldade para categorizar ou priorizar a ordem de importância dos dados pessoais.

O Recrutado 6 considera que daqueles dados que se pode preencher na plataforma apenas a informação da universidade e seu status vacinal para COVID. As demais informações entende que não são dados pessoais, mas indicativos dos *trejeitos* [16:59]. Adiante, disse que sua orientação sexual heterossexual não é um dado pessoal, pois ele fala para todo mundo. Partindo daí, foi questionado se há uma relação entre os dados pessoais e o quanto se fala sobre ele, ao que respondeu:

É, sim, sim. É, só que daí não faz sentido com a UNIVERSIDADE, porque eu falo pra todo mundo que eu estudo na UNIVERSIDADE também. Agora eu to pensando assim. Mas... É diferente, o que a pessoa pode fazer com essa informação de que eu sou heterossexual? É um... Não sei, tipo, com a UNIVERSIDADE, vamos dizer assim, que eu coloque que estudo na UNIVERSIDADE. A pessoa sabe onde que eu tô quase sempre. Agora, a pessoa saber que eu sou hétero, o que ela pode fazer com isso? Entendeu? [17:59].

Já instado a responder se um dado de saúde, especialmente relacionado à sorologia de uma pessoa vivendo com HIV, respondeu com certa confusão e dificuldade:

**Ah, ele é, né?** Talvez essa pessoa sinta que vai ser julgada, então, é que nem no Grindr, né, no Grindr ele tem essa opção de colocar, né? Eu tenho amigos gays que usam o Grindr e eles, eles olham essa parte aí. Eu não sei. **Pra mim não é uma informação pessoal**, porque você tem que informar as pessoas se você está se propondo a se relacionar com elas, mas talvez elas sintam que não vai chegar nem a ter o match pra isso. **Eu acho que é uma informação pessoal, que não precisa ser informada**, mas é mais porque é um tabu, né? Tem todo esse preconceito, coisa e tals, mas acho que é só por causa do tabu. Provavelmente se essa pessoa for alguém que não se importe com tantos tabus, ela vai colocar. [22:45, grifos nossos]

Percebe-se que o Recrutado 6 também tem dificuldades de criar categorias para suas ideias, pelas suas respostas infere-se que identifica dados pessoais como aqueles que permitiriam alguém localizar seu titular, porém, indicou *status* vacinal como um desses dados pessoais, o que contraria esta regra.

O Recrutado 13, por fim, compreende dados pessoais (*usa o termo informação pessoal*) como aqueles que o identificam e identificam seu comportamento e gostos:

Acho que qualquer coisa que eu fale, ela pode ser considerada como uma informação pessoal, porque, como eu falei, a partir do que eu falo também. Você pode, por exemplo, criar uma inverdade sobre mim, distorcendo o que eu falei, ou pode propor uma proposta comercial para mim, ou através de

estratégia de marketing, sei lá... Qualquer coisa que eu faço na plataforma ou fora dela, também eu considero, de certa forma, como uma informação pessoal. Talvez o meu estilo, coisas que me caracterizem mesmo. Ah, o Recrutado 13 ele tem o perfil desse jeito, ele sempre tá com o cabelo desse jeito, ele tem o perfume de tal forma.... Tudo isso eu considero como uma informação pessoal. [46:30].

Para o Recrutado 13, por fim, todos os dados que o identificam são dados sensíveis, todavia, aponta imagens como de maior importância entre os demais dados, na medida em que o caracteriza e pode torná-lo identificável fora do mundo digital [33:03 e 33:21].

Entre os entrevistados há uma certa dificuldade de conceituar dados pessoais e dados pessoais sensíveis e, ainda que tenham certeza de que tal dado é sensível, não conseguem esclarecer de forma clara o motivo ou elencar uma regra para tanto, como se verá adiante.

#### **4.2.3 Dados pessoais sensíveis**

Quando se vai além e os recrutados precisam responder se há uma ordem de importância entre os dados pessoais, todos têm dificuldades de organizar suas ideias, que variam entre nenhuma diferença de importância entre qualquer tipo de dado até diferenças consideráveis de importância, a depender da natureza do dado, e de criar uma classificação viável, com o mínimo de critérios.

O Recrutado 1, por exemplo, comparando dois tipos distintos de dados, atribuiu a mesma importância entre os seguintes pares: telefone e *e-mail*; localização e *e-mail*; e localização e sorologia para HIV. Ao mesmo tempo, comparando identidade e CPF com o perfil do Instagram, considerou os primeiros mais importantes do que o segundo, em termos de hierarquia. Adiante, classificou orientação sexual como sensível, mas sem critérios claros.

Aqui se verifica que a distinção feita não se voltou à separação entre dados pessoais ordinários e dados pessoais sensíveis: criou-se uma hierarquia para os dados que se encontram dentro do primeiro grupo. Também não há um critério claro para estabelecer o que é ou não mais sensível dentre os dados compartilhados.

O Recrutado 2 se alinhou mais com a compreensão doutrinária:

Os dados sensíveis, assim, pelo que me recordo, são os dados que podem gerar algum tipo de discriminação daquela pessoa que tem os dados, podem ter os dados vazados ou têm. São dados que têm hierarquia maior por serem dados que precisam de uma segurança jurídica maior, não é de mais... De uma proteção maior do Estado, eu acho. São esses dados, né?

Que, eu sei lá, com dívidas, com doenças, com... Talvez até preferências, né? Orientação sexual, coisa, não sei. Eu vejo, dessa maneira, que há uma sensibilidade nesses dados. [42:45]

Quanto ao reconhecimento de que existem dados pessoais sensíveis, e a compreensão de como se caracterizam, os recrutados, em geral, também passaram distante da compreensão doutrinária. É que aqueles que entendem que existem dados pessoais sensíveis indicaram dados que, *a priori*, não podem ser utilizados para fins discriminatórios — ainda que haja farta discussão entre os doutrinadores acerca do atributo contextual como necessário para analisar se um dado é ou não sensível.

O Recrutado 3 em um primeiro momento aduziu que não haveria diferença entre os dados que tem na plataforma. Quando ponderou entre os dados de localização e dados referentes à sorologia para HIV, chegou em conclusão distinta, indicando que a localização teria um grau de importância maior, todavia, adiante, instado a comparar a ordem hierárquica entre WhatsApp e localização e, após, WhatsApp e sorologia para HIV, atribuiu à contrassenso a mesma importância para todos os dados.

No decorrer da entrevista, foi perguntado ao Recrutado 3 o que vem à sua cabeça quando se fala em dados pessoais e dados pessoais sensíveis. Ele associa imediatamente dados pessoais com uma ficha de cadastro. Interessante notar o uso da palavra *ficha*, que está associada a um contexto não digital, pois na *internet* o termo que se usa geralmente é *formulário*.

Quanto aos dados pessoais sensíveis, diz

Uma ficha de cadastro... Do lado emocional, do lado sensível. Uma coisa... Dados de cadastro seria uma coisa que você está... Está aberta a falar com muitos tipos de público. Qual é o dado de cadastro sensível? [...] Seria uma coisa mais específica, algo que você não... Não traria exposição tanto quanto da primeira opção. [59:42 e 60:10]

Sobre a diferença entre dados pessoais e dados pessoais sensíveis (usou o termo “*cadastrais*” para ambos) ressaltou:

Recrutado (1:00:29): É. No nível de privacidade, os dados cadastrais têm uma privacidade 5, os dados cadastrais sensíveis têm uma privacidade 8.

Pesquisador (1:00:42): São dados que você atribui uma importância maior, então, do que outros?

Recrutado (1:00:49): Atribuiria. Primeira vez que eu ouço falar desse termo, mas eu atribuiria uma maior importância.

Tendo em vista que não estava clara a forma como o Recrutado 3 considerava um dado mais ou menos importante, ele foi questionado se haveria algum critério a tanto, todavia, não soube responder.

Uma outra nota da percepção do Recrutado 3 é como vincula dados pessoais com privacidade: “[...] os dados cadastrais têm uma privacidade 5, os dados cadastrais sensíveis têm uma privacidade 8” [1:00:29], a forma como se refere a eles sugere que há um grau de sigilo, um grau de impacto se for divulgado, o que indica uma relação com a ideia de intimidade.

O Recrutado 4, ponderando se há algum dado que merece maior cuidado entre os dados pessoais, em um primeiro momento disse: “*Eu acho que se é dado pessoal, se a pessoa considera pessoal, acho que tem que ser o mesmo cuidado pra todos.*” [52:19], e, posteriormente, considerou o *e-mail* mais importante em comparação com a orientação sexual e orientação política. Questionado sobre uma possibilidade de se conceituar dados pessoais sensíveis, disse

Eu acho que essa definição ela vai ser muito subjetiva, assim. Não sei se vai conseguir chegar a um acordo [...] Teria que ver as repercussões que divulgar aquela informação ia causar na pessoa. Às vezes tem pessoas que podem, sei lá, divulgar o e-mail e tá nem aí, isso nem afetou ela. Agora tem gente que é muito sensível a essa informação divulgada, então, a questão da definição eu acho que é isso: o quanto aquela informação vazada ia afetar a saúde mental e física, sei lá, da pessoa. [56:00]

A percepção do Recrutado 4 é que não há como se definir *a priori* quais são os dados pessoais sensíveis, pois para aquilatar isso cada um traçará grau de importância diverso. Para si, CPF, telefone e *e-mail* têm esse grau de sensibilidade, pois permitem contatar e encontrar uma pessoa, muito embora não sejam comumente considerados como dados pessoais sensíveis. Talvez a melhor síntese da ideia é que os dados pessoais sensíveis têm uma maior relevância na medida em que trazem maiores implicações para a saúde física e mental de seu titular — o que não está tão longe do conceito doutrinário.

O Recrutado 6 não suscita distinção hierárquica entre os dados que disponibiliza ou pode disponibilizar na plataforma, todavia, instado a comparar a importância entre um dado que indica a universidade em que estuda e outro indicativo da sorologia de uma pessoa vivendo com HIV, disse que aquele é mais importante do que este [24:29], pois permite a alguém encontrá-lo e causar-lhe um mal real e concreto [24:50 e 25:19].

Ponto interessante é que em um primeiro momento o Recrutado 6 considerou que se uma pessoa pegar um dos dados seus do Tinder e vazá-lo, salvo dado de saúde, não seria considerado uma violação de sua privacidade, mas quando questionado se seria violação da sua privacidade se a empresa fizesse o mesmo e utilizasse os dados para outro fim do que aquele da plataforma respondeu positivamente.

Buscando compreender sua ideia, questionou-se o que difere um caso do outro, ao que respondeu: *“Acho que eu estou, a minha confiança, né? Eu estou confiando no Tinder e nessa outra pessoa eu já não conheço, já não...”* [31:25]. Mas, ainda assim, o Recrutado 6 também classificou como pouco importante não ter seus dados pessoais utilizados para *marketing* sem que autorize, o que mostra um posicionamento contraditório.

O Recrutado 9 entende que nome e e-mail são dados pessoais sensíveis [05:58], adiciona, ainda: *“[...] Quando tu faz um cadastro em vários sites, em várias plataformas, talvez você tenha que colocar o teu CPF, o teu endereço, o teu número de telefone, que poderiam ser dados mais sensíveis, né?”* [07:26]. O conceito traçado por ele para dados sensíveis é *“algum dado pessoal que pode, se cair em mãos erradas, pode causar algum dano, como o teu CPF, teu número de telefone.”* [08:25], sendo que todos os demais dados que optou por expor, inclusive os *a priori* sensíveis, não seriam considerados sensíveis ou perdem esta alcunha: *“Fotos, os meus interesses, as minhas intenções, até o meu Instagram, entendeu?”* [08:55 e 09:22]. Em tom jocoso o Recrutado 9 arremata: *“[A] partir do momento que tu tá se expondo publicamente, tu não tem que reclamar de privacidade, né?”* [10:02].

Por fim, o Recrutado 13 utiliza o termo *sensível* para definir qualquer dado que se relacione consigo, como CPF e RG, imagens, nome, sexualidade, data de nascimento etc [31:44], ainda assim, considera que as suas imagens têm maior importância em comparação com os outros dados, *“[...] Porque é quem eu sou, me caracteriza. Você pode não ter meu nome, pode não ter minha data de nascimento ali, mas se alguém tiver a minha imagem, consegue relacioná-la com o fulano que viu na rua.”* [33:21].

### 4.3 CATEGORIZAÇÃO

O objetivo da categorização é responder às seguintes questões, sem prejuízo de novas que surjam no curso das descobertas: o que o grupo entende por privacidade? Quem entende desta forma? Para quem este conceito serve? Por que entendem este conceito assim? Como chegaram no presente entendimento? As respostas permitirão a integração das categorias e a criação da teoria fundamentada.

Após analisar de forma exaustiva os dados, foi possível chegar em 9 categorias, com 86 códigos: “Comportamento”, com 12 códigos; “Crença”, com 8 códigos; “Dificuldades e desafios”, com 12 códigos; “Emoções”, com 4 códigos; “Impactos psicológicos”, com 2 códigos; “Percepção”, com 10 códigos; “Privacidade”, com 12 códigos; “Proteção de dados”, com 8 códigos; e “Sentimento”, com 17 códigos (Apêndice N).

Para algumas categorias foram criadas subcategorias: “Emoções” dividiu-se em duas subcategorias “Emoções negativas” e “Emoções neutras”, e “Sentimentos” dividiu-se em três subcategorias, “Sentimentos negativos”, “Sentimentos neutros” e “Sentimentos positivos”.

Os 10 códigos com maior recorrência foram: “privacidade” (40), “Sentimento: insegurança” (18), “Sentimento: autoaceitação” (12), “Crença: alguns dados são mais importantes que outros” (11), “Privacidade: privacidade como disposição de informações” (10), “Proteção de dados pessoais” (10), “Sentimento neutro: corresponsabilidade” (9), “Sentimento negativo: preocupação” (9), “Dificuldades e desafios: desinteresse” (9) e “Dificuldades e desafios: desmotivação” (9).

Algumas conexões surgiram dos códigos de uma dada categoria ao relacioná-los com códigos de outras categorias. O sentimento de insegurança, por exemplo, permeou quase todos os relatos quando os entrevistados precisavam indicar como se sentiam na plataforma ou em questões afeitas a ela, relacionando-se com privacidade, com proteção de dados pessoais e com alguns outros sentimentos e emoções, como desmotivação, desinteresse, preocupação e com a percepção de privacidade como disposição de informações.

Vale dizer, o ambiente virtual suscita insegurança na medida em que para participar deste local de forma ativa o suficiente para ser notado, necessário que se

renuncie a parte de sua privacidade e se apresente alguns dados e informações pessoais. Nesse contexto, a insegurança assume triplo contorno.

Primeiro, há a relação usuário-empresa, materializada por um contrato sinalagmático reduzido em termos de uso do aplicativo, políticas de privacidade e regras da comunidade, que delineiam a forma com que se permite a participação efetiva nessa comunidade de relacionamentos e o custo envolvido nisto (disposição de dados). Esse primeiro contorno é atravessado por algumas possibilidades de incidentes, à guisa de exemplo, compartilhamento indevido de rastros comportamentais e perfilamentos para fins de *marketing*, compartilhamento de geolocalização, rastreamento indevido de geolocalização, coleta de dados não autorizados, inércia ou ineficiência em resolver incidentes de segurança e vazamentos de dados, compartilhamento de dados com terceiros não autorizados a ter acesso a eles etc.

O desinteresse e a desmotivação para ler os documentos fundantes dessa primeira relação acaba por colocar o usuário em uma posição de vulnerabilidade. A dificuldade de leitura de documentos com linguagem jurídica complexa, a extensão destes documentos, a experiência prévia com outros documentos, que não inspiraram necessidade de cautela, são alguns fatores que influenciam este movimento.

Ainda, mesmo que os contratos iniciais fossem abusivos, contendo cláusulas que impõe excessiva responsabilidade ao usuário e/ou atenuem as responsabilidades da empresa, o *trade-off* da privacidade parece se justificar para boa parte dos entrevistados, pois negar os termos significa fechar a possibilidade de usar um dos principais aplicativos para fins de relacionamentos.

Some-se a isso a percepção de que, mesmo com certa insegurança, em uma escala de aplicativos mais e menos seguros há maior consideração por aqueles que sejam dos principais *players* do mercado, assim, parece razoável aceitar termos não tão vantajosos em troca de não se sujeitar a riscos e preocupações maiores de aplicativos menos famosos e utilizados.

Segundo, há uma relação usuário-usuário(s), materializada pelas interações levadas à cabo no aplicativo, seja pelo simples acesso das informações de um perfil, ainda que sem dar *match* com ele, seja pelo efetivo *match*, com o desenrolar de conversas e tudo o que vem daí, que pode até levar os usuários para fora da plataforma. As interações podem ser divididas em *interações dentro da plataforma* e

*interações fora da plataforma*. As interações dentro da plataforma subdividem-se em *interações prévias ao match* e *interações posteriores ao match*<sup>22</sup>.

As *interações dentro da plataforma*, sem medo de redundância, são as feitas entre os usuários no *app* Tinder ou as que o envolvam de alguma forma. As *interações prévias ao match* dão aos outros acesso limitado às informações pessoais do titular, já as *interações posteriores ao match* permitem ao titular dos dados e informações dosar a medida que entender adequada das informações que compartilhará com quem deu *match*. As *interações fora da plataforma*, por sua vez, podem ocorrer de duas formas, ou o usuário munido de informações contidas em um perfil que lhe foi apresentado tenta encontrar o indivíduo em uma outra rede social (geralmente o Instagram), ou, por meio das conversas, são informadas as redes sociais, telefone, WhatsApp, ou mesmo marca-se um encontro, onde se desenrolará a conversa e eventual relação ou encontro sexual.

Para as *interações fora da plataforma* que não vieram de um *match* pode haver ao menos certo desconforto do titular de dados, já que, mesmo indicando suas redes sociais, pode ter optado por não dar *match* com aquele indivíduo em específico que o contactou fora do *app*. Em algumas vezes o indivíduo que se aproxima do titular de dados pode ter postura intransigente ou incisiva, por exemplo.

Há ainda a possibilidade de que o titular de dados que esteja no sigilo possa ser posto para fora do armário. (*outing*) ou ter seu sigilo descoberto se um usuário deliberadamente compartilhe informações fornecidas por ele após ter dado *match*, por exemplo, com em rede de amigos em comum.

O terceiro contorno, por fim, diz respeito às relações usuário-comunidade, sendo que aqui comunidade se refere tanto ao agrupamento de indivíduos quanto aos indivíduos tomados em consideração de forma isolada, sejam usuários ou não da plataforma. Esse contorno está umbilicalmente ligado com os dois primeiros, na medida em que qualquer incidente na relação usuário-empresa ou usuário-usuário(s) pode trazer impactos sociais para o indivíduo, como por exemplo, sujeitá-lo a maior discriminação, expor sua orientação sexual de forma forçada (*outing*),

---

<sup>22</sup> Note-se que o *match* em si, embora não indique diretamente essa relação usuário-usuário(s), servirá de parâmetro para alimentar a base de dados da empresa e municiar seu algoritmo para que ofereça opções para *match* cada vez mais assertivas, assim, há uma relação indireta usuário-usuário(s), ainda que passiva, na medida em que se restringe as próximas opções com base na decisão tomada referente às anteriores.

sujeitá-lo à extorsão, estelionato e fraudes em geral, expor eventuais traições, se estiver em um relacionamento monogâmico etc.

Outro aspecto bastante partilhado durante a entrevista foi a corresponsabilidade. Na medida em que a participação depende da disposição de uma certa quantidade de informações pessoais, em geral os entrevistados acreditam que são corresponsáveis caso disponham excessivas informações ou caso sofram algum tipo de vazamento ou incidente de privacidade. Essa noção permeia a ideia de privacidade de parte dos entrevistados, pois traçam uma relação entre a privacidade e a disposição de suas informações. Daí porque a cautela emerge como código bastante presente nas entrevistas: é a ponderação cautelosa que permitirá participar do aplicativo de forma mais segura, sem dar mais informações do que as necessárias à plataforma e demais usuários, mas também sem deixar de informar o tanto adequado para que sejam reconhecidos como *pessoas de verdade*.

A privacidade também foi vinculada à segurança. Diante da necessidade de se renunciar à parte da privacidade em nome da participação ativa de uma determinada comunidade, a expectativa dos usuários entrevistados, em geral, é que aquilo que partilham fique restrito à plataforma, para que não sejam vítimas de sua própria vontade de partilhar.

A ideia de segurança, ressalte-se, indica tanto o sentimento de sentirem-se seguros estando na plataforma quanto a noção de que se algo acontecer terão suporte adequado, com canais para contato direto e denúncias e com regras claras que possam, de alguma forma, proteger juridicamente os usuários vitimados por qualquer incidente na plataforma, penalizando seu causador, se um outro usuário, ou tomando as medidas adequadas, quando houver culpa da própria empresa.

Ainda, a noção de intimidade em relação à privacidade, bem tratada doutrinariamente, também despontou do estudo, tendo em vista que alguns dos entrevistados ressaltaram a ideia de uma esfera íntima, em que as informações estariam ou guardadas em segredo ou seriam compartilhadas apenas com relações muito próximas, como membros de uma mesma residência ou um companheiro.

Esse atributo, ser íntimo, também pode ser correlacionado com a ideia de *privacidade como disposição de informações*, porque coloca o titular como central na escolha daquilo que partilha e com quem partilha.

Os entrevistados que entendem privacidade como segurança, disposição de informações ou mesmo intimidade, já identificados anteriormente, têm algumas

razões de fundo para entenderem assim. Traumas anteriores, com vazamento de dados ou incidentes de segurança foram um dos principais problemas narrados, ladeando com o receio da descoberta, principalmente quando ainda em processo de autoaceitação de sua orientação sexual ou quando passaram a viver em cidade nova, longe da rede de amigos que outrora possuíam, ainda que temporariamente.

As experiências passadas em outros aplicativos também conformam sua percepção. Aqueles que enfrentaram dificuldades em alguns aplicativos, seja por um incidente ou mesmo pela própria dinâmica do aplicativo, que ora demanda maior exposição, acabaram por ter uma visão mais conservadora da privacidade.

Outro aspecto importante é a relação familiar conflitiva, que se mostra um vetor bastante frequente para homens gays e bissexuais, especialmente aos primeiros. Sair do armário implica certa renúncia à privacidade sobre sua orientação sexual, mas, mais do que isso, pode ter impactos catastróficos pela discriminação e homofobia partida das famílias. Sair de casa e buscar a independência financeira foram uma das formas relatadas pelos entrevistados para se blindarem do impacto de eventuais conflitos que poderiam ter que enfrentar.

Nessa medida, as experiências individuais de vida, a persistência de uma sociedade preconceituosa, a vivência de novas formas de afeto e novas conformações de relacionamento parecem ter contribuído para os entendimentos ameados sobre a privacidade. Essas experiências, vale dizer, são em regra acompanhadas de trauma, que se avivam, por mais das vezes, no caminho de pessoas que não são heterossexuais, já que não há qualquer choque em “se assumir” como heterossexual.

O que resta é compreender que essa visão de privacidade que se conecta com a autonomia e corresponsabilidade é experimentada pelos indivíduos de formas distintas. Entre os recrutados que não são heterossexuais verificou-se uma maior preocupação (*Sentimento negativo: preocupação*), insegurança (*Sentimento negativo: insegurança*), pressão social (*Comportamento: pressão social*), necessidade de apoio emocional (*Percepção: apoio emocional*) e experiência de discriminação (*Comportamento: discriminação*) e preconceito (*Comportamento: preconceito*). O receio de ser descoberto (*Sentimento negativo: receio de ser descoberto*) e a percepção do impacto, ou seja, das consequências que informar um dado tem (*Percepção: perceber o impacto que informar dados tem*) também faz

parte das preocupações destes indivíduos, até por isso, sentem que o controle (*Privacidade: controle*) é uma forma importante de se precaverem (Apêndice O).

Lado outro, entre os entrevistados heterossexuais, todos eles conectaram privacidade com disposição de informações pessoais (*Privacidade: privacidade como disposição de informações*) e intimidade (*Privacidade: privacidade relacionada com intimidade*), não há digressões sobre dificuldades de autoaceitação ou grandes impactos na vida, ainda que tenha havido menção de situações de vazamento de dados entre os indivíduos deste grupo (Apêndice O).

Com base nessas considerações, as categorias foram agrupadas em unidades ou premissas teóricas, que levarão à criação da teoria emergente preliminar (conclusão):

- A insegurança no uso do aplicativo está relacionada com a postura que a plataforma tem em relação ao usuário e a postura que os outros usuários têm na plataforma;
- Ainda assim, o comportamento do usuário também contribui para a insegurança no uso do aplicativo, na medida que ele é corresponsável por sua privacidade;
- As informações que são fornecidas pelos usuários para que possam efetivamente serem reconhecidos como *peçoas de verdade* são precedidas de um cálculo de *trade-off*, feito mesmo se a plataforma se mostrar insegura, mas a participação nela se mostrar de certa forma inescapável;
- Pois é mais vantajoso renunciar de parte da privacidade e poder participar do que não renunciar e não poder participar de um aplicativo que poderá desvelar oportunidades de relacionamento;
- A privacidade se relaciona com a intimidade e com disposição de dados, quanto mais o usuário renuncia à intimidade, mais se expõe e, portanto, sujeita-se a maiores riscos.

Adiante será apresentada a teoria desenvolvida.

#### 4.4 TEORIA EMERGENTE PRELIMINAR

As conclusões do processo de análise das categorias e subcategorias permitiu traçar a teoria emergente preliminar, representativa da amostra, que, vale

relembrar, não serve ao propósito de generalizar uma teoria para todos os membros de um grupo, ou seja, todos os heterossexuais, todos os bissexuais, todos os homossexuais do recorte etário, geográfico e instrucional proposto.

A teoria serve como pontapé para ampliar as discussões acerca do assunto, validar o método, verificar suas dificuldades inerentes e propor alternativas para a cocriação de um processo de luta e participação popular na definição de políticas e legislações que se relacionam com direitos humanos<sup>23</sup>.

Ao cabo, a teoria a que se chegou foi: A privacidade é um atributo que permite a cada indivíduo escolher em que extensão pretende participar nas mais diversas esferas de sua vida e relações sociais e comunitárias, por meio da decisão consciente daquilo que quer expor, feita através de um cálculo subjetivo das consequências, impactos e riscos que essa exposição poderá ter, colocando-o como corresponsável nesse processo de se expor, mas garantindo que o que escolheu seja respeitado por terceiros, sejam pessoas, sejam empresas, sejam entidades ou órgãos públicos.

---

<sup>23</sup> Por isso mesmo preliminar, pois, como já dito, não foi possível alcançar a saturação teórica. Para proteção de dados pessoais a situação ficou mais difícil, tendo em vista o baixo número de entrevistas e as grandes divergências conceituais entre os respondentes.

## 5. DISCUSSÕES

### 5.1 ESCOLHA METODOLÓGICA

A escolha da teoria fundamentada nos dados se mostrou apropriada para o estudo proposto, porém, alguns aspectos do desenho metodológico precisaram ser revistos em seu curso, o que é esperado para esse tipo de metodologia, e algumas limitações se avivaram quando a pesquisa estava em execução, especialmente na fase de recrutamento.

Já de início um aspecto importante percebido foi a dificuldade em recrutar interessados. Na primeira versão do estudo aprovada pelo CEPESH havia previsão de criação de dois perfis no aplicativo Tinder, com todo detalhamento correlato e seria feito seu uso com objetivo de tentar *matches* com possíveis interessados. Seria a partir dos *matches* que os questionários seriam encaminhados e as entrevistas agendadas.

Já no primeiro dia da pesquisa um dos perfis foi banido da plataforma, não tardando muito mais para o banimento do segundo, inviabilizando completamente o desenho aprovado. Ressalte-se que até a data de efetivo banimento não havia ocorrido nenhum *match*. Com esse cenário de adversidade, foi necessário repensar o recrutamento e submeter emenda ao projeto à apreciação do CEPESH. A solução encontrada foi encaminhar por redes sociais o *link* para os questionários, de forma que os interessados em participar da pesquisa poderiam acessá-los diretamente sem a necessidade de qualquer interação prévia com o pesquisador.

A objetividade no desenho da pesquisa veio em seu benefício. Quando, em sua primeira versão, foi necessário a criação de dois perfis no aplicativo Tinder, esperar por *matches*, para, só então, enviar em uma breve conversa o *link* para preencher o questionário, primeiro instrumento de coleta, adicionou-se inúmeras camadas obstrutivas e que agiram como limitadores e dificultadores.

Ademais, tais medidas não se revestiam de propósitos muito claros, o que só pode ser percebido olhando em retrospecto. Ou seja, sua remoção não influenciaria na qualidade das respostas, mas apenas na quantidade de pessoas que poderiam responder e que antes sequer consideravam o perfil da pesquisa, por desviar do foco de um aplicativo de relacionamento.

Teoriza-se, em cotejo com as respostas dadas por muitos dos entrevistados, que quando o usuário entra no Tinder quer rapidez, agilidade em buscar o propósito da plataforma, de maneira que o que possa desvirtuar seu foco passa a ser peremptoriamente desconsiderado — como o são os termos de uso, regras da comunidade e políticas de privacidade, raramente lidos, mas, por muitos considerados importantes. Assim, uma pesquisa científica que se insere naquele contexto de contemplação dos desejos passa a ser repelida, por não se alinhar com as expectativas que o usuário espera do *app*.

Outro aspecto que pode dificultar nesse tipo de pesquisa e que se distancia do desenho de outras similares já feitas é que nesta era necessária uma conduta ativa do possível recrutado e passiva do pesquisador, enquanto noutras o pesquisador podia estar em ambos papéis, buscando ativamente interessados ao questionar por mensagem seu interesse em participar do estudo levado à cabo e recebendo interessados que espontaneamente chegavam em seu perfil. Essa dinâmica, naturalmente, depende tanto do desenho da pesquisa quanto do desenho do aplicativo, enquanto uns dispõem os perfis quase como um catálogo aberto, outros utilizam a mesma lógica de *matches* do Tinder, ou seja, o contato só ocorre a *posteriori*, com o interesse mútuo.

Uma situação parece ser implicada na mudança do desenho da pesquisa, pelo menos em termos teóricos, já que o cenário sequer chegou a se concretizar: com a dinâmica de buscar *matches* há, provavelmente — e aqui a percepção é empírica —, uma menor chance de pessoas que estão no sigilo participarem da pesquisa. Isso pois além de precisarem ativamente se engajar no estudo, com o que seu perfil ficará reconhecido, ainda precisarão entregar outras informações pessoais. O desenho novo pula essa etapa do Tinder, dificultando qualquer associação entre recrutado respondente e perfil do Tinder, o que pode indicar menor desconforto e receio em participar da pesquisa.

Outro aspecto que certamente merecerá maior atenção é no planejamento e na realização das entrevistas. Ao analisar os dados constatou-se que algumas questões-chave poderiam ter sido feitas para alguns dos entrevistados, mas não foram, e alguns aspectos, geralmente relacionados ao estabelecimento de um laço, poderiam ter sido desenvolvidos de forma menos aprofundada, pois não aderiram à análise.

Ainda, verificou-se que, dado o exíguo tempo e dificuldades relacionadas com a necessidade de aprovação pelo Comitê de Ética, não foram feitas reintrevistas, que poderiam elucidar algumas questões.

A falta de preparação em pesquisa empírica é esperada em um contexto em que esse tipo de pesquisa não tem tanta valorização, não se costuma empreender muitos esforços no ensino superior para se pesquisar desta forma. Ao pesquisador, restam cursos livres, leitura de materiais, conversa com outros pesquisadores experientes, enfim, atividades de desbravamento que não raro podem ser comprometidas pela falta de tempo e recursos, característica de um mestrando.

Para finalizar, sobre as dificuldades, a saturação teórica ficou comprometida com a quantidade de dados coletados, a falta de tempo e recursos e a baixa adesão às entrevistas foram fatores primordiais para isto. Todavia, o resultado do trabalho não fica de todo comprometido, além de servir como inspiração para novas pesquisas do mesmo molde, a teoria emergente, fixada em termos preliminares, abre caminhos de reflexão que podem gerar novas discussões e fazer refletir sobre a participação das pessoas no processo de dar sentido ao conteúdo das normas de direitos humanos

## 5.2 ENTRE A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS E A TEORIA DOUTRINÁRIA

A construção das normas jurídicas tomou como parâmetro a orientação sexual hegemônica, o que implica que a concretização de direitos fundamentais atrelados à dignidade humana, como o são os direitos à privacidade e proteção de dados, é permitida apenas para aqueles destinatários da norma, os heterossexuais, à par, ainda, de recortes de gênero e classe social necessários. Nesse sentir, há inter-relação entre direito e sexualidade que se embasa em normas postas, no sentido Foucaultiano, se valendo de técnicas e saberes que situam às margens — anormalidade — as sexualidades discordantes e põem a heterossexualidade em um trono. (Araujo, 2018).

A pesquisa de Sheila Cavalcante dos Santos (2021), intitulada “*Tinder: uma etnografia sobre encontros, socialidades e experimentações de si*”, ressalta que os usuários de *apps* de relacionamento tendem a utilizá-los adotando posturas estratégicas e comerciais, que valorizem os atributos estéticos ou aspectos

materiais, os que estão relacionados com maior êxito no aplicativo. Todavia, estes *apps* também são o espaço da experimentação, onde múltiplas facetas do “próprio eu” podem despontar em um jogo contraditório de exibição e ocultação daquilo que não seja passível de resultar em um *match*. É esta dinâmica, ressalte-se, que se enquadra naquilo teorizado por Citron (2019), quando se refere à privacidade sexual.

Os Recrutados 1 e 2, por exemplo, adotam uma postura estratégica, preenchem o perfil na medida ideal para chamar a atenção, mas sem tantas informações que possam gerar desinteresse por superar certa camada do mistério sedutor, esse cuidado com as informações que disponibilizam em seu perfil não se vincula às preocupações com a privacidade ou proteção de dados, e sim por recear informar mais do que deveria e causar desinteresse das pessoas que usam o aplicativo, na hora do *match*.

Por sua vez, o recrutado 4 percebe que é necessário que os usuários tenham um perfil preenchido com foto de rosto ou mais informações, sobretudo para que se possa identificá-los como uma “*pessoa de verdade*”, sem isto, sequer tem iniciativa de conversar, o que reforça a importância de informar dados no contexto da plataforma. É dizer, aqueles que agem com cautela acabam tendo opções para dar *match* menos compatíveis, por conta da seleção do algoritmo, mas também têm uma redução nas interações proveitosas, pois pessoas que não os veem como alguém de verdade deixaram de dar *match* ou manter uma conversa.

Em sua dissertação Ramon Silva Costa (2020) explora a percepção das pessoas, aspecto geralmente deixado em plano secundário quando se fala em direitos fundamentais pela luz das teorias clássicas, e aponta como as formas com que aqueles que usam o aplicativo Grindr atribuem sentidos ao exercício de sua privacidade e liberdade colide frontalmente com a forma com que o próprio aplicativo trata esta questão em seus termos de uso. A categoria sigilo, para citar apenas um dos exemplos trazidos pelo pesquisador, se situa para além da não-interferência na esfera íntima, um dos significados dogmáticos clássicos para o direito à privacidade. O *sigilo* é um espaço de proteção da intimidade, mas também de demarcação de uma identidade no contexto da homosociabilidade do aplicativo (Costa, 2020).

Nas entrevistas conduzidas para a presente dissertação, o sigilo foi identificado tanto como uma atitude de discrição e de não-divulgação (*non disclosure*) da orientação sexual, por meio de receio, como por um local de performatividade de um fetiche ou desejo, onde o estar no sigilo representa um

padrão estético e comportamental para além da discrição, por exemplo, homens mais masculinizados, ativos, que vão para academia etc.

Sobre esta primeira vertente de significado, o sigilo se associa diretamente com “estar no armário”. Em sua obra *“Epistemology of the Closet”*, a teórica-crítica dedicada aos estudos *queer* e de gênero, Eve Kosofsky Sedgwick, traz reflexões importantes sobre o tema. Embora *estar no armário* ou *fora do armário* deveriam dizer respeito à forma como cada um decide tratar de sua orientação sexual e sexualidade perante os outros, acaba por explicitar uma dicotomia entre a exposição compulsória e proibida da sexualidade, esse núcleo privado da orientação sexual transita entre a interdição de uma autodeterminação, com a vedação para que se saia do armário, e a obrigação de sair do armário como um agir político necessário para que o grupo seja beneficiado, o armário não retorne seus cadeados e outros direitos não sejam violados (Sedgwick, 2007).

As razões para alguém se manter no armário giram em torno da homofobia ou preconceito<sup>24</sup> que se tem contra homossexuais, mas partindo daí as razões são capilarizadas e podem ser diversas, dentre elas as econômicas (medo de perder o emprego que possui, medo de ter sua carreira profissional comprometida etc.), religiosas (medo das consequências metafísicas, medo da segregação pelos pares religiosos etc.) e motivações sociais (medo de sofrer violência, medo de ser expulso de casa etc.). Para heterossexuais e a cultura da heteronorma compulsória, todavia, sua visibilidade e forma de viver a vida sexual passa despercebida, inerte, isenta de desvalores que poderiam afetar suas relações mais comezinhas, em outras palavras, quem goza de uma heterossexualidade não tem sua autodeterminação violada quando alguém o apresenta como tal (Sedgwick, 2007)<sup>25</sup>.

Essa epistemologia do armário explicita a forma como regulação da vida ocorre a depender da orientação sexual, e isso implica diretamente na forma como as relações sociais se desenvolvem, o que certamente também deve resvalar na

---

<sup>24</sup> Aqui difere-se homofobia e preconceito por sua carga semântica: enquanto a homofobia diz respeito ao extremo onde a aversão ao homossexual justifica violências graves, o preconceito diz respeito à ignorância que concebe desvalor a alguém, nas mais distintas extensões, simplesmente por sua orientação sexual diversa, ou seja, uma carga semântica menos agressiva e mais representativa da sociedade em geral.

<sup>25</sup> Aqui se faz um adendo importante. Existem os casos de homens heterossexuais, mas que têm características corporais, estéticas e comportamentais que estão associadas, pela sociedade, com homossexuais, assim, muito embora não haja para estes o mesmo peso que a pessoa gay vive ao sair do armário, ainda assim podem precisar a todo tempo reafirmar sua sexualidade por conta dessa passabilidade.

concretização de direitos fundamentais e pôr em perspectiva a própria noção de privacidade.

Sobre o tema, o Recrutado 2 referiu em sua entrevista que sofreu preconceito e discriminação por conta de sua orientação sexual, desvelada pelo seu comportamento, ainda que não tenha exposto que é homossexual. O Recrutado 1, por sua vez, que é militar, também indicou receios atinentes à descoberta de sua orientação sexual, muito embora se sinta um pouco seguro tendo em vista que conta em sua seção com outro colega gay — ou bicha, como prefere indicar —, casado com outro homem.

Quando questionados sobre o que entendiam por dados sensíveis, os recrutados apresentaram ponderações diversas, sendo que, em sua grande parte, havia dificuldade para conceituá-los ou identificá-los. Questionados, ainda, se há uma hierarquia ou ordem de importância entre um dado ou outro, a tendência foi de apontar dados de contato e documentais, como CPF como sensíveis, a despeito de, entre os entrevistados, existirem aqueles que citaram questão de saúde e sorotipia como dados de maior altura hierárquica.

Acerca desse outro aspecto, ficou assente que a conclusão sobre a sensibilidade ou não de um determinado dado foi averiguada observando-se as implicações contextuais que levem à sua descoberta ao invés de algum aspecto intrínseco ou conclusão apriorística.

Por fim, para o tópico privacidade, há quem entenda que pelo simples fato de estar em uma plataforma como o Tinder está renunciando à sua privacidade, não podendo questionar caso seus dados acabem sendo utilizados de forma distorcida por outros usuários da própria plataforma. Mas as posições foram, em geral, menos extremadas. Os entrevistados se fiaram nas noções de corresponsabilidade, autonomia e segurança quando tratavam de privacidade. Autonomia para indicar as informações que achar mais pertinente na plataforma, corresponsabilidade por eventual mau uso dessas informações (*se disponibilizou, partilha da culpa*) e segurança como vetor garantidor de surpresas desagradáveis, como vazamentos de dados ou uso indevido de informações pessoais.

Tendo em vista a teoria fundamentada nos dados que emergiu da análise, verifica-se algumas aproximações com as ideias doutrinárias, especialmente a noção de privacidade como direito de liberdade e escolha (*A privacidade é um atributo que permite a cada indivíduo escolher em que extensão pretende participar*),

mas, traz uma carga de responsabilidade maior ao indivíduo. Se, por um lado, a preocupação teórica tem se alinhado em um sentido paternalista, para a amostra o que exsurge é a noção de participação corresponsável.

Em certa medida pode-se atribuir isto à vontade que indivíduos têm de pertencer e de serem ouvidos ou considerados. A perspectiva paternalista, muito embora tenha sua importância em termos amplos, muitas vezes acaba por ofuscar aspectos que porventura sejam compartilhados entre muitos indivíduos.

Não se pretende imiscuir-se na esfera das discussões políticas, mas certo é que essa definição, se resultar viável para um maior grupo, pode colocar em perspectiva a necessidade de se desdobrarem outros questionamentos, como por exemplo, em que medida essa visão é apenas reforço das lógicas capitalistas e em que medida ela permite a construção cocriativa dos direitos humanos?

Para a primeira pergunta, há certo afastamento da visão atomizada do indivíduo que possa indicar que não é o caminho do individualismo que está presente nesta visão de privacidade. À segunda, por sua vez, pode-se indicar que é justamente a partilha das responsabilidades que justifica os processos e lutas históricas — se por um lado a visão paternalista traz a medida com menos espaço de agir, por outro, esta se afigura como um meio-termo. Cabe, agora, ponderar aquilo que seja o mais razoável sem perder de vista a falha do universalismo.

## 6. CONCLUSÃO

Esse estudo foi proposto dentro da área de concentração “Direito, Estado e Sociedade”, na linha de pesquisa: “Constitucionalismo, Democracia e Organização do Estado” da Universidade Federal de Santa Catarina, por tratar de pesquisa que relaciona direito e *práxis*, com amparo sociológico e que visava ponderar a medida em que se tem a concretização de direitos fundamentais quando o vetor orientação sexual é levado em conta.

O objetivo principal do trabalho foi o de analisar como um grupo de homens cisgêneros entende privacidade e proteção de dados pessoais ao usar o aplicativo Tinder, o fim desta análise era justamente compreender se homens com orientação sexual diferente da heteronormativa enfrentam maiores dificuldades ou restrições no exercício do seu direito à privacidade e proteção de dados especificamente neste aplicativo.

Tendo em vista o problema de pesquisa eleito e a hipótese proposta, nós verificamos que há relação entre a concretização do direito fundamental à privacidade e proteção de dados e a orientação sexual dos indivíduos que compuseram a amostra. As 50 respostas dadas aos questionários e a análise de 7 entrevistas foram essenciais para esse percurso. Com amparo nestes dados, foi possível realizar uma análise detida, elaborar categorias analíticas que pudessem trazer seus pontos mais relevantes de significado e, por fim, desenvolver premissas teóricas que permitiram a criação de uma teoria fundamentada nos dados representativa da amostra.

Para os homens heterossexuais, o uso do aplicativo se deu de forma muito mais despreocupada, vez que não se mostraram necessárias ponderações acerca dos riscos de uma exposição inautorizada ou o medo de ser descoberto e sofrer impactos em sua vida, como preconceito e abandono familiar. Quando as experiências de preconceito atravessavam corpos heterossexuais, eram sempre carregadas com a marca da homofobia. Um exemplo singelo foi quando um entrevistado teve um perfil criado com suas fotos, identificando-o como gay, ainda que ele seja heterossexual. Nos pareceu, pelo tom da entrevista, que o impacto que ele mais sofreu foi com uma vergonha de ser equiparado a uma pessoa gay do que por ter tido fotografias utilizadas indevidamente.

Já para os usuários homossexuais e bissexuais, percebemos que suas experiências e traumas prévios e a inserção em uma sociedade governada por regras heterocêntricas redundaram em um comportamento mais cauteloso quando se trata de exercício da privacidade e proteção de dados pessoais. Esse comportamento geralmente vem acompanhado de um sentimento negativo, como preocupação ou receio de ser descoberto — sobretudo pois isso pode trazer impactos diretos na vida dessas pessoas — e de certa autoconsciência, no sentido de se ponderar sempre sobre os impactos que informar dados tem.

A corresponsabilidade sobressaiu na análise feita, mas esse contexto exposto faz com que o *trade-off* de privacidade e dados pessoais para quem não é heterossexual seja muito mais desvantajoso e complexo, ou seja, é mais difícil gerenciar os limites da cautela e da responsabilidade no uso do aplicativo de relacionamento.

As premissas teóricas, de que o direito à privacidade é um direito de escolha e de liberdade e que os grupos sociais e indivíduos que compõem a sociedade carregam subjetividades que merecem atenção para a análise da concretização de direitos fundamentais, portanto, se mostraram adequadas no delineamento do problema proposto e no caminhar para validação da hipótese defendida e verificada.

Nesse contexto, a teoria fundamentada nos dados emergente nesse estudo tem caráter preliminar, servirá de partida para maiores aprofundamentos. No capítulo 2 da dissertação nos apresentamos de forma detida essa metodologia, utilizada para concretizar este estudo, e que poderá servir a outros pesquisadores com o fito de aprimorar as descobertas feitas até aqui, sobretudo com a intersecção de outros vetores, como raça e gênero, que poderão tornar a análise mais refinada e abrir novas frentes de discussão.

No capítulo 3, traçamos as bases teóricas que auxiliaram as análises e construção da teoria representativa da amostra. Observamos algumas aproximações da doutrina com a teoria emergente, mas inúmeras divergências e dificuldades conceituais. A privacidade, por exemplo, foi assunto de difícil conceituação, mas alguns aspectos doutrinários foram captados das entrevistas, como a ideia de intimidade e de autodeterminação informativa. Para proteção de dados pessoais, pudemos notar a mesma dificuldade em termos conceituais. Quando adentramos nos dados sensíveis, houve uma divergência frontal com o que se tem hoje de produção teórica, já que dados sensíveis são percebidos pelos participantes de uma

forma contextual e sem desvalor apriorístico que pudesse levá-los à uma topologia discriminatória, o que não ocorre já na definição doutrinária.

Também foi no capítulo 3 que atingimos os objetivos específicos, especialmente nos títulos 3.2 e 3.4, onde desponta o estudo que oportunizou a compreensão das relações de poder e sujeição e a relação entre o exercício de direitos sexuais e o exercício da privacidade e proteção de dados pessoais. Esse estudo tratou especialmente da necessidade de se expor para pertencer e de pertencer para poder gozar de uma plenitude de vida, o que foi contraposto com o próprio impacto que se expor tem para quem já vive às margens, situação capturada também nas entrevistas: receio da descoberta, preconceito e discriminação vieram à tona e sempre são levados em tona nesse jogo de corpos e relações.

No capítulo 4 foram feitas as análises centrais ao objetivo principal, com a aplicação da teoria fundamentada nos dados construtivista, indicamos alguns trechos de interesse das entrevistas e que colaboraram para elucidar cada um dos assuntos, separados por tópicos centrais. Após, costuramos a diversidade de percepções em uma categorização preliminar, que tomou corpo para a definição de premissas teóricas mais robustas e abstratas e, por fim, levou à construção da teoria fundamentada nos dados representativa da amostra.

O capítulo 5, por fim, serviu às ponderações. Foi inaugurado com título que trouxe algumas considerações acerca da metodologia utilizada e do desenho de pesquisa, com o fito de aprimorá-los e possibilitar que sobrevenham estudos similares a este com uma maior tranquilidade e menores desafios. O tempo exíguo, a falta de recursos financeiros, a inexperiência e o desenho da pesquisa, que precisou de ajustes, foram barreiras para se conseguir uma maior quantidade de dados e se alcançar a saturação teórica, característica da Teoria Fundamentada nos Dados. De toda sorte, foi possível aprender e validar o uso dessa ferramenta metodológica para realizar novas pesquisas empíricas em direito.

No título 5.2, por sua vez, foi feito contraponto entre a teoria doutrinária, com suas certezas teóricas, e a teoria fundamentada nos dados emergente, que veio das análises e observações e demonstrou uma dificuldade considerável para traçar conceitos adequados ao caso, encerrando o percurso desta dissertação com um pequeno primeiro passo no desbravamento do problema de pesquisa eleito e de todas as suas possibilidades.

O que ficou claro no curso desse processo de aprofundar e desbravar percepções sobre assuntos tão caros para o direito brasileiro, sobretudo pelo irremediável avanço tecnológico, é que é preciso reforçar ainda mais a pesquisa empírica como instrumento adequado para entender a realidade e, mais do que isso, é premente a necessidade de se fomentar produções doutrinárias que vão para além de um dogmatismo que está circunscrito às ideias universalistas de um homem médio que não representa o povo brasileiro e que afugenta de suas reflexões a realidade em sua multiplicidade de formas.

## REFERÊNCIAS

ALEXY, Robert. **Teoria dos Direitos Fundamentais**. 2. ed. Tradução de Virgílio Afonso da Silva. São Paulo: Malheiros Editores, 2014.

ALLEN, Anita L.; MACK, Erin. How privacy got its gender. **N. III. UL Rev.**, v. 10, p. 441 - 478, 1989. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/niulr10&div=24&id=&page=>. Acesso em: 25 jun. 2023.

ARAUJO, Dhyego Câmara de. Heteronormatividade jurídica e as identidades LGBTI sob suspeita. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 2, jun. 2018, p. 640-662. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/GjmSkWkq6Bh5BSSwnkzMsSp>. Acesso em 14 set. 2022.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida: diálogos com David Lyon**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIONI, Bruno Ricardo. **Proteção de dados pessoais: a função e os limites do consentimento**. Rio de Janeiro: Forense, 2019.

BLOUSTEIN, Edward J. Privacy as an aspect of human dignity: an answer to dean Prosser. **New York University Law Review**, v. 39, p. 962-1007, 1964.

BRASIL. **[Constituição (1824)]**. Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1824. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm). Acesso em: 5 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm). Acesso em 14 set. 2023.

BRASIL. **Anteprojeto constitucional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 185 (suplemento especial), p. 1-61, 26 set. 1986. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/constituante/AfonsoArinos.pdf>. Acesso em 14 set. 2023.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. 1. ed. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CÂMARA, Cristina. Pecado, doença e direitos: a atualidade da agenda política do grupo Triângulo Rosa. *In*: GREEN, J. N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (organizadores). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p 193 – 209.

CAMARGO, Gustavo Xavier. **Dados pessoais, vigilância e controle: Como proteger direitos fundamentais em um mundo dominado por plataformas digitais?** Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2021.

CAPUTO, Alice. Privatezza e socialità. Dall'angolatura del diritto penale. **Rev. Fac. Direito UFMG**, Belo Horizonte, n. 73, pp. 77-95, jul./dez. 2018.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**. Guia prático para análise qualitativa. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CITRON, Danielle Keats. Sexual privacy. **The Yale Law Journal**, vol. 128, n. 7, maio 2019, p. 1870 – 1960. Disponível em: [https://www.yalelawjournal.org/pdf/Citron\\_q8ew5jff.pdf](https://www.yalelawjournal.org/pdf/Citron_q8ew5jff.pdf). Acesso em: 5 set. 2023.

COSTA, Ramon Silva. **Entre taps e direitos: proteção de dados pessoais, privacidade e liberdade no aplicativo Grindr**. Dissertação (Mestrado em Direito e Inovação) — Faculdade de Direito, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 186 p., 2020. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/vie wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10462208](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/vie wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10462208). Acesso em 20 jun. 2022.

COSTA, Ramon Silva Costa; GAGLIARDI, Marília Papaléo; TORRES, Livia Pazianotto. Gender Identity, Personal Data and Social Networks: An analysis of the categorization of sensitive data from a queer critique. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, Vol. 14, n. 1, jan. – mar. 2023, p. 301-329. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/vP6ZWg997JMB9F7vNnjF8rG>. Acesso em 14 set. 2023.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de direito civil brasileiro**. Teoria geral do Direito Civil. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 2007, v. 1, p. 142.

DONEDA, Danilo Cesar Maganhoto. **Da privacidade à proteção de dados pessoais: Fundamentos da Lei Geral de Proteção de Dados**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2020.

FARIAS, Cristiano Chaves; ROSENVALD, Nelson. **Direito civil**. Teoria Geral. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 101-102.

FERRAZ JÚNIOR, T. S. Sigilo de dados: o direito à privacidade e os limites à função fiscalizadora do Estado. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, [S. l.], v. 88, p. 439-459, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67231>. Acesso em: 16 maio. 2023.

FICO, Bernardo de Souza Dantas; NOBREGA, Henrique Meng. The Brazilian Data Protection Law for LGBTQIA+ People: Gender identity and sexual orientation as sensitive personal data. Dossiê, **Rev. Direito Práx.** 13 (2), Abr./Jun. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/sjf8hNGcJs3v9L7kf8y6GLt/abstract/?lang=en>. Acesso em 8 jul. 2022.

FLORES, Joaquin Herrera. **A (re)invenção dos direitos humanos**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

FLORES, Joaquin Herrera. **Os direitos humanos no contexto da globalização:** três precisões conceituais. Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia, n. 16, p. 39-71, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: I. a vontade de saber.** 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 22. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In:* DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul; CARRERO, Vera Porto. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FURLANI, Jimena. Identidade de Gênero. *In:* SANTOS, Vera Márcia Marques et. al (organizadoras). **Dicionário de educação sexual, sexualidade, gênero e interseccionalidades.** 1. ed. Florianópolis: UDESC, 2019. p. 171 – 173

GAMA, Maria Clara Brito. O Movimento Homossexual Brasileiro na Assembleia Nacional Constituinte (1987/88). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH)**, Cuiabá, v.4 n.14, p. 82 – 108, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12155>. Acesso em 8 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grounded Theory:** strategies for qualitative research. Reprinted. New York: Aldine de Gruyter, 2006.

HÄBERLE, Peter; CAMAZANO, Joaquín Brage. **La garantía del contenido esencial de los derechos fundamentales en la Ley Fundamental de Bonn.** Madrid: Dykinson, 2003.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens:** uma breve história. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HILDEBRANDT, Mireille. **Smart Technologies and the End(s) of Law:** Novel entanglements of law and technology. Reino Unido: Edward Elgar Publishing, 2015.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil.** LeBooks Editora, 2019.

HOBBS, Thomas. **Os Elementos da Lei Natural e Política.** Tradução de Fernando D. Andrade. São Paulo: Ícone, 2002.

IGLESIAS, Daphnee. Nudging Privacy: Benefits and Limits of Persuading Human Behaviour Online. p. 49 – 59. *In:* BRANCO, Sérgio; TEFFÉ, Chiara de (organizadores). **Privacidade em perspectivas.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

KONDER, Nelson Carlos. Privacidade e corpo: convergências possíveis. **Pensar**, Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 354 - 400, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rpen/article/view/2696/pdf>. Acesso em: 5 set. 2023.

LÉVY, Pierre. *O Que é Virtual?* Rio: Editora 34, 1996.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. LeBooks Editora, 2018.

LOURENÇO, Joyce Louback. **Os conceitos de igualdade, cidadania e democracia nos discursos do campo popular ao longo da Assembleia Constituinte de 1987-1988**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, 239 p. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/15501>. Acesso em: 06 out. 2023.

MARWICK, Alice. E. **The private is political**. Networked privacy and social media. Estados Unidos: Yale University Press, 2023.

MENDES, Gilmar Ferreira; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. **Curso de Direito Constitucional**. 16. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2021.

MIGUEL, Luis Felipe; MEIRELES, Adriana Veloso. O fim da velha divisão? Público e privado na era da internet. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 33, n. 2, maio/ago. 2021, p. 311 – 329. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/176201/174990>. Acesso em: 5 set. 2023.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. 2009, n.21, p. 150-182.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. Tradução de Cássio de Arantes Leite e Débora Landsberg. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

OHCHR. **Universal Declaration of Human Rights**. 2019. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por> Acesso em: 5 set. 2023.

OLIVEIRA, Joana. **Gays, negros e indígenas já sentem nas ruas o medo de um governo Bolsonaro**. El País. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924\\_366363.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924_366363.html). Acesso em 5 set. 2023.

POSNER, Richard A. The Right of Privacy. **Georgia Law Review**, v. 12, p. 393, 1977.

PROSSER, William L. Privacy. **California Law Review**, vol. 48, n. 3, Ago., 1960, p. 383 – 423.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. *In*: GREEN, J. N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (organizadores). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 15-38.

- REALE, Miguel. **O Estado democrático de direito e o conflito das ideologias**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- ROBERTSON, David. **A dictionary of human rights**. 2nd ed. London and New York: Europa Publications, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social ou princípios do direito político**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011
- RODOTÀ, Stefano. **A vida na sociedade da vigilância**. Rio de Janeiro: Renovar, 2008.
- RODOTÀ, Stefano. **Intervista su privacy e libertà**. Roma/Bari: Laterza, 2005.
- ROHRMANN, Carlos Alberto. **Curso de Direito Virtual**. Belo Horizonte: Del Rey, 2005.
- ROSEN, Jeffrey. **The unwanted gaze: The destruction of privacy in America**. Vintage, 2011.
- RÖSSLER, Beate. **The value of privacy**. Cambridge: Polity, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Poderá o direito ser emancipatório? **Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, p. 3-76, mai. 2003.
- SCHWARTZ, Paul M.; PEIFER, Karl-Nikolaus. Prosser's "Privacy" and the German Right of Personality: Are Four Privacy Torts Better than One Unitary Concept?. **California Law Review**, p. 1925 - 1987, 2010.
- SARLET, Ingo Wolfgang; MARINONI, Luiz Guilherme; MITIDIERO, Daniel. **Curso de Direito Constitucional**. 7. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Dossiê: sexualidades dispartadas. **Caderno Pagu**, (28), Jun 2007.
- SIBILIA, Paula. **La intimidad como espectáculo**. 1ª. ed. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2008.
- SILVA, Virgílio Afonso da. **Direito Constitucional Brasileiro**. 1. Ed. 1. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.
- SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo**. 37ª Ed. São Paulo: Malheiros, 2014.
- SOLOVE, Daniel J. **Understanding Privacy**. England: Harvard University Press, 2008.
- WARREN, Samuel D.; BRANDEIS, Louis D. The right to privacy. **Harvard law review**, p. 193-220, 1890.
- WESTIN, Alan F. **Privacy and freedom**. New York: Athenum: 1967.

WESTIN, Alan F. Social and political dimensions of privacy. **Journal of social issues**, v. 59, n. 2, p. 431-453, 2003.

## **APÊNDICE A – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Análise da Percepção de um Grupo de Homens Cisgêneros Sobre a Privacidade e Proteção de Dados Pessoais no Tinder”, desenvolvida por Daniel Ivonesio Santos, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Professor Dr. Clarindo Epaminondas de Sá Neto e cujo objetivo central do estudo é analisar como um grupo de homens cisgêneros entende privacidade e proteção de dados pessoais ao usar o aplicativo Tinder. A pesquisa atende à todas as especificações da Resolução CNS nº 466/12.

Sua participação é voluntária e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como poderá deixar de participar a qualquer momento, sem que sofra qualquer tipo de penalidade, reprovação ou censura. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa e não receberá nenhuma compensação por participar.

A sua participação consistirá em responder um questionário, o que deve durar cerca de 20 minutos, e, se você tiver interesse, participar de uma entrevista para que eu possa entender com mais detalhes os pontos do questionário. A entrevista terá áudio e vídeo gravados e será agendada em horário compatível com o seu, devendo durar em torno de uma hora.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto, porém, o estudo poderá trazer informações importantes para avançarmos na compreensão teórica do que significam os direitos fundamentais à privacidade e proteção de dados pessoais, possibilitando a melhoria do processo de criação de leis em questões relacionadas ao tema. Você poderá ter a satisfação pessoal em auxiliar no desenvolvimento científico e proteção dos direitos humanos.

Como qualquer pesquisa que envolve seres humanos, há riscos e desconfortos possíveis. O risco que existe é de vazamento de dados e as consequências decorrentes dele, o que poderá implicar em violação de privacidade e proteção de dados, porém, este risco é baixo.

Os riscos de danos morais decorrem da própria possibilidade de vazamento de dados, apontado anteriormente. Em caso de vazamento de dados ou qualquer outra ocorrência prestarei o suporte necessário para que as consequências sejam atenuadas e você terá direito de pleitear indenização por isso, sempre que legalmente possível.

A participação na pesquisa poderá trazer desconfortos que decorrem da natureza do assunto tratado, pois serão feitas perguntas sobre sua vida sexual, afetiva e eventuais traumas ou experiências negativas sofridas no Tinder ou em sua vida, em decorrência do uso do Tinder, o que pode causar revitimização ou constrangimento.

Também existe o risco de que você se sinta exposto por ter dado *match* com um pesquisador da UFSC, porém, suas informações serão mantidas sob sigilo, desde o momento em que eu o vir no aplicativo em diante.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais para você e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e demais normativas aplicáveis, sendo que nenhum dos procedimentos oferece riscos à sua dignidade.

Você não terá riscos de danos materiais e estigmatização.

Para atenuar os riscos e desconfortos serão tomados os cuidados necessários para evitar que as perguntas avancem para além do desejado e você terá a liberdade de não responder à todas as perguntas ou desistir a qualquer momento. Também garantiremos a confidencialidade e a privacidade de suas informações em todas as etapas, desde o momento em que você foi visto no aplicativo Tinder em diante. Qualquer dado que possa identificá-lo será anonimizado e trocado por outro similar que não se relacione com você, e sempre que possível será omitido.

Os materiais coletados, como áudios e vídeos das entrevistas e respostas dos questionários, serão armazenados em local seguro, com utilização restrita apenas ao pesquisador principal e seu orientador. A conta do Tinder será excluída em 30 dias a contar do início da fase de recrutamento. Os vídeos serão deletados após a fase de análise dos dados. Os dados serão tratados, quando necessário, se valendo de *softwares* que são referências de mercado, sem histórico recente e importante de vazamento de dados pessoais e que estejam sob regência da Lei

Geral de Proteção de Dados Pessoais e/ou Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Serão tomados os cuidados necessários para evitar que as perguntas avancem para além do desejado, lembrando que você tem a liberdade de não responder às perguntas, especialmente as que te causem desconforto extremo ou revivam traumas ou gatilhos emocionais.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos. Se você tiver interesse poderá ter acesso ao resultado da pesquisa quando ela for incluída no repositório institucional da UFSC.

Você poderá pedir informações sobre a pesquisa e esclarecer dúvidas sempre que quiser, por meio do telefone e *e-mail* do pesquisador principal e, se necessário, por meio do telefone e *e-mail* do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Informações do pesquisador:

Nome: Daniel Ivonesio Santos

Telefone: (48) 3721-9410

Endereço: Centro de Ciências Jurídicas, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, 3º andar, sala 310, Carvoeira, Florianópolis/ SC, CEP: 88040-400

Informações do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos — CEPSH/UFSC:

Endereço: Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, no 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

Telefone: (48) 3721-6094

E-mail: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br).

O CEPSH/UFSC é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, tem o papel de avaliar e monitorar o

andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Se você concordar em participar do estudo enviarei no *e-mail* informado abaixo cópia do termo de consentimento assinada por mim, então, certifique-se que o *e-mail* esteja correto e guarde com você a cópia do termo que enviarei para você

Ao preencher o formulário e continuar você concorda em participar da pesquisa.

[Nome completo do participante, a ser preenchido pelo Google Forms]

[E-mail do participante, a ser preenchido pelo Google Forms]

Florianópolis, [data].

## APÊNDICE B – Questionário

\*. Você recebeu um código individual e aleatório para participar da pesquisa, informe o código abaixo exatamente como foi informado.

*[Resposta livre — critério de exclusão]*

[Texto do TCLE]

\*. Você leu, entendeu, tirou eventuais dúvidas e está de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *[critério de exclusão]*?

( ) Sim

( ) Não

### **Questões, propriamente:**

1. Qual sua idade? *[critério de exclusão]*

( ) Menos de 18 anos

( ) 18 a 20 anos

( ) 21 a 25 anos

( ) 26 a 30 anos

( ) 31 a 35 anos

( ) 36 a 40 anos

( ) 41 a 50 anos

( ) 51 a 60 anos

( ) 61 anos ou mais

2. Você reside atualmente na Região Metropolitana de Florianópolis (a região metropolitana é composta pelas seguintes cidades: *Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São José, São Pedro de Alcântara e Governador Celso Ramos*)? *[critério de exclusão]*

( ) Sim

( ) Não

3. Qual sua nacionalidade? *[critério de exclusão]*

( ) Brasileira

Outra

4. Qual é o nível mais alto de ensino que você concluiu ou está cursando? *[critério de exclusão]*

- Não concluí o ensino fundamental
- Ensino fundamental cursando
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio cursando
- Ensino médio completo
- Ensino técnico ou profissionalizante cursando
- Ensino técnico ou profissionalizante completo
- Graduação cursando
- Graduação completo
- Especialização cursando
- Especialização completo
- Mestrado cursando
- Mestrado completo
- Doutorado cursando
- Doutorado completo
- Outra

5. Com qual identidade de gênero você se identifica? *[critério de exclusão]*

- Masculina
- Feminina
- Outra

6. Ainda em relação à identidade de gênero, você se identifica como: *[critério de exclusão]*

- Cisgênero, ou seja, me reconheço no sexo biológico que me foi designado quando nasci
- Transgênero, ou seja, não me reconheço no sexo biológico que me foi designado quando nasci

7. Qual sua orientação sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- HSH
- Outra

8. Como você se identifica em relação à sua etnia/raça?

- Pessoa amarela
- Pessoa branca
- Pessoa indígena
- Pessoa negra
- Pessoa parda
- Outra

9. Atualmente você usa qual ou quais aplicativos de relacionamento abaixo: [questão de múltipla escolha]

- Badoo
- Bumble
- Dating
- Grindr
- Happn
- Hornet
- Inner Circle
- Scruff
- Tinder
- Outro

10. Durante toda a sua vida, qual ou quais aplicativos de relacionamento abaixo você já usou, inclusive os que continua utilizando atualmente: [questão de múltipla escolha]

- Badoo
- Bumble
- Dating
- Grindr

- Happn
- Hornet
- Inner Circle
- Scruff
- Tinder
- Outro

11. Há quanto tempo você usa aplicativos de relacionamento?

- Menos de um ano
- 1 a 2 anos
- 3 a 4 anos
- 5 a 6 anos
- 6 a 8 anos
- 9 anos ou mais

12. Há quanto tempo você usa o aplicativo Tinder?

- Menos de um ano
- 1 a 2 anos
- 3 a 4 anos
- 5 a 6 anos
- 6 a 8 anos
- 9 anos ou mais

13. Ao se cadastrar, você leu os termos de uso dos aplicativos que utiliza atualmente?

- Sim, de todos eles
- Apenas de parte deles
- Não, de nenhum deles

14. Para você, quão importante é ler os termos de uso de aplicativos? [Escala de 1 a 5]

- Nada importante
- Pouco importante
- Neutro

- Importante
- Muito importante

15. Ao se cadastrar, você leu as regras da comunidade dos aplicativos que utiliza atualmente?

- Sim, de todos eles
- Apenas de parte deles
- Não, de nenhum deles

16. Para você, quão importante é ler as regras da comunidade dos aplicativos?

[Escala de 1 a 5]

- Nada importante
- Pouco importante
- Neutro
- Importante
- Muito importante

17. Ao se cadastrar, você leu as políticas de privacidade dos aplicativos que utiliza atualmente?

- Sim, de todos eles
- Apenas de parte deles
- Não, de nenhum deles

18. Para você, quão importante é ler as políticas de privacidade dos aplicativos?

[Escala de 1 a 5]

- Nada importante
- Pouco importante
- Neutro
- Importante
- Muito importante

19. Você acredita que sua privacidade está preservada no/nos aplicativos que você utiliza atualmente?

- Sim, em todos eles

- Sim, mas apenas em parte deles
- Não, em nenhum deles

20. Quanto ao aplicativo Tinder, em uma escala de 1 a 5, quanto que você acredita que sua privacidade está preservada nele?

- Nada preservada
- Pouco preservada
- Neutra
- Preservada
- Muito preservada

21. Você já teve imagens utilizadas indevidamente por terceiros no aplicativo Tinder?

- Sim
- Não

22. Você já foi exposto à situação vexatória no aplicativo Tinder?

- Sim
- Não

23. Você já teve algum dado pessoal seu (telefone, *e-mail*, número e documentos, condições médicas ou sorológicas, comportamento sexual, etc.) exposto indevidamente no aplicativo Tinder?

- Sim
- Não

24. Você já foi “tirado do armário” por conta do uso do aplicativo Tinder? [questão apenas para os que não responderem “heterossexual” na questão 8]

- Sim
- Não

25. Você procurou suporte do Tinder quando aconteceu o vazamento de dados, uso indevido de imagem ou situação vexatória?

- Sim

( ) Não

26. Você procurou outro tipo de suporte (por exemplo: delegacia, judiciário, fóruns ou redes de apoio, etc.) quando aconteceu o vazamento de dados, uso indevido de imagem ou situação vexatória no aplicativo Tinder?

( ) Sim

( ) Não

27. Você já deixou de usar algum aplicativo de relacionamento por causa de receio quanto à privacidade?

( ) Sim

( ) Não

28. Você já deixou de usar algum aplicativo de relacionamento por causa de receio quanto à segurança de suas informações pessoais e dados?

( ) Sim

( ) Não

28. Analise as afirmativas abaixo selecionando o nível de importância para cada uma delas:

	Nada importante	Pouco importante	Neutro	Importante	Muito importante
Ter poder de escolher com quem compartilho meus dados pessoais					
Ter poder de escolher quem pode saber minha orientação sexual					
Ter poder de escolher quem pode saber minhas preferências de parceria					
Ter poder de escolher quem pode ver o meu rosto					
Ter poder de escolher quem					

pode ver o meu corpo que não está nu					
Ter poder de escolher quem pode ver o meu corpo nu					
Ter poder de ficar no sigilo					
Ter poder de modificar/retificar minhas informações pessoais					
Não ter meus dados pessoais utilizados para marketing sem minha autorização					

29. Você gostaria de ser entrevistado por videoconferência para colaborar com a pesquisa e elucidar melhor sua percepção acerca da privacidade e proteção de dados no aplicativo Tinder?

( ) Sim

( ) Não

## APÊNDICE C – Roteiro preliminar de entrevista semiestruturada

[Ratificação do TCLE]

\*. Gostaria de ratificar seu aceite, dado no preenchimento do questionário, para a continuidade da pesquisa. Você leu, entendeu, tirou eventuais dúvidas e está de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [*Se necessário serão feitos esclarecimentos ao participante*]?

( ) Sim

( ) Não

\*. Gostaria de lembrar que essa entrevista será gravada, com a captação de sua imagem e som, sendo resguardada a confidencialidade e sigilo seus. Você poderá optar por não responder qualquer questão que possa te causar constrangimento ou mesmo poderá desistir de participar da pesquisa, sem necessidade de apresentar qualquer justificativa, e sendo que você não sofrerá qualquer tipo de prejuízo por conta disso e que seus dados coletados até aqui serão imediatamente excluídos.

1. Conte-me como é o seu uso do aplicativo Tinder, qual frequência de uso, como você desenrola as conversas e *matches*, etc.

2. Qual a sua percepção sobre a segurança no uso do aplicativo Tinder?

3. Você tem alguma preocupação em relação à segurança no uso do aplicativo Tinder?

4. Qual a sua percepção sobre a privacidade no uso do aplicativo Tinder?

5. Você tem alguma preocupação em relação à privacidade do aplicativo Tinder? Por quê?

6. Você tem alguma preocupação em relação a ser colocado para fora do armário no aplicativo Tinder? Por quê?

7. Por usar o aplicativo Tinder você já foi descoberto em outras redes sociais ou identificado fora da internet?
8. Como foi essa situação?
9. Como você se sentiu?
10. Você tem medo de ser descoberto por usar o aplicativo? Por quê?
11. O que você faz para não ser descoberto?
12. Você acredita que se informar os seus dados pessoais você pode ser descoberto por alguém?
13. Você já foi discriminado por sua orientação sexual?
14. O que você entende por privacidade?
15. O que você entende por dados pessoais?
16. O que você entende por dados pessoais sensíveis?

## APÊNDICE D – Fotografia e descrição do perfil

Oi, sou Bruno, Mestrando em Direito da UFSC.

Quero convidar você para participar de uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da UFSC que busca compreender a percepção de um grupo de homens cisgêneros sobre privacidade e proteção de dados pessoais no Tinder.

Você responderá um questionário e poderá ser entrevistado.

A confidencialidade e privacidade serão garantidas, a participação é voluntária e sem qualquer custo.

Busco participantes brasileiros, com pelo menos o ensino médio incompleto e que seja cisgênero, ou seja, se identifique com o sexo que nasceu.

Tem dúvidas? Fale pelo chat!



**Bruno** 30

📍 Mestrando e pesquisador em UFSC  
 🎓 Universidade federal de Santa Catarina  
 🏠 Mora em/no Florianópolis  
 📍 a menos de um quilômetro de distância

### Sobre mim

Oi, sou Bruno, Mestrando em Direito da UFSC.



**Bruno** 30

📍 Mestrando e pesquisador em UFSC  
 🎓 Universidade federal de Santa Catarina  
 🏠 Mora em/no Florianópolis  
 📍 a menos de um quilômetro de distância

### Sobre mim

Oi, sou Bruno, Mestrando em Direito da UFSC.

Quero te convidar pra uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da UFSC que busca entender a percepção de homens cisgêneros sobre privacidade e proteção de dados pessoais no Tinder. Você responderá um questionário e poderá ser entrevistado.

A confidencialidade será garantida, a participação é voluntária e sem custo.

Busco participantes brasileiros, com pelo menos o ensino médio incompleto e cisgêneros.

## APÊNDICE E – Textos padrão

### 1. Texto introdutório:

Oi, sou Bruno, Mestrando em Direito da UFSC.

Que bom que demos *match*. Quero convidar você para participar de uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da UFSC e custeada com fundos do Programa UNIEDU/Fumdes Pós-graduação que busca compreender a percepção de um grupo de homens cisgêneros sobre privacidade e proteção de dados pessoais no Tinder.

Nessa pesquisa você responderá um questionário e, se tiver interesse, poderá ser entrevistado posteriormente. Não devo tomar muito tempo seu, cerca de 20 minutos para o questionário e uma hora para a entrevista.

Todas as informações são confidenciais e sua privacidade será garantida. Qualquer dado que possa te identificar será tratado para anonimização, ou seja, remover as referências que possam levar até você, considerando as tecnologias atuais. Caso você tenha dado *match* incorretamente, se arrependeu de ter dado *match* ou sente que sua orientação sexual pode estar sendo exposta para quem você não gostaria, peço que fique tranquilo, essas informações estão resguardadas pelo sigilo e nenhum dado seu é salvo, cadastrado ou planilhado por mim até que você preencha o questionário e aceite participar da pesquisa. Caso você opte por participar da pesquisa e depois desista todos os dados seus são imediatamente removidos.

Eu busco participantes brasileiros, com pelo menos o ensino médio incompleto e que seja cisgênero, ou seja, se identifique com o sexo que nasceu.

Você gostaria de participar dessa pesquisa? Você não terá nenhum custo e contribuirá para o avanço da ciência e compreensão dos direitos fundamentais.

### 2. Texto após aceite:

Que bom que você quer participar.

Para prosseguir você preencherá o questionário que se encontra no seguinte *link*: [LINK PARA O GOOGLE FORMS], é necessário que você leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com atenção e tire todas suas dúvidas comigo, por aqui, antes de continuar a responder o questionário.

Após ter compreendido os termos e ter esclarecido suas dúvidas você precisará preencher o formulário com seu *e-mail* e o seguinte código [CÓDIGO RANDÔMICO PESSOAL].

Ao final, caso você opte por participar da entrevista, você poderá informar, e enviarei um *e-mail* para agendarmos uma data que fique melhor para você.

**3. Texto se não aceitar:**

Agradeço seu interesse e colaboração até aqui. Caso mude de ideia ou tenha outras dúvidas, entre em contato pelo chat. Essa conta ficará ativa até o dia [DATA, CONFORME PRAZO DE RECRUTAMENTO]. Obrigado!

## **APÊNDICE F – Blocos padrão de resposta**

### **Pergunta: onde está sendo feita essa pesquisa?**

A pesquisa está sendo conduzida virtualmente, mas está vinculada ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.

### **Pergunta: vou receber algo para participar da pesquisa?**

A pesquisa é totalmente voluntária, portanto, você não receberá nada para participar dela, todavia, ao participar poderá auxiliar com o fortalecimento da Ciência no Brasil.

### **Pergunta: vou precisar pagar algo ou ter algum gasto para participar da pesquisa?**

Você não terá nenhum custo. Apenas tomarei um pouco de seu tempo para que você responda ao questionário (aproximadamente 20 minutos) e, após, se você quiser, para que você seja entrevistado (aproximadamente uma hora). O questionário poderá ser respondido em qualquer momento do dia, quando for mais conveniente para você. A entrevista será agendada com você, e tentarei ao máximo definir um horário que seja viável e que não dificulte sua rotina e compromissos.

### **Pergunta: se eu mudar de ideia, posso deixar de participar da pesquisa?**

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como poderá deixar de participar a qualquer momento, sem que seja penalizado de qualquer forma caso decida não consentir com sua participação, ou desista da mesma. Você poderá optar por apenas responder ao questionário, sem passar por entrevista. Contudo, sua participação é muito importante para a execução da pesquisa e serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas por você.

### **Pergunta: se eu tiver alguma dúvida após minha participação, como posso esclarecê-la?**

Você poderá pedir informações sobre a pesquisa e esclarecer dúvidas sempre que quiser, por meio do telefone e *e-mail* do pesquisador principal do projeto ([email@email.com](mailto:email@email.com)) e, se necessário por meio do telefone e *e-mail* do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, telefone: (48) 3721-6094 e *e-mail*: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br).

**Pergunta: Qual o objetivo da pesquisa?**

O objetivo central do estudo é compreender a percepção de um grupo de homens cisgêneros sobre a privacidade e proteção de dados pessoais no aplicativo de relacionamentos Tinder,

**Pergunta: Como posso participar da pesquisa?**

A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário formulado no Google Forms e, se você tiver interesse, participar de uma entrevista com o pesquisador do projeto, para que se possa elucidar em mais detalhes os pontos do questionário. A entrevista terá áudio e vídeo gravados e ocorrerá pelo Google Meet, mediante agendamento pelo pesquisador, em horário que seja compatível com o seu. A autorização de gravação de áudio e vídeo com sua imagem e voz é obrigatória para participar da entrevista. Apenas serão entrevistados aqueles que responderem o questionário.

**Pergunta: Quanto tempo vai me tomar participar da pesquisa?**

O tempo de duração para preenchimento do questionário é de aproximadamente 20 minutos, a entrevista, por sua vez, terá tempo aproximado de uma hora, podendo variar para mais ou para menos.

**Pergunta: Como minhas informações da entrevista serão armazenadas?**

As entrevistas serão gravadas em vídeo, depois convertidas em áudio e transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12, com exceção do vídeo, que será imediatamente apagado após a análise dos dados.

**Pergunta: Vou ter algum benefício em participar dessa pesquisa?**

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes para que haja avanços para a compreensão teórica do que significam os direitos fundamentais à privacidade e proteção de dados pessoais de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa servir para melhoria do processo de criação de leis em questões relacionadas ao tema. Indiretamente, como benefício, você poderá ter a satisfação pessoal em poder colaborar com o desenvolvimento científico em questão que se relaciona com debates que tocam a vida de grupos sexuais marginalizados, particularmente os homossexuais e bissexuais.

**Pergunta: Terei algum risco em participar dessa pesquisa?**

Como qualquer pesquisa que envolve seres humanos há riscos e desconfortos possíveis. O risco que existe é de vazamento de dados e as consequências decorrentes dele, o que poderá implicar em violação de privacidade e proteção de dados, porém, este é um risco baixo. Para atenuar ainda mais a probabilidade de ocorrência de vazamento de dados serão adotadas as seguintes medidas.

1. Será criado um repositório no Google Drive com um *e-mail* específico para a pesquisa, que não será compartilhado publicamente;
2. O acesso ao *e-mail* criado será feito apenas pelo pesquisador responsável, sem que se mantenha conexão contínua na conta de *e-mail*;
3. Os vídeos da entrevista serão excluídos após o processo de análise;
4. Os vídeos não serão submetidos a plataformas ou *softwares* que impliquem tratamento *online*;
5. A conta do *app* Tinder utilizada para encontrar interessados em participar da pesquisa será removida tão logo esgotada a fase de recrutamento (30 dias a contar do início da pesquisa);
6. Para tratamento dos dados serão utilizados apenas *softwares* de empresas reconhecidas e referência em seu mercado de atuação e que respeitam as Leis Gerais de Proteção de Dados Pessoais e/ou Regulamento Geral de Proteção de Dados e que não tenham histórico recente e importante de vazamento de dados pessoais;

Você não terá riscos de danos materiais e os riscos de danos morais decorrem da própria possibilidade de vazamento de dados, apontada anteriormente. Em caso de vazamento de dados ou qualquer outra ocorrência o pesquisador prestará o suporte necessário para que as consequências sejam atenuadas.

Também existe o risco de que você se sinta exposto por ter dado *match* com um pesquisador da UFSC, porém, suas informações serão mantidas sob sigilo, desde o momento em que eu o vir no aplicativo em diante.

A participação na pesquisa traz desconfortos toleráveis, que decorrem da natureza do assunto tratado. Serão feitas perguntas que envolvem questões afeitas à vida sexual, afetiva e eventuais traumas ou experiências negativas sofridas na plataforma ou em sua vida, em decorrência do uso dela, o que pode causar revitimização ou constrangimento. Serão tomados os cuidados necessários para evitar que as perguntas avancem para além do desejado, lembrando que você tem a liberdade de não responder às perguntas, especialmente as que te causem desconforto extremo ou revivam traumas ou gatilhos emocionais.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais para você e os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e demais normativas aplicáveis, sendo que nenhum dos procedimentos adotados oferece riscos à sua dignidade.

O resultado da pesquisa, por fim, não implica em risco de estigmatização.

**Pergunta: Que cuidados serão tomados para amenizar os riscos e desconfortos?**

Como formas de atenuar os riscos e desconfortos da pesquisa será garantido o sigilo e a confidencialidade em relação às respostas, as quais serão utilizadas unicamente para fins científicos. Seu nome e demais informações que possam te identificar serão modificados por outros nomes ou informações fictícias ou, quando possível, omitidos. É importante que você busque um local tranquilo e privado para participar da entrevista. Garantirei uma abordagem humanizada e escuta atenta e acolhedora, de forma que as informações coletadas sejam unicamente aquelas essenciais para a compreensão do contexto de uso do aplicativo Tinder e as diretamente relacionadas ao objeto da pesquisa. Respeitarei suas crenças, visões de mundo e valores, de forma que não interferirei nem opinará sobre os aspectos da sua vida pessoal.

Você poderá desistir a qualquer tempo da participação da pesquisa, sem que isso implique em qualquer prejuízo para si, ou poderá optar por não responder questões constrangedoras, bem como será garantido que nenhuma informação

prestada será utilizada de forma a estigmatizá-lo ou estigmatizar o grupo ao qual você pertence e nem será utilizada de forma desfavorável em qualquer relação porventura desenvolvida com a universidade ou fora dela.

Acerca do risco de vazamento de dados pessoais, foram escolhidas plataformas e softwares de empresas de grande porte, referências em seus mercados, com elevado investimento em pesquisa, desenvolvimento e tecnologia e que adotam padrões internacionais para os cuidados com privacidade e proteção de dados,

**Pergunta: Que cuidados serão tomados para amenizar os riscos de vazamento?**

Para evitar riscos de vazamento de dados qualquer dado que possa identificá-lo será anonimizado — ou seja, removida a possibilidade de que ele identifique você considerando o esforço necessário e a tecnologia da época da anonimização — ou omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e na disponibilização dos dados em repositórios, publicações ou outras atividades, sempre com a finalidade científica.; todo material coletado, como áudios e vídeos das entrevistas e respostas dos questionários, será armazenado em local seguro, com utilização restrita apenas ao pesquisador principal e seu orientador, e será tratado, quando necessário, se valendo de *softwares* que são referências de mercado, sem histórico recente e importante de vazamento de dados pessoais e que estão sob regência da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais e/ou Regulamento Geral de Proteção de Dados.

**Pergunta: Posso ter acesso resultado da pesquisa?**

Claro! Se você tiver interesse poderá ter acesso ao resultado da pesquisa, que será divulgado na versão final da dissertação a ser defendida perante o Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Após o depósito e inclusão no repositório institucional da universidade o *link* de acesso poderá ser enviado para você por *e-mail*, caso você tenha manifestado interesse. Os resultados também poderão ser divulgados em palestras, oficinas, resumos ou artigos científicos que poderão ser compartilhados com você caso você tenha interesse.

## APÊNDICE G – Transcrição da entrevista do Recrutado 1

Pesquisador (00:00)

Bom dia, entrevista do dia 26 de abril de 2023 às 9h30. Obrigado pela sua presença. Eu vou iniciar essa entrevista passando alguns pontos importantes. Eu gostaria primeiro de ratificar o teu aceite que foi dado quando você participou ali, preencheu o questionário para continuar a pesquisa, o aceite é o termo de consentimento livre esclarecido. Você leu, você entendeu, você tirou todas as dúvidas que tinha, e está de acordo com esse termo de consentimento livre esclarecido?

Recrutado (00:42)

Sim.

Pesquisador (00:44)

Gostaria de lembrar que essa entrevista vai ser gravada, então vai ter a captação da sua imagem e do seu som, sendo que está resguardada a confidencialidade e o sigilo seus. Você pode optar por não responder qualquer questão que eu fizer que possa te causar qualquer tipo de constrangimento, ou pode desistir de participar da pesquisa sem qualquer necessidade de apresentar justificativa, e você não vai sofrer nenhum tipo de prejuízo por essa desistência. Os dados coletados até a eventual desistência vão ser imediatamente excluídos. O objetivo dessa entrevista é justamente compreender as respostas que você já deu no questionário e tentar aprofundar um pouco mais esse tema da privacidade e da proteção de dados pessoais, que é o tema da minha pesquisa de mestrado. Aqui nesse momento não existem respostas que são certas nem respostas que são erradas. A minha ideia é justamente buscar a tua percepção. Se você não sabe responder, pode dizer que não sabe, se você não compreender, pode me questionar quantas vezes forem necessárias para eu entender a questão. O importante é que você seja o máximo possível, o mais descritivo possível, porque isso vai ajudar na hora de fazer as análises.

Recrutado (01:59)

Uhum.

Pesquisador (01:59)

Se você for muito objetivo e muito focado, sim ou não, acaba dificultando porque eu não vou ter material para entender a tua percepção sobre o assunto.

Recrutado (02:10)

Uhum

Pesquisador (02:11)

Então, só gostaria de ratificar mais uma vez o termo de consentimento tendo em lista a gravação de áudio e vídeo. Você está de acordo com isso?

Recrutado (02:20)

Sim.

Pesquisador (02:21)

Eu vou começar essa entrevista, então, tentando entender a sua percepção sobre a sua orientação sexual. Aqui no questionário você respondeu que você é... Deixa eu só abrir aqui. Eu abri o... Eu abri o do outro participante, só um segundo. Hoje é o dia 26. Eu apertei no dia 27. Estava no participante errado. Tá, agora tá melhor. Você disse que você é bissexual no seu questionário, certo?

Recrutado (02:56)

Sim.

Pesquisador (02:57)

Eu gostaria que você me dissesse como que foi esse processo de se reconhecer como bissexual na sua vida? E como que é hoje essa orientação sexual para você? Se você enfrenta algum tipo de desafio, alguma questão, enfim...

Recrutado (03:16)

Olha, basicamente isso começou, obviamente, lá na infância, né? Quando a gente começa a perceber "Ah, isso é uma brincadeira de menino, isso é uma brincadeira de menina". Ou aquelas brincadeiras de criança, por exemplo, "ah, fulano é minha namorada" ou "fulano é meu namorado" e tudo mais. E a partir do momento que eu,

enquanto criança, estava nessa questão entre o que pode, o que não pode, o que pela sociedade é considerado certo ou errado, tinha muito essa questão de "ah, mas você não pode falar isso". "Não, você tem que escolher o azul, você não pode escolher o outro". Só que é como se essas duas vertentes viessem ao mesmo tempo e eu conseguisse, de certa forma, por exemplo, sei lá, tenho azul e tenho rosa. Então é como se eu conseguisse alternar entre essas duas coisas. Até de uma maneira sutil. Então isso começou lá na infância, mas isso também veio se perpetuando na adolescência, né, e daí quando chegou na adolescência foi aquele boom. Era o hormônio até o último fio do cabelo e quer pegar meio mundo, quando ver não quer pegar ninguém, aí começa a se comparar, se compara com ele, se compara com elas e aí tu fica naquele limite. E a partir do momento que a pessoa. A pessoa, digo eu, foi construindo as relações com as pessoas, vai ficar, vai namorar com a pessoa. Muitas vezes isso causava estranhamento, porque... "Tá, o Recrutado 1 tá ficando com a fulana". "Tá, mas ele não era gay". Tipo, "Como assim o Recrutado 1 tava ficando com a gurria, mas ele não era hétero?" Houve uma outra questão que é muito engraçada, que o pessoal diz assim, "Ah, eu não vou ficar com o Recrutado 1 porque ele é bi". Ou "ah, eu não vou ficar com a fulana, não vai ficar com ele porque ele também pega homem", como se isso fosse um crime. E essas questões que foram aparecendo na adolescência, elas também se refletem muito na fase adulta também, que é uma fase bem cruel com isso, né. Por exemplo, teve uma época assim que... Quando é que foi isso? Foi ano passado? Um exemplo bem simples. No ano passado, por exemplo, eu tinha ido no cabaré, eu e um amigo meu, a gente tava curtindo muito a festa, dançando que nem parecia uns louco naquela festa. E aí, por exemplo, a gente ficou naquela festa, eu e esse meu amigo, e daí a gente ficou com gurria, e depois as gurias, tipo, elas falaram assim pra gente "A gente não entende, não consegue entender isso" E daí eu só olhei pra ela e disse assim "Deixa acontecer" E daí ela falou assim "Ah, mas é que eu não sei se eu tô pronta pra isso". Sabe? Então, esse processo assim, eu acho que ao longo do tempo também, para eu não me intoxicar com isso, eu acho que é uma questão que ao longo do tempo tem que saber filtrar... Pra esse tipo de comentário não colocar a gente para baixo, sabe? Porque parece que tu... Ou tu quer fazer tudo e acaba não fazendo nada, ou parece que tu é impotente, ou parece que as outras pessoas também podem ter aquela impressão que "olha só como ele quer vender uma imagem, como ele é fodástico". Então, são muitas variantes que vêm disso.

Pesquisador (06:54)

Aham. Quando tu tava na tua adolescência, que começou esse processo de sair com outras pessoas e tal, já era uma situação que pra ti foi fácil de lidar, no sentido de "bom, vou experimentar", ou foi uma coisa, assim, acontecendo de forma mais discreta, é... por conta de pressão social, porque tem essa coisa, né? "Ah, não, tem que ser hétero, né?" Heteronormatividade compulsória, né? Que a gente chama. Ou você conseguiu lidar isso de uma forma tranquila e claro, sempre atravessado por essas questões que você me falou, né? De sendo questionado, mas, vou botar aqui entre aspas "sair do armário para essa bissexualidade foi tranquilo para você? Como que foi esse processo de sair do armário, especificamente, para a bissexualidade?"

Recrutado (07:44)

Eu acho, assim, que foi um pouquinho de cada coisa do que você disse antes. Mas tem muito dessa questão, assim, de acontecer... De talvez fazer de uma forma sutil. Só que na adolescência, como os hormônios estão a flor da pele, eu lembro que teve, agora tu me fez lembrar disso, era uma coisa que eu tinha esquecido, que isso me fez... Teve uma época, meados de 2007, assim que eu... Quando eu cheguei no auge da adolescência, o negócio parece que explodiu, sabe? Então é um... É como se esse instinto viesse à tona, né? Não sei se o nome disso é instinto, vou usar essa palavra. É como se isso simplesmente viesse e vai permanecer, sabe? Chegou um momento que isso estourou e é como se eu não controlasse, né? Como eu consigo controlar hoje, né? Não digo nem controlar, mas deixar acontecer as coisas de uma forma natural.

Pesquisador (08:33)

Você chegou a sofrer algum tipo de preconceito por parte da sua família, nesse período?

Recrutado (08:33)

Não digo preconceito, mas um estranhamento, sabe. Tipo assim, "tá, mas tu não tava ficando com mulher? O que é isso?" Ou eles dizem assim, "tá, mas mudou agora?" Daí então, pros pais, assim, que vêm de uma cidade de interior, de uma

realidade mais fechada, isso causa um estranhamento, né? Porque isso não era comum na vida deles, né?

Recrutado (09:07)

Mas sempre tem a ovelhinha negra, né, pra quebrar os paradigmas.

Pesquisador (09:16)

Sobre... Deixa eu ver aqui. Como que você enxerga a necessidade de aceitação dessa sua bissexualidade por outras pessoas? Pelos seus amigos, pelos seus familiares, pela sociedade em geral?

Recrutado (09:37)

Olha, de uma maneira crua, isso é muito mal-visto. Porque parece que isso faz de... Parece que isso faz de mim uma pessoa polêmica, né? Parece, assim, tipo que... Eu via muito, assim, que até os professores falavam assim... "Ah, ele só tá querendo causar, ele só tá querendo chamar atenção", sabe? Mas isso... E eu até... E eu acho que, de tantas pessoas falarem isso, parecia que eu tava tomando isso como "bah, realmente, tipo, ah, eu só quero parecer". Porque de tanto falar, parece que isso reforça e a gente vai tomando isso como verdade, né? Então, até desconstruir isso é um processo que leva tempo, mas... ó, esqueci a pergunta. Deu branco.

Pesquisador (10:23)

É... como que você enxerga essa necessidade de aceitação da bissexualidade no seu entorno? Pelos seus amigos, pela sua família, pela sua própria sociedade?

Recrutado (10:34)

[inaudível] E como esse processo, ele levou tempo das pessoas ficarem assim, tipo "Ah, ele só quer chamar atenção, ele só quer aparecer, porque não sei o quê...". Eu acho que isso, conforme as coisas foram acontecendo, e eu também me permiti, porque tem mais esse fator que ele é, eu acho que foi determinante, sabe? Porque isso é algo assim que eu vejo, por exemplo, assim, eu tive muitos amigos assim na adolescência e eles já seguiram dentro, quiseram seguir aquela normatividade, né? Eles têm a minha idade, eles chegaram nos 30 anos e eles estão se divorciando da mulherada e estão procurando outros homens, sabe? Então assim, eu acho que...

Pensa só, olha o quanto de vida foi perdido, sabe? E daí eu fico pensando, "Puxa, vida ainda bem que eu me permitia certas coisas", sabe? Então, eu acho que também a sociedade, ela... eu não digo que ela entende, mas eu acho que ela está começando a perceber, embora ela seja relutante, que isso é fato, e as pessoas, elas são o que são, né? Não tem como elas querem mudar... Não é nem livre-arbítrio, né? Mas o que a pessoa realmente é, uma essência dela.

Pesquisador (12:14)

Você disse agora que, vou botar entre aspas o que você falou: "eu me permiti...", e daí você fez a comparação com outros amigos, que só depois dos 30, enfim, que acabaram descobrindo essa faceta, ou se permitindo essa nova faceta da sua orientação sexual. É... Teve algum momento que você vê como um ponto de virada, onde você passou a se permitir ou foi uma coisa assim que meio que desde sempre você já foi se permitindo? Como os seus amigos tiveram esse ponto de virada? Chegou aos 30 anos alguma coisa aconteceu na vida deles, ou um processo inteiro levou para que eles tomassem essa decisão de "não, agora eu vou... Tive um relacionamento por tanto tempo até aqui, talvez não me trouxe a felicidade que eu vi, que eu gostaria" ou enfim, qualquer fundamento que eles tenham. E aí eles se permitiram posteriormente. Pra ti teve esse processo também de virada?

Recrutado (12:59)

Olha, no meu caso em particular tem um fator, assim, que eu acho... Não sei se isso é de pequeno ou se aconteceu alguma coisa, eu não sei. Mas eu tenho a sexualidade muito... Não é a sexualidade. Eu tenho o estímulo sexual muito forte, sabe? Então, assim, por exemplo, essa coisa de descobrir o corpo, aquela história do guri que se tranca no banheiro e fica lá se analisando por horas. Eu tive essa fase muito cedo, sabe? Então, desde aquela época eu já sabia, eu já sentia em mim que eu tinha, tipo, essa dupla preferência. Mas eu acho, assim, que essa virada de chaves, assim, tipo... De eu entender que eram essas duas coisas, foi quando eu tava lá no sexto ano, sexto ou sétimo ano. Então eu era bem novinho já.

Pesquisador (13:51)

Alguma coisa em específico nessa fase, no sexto, sétimo ano, que fez você ter essa virada, que você consiga se lembrar?

Recrutado (13:59)

Não consigo lembrar se foi alguma coisa, assim, mas eu lembro de me sentir assim nessa época, sabe?

Pesquisador (14:14)

Uhum, entendi. Tá. Para você, o que é... o que que é ficar no sigilo?

Recrutado (14:42)

[risos] ficar no sigilo é aquela pessoa que ela tem, por exemplo, a intenção de ficar com outra pessoa, aí tem que ver antes, né, mas ou ela pode estar num relacionamento com outra pessoa e não quer que ninguém saiba, né? Porque, por exemplo, esse relacionamento ele pode estar em crise ou por ele não está sendo satisfeito sexualmente ou às vezes até carinhosamente, de certa forma. Ou a pessoa, tipo, essa questão de... Questão, credo, que horror, tô parecendo o Bolsonaro. Essa questão... Não, e olha onde é que eu tô, né? Enfim, a hipocrisia. Mas essa questão de ele ficar no sigilo, ele ou ela, acho que muitas vezes envolve também aquela questão de "ah, eu..." que é o não se permitir, né? E aquela coisa assim, tipo, "ah, eu tô com vontade, mas aí, não conta pra minha esposa". Tipo isso, sabe? Ou vice-versa.

Pesquisador (15:29)

Você acha que quando eu falo em ficar no sigilo tem necessariamente a ver com a orientação sexual? Eu estou falando obrigatoriamente de orientação sexual? Ou eu estou falando dessa... Me dei como... Mais ou menos como você disse? Me deixar de uma forma discreta o suficiente para que os outros não saibam o que eu estou fazendo, independente do que seja o que eu estou fazendo. Porque eu posso estar num relacionamento, enfim... Tem alguma relação entre orientação sexual e estar no sigilo?

Recrutado (16:04)

Tem! Tem também. Tanto é que quando a gente pensa nessa expressão, parece que o nosso pensamento ele direciona logo pra isso, né? Ele é condicionado a isso. Então, de certa forma, tem sim.

Pesquisador (16:16)

E como que seria exatamente essa relação?

Recrutado (16:19)

Por exemplo, vamos supor que eu namoro uma mulher, né? Tô casado com uma mulher. Mas eu tenho outros fetiches que talvez pra ela seja estranho. Então isso seria ficar no sigilo. Porque talvez se eu fizesse isso com a minha esposa, ela ia dizer "Meu Deus, você tá louco?".

Pesquisador (16:36)

Uhum. Quando você analisou a importância da afirmativa "ter poder de escolher quem pode saber minha orientação sexual" no questionário, você disse que era uma neutra, não tinha... A valoração foi neutra. Quando você avaliou essa afirmação "ter poder de ficar no sigilo", você marcou como muito importante. Por que que essas afirmativas estão num grau de importância tão distintos na tua percepção, tendo em vista que tem uma relação bastante direta entre orientação, pelo que você me disse, tem essa relação bem direta entre orientação sexual e estar no sigilo.

Recrutado (17:19)

Porque, eu acho que a gente tem que analisar muito essas vertentes, tipo, do porquê ficar no sigilo, por exemplo, né? Tem que ver o que a outra pessoa traz também, sabe? Eu acho que quando a outra pessoa fala, por exemplo, "ficar no sigilo", a gente não entende os motivos do porquê ela está querendo fazer isso, sabe? Então eu acho que tem que ter essa contrarregra também, sabe? Porque como eu disse, às vezes, ou na maioria das vezes, na verdade, a gente pensa que esse ficar no sigilo ele está muito relacionado com a questão da orientação sexual, mas às vezes pode não ser também, sabe? Às vezes a própria pessoa tem que estar com aquela mesma.

Pesquisador (18:02)

Pode ser, por exemplo, comportamento sexual, como fetiche, no caso.

Recrutado (18:08)

Isso, exatamente. Exatamente.

Pesquisador (18:15)

Eu vou fazer agora alguma... Esse primeiro bloco era mais para eu entender as questões de orientação sexual, como que você enxergava. Porventura, no meio do caminho podem surgir outras questões com base nas respostas que você der. Mas agora eu vou focar mais no próprio uso do Tinder. Deixa eu ver aqui as respostas. Ah, tá. Como você disse também que já usou ou continua utilizando atualmente, na verdade, o Grindr também, em algum momento vão ser feitas perguntas que têm comparação entre um e outro. Mas o foco real desse bloco é justamente o Tinder. Nesse primeiro momento, eu gostaria que você me descrevesse, como eu disse, da forma mais detalhada possível, como é o seu uso do aplicativo hoje, com que frequência você usa, como que você desenrola os matches, se você conversa, por ali, se não conversa. E também me descreva da melhor forma, da forma mais descritiva possível, como que é o teu perfil hoje, o que você considera importante no teu perfil, adicionar no teu perfil, e o que você considera importante ter no perfil das outras pessoas, para que eu possa entender a forma como você usa o aplicativo.

Recrutado (19:41)

Uhum. Isso do Grindr primeiro?

Pesquisador (19:42)

Do Tinder, do Tinder.

Recrutado (19:44)

Ah, do Tinder. Bom, o Tinder hoje, para mim, né, primeiramente, ele é uma ferramenta muito importante, né? No sentido de, obviamente, não só de relacionamento, mas na questão de amizade, de relacionar, de criar rede de contato, do networking, da vida e tudo mais. Então, eu considero bem importante nesse sentido, né? Mas nessa questão, assim, de relacionamento, propriamente dito, o que eu considero importante, por exemplo, para um perfil, eu acho que tem muito a ver... Isso é uma coisa que eu aprendi com um amigo meu, com a Pessoa referida 1, que era a questão da descrição, que era uma coisa que eu não tinha percebido, que quando a gente vai colocando as palavras lá, por exemplo, "ah, música, livro, séries,

filme, festa, balada, não sei o quê", é a partir disso que... começa, né? E aí, quando eu comecei... Quando a gente começa a fazer mudança nas descrições, é muito legal porque vem perfis específicos de pessoas dentro desse nicho, digamos assim. Então, eu acho importante, primeiramente, então, essa descrição, né? Porque dependendo da descrição, parece que vem um nicho de pessoas, não sei dizer. Enfim, eu acho que é isso. E também, obviamente, a foto. Só que como a gente tá muito naquela era do Instagram, Instagram, Instagram, parece que a maioria das fotos, a pessoa é muito diferente do que ela realmente é. Então, por exemplo, assim... Quando que foi? Semana passada, semana retrasada, por exemplo, eu tava conversando com algumas pessoas no Tinder e tudo mais. A gente deu match e tudo mais, conversou. Ou, por exemplo, a gente vai marcar um date. E, por exemplo, eu cheguei lá e a pessoa era muito mais alta que eu. E eu sempre sou acostumado a de eu ser o mais alto do encontro, dos lugares e tudo mais, né. E daí eu disse assim "Meu Deus, como assim? Meu Deus, como tu é alto, né?" Só que eu não sei se a maneira também, como eu falei talvez deixou a pessoa assustada, né, ou o quê. Aí ele disse assim "por que, isso? Isso é um problema pra ti?" Eu disse "Não, não, não é um problema." Só que é aquela questão do que a rede social vende, né. Então eu acho que felizmente ou infelizmente depende do ponto de vista ou o contexto ou a foto também mas essa questão dessa coisa do Instagram tá muito migrada pra dentro do Tinder, né? É uma realidade, sabe? Você chega lá e a pessoa é diferente e não é nem essa questão assim tipo ser bonito ou ser feio, né? Porque às vezes o que mais conta ali é se a pessoa é legal ou não se a pessoa não é louca também. A gente chega lá tipo "como assim? Era você?" Então acho que essa questão conta muito.

Pesquisador (22:46)

E como que é o teu perfil?

Recrutado (22:58)

O meu perfil tem três fotos, deixa eu pensar, o meu perfil tem uma foto, que eu mandei uma amiga minha tirar, depois tem... Deixa eu lembrar qual que é a segunda foto. E a outra foto é eu no carnaval e tirando uma foto no espelho. Acho que é isso. Acho que são essas duas fotos. Duas, três fotos, assim no máximo.

Pesquisador (23:12)

E você bota descrição também? Você preenche bem com essas informações que você falou de música? Que você disse que era importante pra ter esses... Vamos dizer assim... Aparecer perfis mais "qualificados", botar entre aspas aqui, né? Você preenche completamente? Tem informações que você não gosta de botar ali? O que que você...

Pesquisador (24:00)

É, eu coloco informações, assim, que o perfil não fique muito vazio. Quando vem, por exemplo, aquelas pessoas que dão o like no cara, mas daí tu olha, assim, parece que não tem nada. Tem uma foto que a foto está assim que tu não enxerga nada, parece que é aquelas fotos lá que o cara tirava com aquele efeito rétrica, retrica, sei lá, 2012, ou, por exemplo, tem um, pouco... pouca descrição, porque daí tu não entende, tipo... Tá, o que tu busca, o que tu quer, o que tu gosta, qual que é teu signo? Então são coisas que tem pessoal que gosta. Mas, por exemplo, no meu caso em específico, o que eu procuro fazer? Eu procuro fazer uma descrição, tipo... A formação, eu acho que é importante, né? Ah, tem a graduação em Letras, graduação em Direito, graduação em Administração, pós em Ciências Contábeis, alguma coisa assim. Obviamente o nome, a formação, né? Deixa eu ver o que mais aqui... O signo, porque eu vejo, assim, aí parte pra uma outra questão, porque guri gosta de falar de signo, né? Então é uma tática. Então a questão de signo, né? Signo, ascendente, importante, se gosta de cachorro, gato, né? E o que que gosta de fazer, se tem um hobby. Eu acho que essas pequenas informações, assim, me dizem muita da pessoa.

Pesquisador (24:30)

Tu linka o teu perfil com o teu Instagram? você indica o seu @ no Instagram? Você linka com o Spotify? Alguma coisa dessas?

Recrutado (25:10)

Eu acho que eu linko ele com o instagram e agora tu me fez lembrar, eu coloquei uma música no Tinder, que era "Motto", da Ava Mex", que está lá embaixo, mas eu não sei se isso significa estar linkado com o Spotify, acho que não, né? Acho que não tem nada a ver.

Pesquisador (25:31)

Eu acho que fica... É que eu realmente não sei, essa função eu não sei. Eu descobri pela entrevista que eu fiz ontem que tinha a possibilidade de escolher só uma música da última..., da última vez que eu usei o Tinder faz muito tempo, como usuário mesmo. Então, eu realmente acho que não tinha, na minha época, essa possibilidade, só realmente vincular o Spotify.

Recrutado (26:29)

Ah tá, então provavelmente...

Pesquisador (26:30)

Eu preciso acessar de novo pra ver.

Pesquisador (26:31)

Sobre... Deixa eu ver aqui... Você falou que é uma ferramenta para criar amizades, networking... Tá, beleza, você deu match lá com alguém, viu um perfil, achou bacaninha... Começou a conversar. Como que você desenrola a conversa? Você costuma manter a conversa pelo próprio Tinder ou você já passa alguma rede social, WhatsApp, telefone...? É... pra manter a conversa fora do Tinder. Ou depende de cada caso...?

Recrutado (26:38)

Aí depende de como a pessoa vai desenvolvendo essa conversa. Porque tem gente que vai dar um match. Isso é uma coisa que eu aprendi recentemente. 30 anos nas costas e eu fui aprender isso recentemente. E tem gente que adora colecionar match, né? Tipo assim, "ah, é porque eu dei tantos match". Só que eu não entendi o tom disso, né? Eu fui perceber agora. Tem muita gente que dá match, mas simplesmente puxa a conversa e caga pra ti, não te responde, sabe. Mas os poucos que conversam comigo, a gente percebe... Eu percebo que... Assim, por exemplo, vou conversar. "Oi". "Oi", "tudo bem?" "Tudo" "e você?" "Tudo". A partir desse "tudo", tem que desenvolver alguma coisa, tá? Porque senão morre ali, sabe? Então, tipo assim, por exemplo, se eu vejo que a pessoa tem uma foto legal no sentido de ela não ser aquela foto que é uma foto muito instagramável e seja uma foto muito

natural geralmente eu gosto de elogiar a pessoa tipo "bah, que olho legal que tu tem", sabe? Ou tu vê por exemplo esses caras assim metrossexual, quilômetrosexual eu digo assim "que bonita tua sobrancelha" sabe? Tem a sobrancelha retinha, bonitinha, sabe? Então, geralmente parte de um elogio, alguma coisa nesse sentido, e aí a gente vai conversando. "Ah, e aí o que tu faz?" "Bah, hoje o dia tá bem pesado, né?" "Bah, hoje tá uma chuvinha tão boa, né?". Pá, pá, pá... Só que tem gente, por exemplo, que vai que daí a gente percebe o tom a partir dali, né? "Bah, hoje tá um dia tão bom, né?" Daí a outra pessoa manda assim "Pois é, bom pra tá juntinho, hehe". Tipo, calma, né? Sabe? Então, acho que essa questão da... É que eu também sou meio devagar, né? Sabe, eu sou meio careta ainda. Então, essa coisa, tipo, de ir devagar é uma coisa, assim, que me conquista bastante no Instagram, no Tinder. Mas, por exemplo, assim, como essa conversa ela vai se desenrolando também tem a questão de algumas pessoas que elas mandam, assim... Que eu até me incomodei essa semana. Tipo, assim, tu conversa com a pessoa, daí ele fala... Só mandou assim: "não entro muito aqui", daí eu mandei de volta: "pois eu entro, e gosto", e mandei, bem na cara dura, aí começou a desenrolar a conversa. Aí só depois a gente começou a conversar pelo... pelo Instagram, sabe? Então eu acho que é uma coisa que eu também aprendi ou desenvolvi em mim, que é muito mais essa questão de ver como é que vai ser essa conversa no Tinder para depois migrar pra lá, sabe?

Pesquisador (28:44)

Aí você costuma migrar para o Instagram mesmo ou você passa o WhatsApp também? Qual que você costuma preferir pra passar?

Recrutado (29:20)

Todos os dois. Antigamente eu passava mais o contato, só que o que que eu percebi, por exemplo, eu acho melhor passar o Instagram primeiro, porque tu também não te compromete, eu acho muito pessoal e muito rápido também passar o WhatsApp para a pessoa. Por exemplo, assim, ontem eu estava saindo de serviço e daí teve um guri que mandou assim... E daí como eu não tinha o número salvo porque eu toquei no telefone, eu só não conseguia ver quem era. Daí eu recebi uma mensagem assim "Eu estarei em Porto Alegre hoje, se quiser me encontrar, hehe". Aí eu fiquei "Meu Deus, quem que é essa pessoa?" Aí eu pensei "Bah, era da época

que o trouxa aqui dava o número do WhatsApp, né?" Então é aquela coisa, né? Vivendo e aprendendo. Daí eu respondi "não posso hoje, vou estar ocupado" pra eu também não deixar a pessoa no vácuo, né?

Pesquisador (30:03)

No caso, então, essa é uma estratégia pra você ter um pouco mais de segurança, você...

Recrutado (30:09)

Isso.

Pesquisador (30:10)

...passa o Instagram, depois desenrolando, você vendo que tá, tem interesse em fazer alguma coisa, enfim, você vai e passa o contato.

Recrutado (30:18)

Exatamente. Mais lento que uma lesma. [risos]

Pesquisador (30:21)

O Grindr já tem uma dinâmica totalmente diferente do Tinder, né? Em relação a essa forma de como se conversa, geralmente, pelo menos o que eu ouço em geral das pessoas falando. Como que você vê a diferença do Grindr para o Tinder?

Recrutado (30:44)

Nossa, totalmente. É que assim... E olha só que engraçado, né? Porque a maioria das pessoas que estão... Quer dizer, daí eu falo do público gay, né? A maioria deles que tá no Tinder também tá no Grindr. Só que a maneira de se comunicar é diferente, é de uma forma mais direta, é de uma forma mais carnal também, né? Por exemplo, eu não uso mais Grindr, sabe? Porque é uma coisa assim que ficou muito... Parece que as pessoas estão sempre... Elas procuram, procuram, procuram, procuram. Aí, por exemplo, tá, tá falando comigo. Tá, não gostou de mim, porque achou uma outra pessoa que entre aspas é melhor. Aí, depois, achou uma pessoa que é melhor. Então, parece que tá sempre subindo escada, querendo uma perfeição e essa perfeição nunca chega. Daí, bem por fim, ninguém pega ninguém,

sabe? Vive no mundo de Alice. Então, eu acho que... Tem que tomar muito cuidado, por exemplo. Principalmente, assim, por exemplo, tem muita troca de nude, né. Então, por exemplo, essa troca, ela também, ela pode ser... Uma pessoa que ela é fraca psicologicamente, por exemplo, ela manda uma foto. Em seguida, a pessoa é bloqueada. Então, assim, meu de... Isso acaba com a pessoa, e a outra pessoa não quer nem saber, porque ela tá nessa busca dessa perfeição que, sei lá, se quer pegar padrão, o que que quer, então ela é bem maldosa, né? O Tinder, por exemplo, ela não tem esse lado, justamente porque essa conversa geralmente acaba nem se desenvolvendo, né? Dependendo da situação.

Pesquisador (32:28)

Tem esse filtro inicial do match também, né?

Recrutado (32:32)

Exatamente.

Pesquisador (32:34)

Muda um pouco a figura, que o Grindr já é uma conversa já direta. Me diz uma coisa, você... No Tinder a gente não tem essa possibilidade, no Grindr você envia nudes?

Recrutado (32:49)

Já enviei, sim. Já enviei.

Pesquisador (32:51)

Quando você usava, né? Porque você disse que não tá usando mais. Você tomava algum tipo de cuidado referente a esse envio das nudes?

Recrutado (33:00)

Geralmente eu mandava naquele negocinho de... Não lembro o nome agora. Aquele negócio de...

Pesquisador (33:07)

Temporário.

Recrutado (33:08)

isso...

Pesquisador (33:08)

De foto temporária

Recrutado (33:09)

De só ver uma vez, tipo, uma coisa assim. Uma ou duas vezes, assim, não mandar ela que fica aparecendo ali.

Pesquisador (33:15)

Não dá para tirar print...

Recrutado (33:17)

Isso.

Pesquisador (33:21)

Você... Deixa eu só ver aqui. Deixa eu ver se eu tenho as suas respostas. Em relação ao uso do Tinder, voltamos pro Tinder. Você já sofreu de alguma forma algum receio de ser descoberto por alguém que você não gostaria? Por exemplo, estou ali usando o Tinder e apareceu o meu perfil para uma pessoa que eu não gostaria que aparecesse para ela. Ou deu um colega de trabalho e eu não gostaria que essa pessoa soubesse que eu estou no Tinder. Teve alguma situação nesse sentido para você?

Recrutado (34:11)

Olha, no começo sim, principalmente porque eu trabalho num colégio militar, né, então eu fiquei pensando mais na questão, tipo, de aluno, sabe? Então eu fiquei pensando: "bah, e se aparecer?" E daí eu fiquei pensando, não, mas daí eles também têm que entender que eu também tenho uma vida, sabe, fora daqui, só que daí é aquele outro processo. É uma coisa que tem que ir trabalhando, trabalhando, trabalhando na mente, pra entender que eu também mereço ser feliz, sabe? Mas sim, isso já aconteceu, sim.

Pesquisador (34:34)

Você chegou já a ser identificado, por exemplo, você viu um perfil ali no Tinder, você não quis dar match com a pessoa, mas posteriormente a pessoa passou a, sei lá, te seguir no Instagram porque viu teu @ ali no perfil. Já aconteceu alguma coisa nesse sentido com você?

Recrutado (34:53)

Já, sim.

Pesquisador (34:54)

Você tem algum receio de ser descoberto, acabar sendo stalkeado, seguido em outras redes sociais por conta de as pessoas te verem no Tinder, ainda que você não queira ter contato com ela, você não tenha interesse em dar um match com essa pessoa?

Recrutado (35:05)

Nossa, isso me fez... Criou um triplex na minha cabeça. Eu nunca tinha pensado nesse sentido. Não, olha a importância dessa entrevista. Porque tu me fez lembrar muita coisa e refletir sobre muita coisa também. Olha, já aconteceu, por exemplo, de... Pois é, e aí tem um fato bem interessante. Porque, olha só, por exemplo, eu sou militar, né. Sou militar do Exército. Mas já aconteceu, por exemplo, de uma pessoa do... Do Tinder me dar um like, eu não dei o like de volta. E ele começou a me seguir no Instagram e começou a falar comigo. Porque ele era do Corpo de Bombeiro. E daí eu pensei, "meu Deus, essa pessoa já deve estar criando toda uma teoria". Tipo, "ai, porque somos militares, vamos ficar junto", ou sei lá, sabe. Tipo, eu fiquei pensando, "meu Deus, criatura, calma". Então, assim, não que não pudesse ter seguido e conversado, sabe? Só que dava pra ver que a maneira como a pessoa ela tava ansiosa, assim, é uma coisa que sufoca a outra pessoa, sabe? Então já aconteceu, sim.

Pesquisador (36:09)

Você chegou a ter algum tipo de receio por conta desse contato, dessa situação específica? Algum medo, algum receio?

Recrutado (36:23)

Não digo receio, mas é algo assim, tipo que... Que incomoda, porque parece que a pessoa está desesperada ou ela está carente, sabe? E às vezes essa carência parece que ela... Ela acaba incomodando a outra pessoa, sabe? Que não está naquele mesmo campo, né?

Pesquisador (36:44)

Você disse que é militar e a gente sabe que essa é uma área que ainda existe muito um padrão de comportamento conservador, né? Você tem algum tipo de receio de ser descoberto por alguém da sua... Hierarquicamente superior, de chefia superior? Patente, no caso, superior à sua?

Recrutado (37:08)

Olha, em 2010, quando eu era soldado, eu tinha sim esse receio. Em 2011 eu saí, fui fazer a graduação, fiz pós, mestrado, pá, pá, pá, aí voltei em 2022. Mas eu já percebi que em 2022, embora ainda seja assim, mas não é tanto. Ou não sei se é porque eu voltei num outro posto também, porque tem isso, tem a questão da hierarquia. Mas eu acho que isso já diminuiu. Eu acho que eles estão começando a entender que uma hora ou outra isso ia acontecer, esse povo ia chegar dentro das Forças Armadas, e... Mas eu vejo, assim, por exemplo, que o respeito comigo, tipo... porque eles percebem, né? Por mais que a gente seja discreto, mas sempre tem aquela linguagem corporal que entrega, se é que tu me entendes...

Pesquisador (37:39)

Sim.

(37:41)

Aí, obviamente eles percebem, mas eu nunca me senti assim, menosprezado ou qualquer coisa do tipo, assim, mas existe, claro, talvez possa acontecer de o meu chefe talvez conseguir filtrar isso. O chefe da minha seção porque tem esse fator também, sabe? Tem outros militares, por exemplo, que têm chefes que talvez não façam esse filtro e eles sofrem mais, sabe? Mas isso existe, sim, isso existe e a gente sabe que existe.

Pesquisador (38:37)

As pessoas que trabalham com você, elas sabem diretamente sobre sua orientação sexual ou só essa coisa da presunção por causa de comportamento?

Recrutado (38:58)

Olha, é que na minha seção em específico, eu sou militar, né? Sou militar e sou professor. Aí tem o major, que ele também é militar e professor, que ele é o meu chefe, seria o mais antigo na hierarquia, aí tem três professores civis, que é a Pessoa Referida 2, a Pessoa Referida 3 e a Pessoa Referida 4, né? A Pessoa Referida 2 também é de português, a Pessoa Referida 3 e a Pessoa Referida 4 são de matemática, mas por exemplo, a Pessoa Referida 2, a Pessoa Referida 2 é gay, né? Ele é homossexual, ele já foi casado com outro homem e tudo mais, então parece que o fato de ele estar ali, eu também já me sinto mais tranquilo, sabe? Porque parece que eu não estou cometendo um crime simplesmente por existir, por estar ali, sabe? Então, ele sabe. Por exemplo, eu converso com ele, por exemplo, se acontece alguma coisa extraordinária nesse lugar aqui, nesse manicômio aqui. Aí eu digo assim pra ele, "você está vendo, gay? O que a gente tem que passar?" Então, tipo, é uma troca bem legal, sabe?

Pesquisador (39:40)

Tá... Deixa eu ver aqui. Quando você... Você já utilizou o Tinder em algum momento da sua vida que você estava em algum relacionamento?

Recrutado (39:44)

Não. Nunca.

Pesquisador (40:14)

Você... Os aplicativos em geral têm três documentos, que eu pergunto ali no questionário suas percepções sobre eles, que são as regras da comunidade, as políticas de privacidade e os termos de uso. São três documentos ali que, geralmente, as pessoas têm acesso e têm ciência para poder participar do próprio... Para poder usar, né, os aplicativos. Você... Deixa eu ver o que você respondeu sobre eles, só um segundo. Você disse que esses documentos, você não viu

nenhum deles nos aplicativos quando você se cadastrou, no próprio Tinder. Quando eu perguntei sobre os termos de uso, a impor... Quão importante era essa leitura, você me respondeu neutro. Agora, quanto às regras da comunidade e quanto às políticas de privacidade, você já respondeu, importante. Sendo que é uma escala de 1 a 5, o próximo nível seria muito importante, o cinco, né? Primeiro, por que as regras da comunidade, políticas de privacidade, são importantes e, os termos de uso, você valorou como neutro? Bom, vamos começar por aí. Por que que tem essa diferença entre regras de comunidade, políticas de privacidade, em termos de importância, comparando com os termos de uso?

Recrutado (42:14)

É que o ser humano é contraditório mesmo. Por exemplo, assim, quando a gente vê aquela coisa, aquela coisa enorme, assim, que tem que ler tudo, por exemplo, não, eu vou le... Quando você chega no quinto parágrafo, no quinto artigo, sei lá o nome daquilo lá, meeeeu Deus, começa a dar um cansaço, aí é o celular que vem mensagem, várias coisas distraindo, né, por exemplo, tu só baixa, vê ali o que pode ou não ser perigoso pra você e instala, sabe? Então eu acho que pela questão de agilidade, né? Muitas vezes quando a gente... Pelo menos eu, né? Quando eu tô com o celular eu não consigo fazer essa leitura fora a fora das coisas, sabe? Acho que é nesse sentido. Mas como envolve também essa questão de segurança é algo que a gente parece que já procura. Eu acho que não é nem só na apli... [falha no áudio] Qualquer aplicativo, na verdade.

Pesquisador (42:54)

O que que é uma política de privacidade? O que que você entende quando eu falo em uma política de privacidade?

Recrutado (43:29)

Leigamente, vírgula, eu acho que possa ser a maneira como... Não digo a maneira, mas podem ser as regras que a pessoa tem para ser... para cuidar da sua privacidade, dos seus dados, o que a pessoa também pode ou não fazer, alguma coisa assim.

Pesquisador (43:30)

E as regras da comunidade?

Recrutado (43:31)

As regras da comunidade, eu acho que envolvem mais os comportamentos que a pessoa pode ter ali dentro. O que seria "ético" ou não?

Pesquisador (43:40)

Então, só para eu entender bem, as regras da comunidade seriam uma coisa mais ampla do que as políticas de privacidade?

Recrutado (43:49)

Isso, as políticas de privacidade seriam algo mais específico.

Pesquisador (43:59)

Uhum. O que que te faz deixar de ler esses documentos? Por que que você não lê esses documentos? Além do que você... Não sei se tem outra razão além da que você já me disse, né? De que no celular é mais complicado e você acaba, por agilidade mesmo, só passa... Dá aquela passada de olho, né?

Recrutado (44:17)

Eu acho que isso é uma coisa que vem de muitos aplicativos que a gente instala, instalava até mesmo em computador, né? Um XP, Windows 90 e tantos ali, que vinha assim, aquelas coisas enormes assim, e eu acho que é uma coisa que ficou. Mas eu digo uma coisa que ficou, não é, agora pensando, não é nem no formato como ele aparece no celular, mas é a maneira como a gente delimitou, como o cara delimitou isso na cabeça dele, sabe? A maneira... a minha própria concepção que eu tenho disso.

Pesquisador (44:49)

E qual é a concepção que você tem disso?

Recrutado (44:58)

Que ele é um monte, assim, de coisa que eu tenho que ler para poder acessar, e as vezes ele é um aplicativo que ele é prático, né? Mas, no fundo, no fundo, todo mundo sabe que deveria fazer essa leitura, né? É aquele erro consciente, né?

Pesquisador (45:14)

Sobre essas... Esses documentos ainda. O que faria você ler as políticas de privacidade?

Recrutado (45:38)

Eu acho que a maneira como elas tão.

Recrutado (45:38)

Não precisa ser alguma coisa também, você pode dizer "nada", nada impede que você diga "nada".

Recrutado (45:39)

Sim... Não, mas eu acho que a maneira, tipo, como elas são dispostas. Por exemplo, ah, isso aparecer em forma de balãozinhos, por exemplo, ou aparecer em forma de desenho, numa forma mais prática pra pessoa, sabe? Ó, eu querendo dar trabalho pro pessoal da TI, né? Mas eu acho que a maneira como isso é disposto, sabe? Como ele é mostrado pra pessoa, sabe? E eu acho que também podia ter muito mais exemplos e também tem a questão que a própria mídia podia fazer divulgação disso, né? Porque não raras vezes a gente vê muito problema acontecendo com isso, né? Com isso e vindo disso também.

Pesquisador (46:18)

Aham. Então seria mais uma questão de formatação, diagramação dessas informações para que se torne mais fácil a leitura, o entendimento?

Recrutado (46:37)

Isso, até porque essa parte, vou usar essa palavra. Essa parte, ela já foi muito mais extensa, eu tenho a impressão que ela já foi muito mais complexa também. E por mais que hoje esteja mais enxugado, talvez a maneira de disponibilizar isso pudesse ajudar muitas pessoas. Pra não se meter em tanto problema também.

Pesquisador (46:51)

Eu perguntei pra você se você acredita que a sua privacidade tá preservada nos aplicativos de relacionamento que você utiliza atualmente. Hoje você usa só o Tinder, então, já que você disse...

Recrutado (47:00)

Sim.

Pesquisador (47:00)

Vou considerar também essa pergunta estendendo para o Grindr. Imagino que na época você devia estar usando o Grindr, porque você respondeu que usava o Tinder e o Grindr. Você disse que não acreditava que a privacidade está preservada em nenhum desses aplicativos. Por que você acredita que sua privacidade não está preservada nesses aplicativos?

Recrutado (47:30)

Por quê? Eu não sei. Eu acho que pelas próprias questões de segurança de rede, sabe? Eu acho que nada na internet ele é 100% seguro, sabe? Eu acho que essas questões de segurança ainda são... Claro, falo de uma forma bem leiga, né? Mas eu acho que muita coisa assim... Muitas vezes a gente também não se sente seguro, né? Ou a gente também, por, pela praticidade do aparelho celular, a gente acaba dando muita credibilidade para essa questão da segurança e não pensa sobre isso, né? A gente só acaba percebendo isso quando a merda tá feita. Então eu acho que nem sempre ela é 100% segura.

Pesquisador (48:45)

Tu acreditas, em relação ao Tinder você disse que a sua privacidade está suficientemente preservada. Numa escala de 1 a 5 você escolheu 4, sendo que o último seria muito preservado, o item cinco, o topo dessa escala. O que que é suficientemente preservado pra você? E o que que falta para ser a nota cinco, para ser muito preservado?

Recrutado (48:48)

Acho que está suficientemente preservado, porque... Aí eu não sei como é que funciona isso na informática ou sei lá o que seria isso. Mas eu acho que já foi feito muito avanço nessa questão de segurança, que consegue fazer com que a pessoa se sinta segura, que os dados dela tá ali, tudo certinho, bonitinho. Mas... Ao mesmo tempo também a pessoa tem que entender que ela também é responsável por certas coisas que ela faz ali, né? Então, assim, "ah, porque vazou a informação" ou etc., né? Mas até que ponto a pessoa se permitiu também disponibilizar tanto, né? Acho que é alguma coisa assim nesse sentido.

Pesquisador (49:38)

Deixa eu ver aqui. Sobre... Calma aí, só um segundo. Sobre a proteção de dados pessoais. Vou entrar um pouco mais agora nesse aspecto. O aplicativo Tinder, quando você faz lá, preenche o seu perfil, você informa várias coisas, né? A gente já teve a oportunidade de tratar sobre isso e sobre como você faz esse preenchimento, o que você considera importante no preenchimento que as outras pessoas também fazem. De todas essas informações que você preenche no seu aplicativo, quais delas são dados pessoais?

Recrutado (50:26)

Acho que o nome e a data de nascimento.

Pesquisador (50:29)

Você acredita que... Só esses dois? Isso?

Recrutado (50:34)

Que aparecem para as outras pessoas, tu diz?

Pesquisador (50:37)

Não, o que você preenche. Quais das informações que você fornece para preencher o seu perfil são considerados dados pessoais, na sua percepção?

Recrutado (50:50)

Acho que o nome, a data de nascimento e quando a gente faz o cadastro lá, por exemplo, acho que o CPF, não lembro. E a conta do banco? A conta do banco, não. Conta do cartão.

Pesquisador (51:02)

Ah tá, não. Daí do cadastro, tudo bem. Eu digo mais do preenchimento do perfil que vai ficar disponível para as pessoas verem na plataforma.

Recrutado (51:09)

Então seria o... É, eu não sei a data de nascimento, eu acho.

Pesquisador (51:13)

Existe algum outro dado pessoal que o Tinder coleta de você... Que você precisa informar, tirando essa questão do próprio cadastro na plataforma?

Recrutado (51:33)

Não, eles... Geralmente quando eu faço uma análise do meu perfil, e tal, aparece, muito, tipo, "ah, você completou tantos por cento do seu perfil", assim, mas não... É que nem daí o que eu disse, né? Completar tanto o perfil assim parece que ele fica com muita informação, fica sobrecarregado.

Pesquisador (51:48)

Quando você completa 100% o perfil, você tá informando mais dados pessoais, necessariamente? Ou nem todas essas informações são dados pessoais?

Recrutado (51:58)

Não, nem todos, porque aparece, por exemplo, assim, tipo de música, comida favorita. Então acho que não chega a ser dados pessoais, assim. Acho que está mais envolvido para a preferência da pessoa.

Pesquisador (52:12)

O que seria, então, a diferença entre preferência e um dado pessoal?

Recrutado (52:54)

Um dado pessoal seria, por exemplo, na minha concepção, identidade, CPF...

Pesquisador (52:55)

Sim, isso que eu quero.

(52:55)

É, tipo, mas a preferência seria, por exemplo, ah, artista preferido, Taylor Swift; música, não sei o que; comida favorita, pizza... acho que é isso.

Pesquisador (52:55)

Você disse que tem três imagens que você utiliza, três fotografias que você utiliza ali no Tinder. Você acredita que fotografia pode ser dado pessoal?

Recrutado (52:55)

Pode, pode... Pode porque tu me fez pensar, mas, assim, pode sim.

Pesquisador (53:01)

Qualquer fotografia? Existe algum tipo de critério pra isso?

Recrutado (53:07)

É, acho que depende muito do tipo de foto que a pessoa posta, né? Por exemplo, tem pessoas que postam foto tipo no espelho, só de sunga, ou guria que a primeira foto delas é uma foto na praia de biquíni. Então eu acho que são fotos muito... Essas pessoas querem explorar outras coisas além de buscar um relacionamento, por exemplo.

Pesquisador (53:38)

Essas fotos que mostram só o corpo, sem mostrar o rosto, você acredita que também são dados pessoais?

Recrutado (53:40)

Sim.

Pesquisador (53:40)

Fotos do rosto, são dados pessoais?

Recrutado (53:45)

Sim.

Pesquisador (53:59)

Você disse também que tem ali esse vínculo, né, com o Instagram, que as pessoas acabam colocando muitas vezes até na descrição do perfil, né, o @ do Instagram, ou você mesmo já até, acabou sendo até seguido no Instagram por pessoas que você não deu match, que não tinha intenção de dar match, por conta do... De ter o perfil do Instagram. O teu perfil no Instagram é um dado pessoal?

Recrutado (54:28)

Sim. E bastante.

Pesquisador (54:31)

Você acha que existe uma hierarquia, uma diferença entre os dados pessoais? Alguns que são mais importantes do que outros?

Recrutado (54:48)

No sentido, por exemplo, de segurança eu acho que, por exemplo, identidade, CPF e tudo mais, eu acho mais pesado, mais cauteloso assim do que um perfil de Instagram, por exemplo, sabe? Só que ao mesmo tempo, se a pessoa, um hacker, por exemplo, hackeia, por exemplo, um perfil de Instagram, pode acontecer de a pessoa também ter esses acessos, né? Porque hoje tudo tá muito vinculado, né? É uma coisa que está ligando à outra já.

Pesquisador (55:19)

Você disse no sentido de segurança, né? E existem outros sentidos? Quais seriam esses outros sentidos?

Recrutado (55:26)

Sentido, por exemplo, de... Deu match, a pessoa, ela vai buscar a informação tua, mas ela vai buscar essa informação no teu perfil, sabe? Então, o perfil ali é um dado bem importante também.

Pesquisador (55:40)

Mas eu digo assim, para além desse vetor da segurança, né? Existe algum outro sentido.... Que faz com que os dados, alguns, sejam mais importantes do que outros?

Recrutado (56:00)

Não, não sei. Acho que não.

Pesquisador (56:02)

Vou te dar alguns exemplos, aí eu quero entender se você acha que os dados são da mesma... Têm a mesma importância...

(56:13)

[pausa, Recrutado foi receber uma encomenda]

Pesquisador (57:20)

... não tem problema. Eu vou trazer aqui alguns exemplos comparando um dado com outro e vou perguntar o que você entende, se eles estão no mesmo nível de importância ou se eles estão em níveis distintos e por que você entende se eles estiverem em níveis distintos, por que que você entende que eles estão dessa forma. Se eu tenho aqui, por exemplo, o seu telefone de um lado e o seu e-mail do outro, você acredita que são dados que têm o mesmo grau de importância?

Recrutado (57:57)

Telefone e o quê? Perdão.

Pesquisador (57:59)

O seu e-mail. Telefone e e-mail.

Recrutado (58:00)

Sim, porque eles estão conectados. Mesmo grau de importância. Mesmo grau de importância.

Pesquisador (58:30)

E se eu pego o seu telefone, aliás, sua localização e seu e-mail?

Recrutado (58:35)

Hmmm... Deixa eu pensar. Mas também dá. Mesmo grau de importância.

Pesquisador (58:48)

Agora se eu tenho uma situação hipotética. Uma questão de saúde que a pessoa prefere manter pra si, privada. Por representar algum tipo de estigmatização, por exemplo, alguém que é HIV+, e informação de localização. Existe uma... Qual que é o... Como você analisa?

(59:13)

Mesmo grau de importância também, porque dependendo, por exemplo, se o celular da pessoa foi roubado, sei lá, e a pessoa percebe, ah, consegue acessar o e-mail da pessoa e vê que tem exame laboratorial... Mesmo grau de importância.

Pesquisador (59:32)

Mas, tô criando aqui um cenário que só vazaram duas informações. Imagina que você está lá usando o Tinder, uma pessoa está lá usando o Tinder, e ela não colocou o celular dela no perfil, ou nem colocou dados de saúde no perfil. E por um acaso, de alguma forma, de alguma forma, deu alguma falha no Tinder e essas duas informações foram expostas para terceiros. Então, não estou envolvendo aqui um cenário onde houve qualquer tipo de roubo, furto, porque daí trariam novas camadas pra análise.

Recrutado (01:00:11)

Sim, sim, é muito específico...

Pesquisador (01:00:14)

É, dificultaria mais a análise porque tem outros fatores, não foi um vazamento de dados em si, mas foi um dado acessado indevidamente por conta do furto, do roubo, o que seja. Então, imagina esse cenário. Tô usando lá o meu Tinder e eu tenho essas duas informações minhas e vazaram elas, eu não queria que vazassem. Localização minha e esse dado de sorotipo, né, sorotipia HIV+.

Recrutado (01:00:46)

Mesmo grau. É, sim, mesmo grau.

Pesquisador (01:00:53)

O que você entende por privacidade? As primeiras palavras que vêm na sua cabeça quando falam em privacidade?

Recrutado (01:01:14)

Segurança, acesso restrito... E... Não sei por que, mas me veio na cabeça a palavra "comodidade". Mas é uma comodidade no sentido que a pessoa ela se sentir segura, assim. Eu acho que é nesse sentido.

Pesquisador (01:01:37)

Se sentir segura, se puder desenvolver um pouco mais.

Recrutado (01:01:53)

Se sentir segura, assim, por exemplo, ela não ter os dados dela expostos, assim, que talvez ela possa encontrar algum problema, sabe? Tipo, ela possa, tipo, ter uma situação que possa deixar ela desconfortável, alguma coisa nesse sentido.

Pesquisador (01:01:55)

Quando você fala de comodidade, você está falando mais de conforto ou mais de segurança?

Recrutado (01:02:06)

Pois é, uma comodidade que ela fala mais no sentido de conforto, sabe? Ela se sentir bem, ela também se sentir protegida ali naquele ambiente virtual.

Pesquisador (01:02:18)

É mais um bem-estar, então, do que uma segurança?

Recrutado (01:02:22)

Uhum, eu acho que sim.

Pesquisador (01:02:26)

Você acredita que a privacidade, ela pode... Ela pode estar em outros ambientes que não o ambiente digital? Que não a internet ou celular, enfim.

Recrutado (01:02:44)

Hmm... Sim. Por exemplo, em casa, dependendo do trabalho da pessoa, né? Eu acredito que sim. Mas eu acho que essa questão da privacidade é muito relativa também. Porque, por exemplo, eu penso em mim, né? Por exemplo, aqui no meu trabalho eu sinto, assim, que eu não tenho uma privacidade, né? Por exemplo, eu tenho uma privacidade quando eu venho para uma sala, estou aqui contigo, ou venho aqui, trabalho no meu material de aula, corrijo prova, trabalho em uma sindicância, coisarada... Então, eu acho que aí sim eu tenho privacidade, né? Só que é uma privacidade que eu também tenho que correr atrás dela para eu poder desenvolver alguma coisa em paz.

Pesquisador (01:03:30)

O que seria ter uma privacidade no trabalho e ter uma privacidade em casa?

Recrutado (01:03:37)

Ter uma privacidade no trabalho é eu, por exemplo, trabalhar em cima de numa sindicância, mas eu, por exemplo, estou na mesa com outras pessoas. Eu sei que tem, por exemplo, pessoa que passa, que passam, que dão aquela olhada, "ah, ele tá fazendo a sindicância do soldado tal", daí já fica aquela coisa, tipo, "ah, mas esse soldado aí já deu problema aquela vez, porque pipipi", sabe, então, são informações que... Essa questão de não ter uma privacidade, são informações que infelizmente elas vazam, né? E na verdade isso não é correto de acontecer.

Pesquisador (01:04:07)

Quando você fala em privacidade no trabalho, você está querendo dizer mais não ser importunado por conta das tarefas que você está fazendo naquele momento? Ou não necessariamente?

Recrutado (01:04:25)

Também. Eu acho que existe esse vínculo sim, no momento em que... por exemplo, existem documentos que eles são de acesso restrito, e são informações que não podem ser faladas, tipo, de boca em boca. Por exemplo, "ah, um soldado que deu alteração, estava de serviço e pegou no sono", sabe? E aí é feito sindicância, papapá. Então eu acho que, assim, tem muita coisa que, se eu tivesse a privacidade, essa informação não vazaria.

Pesquisador (01:04:36)

Nesse caso, você tá falando da sua privacidade ou da privacidade daquela pessoa que está sofrendo uma sindicância cujas informações não eram pra vazarem para terceiros que não estão envolvidos naquele processo de apuração na sindicância?

Recrutado (01:04:59)

Eu acho que das duas, mas ainda mais por ele, sabe? Porque é uma situação específica da outra pessoa, sabe? Então eu, enquanto estou trabalhando em cima disso, eu também sou responsável, também tenho a minha parcela de responsabilidade.

Pesquisador (01:05:29)

Por que é um problema vazar essa informação dessa pessoa que está em uma sindicância?

Recrutado (01:05:41)

Não, porque é uma situação que, primeiramente, a outra pessoa se ela sabe ela já se sente desconfortável, né? Já começa por aí, né? E vice-versa, porque isso também pode acontecer comigo. Pode acontecer, sei lá, uma situação e eu sofrer uma sindicância, por exemplo, porque, sei lá, eu estraguei o ar-condicionado. Aqui tudo vira sindicância. Eu estraguei o ar-condicionado, a televisão não funciona aqui

atrás porque eu fui preparar uma aula, queimou, "ah, mas daí foi fulano de tal que queimou a TV....". Então eu acho que é muito essa questão da responsabilidade.

Pesquisador (01:06:16)

Voltando aos dados pessoais, eu te perguntei o que você entende da privacidade. O que vem na sua cabeça quando eu falo de dados pessoais?

Recrutado (01:06:29)

Pois é, aí tem dois momentos quando tu falou isso, porque eu não tinha... Quer dizer, eu acho que eu não tinha também, claro, essa ideia de que, por exemplo, o perfil do Instagram também pode ser um dado pessoal. Eu não tinha me dado conta disso. Mas agora, assim que tu me fez pensar e refletir sobre isso, eu acho que dados pessoais é um termo muito amplo, né? Ele é tanto, por exemplo, identidade, CPF, um comprovante de residência, quanto a disposição das fotos no perfil do Instagram. Sabe, também são dados pessoais, né?

Pesquisador (01:07:29)

Deixa eu ver, se você tem, por exemplo, uma correspondência que tava lá na sua caixa de correio, um vizinho pega e acaba tendo acesso a informações que não era para ter acesso. A sua privacidade foi violada aí?

Recrutado (01:07:32)

Com certeza.

Pesquisador (01:07:34)

Você acha que seus dados pessoais também foram violados com essa ação do vizinho?

Recrutado (01:07:42)

Sim.

Pesquisador (01:07:42)

Independente do teor da correspondência?

Recrutado (01:07:46)

Aham. Deixa eu ver se eu tenho mais alguma questão. Só vou repassar aqui, que às vezes pode passar alguma coisa. Tá, você falou bem no começo, eu anotei aqui que o Tinder é uma ferramenta muito importante também para criar amizades, criar networking, para além de relacionamentos com fins afetivo, sexual, enfim. Existe alguma diferença desse comportamento que você tem quando você tá tratando com as pessoas com o objetivo simplesmente de fazer uma amizade ou um networking e com as pessoas que você dá match já intencionado a desenvolver uma coisa mais afetiva ou sexual? Como você se torna isso no percurso? Como que isso acontece?

Recrutado (01:08:44)

Não, eu acho que depende de muitos fatores. Por exemplo, tem pessoas que escrevem no perfil, assim, que tipo, procurando novas amizades, sabe? Eu acho muito legal isso, tipo. E a partir daí, o cara vai conversando, desenvolvendo, tipo, "ah, tô com tempo ali na quinta-feira, ali entre 17h30 e 18h00". 17h30 e 18h30... Vamos em tal lugar, tomar uma cerveja, pra nós conversar, pá pá pá". E daí desenvolve uma parceria legal, sabe? Mas tem muita gente que, por exemplo, marca um date pra ir, por exemplo, e chego lá e a pessoa não... Ela transmite algo diferente do que ela escrevia. Sabe, da maneira como ela escrevia. Mas mesmo assim a pessoa se mostrou uma pessoa muito legal, muito bacana e muito leve de conviver. Então também é uma amizade legal que dá para construir ali, sabe?

Pesquisador (01:09:31)

Se você, porventura tivesse alguma informação pessoal tua vazada do aplicativo Tinder, o que que você, qual medida que você tomaria quanto a isso?

Recrutado (01:09:46)

Nossa, eu acho que a primeira coisa que eu faria ia ser assistir um vídeo do YouTube e procurar por informação. Acho que seria isso, sabe? Porque parece que tudo se resolve com um vídeo do YouTube, sabe? Desde arrumar um cano da pia até uma medida de segurança, sabe?

Pesquisador (01:10:04)

O que você acha que pode trazer de impacto para a vida de uma pessoa que está no sigilo ter os dados dela vazados pelo Tinder?

Recrutado (01:10:18)

Nossa, eu acho que como essa pessoa, como ela tá no sigilo, é uma pessoa que ela não está preparada ainda para lidar com muitas coisas, assim, né, psicologicamente falando. Então, primeiramente, eu acho que essa pessoa vai ficar apavorada. Assim, ela vai cair todos os muros, né? Todas as formas de proteção que essa pessoa foi construindo ao longo dessa jornada aqui na terra dela. E... Também eu acho que essa pessoa muitas vezes entra naqueles casos assim, tipo, que é como se a vida da pessoa acabasse, ela pega e ela se muda pra outro lugar, né? Tipo, que são aqueles casos, por exemplo, assim, que o cara ouve falar, tipo "Ah, tu viu que fulano, descobriram que fulano era viado e se mudou lá pro Nordeste. E chegou lá, fulano foi tirar férias e encontrou ele lá, e papapá", sabe? Então eu acho que a pessoa, ela tem esse receio, assim, de, tipo assim, "ai, a minha máscara caiu", né? Porque às vezes a própria pessoa também, infelizmente, ela foi condicionada a pensar dessa maneira, né?

Pesquisador (01:11:24)

Estar no sigilo pode ser considerado um dado pessoal?

Recrutado (01:11:30)

Pode, porque a partir do momento em que a pessoa não está mais no sigilo, porque isso é descoberto de alguma maneira, é uma informação que vaza, então sim.

Pesquisador (01:11:44)

Se eu for comparar dois dados, o e-mail de uma pessoa e estar no sigilo, qual é mais importante? Se tem um grau de importância ou não tem?

Recrutado (01:12:00)

Nossa, que nó na minha cabeça. Eu acho que se os dados batem, é de igual importância. E para uma pessoa que está no sigilo, isso é tenebroso, né?

Pesquisador (01:12:14)

Você já ouviu falar em dados pessoais sensíveis?

Recrutado (01:12:21)

Não, nunca ouvi esse termo.

Pesquisador (01:12:23)

O que te vem à cabeça quando falam em dados pessoais sensíveis?

Recrutado (01:12:30)

Nossa, dados pessoais sensíveis, meu deus, o que que pode ser pior do que, mais sens... não digo pior, mas mais profundo do que uma identidade e um CPF? Talvez o fato de... Sei lá, de... Bom, como tu tava falando na questão de sigilo, eu acho que talvez essa pessoa ela se identificar de um gênero, mas querer talvez aparentar outro. Isso é um dado pessoal sensível, sei lá.

Pesquisador (01:12:58)

Existe algum dado que pode ser utilizado para criar discriminação em relação a você?

Recrutado (01:13:12)

Não sei.

Pesquisador (01:13:14)

Se eu pego, por exemplo... A gente falou aqui de orientação sexual, né? Considerando que a gente tem uma sociedade que é bastante conservadora e tudo, você acredita que saber da sua orientação sexual, alguém saber da sua orientação sexual pode levar essa pessoa a te discriminar de alguma forma?

Recrutado (01:13:45)

Olha... Eu nem sei mais, porque eu sou tão discriminado assim, tipo... "Ah, ele fica com homem, porque não sei o quê". Tipo, "ah, ele fica com mulher, porque pra não dizer que fica com homem também" Sabe? Eu acho que essa discriminação ela vem de forma tão sutil que se isso acontecesse, é capaz de eu nem perceber, sabe?

Pesquisador (01:14:05)

Se as pessoas não soubessem da tua orientação sexual, você acredita que elas continuariam te discriminando igual?

Recrutado (01:14:10)

Uhum, com certeza.

Pesquisador (01:14:14)

Por que você acredita nisso?

Recrutado (01:14:16)

Porque eu não... Eu acho, provavelmente, pelo meu jeito de falar, pelo meu modo, como eu me porto, como... Acho que a linguagem não verbal da pessoa entrega muito...

Pesquisador (01:14:32)

Esse comportamento seu, então.

Recrutado (01:14:34)

Aham, eu acredito que o comportamento.

Pesquisador (01:14:36)

Deixa eu só dar mais uma passada, porque do nada, do nada, vieram mais várias perguntas, viu? Eu vou anotando as coisas aqui, aí... Não acredito que... É isso. Tu tens alguma coisa que gostaria de adicionar em relação à privacidade, em relação a dados pessoais que você não falou durante a tua entrevista? Fica à vontade, se tu tiver, se não tiver também não é obrigatório, naturalmente.

Recrutado (01:15:17)

Eu não digo acrescentar, mas essa nossa conversa aqui ela me fez refletir sobre muita coisa que eu não tinha parado para pensar, né? Seja pela correria do dia a dia ou seja por preguiça mesmo mas assim um exemplo assim que me fez pensar muito assim claro a gente tem essa noção mas a gente não tem essa noção tão aprofundada porque como eu disse a gente não para para pensar nisso essa coisa

de o Instagram por exemplo ele ser um dado pessoal né o teu perfil ser um dado pessoal né a gente cuida desse perfil e tudo mais mas a gente nunca pensa nessa questão dele ser um dado pessoal sabe?

Recrutado (01:16:00)

É de muita valia, nesse sentido, assim.

Pesquisador (01:16:01)

Bom, já fica então o convite para depois que finalizado o estudo para a leitura eu vou providenciar também uma... Além da dissertação, obviamente, que é o mais complexo, mais amplo, né? E muita gente não tem tempo para esse tipo de leitura. Mas eu vou providenciar um material mais simplificado, mais objetivo, trazendo os resultados principais da pesquisa. Oportunamente eu vou informar ali a todos os participantes que tiverem interesse em receber esse material, então fica o convite para receber esse material e ter acesso. Bom, agradeço então a tua participação, foi bastante proveitosa aqui e qualquer dúvida, fico à disposição, qualquer questão que você tiver pode mandar no e-mail da pesquisa que eu posso responder por ali.

Recrutado (01:16:52)

Com certeza, muito obrigado Daniel, foi de muita valia essa nossa conversa, me fez refletir sobre muita coisa e eu espero ter contribuído de alguma forma, de alguma maneira.

Pesquisador (01:17:02)

Com certeza, vou terminar aqui nossa gravação.

Recrutado (01:17:05)

Tá bom.

## APÊNDICE H – Transcrição da entrevista do Recrutado 2

Pesquisador (00:00)

Entrevista do dia 27 de abril de 2023, 16 horas. Antes de iniciar essa entrevista, eu gostaria de ratificar o seu aceite no termo de consentimento livre esclarecido, que você deu quando você preencheu o questionário, para que a gente possa continuar a pesquisa. Você entendeu, você tirou todas as dúvidas que você porventura tinha e você está de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Recrutado (01:07)

Sim, de acordo.

Pesquisador (01:08)

Gostaria de lembrar que essa entrevista ela vai ser gravada, com a captação da tua imagem e do som, sendo que está resguardada a confidencialidade e o seu sigilo. Você pode optar por não responder qualquer questão que possa te causar algum tipo de constrangimento ou mesmo pode desistir de participar da pesquisa sem necessidade de apresentar qualquer justificativa, sendo que você não vai sofrer qualquer tipo de prejuízo por conta disso. Os dados coletados até o momento que você decida eventualmente desistir da entrevista eles vão ser imediatamente excluídos. De acordo com isso?

Recrutado (01:10)

De acordo.

Pesquisador (01:10)

Ótimo. Então o objetivo dessa entrevista basicamente é compreender as respostas que você já deu ao questionário e aprofundar um pouquinho mais no tema referente a privacidade e proteção de dados pessoais no uso do aplicativo Tinder, as perguntas que eu vou te fazer não existe uma resposta certa ou uma resposta errada, o objetivo é justamente entender a tua percepção, então, como tu compreendes, se tu tiver alguma dúvida em relação às perguntas, pode ficar bem à vontade para me perguntar, eu não tô aqui no papel de julgar ou questionar o que você me disser. Quanto mais você for descritivo, trazendo detalhes nas perguntas,

mais vai me ajudar nesse processo de analisar tudo que for coletado aqui nessa entrevista, pra eu no final fazer... Traçar essas percepções. Eu vou começar o primeiro bloco de perguntas focando em orientação sexual. Você respondeu lá no questionário que você se identifica como homossexual. O que é para você ser homossexual?

Recrutado (02:20)

Eu acho que é a atração exclusiva pela pessoa do mesmo sexo. A atração afetiva e a atração sexual.

Pesquisador (02:27)

Como foi para você esse processo de se reconhecer como homossexual?

Recrutado (02:44)

Foi um processo facilitado, eu diria, eu acho, que porque eu ter um irmão gêmeo, também gay, que se assumiu antes do que eu, foi mais fácil pra mim esse processo, foi mais natural.

Pesquisador (02:45)

Já era uma coisa naturalizada na tua família? Então, por conta desse teu irmão...

Recrutado (02:52)

Eu acho que já era meio que esperado. A gente ia fazer terapia, a gente era muito danado, hiperativo. A gente fazia terapia, né, desde crianças, para ambos fatores, assim, por sermos crianças muito agitadas, e talvez já por, já gostava de brincar de boneca, assim, essas coisas, não sei...

Recrutado (03:14)

6, 7 anos. Acho que desde sempre. Mas, assim, eu lembro de fazer terapia desde uns 6 anos, 7 anos. Assim, bem cedo.

Pesquisador (03:23)

Não, não. Eu digo o reconhecimento teu.

Recrutado (03:25)

Ah, reconhecimento? Mas é isso também. Acho que desde... Eu acho que eu sempre estou... Eu não quis performar de outra maneira, entendeu? Mas eu acho que sempre foi meio que algo que eu já percebi desde muito cedo. Desde essa época, assim, que eu... Agora, eu gostava dos meninos, mas... [inaudível]

Pesquisador (03:45)

Você sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação por conta da sua orientação sexual?

Recrutado (03:52)

Sim, de certa maneira sim. Um pouco, assim, não algo que chegava a ser, assim, pesado, assim, até porque a gente revertia muito isso, nos outros alunos... Mas assim, em alguns momentos tinha. Na aula de educação física, talvez, algumas coisas assim bem pontuais. Mas acho que tanto eu e o meu irmão, a gente ser muito falante, muito inteligente, se dar bem na escola, a gente conseguia subverter isso. Mas alguma piadinha, alguma coisa, sim, existia na escola.

Pesquisador (04:20)

E agora, já na fase adulta, como que é essa situação?

Recrutado (04:29)

Foi mais tranquilo, assim. Eu tive a primeira experiência de trabalho, assim, viria de carteira assinada depois de formado. Trabalhei numa empresa que é de boas. Foi de boas, sim, mas tive que ouvir coisas em ambientes de trabalho, né, a gente ouve umas opiniões, umas coisas. Tipo, mas assim, foi tranquilo. Eu sei que tem ambientes que você tem que nem comenta, nem se fala. Assim, na vida adulta eu não tive mais problemas. Da faculdade, assim, não que tenha tido problemas na escola, mas foi algo que... Muito bem de boas, assim, a fase adulta, sendo gay, se gostaram de ouvir.

Pesquisador (05:07)

Essa... Essa sua experiência que você teve aí nesse trabalho que às vezes tinha alguns comentários. As pessoas... Eita, falhou a voz. As pessoas sabiam

abertamente que você era gay? Você se identificava já como gay no ambiente de trabalho ou as pessoas...

Recrutado (05:27)

Eu era gay. E na questão em si foi uma questão que, tipo, uma das gerentes lá tinha um filho gay, que era um gay bicha bem novinha, né? Afeminada, assim, pintava as unhas. E isso, pra quem é tradicional, manezinho, que se acha muito, porque tem as pessoas que são e tem as pessoas que querem se mostrar a ser, né? Era algo muito chocante, então... Fazer comentários do tipo "ah, a mãe incentivou o filho a ser gay por causa disso, o pai saiu de casa", ah, é o que se fala, é a empresa. Tipo assim, putz... Ao ponto de eu achar isso uma fala bem homofóbica, e de uma supervisora falando isso, tipo... Você vê como as coisas são. Então, chocado por um lado, mas assim, na hora é tudo assim, de uma maneira muito... Uma risadagem, uma coisa, confissões, assim. É uma coisa meio velada, tipo assim, pode até ser gay, mas assim, putz, pintar a unha já é demais, assim. Você vê como tinha, mas assim, eu nunca percebi abertamente, eu ando abertamente, tinha essas coisas. Você vê, né? Minoria, né? Se você for pensar, né? Com um trabalho bem feito, com números, tipo assim, para as empresas é vantajoso, porque você não tem família, você não tem filhos, você não tem creche não tem ninguém para botar no plano de saúde, né? Eu vejo que as empresas brilham os olhos quando veem colaboradores gays.

Pesquisador (07:02)

Aham. E por conta do teu comp..., da forma como você se comporta em si, você chegou a ter algum tipo de preconceito no ambiente de trabalho ou fora também?

Recrutado (07:15)

Não... Acho que não... Aqui só teve uma vez, que eu fui numa balada meio hétera, que era o "Fulano Floripa", e tipo assim, eu tava me beijando com um boyzinho e chega um cara assim, bem no estereótipo, branco, bombado, não sei o que. Ele ficou dando cerveja pra gente. Tipo assim, "ai, bebe isso, bebe isso". Pra gente parar de se beijar. Foi a única vez, assim, que eu fui num canto. Que também acho que eu fui num canto mais deslocado. Eu não conhecia, eu tinha acabado de chegar. Mas não diria que, assim, alguns momentos da minha vida. Algo muito incipiente. Assim, não vou dizer que passei por grandes traumas, assim, pessoalmente.

Pesquisador (07:44)

Como essa situação toda de você desde muito cedo se reconhecer como gay, talvez até não entendia muito bem, mas já tinha esse comportamento voltado a coisas, como você disse, brincar de boneca e que as pessoas associam quando um menino faz com um comportamento homossexual, né? Você chegou a ter nessa tua caminhada toda algum momento de sair do armário ou você já, meio que, por conta disso, já sempre tava fora do armário mesmo?

Recrutado (08:18)

Não, meio que teve, sim. Eu fiz um intercâmbio pra Alemanha, e aí quando eu voltei, meio que eu já tava assim, mas não dava tantas satisfações e aí comecei a namorar com um cara e queria dormir fora. Então, eu meio que tive que falar pra minha mãe, pros meus pais, e dizer "ai, namoro com um cara, quero dormir fora". Então, teve esse momento meio que de ter que falar, de adequar as coisas. Tipo assim, era de boas, mas não era tão de boas. Mas, teve sim essa transição, assim, dos 18 a 19 anos aconteceu.

Pesquisador (08:50)

19 anos?

Recrutado (08:52)

É, foi dos 18 para os 19 anos, é, eu devia ter uns 19 anos.

Pesquisador (08:58)

O que que significa pra você sair do armário?

Recrutado (09:03)

Acho que é um ato político, né? Você se entender naquela comunidade e se reconhecer e mostrar, né? Mostrar isso pras pessoas, "oh, eu sou gay e estou aqui". "Sou gay e faço isso". "Sou gay e minha vida é essa" Não é? Muito por isso, assim. Você traz isso para as pessoas, para elas se acostumarem, eu acho que é isso. Você é sua... quem você é. Então é muito mais sobre o político, sobre reconhecimento e eu lembro bem dessa transição, que em alguns momentos eu

falava com amigos mais velhos, "ai, porque às vezes me incomoda se alguém pergunta se eu sou gay, talvez o nome fez a palavra, e eles dizem 'ai, relaxa, é assim mesmo, de algum jeito você não vai nem pensar sobre isso". E de fato, então, tem tudo isso, mesmo se você se acostumar, parece meio que ser uma ofensa, depois você acha que talvez seja legal quando alguma mina diz "ai, mas que desperdício", "ai, mas nem parece", depois você entende o processo contrário. Tipo assim, eu acho que são várias, né, Então várias coisas que acontecem nessa trajetória e você vai vendo e você vai conhecendo. Enquanto algumas pessoas vão para um lado, acho que outras vão para o outro, de conhecer, saber quem é que está dentro da comunidade, por que expandiu, porque agora, tipo assim, existem vários setores, né...

Pesquisador (10:18)

E o que é para você ficar no sigilo?

Recrutado (10:24)

Ficar no sigilo, eu acho que é... Eu acho que tem uma questão aí, duas coisas. Tem umas pessoas que querem performar sexualmente no sigilo, que não existe. Eu acho que tem pessoas que precisam desse sigilo pra não terem que assumir todos os pesos, né? De se assumir politicamente, como gay, de ter sua virilidade questionada, né? De ter sua... Ser associado a certas coisas. Tem pessoas que simplesmente não querem.

Pesquisador (10:55)

O que seria performar sexualmente no sigilo, que você falou?

Recrutado (10:57)

Pra mim é... não ter coisas muito ligadas ao universo feminino. Tipo assim, até no você ser um passivo você não vai ser aqueeee passivo. Eu acho que vão se criando nuances nessas performances sexuais, do passivo assim, aí do passivo tal, do que pode, o broderagem, o berinjela x berinjela, o H x H, então eu acho que dá uma... Sim, você entende o recado, né? Tipo assim, tem que ser mano, tem que ser, tem que parecer. Mas pessoas nem sabem, tu vai ficar de cara, tenho um amigo que muda a voz pra mandar áudio pros bichos. Putz, coitado quem cai, né? Mas você

não sabe, você nunca viu a pessoa, você não sabe como é que ele é com os amigos, quando é que ele bebe, quando é que ele fica, tipo... putz, aí tu fica achando mesmo que aquele cara é sigiloso, que aquele cara é casado, que ele é casado com mina, com mulher, com filho. Viraram status, assim, as pessoas colocam agora: "casado com filhos", "casado com homem", "casado com..."

Pesquisador (12:12)

Sobre essa questão de performar ainda, só pra ver se eu entendi bem. Então, são duas coisas, basicamente: estar no sigilo seria a pessoa que ela não quer que as outras saibam a sua orientação sexual, por algum receio ou não quer sair do armário, e performar esse sigilo, performar essa... Sexualmente esse sigilo, seria alguma coisa como... é...

Recrutado (12:44)

Assim, mas eles querem passar, né? Porque quem quer sigilo mesmo não precisa colocar sigilo lá. Quem coloca sigilo é porque quer mostrar "eu sou desse tipo". Tipo assim, nesse momento do nosso encontro eu vou performar dessa maneira. É engraçado que eu vejo as pessoas até colocando desabafos, não é tanto no Tinder, é na rede social vizinha. Que ah, a galera pede uma coisa que ela não dá, que tem muitas pessoas no Tinder que não têm os estereótipos de ser sigiloso. Então... Mas eu acho que as pessoas que colocam isso, porque eu já saí com caras sigilosos que não tinham, não precisam colocar isso, entendeu?

Pesquisador (13:14)

Então essa palavra-chave aqui quando você fala desses caras que vão botar, que são sigilosos ou que tem um homem x homem, ou a berinjela etc. É "performance", seria a palavra que descreveria bem. Eles estão ali querendo...

Recrutado (13:41)

Mostra essa performance de não mandar foto, né? Também é um artifício para tu dizer "ah, eu não vou mandar foto porque sou sigiloso". Também tem isso. Mas, é, eu acho que essa performance é aquele tipo de cara, de sair, que "ai, tenho outra vida, que não vou me conectar com você, é sem afeto, é só..." eu acho, eu já

associo bastante a isso, é um cara que só quer um lance sexual, rápido, não quer mandar foto, não quer falar o nome...

Pesquisador (14:12)

Quando o cara diz "não vou mandar a foto porque eu sou sigiloso", como você entende isso? É um... simplesmente para encorpar esse estereótipo do sigiloso ou porque o cara de fato quer uma segurança, quer garantir privacidade?

Recrutado (14:29)

Sendo bem sincero, assim, quando eu vejo isso... No Tinder é mais... É diferente porque tu tem que colocar algumas fotos lá, então... Tem gente que já diz nessa descrição "Não, essas pessoas não mandam foto de jeito nenhum, não faço isso, não faço aquilo" e coloca alguma foto de um copo, de uma paisagem, alguma coisa. No outro, é diferente. Porque agora no Grindr tu não tem como. Tu não pode tirar print da tela. Então, assim, meio que dá uma controlada. Isso, okay, não é 100%. Mas as pessoas podem mandar fotos que expiram. Então, hoje é mais difícil a pessoa não mandar nenhum tipo de foto. Tipo assim, tem gente que não quer mandar foto do rosto, mas coloca lá. Eu acho que são situações. Acho que tem hora que tu tá em uma cidade no interior, e tu tá numa praia, tu tá num canto, aí tu sai e tu tá numa, né, numa conjetura que, putz, eu entendo, talvez esse cara não queira se mostrar, ele não queira, mas eu tô afim de sair com o cara, talvez eu vá lá e saia. Mas, onde tu mora no teu bairro, aí tem um cara, tipo assim, é mais difícil porque tu sabe meio que quem tá ali e quem não tá. Então até tá caindo muito por terra essa coisa do sigilo, porque, tipo assim, [inaudível] hoje em dia ser gay...? Então, tipo assim, não é mais meio que uma grande questão. Porque a gente tá vendo a geração, essa geração Z, esses caras não quer mais performar essa virilidade. É todo mundo meio que bi, é todo mundo meio que uuuh, então tá ficando meio isso. Putz, sigilo? Putz, a gente quer ver a tua cara. A gente quer ver tua rola." Tipo, tá entendendo? Não vai mandar nenhuma foto?!

Recrutado (15:59)

Tá ficando "demodê" ser sigiloso?

Recrutado (16:04)

Uhum...

Pesquisador (16:05)

Nossa, demodê é uma palavra bem [inaudível].

Recrutado (16:05)

Até porque tem muita oferta no mercado, se tu não se mostra, tu não vai... Tu não vai sair com ninguém, sério.

Pesquisador (16:21)

Eu vou fazer agora algumas perguntas mais focadas no próprio uso do aplicativo Tinder e tudo que envolve esse uso. Eu vi que tu disse que usas outros aplicativos, o Grindr, Hornet, Scruff, Tinder, Gay Romeo... Esse aqui eu não conheço.

Recrutado (16:36)

É, eu já usei, são aplicativos que já usei ao longo... ao longo da vida. assim, atualmente só uso o Grindr e o Tinder. O gay Romeo era um bem antigo, tinha muito na Europa, eu morei um tempo na Alemanha, então era um Facebook meio que voltado pro público gay, que tinha o chat, tinha uma pegada do que seria o Facebook mais pro Tinder, mas não tinha um match, era...

Pesquisador (16:59)

Tá, então hoje você usa o Tinder ou o Grindr?

Recrutado (17:02)

É.

Pesquisador (17:02)

Eu vou focar mais no Tinder, como eu disse, até porque é o escopo da pesquisa, mas em alguns momentos eu vou fazer comparação com o Grindr pra poder entender melhor as tuas respostas. Primeiro me conta como que é o teu uso do aplicativo Tinder, com qual frequência que tu usa, como que tu desenrola as conversas, como que é o teu perfil, se tu preenche tudo, se tu não preenche...

Recrutado (17:32)

Não, não preencho muito. Até às vezes o pessoal fala. Eu não preencho muito, eu tenho um pouco de preguiça do Tinder, não vou mentir. Então eu acabo deixando as mensagens, tenho a impressão que "ai, os caras não mexem nunca". Já rolou alguma coisa, mas no mais, não rola muito pra mim, eu tenho preguiça. Não preencho muito do perfil, eu gosto de deixar meio que um mistério pra meio que... A hora da pessoa querer se encontrar e tal, se tu coloca muita foto, coloca muita informação, tu não tem o que falar, as pessoas não ficam tão curiosas. Eu já saí algumas vezes, assim, meio frustrantes, os boys muito, sei lá... a galera, não sei, não tenho muita paciência. Não que eu tenha demais pro outro. Aí tu tem que ficar falando, aí tu tem que..., aí, tem que passar muito tempo, aí vai pro Instagram, as pessoas querem muito usar o Tinder pra ir pro Instagram, aí eu fico meio sem saco, de ficar conversando... "oi", "tudo bem", aí não sei o que, aí tal, aí tem que ficar... E tem muita gente que não te chama, aí tu tem que ficar puxando... sem, sem paciência.

Pesquisador (18:34)

Então tu tens meio que preguiça por conta da própria dinâmica do aplicativo que é diferente do Grindr, por exemplo...

Recrutado (18:45)

Ah, eu acho.

Pesquisador (18:45)

O que que é diferente do Grindr e do Tinder, pra ti?

Recrutado (18:45)

Ah, o Grindr...

Pesquisador (18:45)

O que faz tu ter um pouquinho menos de preguiça do Grindr do que do Tinder...

Recrutado (18:45)

Porque tu pode ser mais direto, de fato rola uns encontros mais rápidos. Até a gente sai com alguém, quando vai ser legal vai ser em um e em outro. Sei lá, as pessoas querem mostrar uma coisa muito... Não sei, no Tinder, né? Você tem que manter mais uma compostura, você tem que manter mais... Um... Eu não sei, é o certo. No Grindr as pessoas são mais dispostas a se encontrarem, né? No outro é, você conversa, conhece, mas eu não sei, no final de tudo, eu ainda tive melhores encontros no Grindr, tipo assim, e conheci pessoas, fazia amigos... Algumas poucas pessoas eu conheci no Tinder, eu saí pra jantar e tal, mas... Nossa, você tem que estar muuuito na vibe, assim. Aí eu vejo que tá cansado de sair, porque bora combinar. Quando tu sai, tu interage com muito mais gente e geralmente quem tu vê na balada, no escândio, tu vai ver no Grindr. No Tinder também. Mas tem muitas pessoas que te viram pessoalmente e elas vão começar a te chamar, interagir mais virtualmente. Aí quando você não tá mais na vibe de sair, cansado, tu fica muito dependente dessas redes, eu acho que dá uma preguiça. Uma coisa é ter pessoas que usam essa rede, tipo assim, paralelamente. Outra coisa é ter várias pessoas que dependem disso pra se relacionar. Acho que fica uma coisa maçante, acho que foi o que aconteceu com o Tinder. O pessoal ficou muito... Meu irmão falou que tem outros aplicativos bem fudas, que dá pra colocar várias preferências, várias coisas do que tu gosta. Ele disse que uma prima minha de Brasília usa. Ele disse "ah, é porque a gente não conhece". Eu não sei se deve ser mais voltado pra hétero. Mas tem outros aplicativos, outras coisas também, além de dar uma nova dinâmica, né? Que se readaptaram, fizeram novas coisas...

Pesquisador (20:44)

Como você disse que não usa com tanta frequência, não tem muita paciência para o Tinder. Mas nesse tempo de uso... Quanto tempo mais ou menos você usa o Tinder? Só pra...

Recrutado (20:52)

Aí, sei lá, 5 anos, 6 anos?

Pesquisador (20:58)

Aqui está, 5 a 6 anos, isso. Nesse tempo que você usou o Tinder, você sentiu algum receio em relação à tua segurança? Alguma questão com privacidade ali no aplicativo?

Recrutado (21:17)

Não, não.

Pesquisador (21:21)

Você disse que alguns aplicativos você deixou de usar por conta de... Deixa eu ver aqui bem certinho a pergunta. Por causa de receio, quanto à segurança de suas informações pessoais e dados e por causa de receio, quanto à sua privacidade, você lembra que aplicativos foram esses? Por que exatamente que você deixou de usar?

Recrutado (21:47)

Ah, eu não sei agora, mas deve ser com certeza algum desses aplicativos de bate-papo, alguma coisa assim, né? Talvez depois que se começou a falar mais de dados e coisas. [inaudível] por causa dessas coisas... num sei, Mas, assim, algo bem... Não algo de grande preocupação, mas um aplicativo e outro, desses maiores, né? Tipo assim, eu entro com minha conta Google, tem uns que eu não entraria, eu não vincularia, é algo nesse sentido...

Pesquisador (22:16)

Por que você não vincularia sua conta do Google? O que que representa vincular a conta do Google?

Recrutado (22:23)

Não, não sei, porque tipo assim, quando é com uma grande empresa pelo menos você sabe que você pode colocar algum processo depois... Tem empresa que não sabe nem o que é, vou colocar lá meu negócio depois publica alguma coisa, ou utiliza alguma... eu não sei, eu acho que é o conhecimento nesse, nesse ponto...

Pesquisador (22:34)

Você tem receio de alguma forma as tuas informações da própria conta do Google serem acessadas? É isso?

Recrutado (22:45)

Sim, minhas informações do aplicativo serem compartilhadas, sei lá, na minha conta do Google ou no meu Facebook quando eu faço login por algum deles.

Pesquisador (22:54)

Quando você falou que teve receio, embora não seja tão expressivo, né, pelo que você me disse, em relação à sua privacidade, à proteção dos dados. Então não foi especificamente da plataforma, mas sim do contexto como um todo de uso das coisas. Que você passou a se preocupar um pouco mais com dados pessoais, com privacidade, foi isso?

Recrutado (23:27)

Isso, e algumas plataformas que eu não sei serem confiáveis, não me passaram essa confiança de uma grande empresa estabilizada no mercado, como eu sei que o Tinder é, que o Grindr é, algumas outras eu não iria fazer o meu login direto, porque tu pode fazer o login tipo, colocando lá, "login Google", "login Facebook", "login Apple ID", essa [inaudível] de login, de coisas, e informações, aí tu vincula o e-mail pra tu receber, pras coisas, pra notificar, pra carregar fotos, né?

Pesquisador (24:01)

Você disse que acredita que a sua privacidade não está preservada em nenhum dos aplicativos de relacionamento que você utiliza atualmente. Por que você entende dessa forma?

Recrutado (24:17)

Aí, porque tu tens que aceitar altas coisas. Agora sempre que tu entra num aplicativo tu tem que dar um aceite toda hora, lá, tipo, com certeza eles compartilham aquilo com várias outras empresas e coisas, assim... Eu não fico nessas pira... eu sei que tudo hoje são dados e dados são, é dinheiro e eles vendem essas informações, marketing de vigilância, essas preferências todas que eles sabem que tu tens, dos vídeo que tu assiste, dos e-mails que tu não abre, tipo, várias coisas, eu...

Pesquisador (24:47)

Tem alguma forma que faria com que a sua privacidade ficasse bem preservada nesses aplicativos?

Recrutado (24:59)

Tem, tem. mas, assim, eu não saberia apontar qual, mas eu acredito que existem sim mecanismos, né, de tratamento, armazenamento de dados. Já existe a LGPD, né, que dita um pouco dessas regras, mas com certeza há muito a se avançar nesse campo. Como essas empresas são baseadas muitas vezes em outros países, eu acho que elas já acompanham essa tendência, que em outros países já foi regulamentada essa matéria. Eu vejo que aqui a gente ainda tá... A gente tem esse impasse com TikTok, com Telegram e com esse novo governo. Eu acho que vai haver essa regulamentação. Porque há muito conteúdo inapropriado na mão das crianças de todo mundo. Enfim, tá um caos esse mundo da internet. E os dados estão nesse meio, né? Então, eu acho que esses dois, o Grindr e o Tinder, eles já, né, tão atualizados com esses outros países, né, até porque eles são rápidos, porque eles... Eles são à frente, né? Porque eles trabalham com isso.

Pesquisador (25:44)

Tu acredita que essa regulação é suficiente pra preservar a tua privacidade? Esse tipo de regulação com a LGPD, o regulamento geral de proteção de dados?

Recrutado (25:59)

Não. Acho que não é suficiente, mas já é alguma coisa, assim. É um norte, mas... Com certeza não é suficiente. Acho que é muito vaga ainda. Tem muitos, né, casos específicos como esse, até de relacionamento é um caso bem específico, né? Existem vários setores. Farmácia, compras online, tudo, assim, são vários rastros que você deixa, então...

Pesquisador (27:12)

Os aplicativos em geral têm três documentos que são importantes atualmente, que são as regras da comunidade, as políticas de privacidade e os termos de uso. Você respondeu aqui que não leu nenhum desses documentos quando você fez cadastro

nos aplicativos que você utiliza atualmente. O que te impede de ler esses documentos?

Recrutado (27:13)

Cara e coragem mesmo. Não tem nenhum... Pois, é aquilo, né, são termos de uso você tem que aceitar para usar aquilo, é, né, uma adesãozinha, mas... eu digo é isso, é só mesmo que... Estou mais interessado em utilizar imediatamente os aplicativos do que saber...

Pesquisador (27:14)

...Do que saber exatamente o que tem nesses, nesses documentos?

Recrutado (27:15)

É.

Pesquisador (27:17)

Quando eu falo em políticas de privacidade, o que que são políticas de privacidade?

Pesquisador (27:29)

Eu acho que pra mim são os dados que eles compartilham, o que eles têm acesso, do teu telefone, tuas fotos, o que tu responde lá, o teu e-mail... Às vezes, tu usas os dados do teu cartão de crédito. Eu acho que tem, nesse sentido. As políticas de uso que dizem como o usuário deve se comportar e as penalidades, banimentos, as previsões. Eu vejo que eles colocam muito esse "aceite", principalmente do Grindr. No Tinder, eu acho que é mais quando tu faz a conta. O Grindr eu acho que é tão pesado que tu tens que ficar aceitando toda vez que tu... tem casos aí que é foda.

Pesquisador (27:59)

E as regras da comunidade?

Recrutado (28:25)

As regras da comunidade eu já vejo, tipo assim, são dos usuários, são as normas de conduta, né? Eu acho que ali, tipo, você transgrediu é algo mais... como tu deve se

comportar, enquanto a política de privacidade é como a empresa vai se comportar perante o usuário.

Pesquisador (28:36)

E sobre os termos de uso?

Recrutado (28:39)

Os termos de uso? Eu acho que é, também, os termos que você tá aceitando ali, para você tá utilizando... Eu vou agir sob essa conduta. Eu tou utilizando, né, para essa finalidade, eu não posso subverter essa finalidade, eu não posso fazer uso para vender certas... enfim, eu acho que tem, né, eu acho que são essas...

Pesquisador (29:06)

Os termos de uso, eles têm relação com política de privacidade, com regra de comunidade?

Recrutado (29:16)

Os termos de uso com política de privacidade? Eu acho que devem ter uma relação. Até você compartilhar também informações de outras pessoas naquela comunidade. Acho que tem uma vinculação de tudo, né? Das tuas informações, informações que você compartilha, tal, qual fotos que você compartilha, acho que isso deve ter, né? Nesses termos, essa regulamentação de dizer o que tu deve, pode e o que tu não pode fazer, com as tuas e com as informações de terceiros.

Pesquisador (29:45)

Sim.

Pesquisador (29:50)

Me diz uma coisa. Você respondeu aqui em relação ao uso de aplicativos. Eu perguntei o nível de importância para algumas afirmativas e você disse que é importante poder escolher quem pode saber sua orientação sexual. Considerando que você disse que já tá fora do armário, que já se identifica como gay, que essa situação está totalmente resolvida, por que que você acredita que é importante esse tipo de escolha? Você poder escolher quem pode ou quem não pode saber?

Recrutado (30:36)

A gente sabe que a sociedade é preconceituosa e em certos momentos você vai estar, você pode estar influenciando num pré-julgamento, assim, de alguém, sei lá... numa seleção, alguma coisa, tipo... Eu ainda vejo isso como um dado, assim, que pra mim não é relevante eu ter isso por exemplo no cadastro né. Não sei, nesse momento...

Pesquisador (31:01)

É... Mesmo no Tinder, você está lá no Tinder. Você acredita que alguém que tá lá, que vai aparecer pra ti para dar um match. Aliás, que o teu perfil vai aparecer para essa pessoa para dar um match. Teria algum problema ela saber se tu é gay ou bissexual, por exemplo?

Recrutado (31:21)

Não, nessa conjectura não.

Recrutado (31:24)

É, porque... o... Aqui o foco das questões...

Recrutado (31:28)

Mas assim, se essas empresas compartilham essa informação com outras empresas, tipo assim, se isso é informação que eu quero que seja privada, eu acho que sim, tipo, posso tá compartilhando lá, mas digo que compartilhando lá que se restringe àquele ambiente. Não é uma informação que porque eu compartilhei no tinder que eu quero que tudo esteja vinculado àquela informação.

Pesquisador (31:53)

Então é importante porque essa informação pode ser compartilhada com outras empresas que você não autorizou e pode ser utilizado de alguma forma inadequada.

Recrutado (32:07)

Uhum.

Pesquisador (32:08)

Tá.

Recrutado (32:09)

Isso.

Pesquisador (32:09)

Aqui você também falou que é importante ter o poder de ficar no sigilo. Como que você analisa essa situação, essa importância que você definiu para essa afirmativa?

Recrutado (32:29)

Eu acho que as pessoas têm, sim, esse direito, não tem que estar mostrando a cara ou dizendo quem são, até porque elas estão em circunstâncias diferentes, né? Então, as pessoas estão livres, acho que, para se mostrarem e para não se mostrarem, aí, o que elas vão fazer, se elas vão conseguir se expressar... Mas acho que é sobre isso, você se esconder, você se mostrar, e...

Pesquisador (32:56)

Você entende que há algum tipo de risco se essa pessoa que tá no sigilo ter os seus dados pessoais vazados e acabar tirando ela do sigilo?

Recrutado (33:09)

Sim.

Pesquisador (33:12)

Que tipo de risco que você enxerga?

Recrutado (33:17)

Vários riscos aí, psicológicos. A pessoa pode surtar, a pessoa pode acabar com a própria vida, a pessoa pode se vingar das outras. Acho que são várias coisas.

Pesquisador (33:29)

Uhum. É... Sobre... Deixa eu ver aqui. Se passou alguma que eu não te perguntei. É privacidade. Quando eu falo em privacidade pra ti, o que que vem na cabeça?

Recrutado (33:51)

Privacidade...

Pesquisador (33:54)

As primeiras coisas que te vêm na cabeça.

Recrutado (33:55)

Você fazer algo sem as pessoas saibam que você tá fazendo, tipo assim, é você, as pessoas não sabem nem se você tá ou se você não tá fazendo, tipo assim, você tem esse direito de estar no seu... Não só no inato, mas no... As pessoas não têm acesso à informação, ideia. Se há ou se não há, se faz ou se não faz, tipo...

Pesquisador (34:21)

Você acredita que privacidade e segredo são coisas similares?

Recrutado (34:30)

Acho que não são sinônimos, mas elas podem ter alguma relação. Um segredo, você pode guardar na sua privacidade, você pode compartilhar com quem você quer, mas sua privacidade não necessariamente vai ser um segredo, não sei. Não vejo essa relação. Vejo mais a relação entre segredo e privacidade do que entre privacidade e segredo.

Pesquisador (34:58)

Como que seria então a relação inversa?

Recrutado (35:01)

Tipo... Eu não relaciono a privacidade com o segredo, tipo, segredo pra mim é o que tá secreto, que você não anuncia, e a privacidade é você ter esse direito de suas informações, o que você faz, né? Porque tudo passa a ser uma informação, né? Ser resguardada a você. E é quem você quer, né, compartilhar com isso, porque existem coisas da nossa vida privada que só competem a gente, mas se eu tenho uma vida conjugal esses atos né, competem a mais outra pessoa, então essa privacidade, ela se dilata, né? Acho que em alguns momentos. E privado não necessariamente se

restringe a uma pessoa, a duas... Não sei se também se um segredo... Deixar de ser um segredo por ser compartilhado, né? Com mais de uma pessoa, acho que talvez...

Pesquisador (35:59)

E quando eu falo sobre privacidade ainda, você entende que é uma coisa exclusiva do mundo digital?

Recrutado (36:16)

Não, não é exclusiva do mundo digital, mas a gente vai se discutir muito esse tema. Eu vejo que há muito ainda a se adentrar. A privacidade no mundo digital, eu acho que é um... Uma aba, assim, bem grande.

Pesquisador (36:31)

Onde mais que a privacidade está, então?

Recrutado (36:34)

A privacidade está em todas as relações, né? A gente pode ter a privacidade das correspondências, que não era nada digital, a privacidade de uma conversa, a privacidade de uma confissão com o padre, a privacidade de uma consulta, né, de uma sessão, que a gente tem a privacidade em várias coisas. Mas, de fato, quando a gente deixa rastros e gravações e mensagens, a gente, né, tem essa... essa posterioridade, né, dos dados, das coisas, então acho que a gente tem que ter uma responsabilidade maior. E aí a gente tem que ver o que a gente faz, porque a gente passa a ter não nossa privacidade em jogo, mas as outras pessoas também, né? Se eu trabalho com isso, eu tenho acesso a um dado, se eu não tratei, não guardei esse dado, se esse dado vazou... Várias coisas, né, que a gente não tem que se preocupar, mas agora... É, até uma pesquisa que você faz pra faculdade agora tem que ter uma preocupação, tem que ter um protocolo para isso.

Pesquisador (37:29)

Você falou algumas vezes dados. Eu vou estender um pouquinho. O que você entende por dados pessoais?

Recrutado (37:58)

Dados pessoais são aqueles que te vinculam a quem você é, né? A pessoa física, né? O que vincula ao teu corpo, o teu nome, o teu CPF, teu número do RG, se expõe o nome da tua família, né? Acho que são, pra mim são esses dados pessoais, né?

Pesquisador (38:03)

A tua localização te vincula a quem você é?

Recrutado (38:11)

Vincula.

Pesquisador (38:13)

De que forma?

Recrutado (38:15)

Se eu sou um servidor, que eu sou lotado em um estabelecimento, lá num local, e se a minha localização, né, diz respeito ao que eu estava, ou não estava naquele local, aquilo pode me indicar. Tipo assim, não sei, pode... Não sei, eu vejo uma coisa tipo... Eu acho que sim. Porque é um dado também que eu não... Porque eu vejo muito, né, gente, dados sensíveis, dados pessoais. De fato, dados pessoais são aqueles que indicam a pessoa, né, caracterizam. [pausa] É. Não, pensando bem, não sei. Acho que a localização não seria um dado pessoal.

Pesquisador (38:56)

Vou fazer um exercício contigo. Você tem ali o aplicativo Tinder que você disse que, embora use com... Não usa com tanta frequência, ele não tem muitas informações preenchidas no perfil, né? De todas as informações que você preencheu e de todas as informações que você poderia preencher no aplicativo Tinder. Quais que são dados pessoais?

Recrutado (39:27)

Nome... Um dado pessoal... Eu acho que eu nem sei se tem que dizer CPF, e-mail, talvez, dado pessoal... Meu nome, meu e-mail... As redes sociais que eu vinculo, acho que é um dado pessoal.

Pesquisador (39:49)

A descrição que está no perfil, alguma informação dessa descrição é dado pessoal, pode ser dado pessoal?

Recrutado (39:59)

Eu acho que pode, se você quiser colocar teu telefone lá, acho que é um dado que te vincula, teu CPF, te coloca o nome completo, né? As pessoas aqui têm muito dois nomes apenas, não sei, né? Pra que conta isso aí. Colocar um dado pessoal, eu tenho vários sobrenomes, então tipo, não sei. Você usa só um nome vincula tanto, né, no seu...

Pesquisador (40:18)

Ali no aplicativo dá pra ti colocar alguns hobbies que você tem. Essas informações são dados pessoais?

Recrutado (40:29)

Não.

Pesquisador (40:30)

Também dá pra colocar... Você ia falar alguma coisa?

Recrutado (40:31)

Não, não.

Pesquisador (40:33)

Também dá pra colocar, dá pra vincular o Spotify, colocar música preferida, ali. Isso é um dado pessoal?

Recrutado (40:34)

Não.

Pesquisador (40:35)

E as imagens que você faz o upload lá no seu perfil, são dados pessoais?

Recrutado (41:18)

Hmm. Eu acho que podem ser, se forem suas as fotos, As fotos que eu... né, pela propriedade intelectual, sem dúvida, mas se é um dado pessoal. Eu acho que se forem suas podem ser um dado pessoal.

Pesquisador (41:19)

Tá, como assim, forem suas, forem suas que você tirou ou que você aparece?

Recrutado (41:20)

Não, fotos que eu... Que são minhas, que eu disponibilizei, que eu tirei, são do meu arquivo. Mas tem gente que coloca fotos que não são delas, fotos aleatórias, de paisagens, de coisas. Eu tiro uma foto da ponte e coloco lá. Tipo, não é um dado pessoal. Tá entendendo? Eu não...

Pesquisador (41:36)

Calma aí, só pra eu ver se eu entendi. Se eu vou lá e tiro uma fotografia da ponte e essa fotografia é minha, eu fiz upload lá, ela...

Recrutado (41:44)

Se eu não tô na foto, não tá me caracterizando, me vinculando, assim. "Ah, que meu rosto". Tipo assim, teu rosto lá, tu sabe que tem um espaçamento entre os olhos, entre a boca, um reconhecimento facial, tipo, isso pode ser, sim, um dado. Mas, assim, se tivesse só uma foto, como a foto aleatória de paisagem, tipo, não... Acho que não.

Pesquisador (42:06)

Ah, então seria uma foto, mas que de alguma forma a pessoa apresentasse a aparência ali.

Recrutado (42:12)

Isso.

Pesquisador (42:13)

E se aparecer ao invés da pessoa aparecer a frente da casa dela?

Recrutado (42:23)

Eu acho que não é um dado pessoal.

Pesquisador (42:26)

Tu acha que tem algum tipo de hierarquia entre dados pessoais? O que que é mais... Dados que são mais importantes do que outros?

Recrutado (42:37)

Sim. Dados sensíveis, seriam, eu acho, que mais.

Pesquisador (42:43)

O que são dados sensíveis?

Recrutado (42:45)

Os dados sensíveis, assim, pelo que me recordo, são os dados que podem gerar algum tipo de discriminação daquela pessoa que tem os dados, podem ter os dados vazados ou têm. São dados que têm hierarquia maior por serem dados que precisam de uma segurança jurídica maior, não é de mais... De uma proteção maior do Estado, eu acho. São esses dados, né? Que, eu sei lá, com dívidas, com doenças, com... Talvez até preferências, né? Orientação sexual, coisa, não sei. Eu vejo, dessa maneira, que há uma sensibilidade nesses dados.

Pesquisador (43:30)

Você acha que o seu telefone, o número do seu WhatsApp, ele pode ser um dado sensível?

Recrutado (43:44)

Sensível, não, dado pessoal, mas sensível não.

Pesquisador (43:46)

Deixa eu ver... Você á teve algum tipo de receio em relação aos seus dados pessoais no uso do Tinder? Em vazamento, ser utilizado de má-fé por alguém, alguma informação?

Recrutado (43:51)

Não.

Pesquisador (43:51)

Ali no Tinder, você... Eu vou dar uma situação hipotética, tá? Você enxerga... Você acredita que é ou não violação da privacidade? É a seguinte situação. Uma pessoa que você não deu match, apareceu ali, você não deu match com ela, mas ela viu o teu perfil, viu ali a tua descrição no perfil e tinha o link pro teu... O @ do teu Instagram. Ela começa a te seguir no Instagram e puxar papo, curtir tuas coisas e tentar forçar ali uma aproximação. Tu acha que tem uma violação da privacidade nesse tipo de comportamento?

Recrutado (44:45)

Não.

Pesquisador (44:48)

Por quê?

Recrutado (44:50)

Porque eu acho que eu que forneci essas informações, tanto é que eu não vinculo a minha conta com o meu @, porque o meu é fechado, então acho que a informação que eu tô colocando lá, como quem coloca o número do telefone, como quem coloca, né, tipo...

Pesquisador (45:06)

Que informações suas poderiam causar uma discriminação?

Recrutado (45:12)

Acho que sorologia, essas coisas que a gente sempre ouve falar.

Pesquisador (45:18)

Desculpa, dei uma travada.

Recrutado (45:20)

Sorologia, alguma coisa assim, nesse sentido, eu acho que pode ser. Eu trabalho também com garantia de condomínios, assim, informações... Mais vinculadas ao Tinder, tu fala, né?

Pesquisador (45:32)

Isso.

Recrutado (45:33)

Isso, acho que essas... Eu não sei se no Tinder tem isso, no Grindr tem, fica essa informação se a pessoa é soropositivo, não é? Coisas...

Pesquisador (45:41)

No Tinder eu não sei se dá. Dá pra ti botar na descrição, né? Mas... Separado ali, como no Grindr, eu acho que não dá. Faz tempo que eu não uso o Tinder também, pra saber.

Recrutado (45:56)

Aí eu não sei, imagina esses tipos de informação, que no mais são alguns dados pessoais, mas acho que nem chegam a ser tantos. Por que tu vincula o quê? Idade, altura, coisas que tu vincula mais com as redes sociais. O Tinder, né? Ele impulsiona tuas redes sociais, eu tenho essa impressão. Grindr não, tu tem que construir um perfil e mandar tuas fotos lá, tu personaliza, né? Pra cada situação tu manda certas fotos. Tem que ter uma abordagem, assim.

Pesquisador (46:27)

Deixa eu ver se faltou mais alguma coisa. Tá. Então, acredito que é isso. Eu vou passando aqui vendo. Vendo aqui, acho que é isso. Agradeço mais uma vez pela tua participação. Tu tens alguma coisa que tu quer adicionar aí? Se eventualmente tu quiser adicionar alguma coisa.

Recrutado (47:03)

Não, acho que foi isso mesmo. Foi uma ótima reflexão aí nesse assunto.

Pesquisador (47:07)

Então, eu vou terminar aqui a gravação. Obrigado pela tua participação. Eu vou finalizar aqui a entrevista.

Recrutado (47:17)

Tá bem, então, Daniel. Muito sucesso aí na pesquisa. Um tema super interessante.

Pesquisador (47:22)

Obrigado.

Recrutado (47:23)

Tá bem. Qual que é...

## APÊNDICE I – Transcrição da entrevista do Recrutado 3

### PRIMEIRA PARTE DA GRAVAÇÃO

Pesquisador (00:04)

E pronto. Iniciando então a gravação. Entrevista dia 25 de abril de 2023 às 19h00. Boa noite! Mais uma vez quero agradecer a tua participação na pesquisa. Nesse primeiro momento eu gostaria de ratificar o aceite que você deu no termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Quando você preencheu aquele questionário e abriu, a primeira tela que você viu foi justamente esse consentimento informando todas as questões da pesquisa, os riscos, o que que envolvia, contatos e tudo mais. E agora, com a entrevista, a sua imagem e o som vão ser gravados e é bastante importante inclusive, que você deixe a câmera aberta para eu... Porque a expressão facial às vezes traz alguma coisa a mais que a gente pode adicionar aí uma outra camada que a gente pode adicionar aí de análise. E aí eu gostaria de lembrar aqui, então, que essa entrevista está sendo gravada, vai ser captada essa imagem resguardando a confidencialidade e o seu sigilo. Você pode optar por não responder qualquer das questões que forem feitas se elas te causarem qualquer tipo de constrangimento. Ou você pode desistir também de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de dar qualquer esclarecimento justificativa para mim, sendo que você não vai sofrer qualquer tipo de prejuízo por conta disso. E os dados que forem coletados até o momento, até aqui ou até o momento que você decidir desistir, eles vão ser imediatamente excluídos. O objetivo dessa entrevista é justamente compreender as respostas que você já deu ao questionário que você respondeu e possibilitar que outros questionamentos sejam respondidos para aprofundar o entendimento sobre privacidade e proteção de dados dessa pesquisa. Não tem resposta certa, não tem resposta errada. O meu papel aqui é um facilitador. Eu estou aqui para tentar entender as tuas percepções. Não estou aqui no papel de julgar, de questionar o que você disser como inadequado ou adequado. Então, quanto mais descritivo você for, quanto mais você trazer as suas percepções de forma detalhada, melhor para mim, porque eu tenho mais material para eu poder posteriormente analisar. Qualquer dúvida que você tiver referente às questões. Fique bem à vontade. "Ah, não entendi". Pode perguntar, não tem. Não tem crise aqui é um local para que a gente possa se entender. E eu, mais do que isso,

entender as percepções que você já passou no primeiro momento do questionário, porque o questionário não tem essa personalidade que garante uma entrevista. E eu vou... Então eu preciso que tu confirme se tu estás de acordo com esses termos verbalmente.

Recrutado (02:59)

Sim, agora?

Pesquisador (03:01)

Isso.

Recrutado (03:02)

Sim, estou de acordo.

Pesquisador (03:04)

E ficou tudo claro. Tem alguma dúvida?

Recrutado (03:07)

Por enquanto não.

Pesquisador (03:08)

Tá. Eu quero iniciar então essa entrevista perguntando algumas questões referentes à orientação sexual, que é um tema que atravessa toda a pesquisa. Nesse primeiro momento, esse bloco de questões, vai justamente entender orientação sexual. E depois a gente passa para outras percepções, daí, já no próprio aplicativo Tinder, que foi ali a base do questionário. No questionário, você respondeu que sua orientação sexual é bissexual, certo? Isso.

Recrutado (03:46)

Não, senão respondi errado.

Pesquisador (03:50)

Deixa, deixa... Eu vou confirmar aqui.

Recrutado (03:54)

Homossexual?

Pesquisador (03:56)

Tá, homossexual? Eu só vou confirmar se eu peguei os dados corretos, mas acredito que é isso mesmo. Só um segundo.

Pesquisador (04:27)

Respostas... Já vou ver aqui para eu ver por que... Como eu, como foi com base no. Nas respostas do questionário é só para eventualmente fazer algum tipo de adaptação, para não fazer as perguntas para a pessoa errada, né?

Recrutado (04:47)

Sim, eu devo ter respondido pelo celular também, então nada de teclar, né? Mas. Certeza que a resposta.

Pesquisador (05:12)

Ah, não! Me desculpa. De fato, eu que coloquei errado aqui. Foi um erro meu e peço, peço desculpa por isso. É bom, então vou... Desculpa mais uma vez. É sobre orientação sexual, Então quero confirmar contigo o que você entende por ser homossexual? Como que foi essa descoberta da homossexualidade? Essa é uma coisa recente. Isso foi uma coisa já de bastante tempo. Fale mais sobre isso para mim.

Recrutado (05:47)

Ok. O meu entendimento iniciou lá na infância e na pré-adolescência, quando eu não me entendia parte culturalmente, né, da, das pessoas héteros que conviviam comigo. Eu me sentia diferente

Pesquisador (06:07)

Certo.

Recrutado (06:08)

Mas até então não, não... pela próprio homofobia na minha família não podia, poderia falar que eu era homossexual, então eu estava tentando descobrir o que era... qual é o meio termo que eu poderia ser aceito e também poder, é, continuar sendo o que eu conseguia ser. E é aí, por conta da família também, eu vivia bem afastado de pessoas homossexuais e eu não tive essa noção do que que era ser. Até que na faculdade eu conseguia ter acesso e pessoas maravilhosas me acolheram, me instruíram, me mostraram um outro ponto de vista que eu não tinha acesso e me... E teve outras questões também. Eu lembro que foi na época, Eu não gostava de discutir sobre isso. Eu participava do movimento estudantil e eu não gostava de discutir muito sobre, é, não questão de sexualidade em si, mas a minha. Sabe quando você discute, sabe o domínio do assunto, mas não queria discutir a sua porque você não priorizava isso e. E aí eu, dei o impeachment da Dilma. Eu tava, tipo, nossa, e informações de um lado, informações de outro, não sabia onde. Aí eu falei assim "agora eu acho que é o momento certo de eu sair do muro e começar a falar palavras que eu sou e o que eu não sou". Então a minha maior motivação foi a participação política do meu corpo na sociedade. E daí veio o não diria bônus, mas o que vem junto com que quando você assume que você é homossexual e beija outros rapazes, você transa com outros rapazes, você passa a ser especialista em falos para suas amigas. Você, né? E você vai. Você vai atingindo níveis, né? Hoje eu graduei em gay hoje, amanhã eu graduei em viado, né? Hoje eu sou graduado em bicha. E aí você vai aprendendo um pouco mais, né? E o quão o seu corpo consegue dominar ali o nicho sociológico que você vive pra, pra poder falar o que você é hoje. Hoje, hoje, eu falo que sou bicha quando perguntam por entender a, o conceito de bicha.

Pesquisador (08:59)

O que é ser bicha para ti?

Recrutado (09:01)

Ser bicha é ser homossexual político, assim, sabe? Você reafirmar uma coisa que já foi pejorativa. E, aí, sei lá, eu evito também. Sou. Sou chato com palavra em inglês, então, né? Evito falar de gay, tal.

Pesquisador (09:22)

Queer...

Recrutado (09:23)

É porque eu não entendo não... Pra mim não encaixa aqui no Brasil. Para mim é muito difícil acompanhar essa forçação, assim. Não, lá é queer, mas aqui, mas aqui é diferente. Vai ser chamado mesma coisa, porque a gente não pode ter um outro nome, enfim, um nome nosso. Mas enfim.

Pesquisador (09:48)

E como que. Como que você disse que essa fase da infância e adolescência é uma fase que era, pelo que eu entendi, era uma fase que já era... Essa situação já era mais restrita. Você não conseguia compreender o ser bicha que veio só depois ainda, né? O ser homossexual e o ser bicha que é essa politização, né? A reafirmação política do corpo homossexual e da orientação sexual, enfim. E como que foi ali... Me parece que a educação, como você disse, foi bastante importante esse ambiente da universidade. Mas como que foi essa questão da transição em relação à aceitação sua, aceitação da sua família, aceitação dos teus amigos, aceitação dos teus conhecidos? Como que você percebia aceitação social nesse contexto? Primeiro, entre adolescência, infância e adolescência, passando para esse momento de politização. E quais são as diferenças aí que você vê nesses dois contextos que te permitiram, inclusive, ganhar essa força para vou botar aqui, Sair do armário, né?

Recrutado (11:06)

Ahm... Eu tenho para minha vida que a base estrutural dela é das minhas amigadas, né? As minhas amigas, elas são muito, muito fortes, na minha percepção, na minha, no que eu sou. E aí muito me, me, me, amedrontava, que se eu saísse do armário, a forma como eu saísse, poderia afastar elas de mim. E aí eu lembro que uma delas que me incentivou lá, "se você nunca beijou um cara, Recrutado 3?" "Nunca". "Então por que você não beija? Não experimenta? Então eu fui, beijei, gostei, compartilhei com ela esse sentimento e à medida que eu ia avançando e conhecendo toda essa, essa relação com um outro corpo humano, a... Eu ia compartilhando essas informações, como compartilhava todas as outras e eu fui vendo que não fazia diferença para elas, né? Tinha umas que falavam "ai, já sabia desde o início", né?

Eu particularmente acho desnecessário essa frase, né? Eu entendo que se você sabia desde o início, você poderia ter dado um aporte emocional diferente, né? Ahm... Que não é uma estreia, é um rasgo e que... Mas, de resto, as amizades que não, não souberam respeitar, também hoje não fazem uma falta. E o conflito maior que teve foi com a minha mãe, a minha mãe. Ela. Foi cruel. Ela foi uma... Foi cruel. Entendendo assim, né, a situação dela, de uma mulher que me criou sozinha e esperava que eu fosse dono da minha família, com netos e com uma nora. Então ela depositou isso por muitos anos. Então, quando eu tive essa conversa com ela, que ela foi a única pessoa que eu precisei sentar e conversar, o restante eu só fui jogando as informações como uma forma natural, uma forma que as outras pessoas falavam também quando se relacionava com outras pessoas. Então, com minha mãe eu tive a o tato de sentar com ela e contar. E foi, foi. Foi um baque assim para ela. Ela durante alguns anos. Posso dizer aí três, três anos, três, quatro anos. Na verdade, até hoje, assim, né? Hoje eu digo que ela avançou muito, né? Se eu posso chamar isso de avanço, né? Hoje eu digo que ela se dispôs a aprender muito sobre quando recebe alguma mensagem e tem "gay" na frase ela manda para mim. Ó, tô prestando atenção. "Você tá bem?". "Você tá se relacionando com pessoas boas?" E trocamos informações. Hoje em dia, hoje ela é solteira, né? Então ela gosta de contar as experiências dela para saber se ela tá fazendo certo, tá dando atenção para macho errado e eu partilho as minhas também. E assim vai, né? Respondi, né?

Pesquisador (14:50)

Vocês conseguiram criar um canal mais próximo para tratar desse assunto? Claro, na medida dos entendimentos que ela tem aos paulatinamente, aos poucos...

Recrutado (15:01)

Estamos, estamos construindo.

Pesquisador (15:01)

Estão nesse processo de construção. Quando você falou para ela, teve essa conversa para ela, Quantos anos mais ou menos você estava?

Recrutado (15:13)

Eu acho que era... Vinte, vinte anos.

Pesquisador (15:21)

Por volta dos 20 anos?

Recrutado (15:24)

Vinte, 21. 21.

Pesquisador (15:28)

Então, pelo que eu entendi, foram duas formas de sair do armário, vamos dizer, uma que precisou ser conversada, explicada com mais cuidado, que foi com a sua mãe, sua família, imagino, mais próxima é essa que foi acontecendo com o tempo e você quando viu já tava lá, se reconhecendo como bicha fora do armário que foi com seus amigos, com seu entorno, mais não sei se você mora perto da sua mãe ou com sua mãe, mas com seu entorno mais próximo, vamos dizer assim. É isso?

Recrutado (16:03)

Sim, sim, foi um com bastante satisfação e outro com naturalização.

Pesquisador (16:10)

Um com bastante satisfação e outro com bastante, desculpa, deu uma travada.

Recrutado (16:14)

Naturalização, tanto que foi até um exercício para mim, porque eu achava que eu precisava dar o relatório completo para as minhas amizades, né? E o primeiro impacto assim foi, não, não preciso, sabe? Não teve cobrança, não teve. "Ah, mas como é que foi?" Não, não teve. Vai indo, né?

Pesquisador (16:40)

E sobre essas questões ainda, só para encerrar esse bloco, você, como que você vê a necessidade de aceitação, a necessidade das pessoas que são homossexuais, bichas, como você prefere identificar, essa aceitação social, a aceitação pelo entorno familiar, pelo entorno de amizades? E como que você vê isso também, considerando até os próprios amigos as experiências que outros amigos tiveram e te relataram? E qual a importância? Qual a importância que você atribui a esse

processo? Se você atribui alguma importância, naturalmente. Como que você enxerga tudo isso?

Recrutado (17:31)

Você pergunta assim para minha vida ou para a vida de outras pessoas.

Pesquisador (17:36)

Como você? Você enxerga a necessidade que se criou ou se existe essa necessidade de aceitação para quem é homossexual, para quem é bicha, para quem é gay, para quem queer, como... Qualquer dessas identificações. Porque querendo ou não, eu pergunto isso porque essa é uma questão que a gente sempre está discutindo de alguma forma e sempre é um assunto que a gente ouviu a história de um amigo falando sobre uma experiência dele de sair do armário, a experiência com a família, ou a gente viu determinadas pessoas botando um peso X ou um peso Y nessa situação toda, e eu pergunto justamente para entender como que esse contexto que está... Antes a gente falou de ti, agora eu quero saber como que tu vê esse contexto no teu entorno, entendeu?

Recrutado (18:28)

Entendo.

Pesquisador (18:29)

Tipo...

Recrutado (18:30)

Ah, deixa eu ver. Bom, eu tive certa dificuldade de ter amigos homossexuais, homens, amigos, homens homossexuais.

Pesquisador (18:47)

A sua experiência na militância, mesmo, né, que você falou que participava de rodas de conversa e movimento político na universidade. E esse tema certamente sempre...

Recrutado (19:00)

Era sempre pessoas que demonstravam ser bem fortes e não estavam ligando muito para a opinião dos outros. Então. Essa aceitação era meio que você tem ou não tem. Você retira dessa... Não tem muita opção, assim, você não dá muita opção, eu acho. Acho que é isso, porque eu não tenho muita experiência assim, de fato. Nossa, tem um amigo de infância que é gay também. E a gente, eu e ele caminhou diferente ou ele caminhou parecido. Eu não tenho, experiências, assim. Mas eu acho que eu consigo responder essa pergunta, assim, eu acredito que a aceitação facilita muito, muito. Os outros desenvolvimentos que a gente pode ter na vida.

Pesquisador (19:56)

Tá. É... Vou te perguntar algumas questões agora sobre o teu uso de aplicativos de relacionamento. É focado mais no Tinder, mas eu vi aqui que você utilizou vários outros aplicativos nesse período de... Você veio de três a quatro anos que você disse aqui. Facebook, Namoro, Grindr, Hornet, Scruff, Tinder, né? Deixe só eu abrir aqui. É... Eu quero que tu me conte... Primeiro, esses, esses outros aplicativos, em alguns momentos eu vou trazer mais para fazer um contraste com tua experiência no Tinder, mas o foco aqui vai ser quase que total no Tinder. Eu quero que tu me conte... Tu disse que continua usando o Tinder, né?

Recrutado (20:57)

Sim.

Pesquisador (20:57)

Eu quero que tu me conte como que é o teu uso desse aplicativo hoje, com qual frequência que você usa, como que você desenrola as conversas, se você tem algum tipo de critério, se você... Como que é o teu perfil? Se você tem descrição detalhada? O que você tem no seu perfil descrito? Quais são as tuas fotos? O que você linka? Porque dá para linkar várias coisas, né, Spotify, Instagram... O que você linka, o que não linka, da forma mais descritiva possível, para eu entender como que é esse teu uso e esse teu contexto de uso do aplicativo. O que tu lembrar...

Recrutado (21:37)

Bastante pergunta... Eu.... Hoje, você quer saber hoje?

Pesquisador (21:43)

Isso, exatamente, atualmente.

Recrutado (21:46)

Hoje eu estou usando ele...

Pesquisador (21:49)

Se tiveram mudanças que você nesse percurso de três, quatro anos que você usa, desde 2019, né? Que você usa, pode me relatar essas mudanças também, porque é importante eu saber o que mudou.

Recrutado (22:03)

Eu tenho muita dificuldade com, com tecnologia, então eu sou daqueles que clica no li e aceita tudo e manda embora. Para descobrir que pode colocar o Spotify e linkar essas coisas todas, eu tava conversando com uma amiga agora, ela ficou recém-solteira e ela e ela é lésbica, então é raro os momentos que ela fica solteira e a, sempre que ela fica solteira e vai usar o Tinder, ele muda. Que ela printou e mandou lá um negócio que eu nem sabia que existia essa possibilidade de colocar muda.

Pesquisador (22:45)

Como assim?

Recrutado (22:46)

Muda a atualização dele, o layout.

Pesquisador (22:49)

Ah, tá.

Recrutado (22:51)

Né, então sei lá, da última vez que ela usou, não precisava colocar música hoje é possível?

Pesquisador (22:56)

Ah, tá, entendi. Entendi. Entendi.

Recrutado (22:58)

E eu, como tenho um péssimo aprendizado com essas tecnologias, não gosto nem de ficar fuçando muito, justamente para não entregar muita coisa. Eu uso só o básico. Foto, tem umas seis fotos. É... Tem, tem uma música lá. Me ensinaram a colocar música, coloquei uma música lá. É, mas não é vinculada ao Spotify não. Assim, sabe que é que tem duas opções, né? Uma que você coloca só uma música e outra que você deixa os artistas que você ouve.

Pesquisador (23:38)

E você também pode não botar nada, salvo engano, pode deixar em branco, se não me engano, também.

Recrutado (23:45)

E a legenda, lá, é três palavrinhas que é para ajudar a puxar assunto. E tem o meu, o meu... Como é que é o nome? Nome do perfil do Instagram? Sabe o arroba? Mas não é não... Acho que não tem foto no Instagram não. Deixo lá para, para deixar para ter acesso mais a outras fotos ou outra rede, sei lá. Ah... De resto, não tenho nada. Não consigo interagir com nada. Tenho um montão de coisas para se responder pergunta, eu fico com preguiça.

Pesquisador (24:22)

E por que você disse... Você disse que não gosta de entregar muitas coisas. Você já preencheu um pouco porque você não gosta de, usando as suas palavras, de entregar as coisas. O que significa exatamente isso para você entregar as coisas?

Recrutado (24:35)

Todas as suas informações que as perguntas lá fazem, uma sigla ou signo, ou idade ou altura. Tem como colocar tudo lá?

Pesquisador (24:46)

Mas você quer dizer entregar para quem? Para as pessoas que estão vendo ali o seu perfil?

Recrutado (24:51)

Para quem vai ver o perfil.

Pesquisador (24:53)

Tá. E quanto a essas informações, você tem receio que elas fiquem disponíveis também para a própria empresa, para o Tinder?

Recrutado (25:05)

Ah, receio não, porque na minha cabeça é inevitável. Acho que quando eu já acessei com alguma vez com o Google, né? Acho que já vai ter todo o acesso a algo que eu já, já cadastrei como e-mail.

Pesquisador (25:20)

Não, não. Eu digo dessas que você deixa de colocar "ah, eu não boto tal coisa porque eu já botei o máximo que eu acho que é suficiente", também?

Recrutado (25:28)

Não, não. Não, é mais focado, mais para quem vai ver mesmo do que o próprio aplicativo.

Pesquisador (25:33)

Entendi. É... Aqui no questionário você disse que ao se cadastrar. Só deixa eu ver todos. Nos aplicativos que você tem, em todos os aplicativos que você já se cadastrou, você não leu nem as regras da comunidade, nem política de privacidade e nem os termos de uso. Muito embora você acredita que são bastante importantes, são muito importantes essas regras da comunidade, política de privacidade e termos, termos de uso. Primeiro que eu quero entender é... Por que você acredita que são importantes esses documentos? Vamos começar pela Política de Privacidade. O que é uma política de privacidade? O que você entende por uma Política de privacidade? Por que você acha que é muito importante uma política de privacidade?

Recrutado (26:33)

Hmm. É como se fosse... Para quem tem interesse em saber, é, é bom estar disponível. Então eu acredito que é bom ter lá, se algum momento precisar, ela tá lá.

Pesquisador (26:52)

Para que você pode precisar de uma política de privacidade?

Recrutado (26:56)

Um...Caso eu me sinta violado de alguma forma, eu descubro que alguém me mandou uma mensagem porque usou os dados que estava lá no Tinder. Sabe alguém que não acessou meu perfil no Tinder no aplicativo, mas teve acesso à essas informações? É como... É, uma pessoa que trabalha na secretaria, recebeu um documento meu. Com meu nome. Só que eu não dei os dados para essa pessoa, dei para a instituição. Só que a secretaria teve acesso a esses meus dados e manda mensagem para mim, sem a minha autorização...

Pesquisador (27:37)

Quando eu falo de política de privacidade, você espera encontrar mais um canal para denunciar essas situações e buscar um suporte ou um documento que especifica as obrigações? O que pode ser feito? O que não pode ser feito?

Recrutado (27:56)

A privacidade.

Pesquisador (27:57)

Isso, a política de privacidade.

Recrutado (27:59)

É a primeira opção.

Pesquisador (28:01)

Com mais um canal de denúncia, de suporte direto.

Recrutado (28:06)

Isso.

Pesquisador (28:07)

É... Você, muito embora tenha marcado que acredita que é muito importante política de privacidade, você não leu nenhuma delas nos aplicativos que você precisa se registrar, e a maior parte deles, agora todos eles têm políticas de privacidade. Há três ou quatro anos atrás imagino que também todos eles já tinham, desses ali, todos eles eu conheço e acredito que todos eles já tinham. E o que que faz você não ler uma política de privacidade? Tem alguma motivação para isso?

Recrutado (28:39)

Preguiça?

Pesquisador (28:40)

Preguiça. É... Tem alguma situação, alguma questão que te causa preguiça ou...

Recrutado (28:47)

Ler aquilo tudo. É, a ideia de usar o aplicativo é pela rapidez. Eu lembro que não foi nem eu que fiz o meu primeiro aplicativo, foi uma amiga. A gente tava gastando onda e vamos fazer. "Faz um para você", "ai, eu não preciso", né? A pessoa que... Na faculdade, na verdade eu não precisava. Você sempre conhece alguém, que conhece alguém, que conhece alguém. E aí a gente estava para 2017, 2018, foi na época que bateu essa, a saída do armário. "Tá, vamos fazer, vamos fazer". Então você faz na rapidez. Tá mais preocupado em escolher fotos do que em ler os termos.

Pesquisador (29:41)

Então, quando você vai fazer, então seu perfil, você... Em qualquer... Tanto no Tinder, que é o foco aqui, mas nos outros aplicativos, você já tá decidido a criar uma conta, independente do que tá escrito lá em política de privacidade, é isso?

Recrutado (29:58)

[Acena sim com a cabeça].

Pesquisador (30:01)

Tá.

Pesquisador (30:04)

Sobre. Só voltando aqui um ponto que, que acabou passando. Sobre, sobre teu o uso do Tinder, com que frequência que tu usa hoje?

Recrutado (30:16)

É sempre quando estou em cidade diferente. Porque agora eu tô no meu campo, aí eu uso. Quando voltar lá para Floripa, eu não vou precisar usar.

Pesquisador (30:27)

E é, basicamente, em termos assim, toda semana, tu estás com que frequência? Em cidades diferentes tu tem uma rotina ou como é que é? Só para eu... em termos numéricos mesmo? Entender, "ah, não, todo mês eu uso pelo menos uma vez".

Recrutado (30:43)

Todo mês eu uso... Pelo menos eu uso, pelo menos uma vez por semana, a média.

Pesquisador (30:48)

Pelo menos uma vez por semana?

Recrutado (30:49)

Uhum.

Pesquisador (30:50)

Sendo que quando você está em Florianópolis você nunca usa ou você raramente usa?

Recrutado (30:57)

Raramente eu uso.

Pesquisador (31:00)

Você, quando está em cidades diferentes, você quer dizer cidades diferentes que você não conhece o pessoal ou independente?

Recrutado (31:08)

Cidades que eu não conheço.

Pesquisador (31:11)

Cidades em que você já tem amigos e tudo, você também utiliza, acaba utilizando o Tinder?

Recrutado (31:18)

Entra no, no, raramente.

Pesquisador (31:20)

No raramente. Ah, beleza. Sobre essa sobre conversas que você tem no aplicativo, você costuma desenrolar esses matches? Você costuma fazer como? Você começa conversando ali e passa para outra rede social? Já marca encontro? Não marca? Como que você desenrola isso ou depende de cada pessoa? Se você tem algum tipo de cuidado com esse... com marcar encontro.

Recrutado (31:51)

Rede social não precisa passar porque já tá lá.

Pesquisador (31:54)

O Instagram, né?

Recrutado (31:56)

Na, na, na...

Pesquisador (31:57)

Mas, digo, por exemplo, WhatsApp, passar um WhatsApp...

Recrutado (32:01)

Eu prefiro. É, eu, eu, eu busco a conversa caminhar para conversar pelo WhatsApp, porque daí eu marco o encontro. Eu acho que poucos, bem poucos, assim. Eu, eu, conversei tudo no Tinder e saí e fui para o encontro.

Pesquisador (32:28)

Tu tens alguma, alguma questão que faz tu preferir o WhatsApp? Por que tu prefere o WhatsApp?

Recrutado (32:35)

É... Eu olho, eu vejo notificação.

Pesquisador (32:39)

Ah, entendi. Tem mais alguma outra situação? É por isso? É mais flexível, tu usa mais corriqueiramente?

Recrutado (32:49)

Só por ver a notificação. WhatsApp eu posso mandar áudio também, né? E Tinder só mensagem escrita.

Pesquisador (33:00)

Sobre. Sim, sim, sim. E ali, voltando naqueles documentos burocráticos que você diz que não leu, que já passa direto, super entendo, a maior parte das pessoas fazem isso, de fato, e minha ideia é tentar entender as motivações por trás disso, porque pode estar ligado diretamente à privacidade e proteção de dados. O que, para você, que que é esse documento de regras da comunidade?

Recrutado (33:31)

Seria a regras para as pessoas que usam o aplicativo. Eu uso o aplicativo ou fizer o aplicativo. Até agora fiquei na dúvida de que seria essa comunidade. Eu vou falar que seria as regras das pessoas que usam a comunidade de quem usa.

Pesquisador (33:50)

E você acha que tem uma diferença das regras da comunidade, das políticas de privacidade?

Recrutado (33:58)

Sim.

Pesquisador (33:59)

Qual seria a diferença se você que você entende?

Recrutado (34:05)

Uma vai te assegurar, assim, ó, você está entrando aqui nessa sala e você pode pedir ajuda para tal número, você pode conversar com tal pessoa, se tem esse, esse, esse seguro e a outra vai te falar ó, a gente se comporta assim, a gente... Você pode se comportar assim, você não pode se comportar assim.

Pesquisador (34:31)

Sobre os termos de uso, que é o terceiro documento, geralmente, os aplicativos têm esses três documentos. O que você entende por termos de uso?

Recrutado (34:42)

Mas seria como você usaria o aplicativo?

Pesquisador (34:46)

Não tem resposta certa ou resposta errada.

Recrutado (34:50)

Sim, é. Seria como... Como... Como eu usaria...

Pesquisador (34:56)

Você tem que ler esses termos de uso. O que que você esperaria que teria nesse documento?

Recrutado (35:02)

Há, os... Pode, pode falar que não faço a mínima ideia?

Pesquisador (35:09)

Pode falar o que você quiser. "Não sei" é uma resposta super válida também.

Recrutado (35:14)

Termo de uso seria como você usaria esse aplicativo, né? Mas a diferença dele para regras da comunidade? Ah... Talvez eu incluiria nas regras da comunidade o que o aplicativo quer alcançar. E para as regras, termos de uso seria algo mais voltado para direitos e deveres.

Pesquisador (35:47)

E daí o Termo de uso em relação à Política de privacidade, que que seria, qual seria a diferença?

Recrutado (35:56)

Os termos de uso seria até onde o... seria agora... O seguro que o aplicativo tem. O de privacidade te fala "Olha, a gente pode te ajudar, em algum ponto, mas você leu como é que usa, então a gente também tá te dando uma certa responsabilidade pelo que você está fazendo no aplicativo".

Pesquisador (36:24)

É, vamos, deixa eu ver se eu compreendi aqui o que tu, o que tu me disse. Então os termos de uso seriam como umas regras para que você utilize o aplicativo como um todo, inclusive referentes às suas, a sua privacidade que você pode e que você não pode fazer. Se você precisa de alguma questão referente à privacidade porque foi violada, você tem ali essa política de privacidade, que seria um canal ou uma, um local onde você pode buscar esse suporte direto com alguém da equipe do Tinder. Você me respondeu algumas questões mais atrás, né? E as regras da comunidade se relacionam propriamente a essa noção de comunidade e como você deve se comportar mais em relação à comunidade em si e não em relação à plataforma como um todo. Seria alguma coisa nesse sentido que você... a distinção seria essa?

Recrutado (37:21)

Sim.

Pesquisador (37:26)

Deixa eu voltar aqui no questionário. Sobre. Aqui. Sobre o tinder. Desculpa, só um segundo. Tava no modo silencioso, mas é os contatos permitidos ligar no fora do modo, dentro do modo silencioso, daí acabou tocando, desculpa. Eu te perguntei

aqui no questionário, é, como que, se você enxerga que a sua privacidade está preservada no Tinder em uma escala de 1 a 5 e você marcou o número um, que é nada preservada. Por que você vê que a sua privacidade não está nada preservada no Tinder?

Recrutado (38:26)

Hmm. Hmm. Hoje eu marcaria quatro, três.

Pesquisador (38:39)

Ó, um é nada preservado, dois é pouco preservada, três é neutra, quatro é preservada suficientemente e cinco muito preservada.

Recrutado (38:48)

Eu marcaria três ou quatro. Andei refletindo sobre o que seria cada coisa. Eu respondi na hora... Isso, por que eu acho que, por que estava na cabeça do [Recrutado 3] naquela hora.

Pesquisador (39:09)

Uhum, mudou a percepção de lá para cá?

Recrutado (39:12)

Sim.

Pesquisador (39:14)

Então, considerando que está preservada suficientemente, a gente tem uma escala de 1 a 5. Você pegou um quatro, aí. Vou botar o quatro, que é um número maior. Poderia ser um três que você disse três ou quatro. É, o que falta para ela estar totalmente preservada ou estar muito preservada? Alcançar o número cinco?

Recrutado (39:36)

Talvez eu ler mais, eu ler onde eu poderia acionar alguma coisa? Ficar mais esperto com... Pois faz parte de mim. Porque como eu não lembro de ter passado por algum problema de perder essa privacidade. Então não dá para falar assim "ah, eu sei...

Sei se quando acontecer algo de errado eu vou poder recorrer a isso", porque eu não li a parada, não li o termo.

Pesquisador (40:08)

O que seria? O que seria para ti perder a privacidade no Tinder, por exemplo? Uma situação de perda de privacidade

Recrutado (40:16)

Sei lá, eu entrar no Twitter e ver que tem foto minha sem autorização circulando ou, ou sei lá, receber e-mail de algum outro lugar, dessas propaganda aí, por conta do Tinder, por conta do aplicativo...

Pesquisador (40:41)

Por conta de descobrirem que você tem uma conta no Tinder, é isso?

Recrutado (40:47)

Descobri, não, é, porque o meu e-mail está vinculado ao Tinder, então...

Pesquisador (40:53)

Tá deixou. Deixa eu ver aqui as outras perguntas... É... Por você utilizar o Tinder, mas utilizar também outros aplicativos, você vê que tem alguma diferença em relação à preservação da sua privacidade no Tinder comparando com esses outros aplicativos. Tem algum aplicativo que você acha que sua privacidade está mais ou menos preservada ou que cuida melhor ou pior da tua privacidade?

Recrutado (41:39)

Um. Não sei... É... O Tinder parece ser mais fechado, né? Parece ser mais... Uma plataforma de maior segurança do que os outros. Tanto é que eu uso mais o Tinder.

Pesquisador (42:03)

Como assim mais fechada?

Recrutado (42:07)

A própria dinâmica de você só conversar com uma pessoa que também quer conversar com você.

Pesquisador (42:14)

Depois de dar o match?

Recrutado (42:15)

É, isso me dá um, uma, mais segurança do que quando você pode somente acessar o seu perfil e mandar mensagem para você. Então, tipo informações, né? Isso falando de pessoas que estão usando o aplicativo, agora, quem fez o aplicativo, né? Quem comanda o aplicativo? Aí eu não sei se tem muita diferença.

Pesquisador (42:42)

E tu achas que o Tinder é um local seguro para ti expressar a tua sexualidade? Tu tens algum tipo? Tu tens ou tu já tivesse algum tipo de receio de eventualmente aparecer tua cara ali e sofrer algum tipo de violação ou perseguição? Algum colega de trabalho viu e não sabia, alguém que é homofóbico e acabar...

Pesquisador (43:05)

Não.

Pesquisador (43:09)

Essa. Sobre a situação que você saiu do armário, você, foi mais ou menos nessa época que você começou a usar o Tinder que você me disse. E antes disso, você usava algum outro aplicativo?

Recrutado (43:29)

Não.

Pesquisador (43:29)

Antes de sair do armário, efetivamente, nunca usou outro aplicativo?

Recrutado (43:32)

Não.

Pesquisador (43:36)

Quando você estava em algum relacionamento, você já usou o Tinder estando nesse relacionamento? Se sim, esse relacionamento era monogâmico?

Recrutado (43:50)

Nunca.

Pesquisador (43:52)

Importante.

Recrutado (43:54)

É que eu nunca tive num relacionamento assim que eu posso falar assim ops, agora eu não posso usar.

Pesquisador (44:00)

Todos... Os teus, tu já estivesse em um relacionamentos e eles te permitiam essa liberdade?

Recrutado (44:07)

Era coisa, quando a gente, que a gente não pode chamar de namoro, eu nunca tive.

Pesquisador (44:13)

Tá, entendi. Então não eram relacionamentos tão sérios quanto um namoro a ponto de você precisar se privar de usar o Tinder.

Recrutado (44:21)

Isto, isto, Mas eu, eu, eu, também, sou... Por exemplo, eu tava com um dos meninos que eu mais fiquei. Foi em torno de dois, dois, três meses. É, você não sente vontade de usar outro aplicativo durante. Eu, no caso, né? Eu não sinto vontade de usar outro aplicativo durante e também tem uma moralzinha assim, sabe? Um, como que a gente fala, é, fidelidade gratuita? Eu tenho fidelidade gratuita, mas quase não uso. Mas tem.

Pesquisador (45:03)

E sobre o Tinder ainda, você disse que tem poucas coisas no perfil. Você prefere não botar muitas coisas lá até, até... Por isso mesmo que tem só poucas palavras cinco, seis fotos ou tá arroba do Instagram. E como que... Dessas informações todas que você preencheu no seu Tinder, incluindo fotos, incluindo música. Todas as informações que você preencheu ou que você poderia ter preenchido e deixou de preencher porque você achou que era o melhor e quais delas você entende que são dados pessoais?

Recrutado (45:50)

Todos?

Pesquisador (45:52)

Todas as todas as informações?

Recrutado (45:55)

Sim, porque meio que você cria um código, né? Você coloca, ai, eu tenho um tal altura, então meio que... Isso aí é tecnologia que eu não sei explicar. Mas eu acredito, que você vai criando um algoritmo, você vai criando um padrão assim de as pessoas que chegam até você. Eu imagino quando eu dou um like, por exemplo, em uma pessoa alta, os próximos perfis vêm de pessoas altas, né? E por aí vai.

Pesquisador (46:34)

Você, você acredita que o seu comportamento na plataforma também gera dados pessoais?

Recrutado (46:41)

Sim, sim.

Pesquisador (46:43)

E dentre os dados pessoais todos que têm nessa plataforma, você acredita que, existe uma, alguns que são mais importantes do que os outros? Algum tipo de dado pessoal que pode ser mais importante do que os outros, do que outro. Se há uma hierarquia, enfim.

Recrutado (47:12)

Acho que, sei lá, eu já vi gente deixando o número de celular na biografia. Porque eu estou sempre voltado para quem vai ver o seu perfil, não para quem está lá no seu perfil. Quem tem, quem fez o aplicativo, quem fez o aplicativo já tem tudo. Então a minha resposta para quem já fez o aplicativo é, eles já têm acesso a tudo, mesmo colocando, não colocando. Em algum momento eu coloquei meu celular em algum outro aplicativo ou algum outro aplicativo. Eu usei a conta de banco, não sei, não lembro, né? Com essa vida digital tá tudo interligado. Então, para quem fez o aplicativo, eles têm acesso a tudo. Agora, restrição de dados no uso é mais para quem vai olhar o meu perfil do que para quem toma conta do perfil.

Pesquisador (48:04)

Mas no final das contas, você acredita que algum desses dados é mais ou menos importante do que os outros?

Recrutado (48:11)

Hmm... Não sei, acho que não.

Pesquisador (48:16)

Se eu pegasse dois dados quaisquer aqui e jogasse para você, os dois iam ser ter a mesma importância? Por exemplo, eu vou criar um exemplo hipotético. É, os dados de os dados que identificam a cidade que uma pessoa mora e os dados que identificam se uma pessoa é HIV positivo. Eles têm a mesma importância como dados pessoais?

Recrutado (48:45)

Hm, entendi. Ah, eu acredito que essa parte de localização... Eu tinha esquecido da parte de localização, a localização, ela, ela meio que delimita o que você consome e aí vai te empurrando outra propaganda, essas coisas. De alguma forma está usando esse dado seu, né? De um jeito que você não pediu para, não permitiu, permitiu porque assinou o negócio lá sem ler. Mas não sei, não tem essa noção. Acho que sim. Tem uma hierarquia assim, então. Localização e talvez, talvez quando você loga o Instagram junto.

Pesquisador (49:39)

Por exemplo, se eu for falar entre telefone de WhatsApp e localização, qual dos dois que seriam mais importantes? Ou os dois estão na mesma hierarquia de importância?

Recrutado (49:53)

Os dois estão na mesma hierarquia.

Pesquisador (49:55)

Agora, se eu falo de WhatsApp, e de uma questão médica sigilosa, como essa, a pessoa é HIV+.

Recrutado (50:03)

Na mesma hierarquia.

Pesquisador (50:04)

Os dois também estão na mesma hierarquia.

Recrutado (50:06)

De alguma forma, ele conduz a um tipo de consumo, né?

Pesquisador (50:10)

Tem algm... Você vê que tem algum critério para você definir o que que tá, o que não tá, o que é mais importante, o que não é?

Recrutado (50:20)

O que... Ah... A pessoa que fez o aplicativo sabe das coisas, né? Então ele entende que cada informação que você vai dar a ele, vai te favorecer a desenhar, desenhar, quem é você, desenhar a sua pessoa. E aí ele vai te fornecer esse trend de consumir outras propagandas, outras formas de... Te fazer a caminhar para um, outros perfis. Você não... Sabe, meio que seleciona?

Pesquisador (50:56)

Mas, diz. Mas em relação, digo em relação a... Porque você falou dois, dois perfis diferentes, né? É a tua privacidade em relação a quem construiu o aplicativo e daí você me disse que eles já sabem de tudo, então não faz muita diferença. E a segunda que você me disse foi em relação às pessoas que frequentam o Tinder e que vão ver as informações. Vamos dizer que porventura essas duas informações, você preencheu no seu perfil, mas você disse que não queria que elas aparecessem e por um erro no aplicativo elas apareceram para as outras pessoas. O seu telefone e sua, claro, como eu disse, é uma situação hipotética, né?

Recrutado (51:38)

Sim, sim.

Pesquisador (51:40)

Porque eu acho que acredito que até não dá nem para preencher ali. No Grindr eu sei que dá, no Tinder eu acho que não. É, número de telefone e sorologia para HIV. Aparecendo essas para terceiras pessoas, não estou aí agora em relação à própria plataforma. Existe uma hierarquia? Existe algum critério para você definir qual que é mais importante? Como... Eu quero assim, "Ah, como que o [Recrutado 3] seleciona o que é mais importante entre dois dados que eu jogar para eles, para ele?

Recrutado (52:21)

Nossa, vai depender muito do..., da..., Não sei. Não sei, porque eu não... Eu não tenho um exemplo meu para dar, pra eu... Eu não sei responder.

Pesquisador (52:42)

Deixa, deixa eu ver aqui. Eu tenho um...

Recrutado (52:57)

Eu acho que tá tocando a campainha aqui.

Pesquisador (53:01)

Uhum

Recrutado (53:04)

Tem. Tem como pausar? Não sei.

Pesquisador (53:08)

Deixa eu ver aqui, acho que tem. Tem. Vou para a gravação, espera um segundo.

Aliás, eu acho que tem uma opção de pausar, deixa eu ver.

## **SEGUNDA PARTE DA GRAVAÇÃO**

Pesquisador (53:15)

Retomando a gravação, entrevista do dia 25 de abril, às 19 horas. Só então, sobre essa questão da diferença, da hierarquia entre os dados, se eles são ou não são, têm ou não tem maior importância, você falou que participava de debates, de grupos na própria universidade que permitiu a você se tornar uma pessoa mais politizada. Vou criar aqui um exemplo, você, se eu tenho dados seus que vazam para outras pessoas, o seu telefone, a sua identificação política, se você é filiado a um partido político ou se você é mais de uma frente ou de outra, você acredita que essas duas informações elas têm a mesma importância em termos de privacidade, de proteção dos seus dados pessoais, para você? Como você analisaria? Ou indiferente, também pode ser, não precisa ter uma, não precisa ter uma diferença, você pode dizer "não, não tem diferença", ou "não, eu realmente não consigo analisar, eu preciso de outras, outro... Mais informações para poder dizer", mais contexto, enfim.

Recrutado (54:43)

Preciso de mais contexto para dizer, porque eu estou tentando imaginar uma situação em que alguma informação minha poderia ser vazada ou mal usada e eu me sentiria lesado, mas não...

Pesquisador (55:01)

Você está, então, criando uma relação entre o vazamento e o uso que vai ser feito dessa informação, é isso? Depende do uso que essa informação vai ter para que você possa considerar?

Recrutado (55:16)

Para eu conseguir, é, para eu conseguir considerar.

Pesquisador (55:19)

Se vazou uma informação, essa informação a pessoa teve conhecimento, mas não usou para nada? Pra ti é irrelevante em termos de proteção de dados, em termos de privacidade?

Recrutado (55:35)

Repete, por favor.

Pesquisador (55:38)

Se vazou alguma informação pessoal, dados pessoais teus, e as pessoas que tiveram acesso a esses dados pessoais não utilizaram eles para nada, elas tiveram ciência, que você não autorizou, elas souberam de informações que você não autorizou, mas elas não pegaram esses dados e não usaram para absolutamente nada. Você acha que houve violação dos seus direitos à proteção de dados pessoais?

Recrutado (56:04)

Sim. Dependente se não usou, sim. Porque não tem autorização, né?

Pesquisador (56:08)

Isso, exatamente. Não necessariamente precisa ser posteriormente utilizado então para que você sinta que houve uma violação, é isso?

Recrutado (56:30)

É isso. Isso. Não precisa... É, deu certo. Não precisa usar, acho que... De forma... De forma para me atingir, para eu me sentir violado.

Pesquisador (56:45)

Uhum. Quando eu falo de privacidade, você acredita que ela é exclusiva do mundo digital, da internet?

Recrutado (56:55)

Não, não, não.

Pesquisador (56:58)

Como que a privacidade pode existir fora da internet?

Recrutado (57:06)

Por exemplo, eu que estou agora fazendo um campo, né, conversando com pessoas e que no geral, têm um perfil ingênuo a essa tecnologia. Então a gente dá um bate papo, um questionário, a gente vai respondendo no computador, mas muitas das questões que eles respondem, além do que a gente coleta, do que eles deram permissão pra gente coletar. E aí eu vou contar essa história, "ah, achei essa história engraçada, vou contar no meu grupo". Então tô violando uma privacidade da pessoa que eu fiz o questionário.

Pesquisador (57:44)

Uhum, entendi.

Recrutado (57:44)

De forma não digital.

Pesquisador (57:47)

Quando eu falo em privacidade, voltei para privacidade, quais as primeiras coisas que te vêm à cabeça?

Recrutado (58:01)

Cadeado.

Pesquisador (58:01)

O que?

Recrutado (58:02)

Cadeado.

Pesquisador (58:04)

Cadeado [risos].

Recrutado (58:05)

Primeira coisa que vem na cabeça. é, uma... Exposição?

Pesquisador (58:16)

Cadeado, certamente foi a primeira coisa que veio na tua cabeça, foi a primeira coisa que você falou... Exposição, uma outra, outra palavra. O que simboliza um cadeado pra você?

Recrutado (58:32)

Segurança.

Pesquisador (58:32)

Privacidade está relacionada à segurança?

Recrutado (58:33)

[Risos]. Agora não. Privacidade está relacionada a algo íntimo.

Pesquisador (59:00)

Algoritmo?

Recrutado (59:00)

Algo íntimo.

Pesquisador (59:01)

Algo íntimo? Ah, entendi.

Recrutado (59:01)

O que é meu privado, um bem que pode ser privado, algo que é meu. Mas, porque, lembrei cadeado, mas...

Pesquisador (59:03)

Não, eu só quero entender. Não tem certo e errado. O cadeado tem um simbolismo, né? Justamente por isso que veio à tua cabeça como primeira coisa, né? Sobre... E quando eu falo em dados pessoais, o que que vem na tua cabeça?

Recrutado (59:29)

Uma ficha de cadastro.

Pesquisador (59:31)

Uma ficha de cadastro. E quando eu falo em dados pessoais sensíveis?

Recrutado (59:42)

Uma ficha de cadastro... Do lado emocional, do lado sensível. Uma coisa... Dados de cadastro seria uma coisa que você está... Está aberta a falar com muitos tipos de público. Qual é o dado de cadastro sensível?

Pesquisador (1:00:09)

Sensível.

Recrutado (1:00:10)

Seria uma coisa mais específica, algo que você não... Não traria exposição tanto quanto da primeira opção.

Pesquisador (1:00:23)

Seriam dados então que implicam em maior exposição se eles forem compartilhados, seria isso?

Recrutado (1:00:29)

É. No nível de privacidade, os dados cadastrais têm uma privacidade 5, os dados cadastrais sensíveis têm uma privacidade 8.

Pesquisador (1:00:42)

São dados que você atribui uma importância maior, então, do que outros?

Recrutado (1:00:49)

Atribuiria. Primeira vez que eu ouço falar desse termo, mas eu atribuiria uma maior importância.

Pesquisador (1:01:04)

No contexto do aplicativo do Tinder, é bem comum que tenha ali as imagens das pessoas, mas você não pode trocar fotos porque o próprio chat não permite que você troque fotos. Diferentemente de outros aplicativos que permitem que você mande fotos ou o próprio WhatsApp, se você continua a conversa no WhatsApp. Existem pessoas que tomam alguns cuidados na hora de enviar nudes justamente para evitar que essas fotos vazem ou se vazarem que não sejam identificáveis. Você acredita que uma imagem do seu corpo nu, uma nude, ela viola a tua privacidade? Ou tua proteção de dados pessoais?

Recrutado (1:02:03)

Você pode dar um exemplo?

Pesquisador (1:02:06)

Por exemplo, você mandou uma nude para alguém, você deu um match no Tinder, passou o seu WhatsApp, começou a conversar e no WhatsApp você mandou uma nude para alguém, a pessoa foi lá, tirou um print e mandou para uma outra pessoa e você descobriu que essa outra pessoa teve acesso. Você teve violada a sua privacidade ou sua proteção de dados pessoais?

Recrutado (1:02:33)

Sim, sim, sim.

Pesquisador (1:02:39)

Se você tivesse utilizado essas artimanhas para que não aparecesse, por exemplo, o rosto, para que você não fosse identificado por alguém que não te conheça, você acredita que ainda assim sua privacidade, seus dados seriam, estariam sendo violados?

Recrutado (1:02:58)

Sim, porque eu vou saber.

Pesquisador (1:03:00)

Se alguém pegou a tua foto do... Você usa lá no teu Tinder, no seu perfil, umas 5, 6 fotos que você me disse, né? Se alguém tirou, pegou aquela foto e criou um outro perfil, se passando por você, você acredita que houve violação dos teus dados pessoais ou da tua privacidade?

Pesquisador (1:03:25)

Sim, sim. Sim, porque eu vou saber. Sim. Sim. Inclusive o computador chegou agora, se você, se for agregar o trabalho te mostrar o meu perfil, eu troco pro computador...

Pesquisador (1:03:30)

Não, não, porque a ideia é justamente trazer a pessoa descrevendo, porque isso traz novas variáveis, entendeu?

Pesquisador (1:03:43)

Entendi, entendi.

Pesquisador (1:03:44)

Até porque, se eu tivesse esse tipo de... Todo esse vídeo que a gente tá fazendo, ele vai ser convertido em texto, então ele...

Recrutado (1:03:52)

Não faz diferença.

Recrutado (1:03:53)

Não vai fazer diferença. Só a análise que eu vou fazer das expressões corporais, mas fora isso, eu não vou poder depois tirar pra mostrar no estudo, até por conta de como a pesquisa foi desenhada e, em vedação do próprio, o Comitê de Ética aprovou ela de uma forma, eu teria que pedir uma modificação para que ela acontecesse de outra, mostrando os perfis das pessoas, né? Deixa eu ver se, eu acredito que... Eu acredito que perguntei todas as questões que eu precisava perguntar. É isso. Tu tens alguma coisa que tu queres adicionar sobre tudo que eu

te perguntei? Algum comentário, alguma situação que tiver na cabeça relacionada a isso? Privacidade e proteção de dados?

Pesquisador (1:04:57)

Não, não.

Pesquisador (1:04:57)

Não? Então, eu agradeço a tua participação, foi de bastante valia. Eu vou encerrar a gravação aqui e depois eu te passo algumas informações sobre esse estudo, depois que terminar a gravação.

## APÊNDICE J – Transcrição da entrevista do Recrutado 4

Pesquisador (00:15)

Eu, antes de iniciar essa entrevista, eu gostaria de repassar algumas coisas. Primeiro, você deu o aceite no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lá no questionário, na primeira página do questionário que você preencheu. Eu gostaria de ratificar o seu aceite, confirmar que você está de acordo para continuar essa pesquisa. Se você tem alguma dúvida, se você não entendeu algum ponto, esse é o momento para você esclarecer. Mas, no curso da entrevista, se surgir alguma coisa, também você pode me interromper e pode me perguntar que eu esclareço. Essa entrevista está sendo gravada, a captação da sua imagem e som vai acontecer por conta disso, sendo que está resguardada a confidencialidade e o sigilo. Você pode optar por não responder qualquer das questões que possa te causar algum tipo de constrangimento ou mesmo pode desistir de participar da pesquisa sem qualquer necessidade de apresentar nenhuma justificativa e você não vai ter nenhum tipo de prejuízo por conta disso e os seus dados coletados, eles vão ser imediatamente excluídos. Essa entrevista, o objetivo dela é justamente compreender as respostas que você já deu no questionário e possibilitar outros questionamentos por conta daquelas respostas. Não tem resposta certa, não tem resposta errada, não é o meu papel te julgar, não é o meu papel fazer juízo de valor sobre o que você disser. A minha função é justamente facilitar esse entendimento para que eu consiga compreender de uma forma mais ampla a tua percepção sobre esse assunto que eu estou estudando. Então, quanto mais descritivo você for quando trata das suas percepções, quanto mais você trazer aí de forma bem detalhada as respostas, mais vai me ajudar para que na hora de fazer análise de todas essas respostas eu consiga extrair o melhor, de forma mais refinada, a sua percepção sobre o assunto. Só, então, confirmando, preciso que você daí verbalize, você está de acordo com esses termos, tudo certo? Alguma dúvida?

Recrutado (02:35)

Sim, estou de acordo e não tenho nenhuma dúvida não.

Pesquisador (02:38)

Tá ótimo. Eu vou... Algumas perguntas elas Iniciam com o aplicativo, do Tinder, algumas daí falam da sua orientação sexual. Como as perguntas elas estão todas meio conectadas não tem uma ordem necessariamente para elas, então pode ser que a gente volte, você fale alguma coisa e me lembre de algum outro ponto... Tem um roteiro pré-estabelecido, mas esse roteiro é totalmente flexível com base no que você for respondendo Primeiro eu quero entrar nessas questões relacionadas à sua orientação sexual. Como é para você a sua orientação sexual, essa questão da sua descoberta? Como que é a sua relação com isso? É tranquila? Você tem alguma dificuldade em relação à família, amigos, sociedade? Se você puder me trazer esses aspectos.

Recrutado (03:44)

Então, eu sou gay, e agora, atualmente, assim, parando para pensar nesse ano de 2023, eu me sinto muito tranquilo, muito bem resolvido na questão de amigos, família, trabalho. Em qualquer ambiente que eu realmente vou, eu não sinto nenhum constrangimento em demonstrar que eu sou essa pessoa gay e super afeminada. E eu só estou, sei lá, com algum parceiro, de ficar ali naquela tensão de "será se eu abraço?", "será se eu beijo?". Mas no início, quando eu tinha 18 anos, eu tinha essa dificuldade, principalmente na questão da família. Em todos os âmbitos, na verdade, né? Porque eu não sabia direito como era, eu tinha recém-chegado em Florianópolis, então eu estava ainda conhecendo a cidade, conhecendo esse novo mundo, então era tudo muito novo. Depois de um tempo que eu fui começando a entender como era, que eu realmente tava sentindo, eu fui começando a me abrir mais pros amigos e tal. E depois a família, né. Teve essa dificuldade com a família, principalmente porque eu não moro com eles. Então, desde a faculdade eu, né, saí da casa deles, então não tinha essa coisa de "vou trazer uma pessoa aqui em casa" porque eu morava sozinho, então não tinha pra quem falar. E quando eu ia visitar meus pais, na minha cabeça não fazia sentido eu ficar falando. Então, essa coisa da família aceitar ela aconteceu de uma forma meio espontânea, não teve um momento que eu cheguei assim e falei assim, "olha, eu sou gay e fico com homens". Foi uma coisa que aconteceu espontaneamente, meus pais perceberam, assim, até por redes sociais, ver postagens, tudo mais. E foi um processo até que tranquilo, tá? Não tenho grandes problemas atualmente.

Pesquisador (05:28)

Não foi um tópico levado, assim, pra mesa, vamos dizer.

Recrutado (05:43)

Não, não teve esse momento.

Pesquisador (05:44)

Uma fatídica conversa. Entendi. Você, eu vi ali que você é mestrando, né, você tá cursando mestrado, você acredita que a educação teve, esse percurso da educação ajudou você a lidar com essas questões desde os 18 anos até aqui? Ou teve algum outro fator que te ajudou a lidar de forma mais tranquila? Porque você disse que no início, lá pelos 18 anos, tudo era muito novo nesse sentido da descoberta, de como que seria, a aceitação, e tudo mais. Como que você enxerga esse processo da aceitação em si, ou as influências para que você chegasse onde você chegou hoje, que, como você disse, tá tranquilo, né?

Recrutado (06:36)

Você falou que eu tô no mestrado, sim. E aí, quando você me convidou para a entrevista, eu pensei "putz, vai ser meio corrido fazer a entrevista", mas eu também estou na fase de coleta e que eu preciso de pessoas, aí eu pensei, "não, vou me colocar no lugar dele e vou lá participar porque eu sei que é difícil conseguir". Sem dúvidas, né, a questão da educação ajuda muito a gente a entender, e eu acho que também a relevar, ignorar muito as coisas que a gente escuta, sabe? Coisas de... Alguns comentários, assim, toscos. Que eu fico tipo "Ah, não vou perder tempo com essa pessoa". Porque ela realmente, tipo, tá muito longe de entender algumas coisas e principalmente a educação, assim, em relação aos meus pais. A minha mãe, ela é professora, ela fez pós-graduação, então existia uma coisa do tipo, assim, ela não sabia direito, né, como lidar, mas ela tava ali, tipo, aberta a entender, assim, né? Então, é uma cabeça mais aberta, realmente. Meu pai já é um pouco mais difícil, mas ele, né, minha mãe também influenciou muito ele, então foi mais tranquilo. Então, acho que a questão do ambiente familiar com certeza, né? Influenciou a questão da educação. E eu acho que também tem um ponto que é a da independência financeira, que eu acho que contou muito, sabe? Então, assim que eu me formei, eu fui, né, para o mestrado, não fui para o mestrado, fui fazer a

pós e aí eu comecei a trabalhar, então eu também coloquei muito na minha cabeça a questão de "ah, não preciso mais deles, então...", não é que eu não precise mais deles, mas financeiramente eu não preciso... Então, assim, se eles aceitarem ou não aceitarem, né, deixa pra lá, também não preciso mais tanto deles. Então, acho que essa coisa também influenciou, sabe?

Pesquisador (08:29)

Você falou agora que, desse ponto de vista econômico, né, do suporte econômico, se eles não aceitassem, tudo bem. Mas você enxerga que essa aceitação é necessária para ti ou para as outras pessoas? Como, do seu grupo em geral, das pessoas que convivem com você e que também são gays, você vê que essa necessidade de aceitação pelas pessoas próximas, pelos amigos, pela família e até a aceitação social em geral é uma pauta importante que tem sido levada em consideração para o próprio bem-estar psicológico, para o próprio bom convívio, enfim. Como que você enxerga essa situação?

Recrutado (09:14)

Sim, eu acredito que sim, né, que a gente precisa ter essa aceitação tanto de nós mesmos quanto dos familiares e amigos pra gente poder se sentir bem. Talvez de início, digamos que a minha família não aceitasse, eu ia assumir aquela postura de tipo "tá, então tá bom, então vocês não aceitam, eu tenho a minha vida aqui". Então talvez ali no momento, instantâneo, ia ficar super bem, mas acho que depois dá uma certa consequência, porque querendo ou não é a nossa família, né. Tem os momentos de festas, que todo mundo se reúne. Como assim, eu não ia estar, tipo, presente? Ou ia estar presente e meu companheiro não ia estar porque a família também não aceita? Então ia gerar um mal-estar, que eu ia sentir isso depois. E aí, são coisas que eu vejo em alguns amigos que não têm essa aceitação e é realmente muito triste, assim, né? Chega esses momentos de final de ano, a pessoa tá realmente sozinha, né. Não tem o apoio da família e tal, enfim. Não tem nem o apoio de... pra falar e tal, pra compartilhar as coisas. Eu ainda não tive nenhum momento, assim, de... Não, já tive sim, de levar, né, namorado e tal junto com a família. É, e é realmente muito bom. Então eu acho que sim, que essa aceitação realmente precisa acontecer. Talvez eu falei ali, do modo que eu falei, talvez ficou parecendo que, tipo, dane-se a questão da aceitação.

Pesquisador (10:47)

É, com quantos anos que você está hoje? Ali no formulário você preencheu de 26 a 30, salvo engano, deixa eu ver aqui.

Recrutado (10:54)

Uhum, eu tô com 26.

Pesquisador (10:55)

26? E você usa o aplicativo... aplicativos para relacionamento entre cinco a seis anos, mais ou menos, né? Então quando você estava na faixa de 20, 21 anos, você começou a usar, é isso?

Recrutado (10:56)

Isso.

Pesquisador (10:58)

Nessa época você já estava mais — vou botar a palavra que você botou pra descrever o seu estado hoje. Você já estava mais tranquilo quanto a essa questão da tua homossexualidade?

Recrutado (11:23)

Não...

Pesquisador (11:23)

Ou ainda você tava nesse processo?

Recrutado (11:37)

Não, ali com 20, assim, eu respondi o formulário e talvez algumas coisas não batam.

Recrutado (11:38)

Não, não tem problema, a gente ajusta aqui.

Recrutado (11:39)

Foi.. não tava tranquilo com 20, 21 anos, porque foi bem a época que eu cheguei aqui em Florianópolis, então... Eu vim de uma cidade que não... assim, era um tabu. Ninguém via homens gays e pessoas beijando, assim. Então, quando eu cheguei, foi meio que tipo um choque mesmo, sabe? E aí, eu comecei a explorar. Eu nem conheci os aplicativos, assim. Tanto é que quando eu entrei, eu lembro, eu nem usava foto. Eu tinha muita vergonha, assim, de me mostrar. E de ficar, tipo, pensando "nossa, as pessoas vão me ver aqui nesse aplicativo e aí, todo mundo vai saber que eu sou gay e tal". Então não existia nenhum tipo de tranquilidade. Eu tinha muito medo, na verdade...

Pesquisador (12:18)

Sim.

Recrutado (12:18)

Nesse início.

Pesquisador (12:20)

Teve então uma transição pra você, vamos dizer assim, sair do armário, no final das contas?

Recrutado (12:28)

Sim, tem a saída do armário da vida e eu acho que tem a saída do armário dos aplicativos, porque depois eu comecei a botar o meu rosto, né? Aquele momento que eu falei "ah, tudo bem, né? Todo mundo já sabe, então vou aqui me mostrar".

Pesquisador (12:41)

Uhum. Essa saída do armário dos aplicativos, o que que demandou para que você tomasse essa decisão? Não, pronto, de hoje para frente eu já tenho... Já me sinto confortável o suficiente para dizer "eu sou gay, estou aqui, meu rosto é esse, eu sou essa pessoa e é isso mesmo". Tem algum marco, alguma coisa nesse processo?

Recrutado (13:07)

Tem. Tem a questão que... Acho que foram vários fatores, sabe? Teve a questão de eu já estar mais envolvido aqui em Florianópolis, já conhecia bem... Bem não, né?

Mas já conhecia a cidade, já tinha uma rede de amigos da faculdade. Tinha passado pelo meu primeiro namoro com um homem, então, assim, bastante gente já sabia. Assim, da faculdade, todo mundo já sabia que eu era gay e tal. E a minha família começou a dar os primeiros indícios e tipo, ó... Eles viam algumas fotos do meu ex-namorado e falavam "Quem que é fulano?" "Quem que é ciclano?" "Ah, tô vendo que você tá sempre com foto." Eu já meio que entendi que a minha mãe entendeu. Então a partir daquele momento eu pensei, ah... É que antes eu tinha muito medo de botar a foto e ninguém saber. Ia rolar aquelas coisas de print, né? E mostrar pra família. E aí eu tinha esse receio. Aí depois que eu vi que ela já tava sabendo, já meio que já tava entendendo. Todo mundo já tava entendendo. Que se alguma coisa acontecesse, eu já tinha amigos pra contar. Eu meio que, tipo, "ah, então tudo bem", sabe?

Pesquisador (14:14)

Então você vê uma relação entre essa aceitação social, vamos dizer assim, entre família, amigos, pessoas conhecidas, e a sua... O seu conforto em se expor de uma forma mais... Mostrando a cara mesmo, você vê essa relação entre essas...?

Recrutado (14:34)

Eu vejo. Eu vejo essa relação, sim, principalmente... Principalmente se, caso alguma coisa de ruim acontece. Se acontecesse, digamos, sei lá... Ah, tipo, coloca lá uma foto e vem uma pessoa te xingar. Porque aí você é feia. E aí, se eu tenho essa aceitação, né, de amigos e família, eu acho que eu me sinto à vontade de compartilhar isso e as pessoas ajudarem, sabe, nesse momento. E se caso eu não tivesse, provavelmente esse tipo de xingamento ia me abalar demais e... Não sei, eu acho que provavelmente eu nem voltaria mais pro aplicativo.

Pesquisador (15:15)

Eu tô falando aqui ainda fora dos aplicativos. Você já teve alguma situação...

Recrutado (15:21)

Ah, tá.

Pesquisador (15:21)

Não, não tô...

Recrutado (15:24)

Ah, tá, tá, entendi.

Pesquisador (15:24)

É que eu vou fazer uma pergunta só pra esclarecer o escopo dela. Você fora dos aplicativos, você já foi discriminado por sua orientação sexual?

Recrutado (15:36)

Sim, eu acho que eu respondi sim na pergunta, mas eu não consigo assim... Eu não tive um momento de a pessoa chegar e falar assim, né, descaradamente. Mas às vezes tem aquelas piadinhas de trabalho, aqueles comentariozinhos que acaba sendo, né, que você não é assim tão escancarado, né? Mas sim, já tive. Não vou conseguir talvez citar um exemplo claro.

Pesquisador (16:01)

Seria aquele, aquele tipo de discriminação mais sutil que fica nas entrelinhas às vezes, que às vezes tem um tom de... Jocosos, uma piada é nesse sentido que você tá dizendo?

Recrutado (16:16)

É nesse sentido. E às vezes não dá muito de você pegar e jogar pra pessoa, né, pra, pra reverter o caso, aí acaba passando batido.

Pesquisador (16:24)

Uhum. Eu vou fazer algumas perguntas aqui sobre o aplicativo, a pesquisa é especificamente sobre o Tinder, mas em alguns momentos eu vou fazer algumas perguntas que... Buscando comparação entre o seu uso do Tinder, você disse ali que não usa mais, né? Atualmente.

Recrutado (16:39)

Não.

Pesquisador (16:39)

Que vai ser daí o uso do Tinder que você fez, com relação a outros aplicativos. Há quanto tempo você parou de usar o Tinder?

Recrutado (16:51)

Ahmm, a gente tá em abril, faz uns 4 meses, eu usei até dezembro do ano passado.

Pesquisador (16:59)

Recente, uma coisa recente. Teve alguma motivação especial para você parar de usar?

Recrutado (17:01)

Só que eu... tava, tava cansado do aplicativo mesmo, né?

Pesquisador (17:07)

Não teve uma motivação em especial. Quando você usava o aplicativo Tinder, você usava com que frequência? Como que era... Esse é o momento que eu preciso entender como que era o seu uso. Como que você desenrolava as conversas? Como que era a situação dos matches para você? Tente descrever da melhor forma que você conseguir, da forma mais completa que você conseguir. E daí, posteriormente, eu sei que é uma coisa que não se pergunta todo dia, então a gente não para para pensar, mas eu vou te ajudando nesse processo, instigando alguns pontos para ajudar para eu entender o teu uso melhor.

Recrutado (17:50)

Então... Eu costumava usar ele... Assim, eu meio que usava todos os dias.

Pesquisador (18:28)

Uhum.

Recrutado (18:29)

Vamos dizer assim, eu costumava usar mais como um... como é que eu posso explicar. Tipo uma rede social que você abre o Instagram e fica ali vendo as coisas? [risos] Eu também acabava fazendo um pouco disso no Tinder. Ficava ali vendo, e

tal. Às vezes rolava um match e aí eu já desenrolava uma conversa. Mas não desenrolava uma conversa no intuito de já sair naquele dia com a pessoa. Era uma coisa do tipo, assim, vou ali conversar com ela, e a gente pode pensar em alguma coisa mais, sei lá, final de semana ou quando der um horário.

Pesquisador (19:13)

Uhum.

Recrutado (19:14)

Então eu acabava utilizando durante o dia, durante a semana eu acho que meio que como um hobby, não sei, se... um entretenimento.

Pesquisador (19:15)

Aham.

Recrutado (19:16)

Meio feio falar isso, mas enfim, meio com... ali é pra passar o tempo, literalmente, tá? Claro, se desse, sempre com a intenção de dar um match e conhecer outras pessoas, e quando dava um match eu geralmente, eu sempre entrava em contato com as pessoas, sempre ia atrás de conversar pra não ficar essa sensação de, tipo, só tô aqui dando match e dizendo não e sim e bola pra frente, sabe?

Pesquisador (19:18)

Uhum.

Recrutado (19:19)

Mas, no final de semana, sempre eu usava um pouco mais na intenção de... Quero sair e ver alguém, né? E, assim, tô afim, e, enfim, né?

Pesquisador (19:20)

Você, pelo que eu entendi, foram mais, foram dois períodos diferentes, basicamente, do uso do aplicativo. O primeiro período era um período que você já ficava um pouco mais restrito, porque daí você não queria mostrar o rosto, tudo mais, e um segundo daí você já se expôs de uma forma, é... mais concisa, e trouxe mais informações

tuas. É, se tu puder me descrever, como que era essa diferença? O que que tu colocava no... que tipo de foto tu colocava no prim... Vamos tratar de dois períodos, tá? Que tipo de foto tu colocava no primeiro período no teu perfil? Que tipo de foto tu colocavas no segundo? Se tu tinhas descrição no teu perfil, nos dois casos? Como que era essas descrições, se eram mais detalhadas ou menos detalhadas? Se você fazia... Porque lá no Tinder dá pra linkar Instagram, linkar Spotify, acho que dá pra linkar outras coisas também. Se você fazia esse tipo de conexão, Como que era essa diferença de um período para o outro, se você conseguir lembrar, naturalmente, porque faz algum tempo o primeiro, mas... consegue me descrever isso?

Recrutado (20:18)

É... então, quando eu tava nesse período de ser mais discreto, né, nos aplicativos, não era no Tinder, era no Grindr.

Pesquisador (20:19)

Tá, entendi.

Recrutado (20:19)

Acho que é importante falar isso. No Tinder eu sempre fui, eu sempre botei a cara.

Recrutado (20:20)

Ah, entendi.

Recrutado (20:20)

Até porque eu acho o Tinder muito difícil, tanto é que eu nem dou bola pras pessoas que não colocam o rosto, porque tem muita pouca informação, você não consegue conversar.

Pesquisador (20:20)

Uhum.

Recrutado (20:21)

Então... se quiser eu posso falar da minha experiência dos outros aplicativos.

Pesquisador (20:22)

Não, pode também, pode sim.

Recrutado (20:22)

Tá. Eu usava o Grindr principalmente e eu não colocava foto de rosto. Eu botava foto do corpo. Aquela clássica, tirava a cabeça [risos]. E aí, na época, como eu não tinha tatuagem, eu tipo, botava lá, né, dessa parte mais aqui [apontando para peito], daí ficava, tipo, um corpo neutro. Não gosto de usar essa palavra, mas enfim. E não colocava nenhuma descrição. Botava, tipo, a minha idade. É... Que eu tava em Florianópolis e a minha preferência ali na questão do sexo. Bom, eu nem sei como que as pessoas realmente falavam comigo, porque, assim, era muito pouca informação, assim, né. Tipo, eu fico vendo agora, eu jamais falaria com uma pessoa... Eu jamais falaria comigo de tempos atrás, sabe? É muita pouca informação. Então, eu era muito sucinto, tanto é que quando as pessoas conversavam comigo, eu não, mandava foto, assim, eu... A pessoa às vezes até se cansava e desistia, mas eu ficava ali naquela coisa "não, primeiro mostra aí você quem é, e tal", porque eu queria ter certeza...

Pesquisador (22:00)

Uhum

Recrutado (22:00)

Aí na hora de mandar nudes também não mandava, eu tinha muito medo mesmo, sabe?

Pesquisador (22:00)

Aham.

Recrutado (22:00)

Então era bem pouca coisa, assim, que eu colocava. Depois, né, quando eu comecei, que eu tava me aceitando mais, tal, tanto no Grindr quanto no Tinder eu realmente botava fotos de rosto, fotos de... assim, fotos como se tu botasse no Instagram, assim, sabe? Inclusive, eu botava até as mesmas fotos em passeio,

fazendo outras coisas. Botava fotos, às vezes, na praia, assim, né, pra mostrar o corpo. Botava descrição, o curso que eu tava fazendo, da onde que eu era, o meu signo, a minha idade. A minha profissão, agora, às vezes, eu coloco, onde eu trabalho. Linkava... aí no Grindr, me dá de linkar também no Instagram. Eu comecei a botar o Instagram, no Tinder também coloco. Então eu comecei a colocar mais informações pra realmente parecer que é um perfil verdadeiro. Pra pessoa ver e falar "não, essa pessoa aqui realmente, ela existe, ela vive, então eu posso falar com ela", tá?

Pesquisador (23:18)

Você falou que tinha bastante cuidado ali quando usava o Grindr, porque falou que você tinha muito medo, né? O medo teu era do quê? Da exposição ou tinha outros... Porque você tinha comentado de talvez ser posto para fora do armário dentro desse, do aplicativo, né? Não na vida, mas no aplicativo em si e eventualmente chegasse a tua família ou outras pessoas que ainda não sabiam disso, mas tinha outros medos também que te inspiraram nesse processo de cuidado mesmo?

Recrutado (23:52)

Então, tinha sim esse medo, mas tinha também um medo de alguém vir... tipo, me questionar, assim, né? Digamos que, sei lá, uma pessoa X aí, não sei, me visse e falasse "te encontrei aqui no aplicativo, né? Como assim, me explica isso aqui" e eu não ia saber explicar, porque não é uma coisa que você tenha que explicar ou que... ou que eu saberia explicar. Então eu tinha esse medo de se alguém me botar na parede e ficar perguntando.

Pesquisador (24:19)

Você diz uma pessoa, assim, do teu convívio que por um acaso descobriu que você...

Recrutado (24:30)

É, tipo isso, assim, até porque minha família não mora aqui então isso não aconteceria com a minha família... Mas de amigos, sei lá, de... Ai, não sei, assim, não consigo te dar um exemplo...

Pesquisador (24:42)

Colegas de trabalho...?

Recrutado (24:44)

É, coisas assim da faculdade... Porque, assim, na faculdade, quando eu cheguei, talvez eu esqueci de falar isso, tinha aquela coisa de calouro, de você se apresentar e tal. E aí as pessoas perguntavam "Ah, você gosta de menina ou menino? Ou os dois?" E eu no início, assim, eu tipo, falei "Ah, eu gosto de menina". E aí depois, durante a primeira fase, eu fui, né, experimentando, eu comecei a gostar de menino, comecei a sair. Aí eu fiquei com esse medo, assim, tipo assim... "Como assim você disse lá no primeiro dia que gostava de menina e agora tá aqui no aplicativo", sabe? Então eu tinha esse medo de alguém me botar na parede e ficar fazendo esses questionamentos que eu não saberia como responder.

Pesquisador (25:21)

Tá. Especialmente sobre o aplicativo Tinder, porque o Grindr e o Tinder eles acabam tendo dinâmicas diferentes, né? Tanto que você, é, teve comportamentos diferentes em relação a um e outro. Você tinha alguma preocupação em relação à segurança no Tinder?

Pesquisador (25:44)

Não. Eu... Eu lembro dessa pergunta eu ficar muito pensativo. Até porque eu nunca nem tinha parado pra pensar nisso, tá, mas...

Pesquisador (26:00)

Por exemplo, essa situação de exposição, quando você já tava no Tinder, já era um momento que você já tava aberto. As pessoas já sabiam que você era gay e não era uma questão, não era um problema pra você dizer que você era gay. Então se houvesse um confronto, imagino que não seria um problema. Mas em relação, especificamente, a... Vamos dizer, alguém pegar a tua imagem ali, é, ou eventualmente... Porque a gente vê nas notícias muitos casos de pessoas que vão, usam o aplicativo e depois são vítimas de algum tipo de agressão. Você, em algum momento, chegou a sentir temor, nesse sentido, algum tipo de insegurança nesse sentido, de porventura, a tua imagem vazar dali, alguém saber, alguém que é

homofóbico saber, causar algum mal pra ti, não necessariamente um mal físico, mas começar a te perseguir, começar a xingar, enfim teve algum tipo de... Você lembra de alguma situação, você lembra de ter essa insegurança no momento que você usava?

Recrutado (27:16)

Então, no Tinder não. No Tinder eu não, não, esse tipo de situação não passava pela minha cabeça, de insegurança, porque eu acho que o Tinder é, tem essa coisa de que você só consegue conversar com a pessoa depois que você dá o match. Então eu tinha muito esse cuidado de realmente só dar match nas pessoas que eu realmente via que tinham um perfil, que eu, né, conseguia acessar o Instagram e dava ali uma "stalkeada" e tal. Então eu meio que sentia uma "confiança" entre aspas de que "ah, então se deu match, se uma pessoa legal deu o match, ela não vai fazer isso comigo". Claro que não é uma regra, né? Mas eu me sentia um pouco mais seguro, porque as questões de contato, elas são mais restritas, eu acho, né? Fazendo a comparação com o Grindr, que, tipo, qualquer pessoa pode chegar, ver, comentar e tal. Então eu não sentia esse, essa insegurança, assim, de ver coisas vazadas.

Pesquisador (28:19)

E falando dessa situação de... bom, deu match, você deu aquela stalkeada, viu que a pessoa parecia uma pessoa de verdade, tinha um perfil no Instagram e tudo, deu match, funcionou, a outra pessoa também deu match, né? É, aí você começa a conversar e vocês vão marcar um encontro, vão sair a primeira vez. Você já teve algum tipo de receio de marcar um encontro com uma pessoa que você conheceu no Tinder?

Recrutado (28:36)

Uhum. Já, mas isso é mais recente, tá? Na época que eu tava... Que eu era mais novo, eu realmente saía assim... Sem medo, assim, sabe? Eu ia pra casa da pessoa. E agora, assim, eu sinto um pouco mais de medo. Mesmo vendo o perfil, mesmo stalkeando, mesmo conversando, eu não costumo mais fazer isso. Eu geralmente marco num lugar mais genérico, tipo um bar, sei lá, lugares públicos,

assim, que daí depois disso eu penso em sair pra um lugar mais isolado com a pessoa. Então, agora sim, mas antes não.

Pesquisador (29:35)

Tem alguma motivação pra você agora ter esse tipo de comportamento, esse tipo de cuidado que antes você disse que não tinha?

Recrutado (29:45)

Ah, é com o que a gente vê na televisão, assim, e de notícia, né, de casos de gente que sai aí sozinha com os outros e, enfim, entra aí numa fria, numa enrascada. Então, não teve nada comigo, mas vendo o que acontece com as outras pessoas, eu comecei a ficar com mais medo, assim.

Pesquisador (30:04)

É... Você, essa pergunta é... ela pode ser um pouco mais delicada. Você, fique, naturalmente, à vontade para não responder se você quiser. Se você não quiser responder. É... Você disse que tem namorado, e tal. Esses relacionamentos que vocês tinham eram monogâmicos ou não-monogâmicos?

Recrutado (30:29)

Com o primeiro sim, foi monogâmico, e o segundo não foi.

Pesquisador (30:50)

Tá. Quando você tava nesses relacionamentos, no monogâmico e no não-monogâmico, você já utilizou o Tinder estando nesses relacionamentos?

Recrutado (30:50)

Sim, sim. Estando no não monogâmico, sim. E estando no monogâmico também acabei usando.

Pesquisador (30:56)

Você sentiu, em algum momento, receio de ser descoberto, de ser pego, vamos dizer assim, no flagra, já que você estava em um relacionamento, falando do

monogâmico, né, por conta de estar usando o Tinder e porventura alguém ver que você estava lá e sabia que você estava namorando e acaba contando, enfim...

Recrutado (31:16)

Sim.

Pesquisador (31:16)

Teve alguma coisa nesse sentido?

Recrutado (31:17)

Total, o tempo todo.

Pesquisador (31:20)

Aham. E você lidava como, com, em relação a isso?

Recrutado (31:28)

Ahmm... não sei se eu entendi a pergunta, mas eu ficava com medo, né? E era meio estranho, assim, esse meu pensamento, né? Eu não penso mais dessa forma. Mas eu ficava com medo de ser descoberto e automaticamente eu ia perder o namoro, mas ao mesmo tempo, também, eu não saía do aplicativo. Teve também a questão de que quando eu comecei a fazer isso o namoro tava no término, já, assim. A gente já não tava mais se acertando. Inclusive, foi por causa disso que eu acabei indo, acho, que pro aplicativo e tal. É isso, não sei mais o que te responder.

Pesquisador (32:07)

Não, é isso mesmo. Eu queria entender como que tu tava se sentindo com essa situação. Era isso que eu... Talvez eu não tenha me expressado bem quando eu perguntei.

Recrutado (32:17)

Era um sentimento de medo, mas também de curiosidade, tá? Porque eu tava no namoro, que já não tava mais sendo muito bom. E aí eu tava naquele sentimento, tipo... "Ah, como é que será que tá a vida lá fora?" "Vamos aqui dar uma olhada e ver se..." No meu pensamento, "vamos ver se vale a pena terminar ou não" Foi esse

misto de sensações, curiosidade e ao mesmo tempo medo, é... Medo de perder o namoro e continuar ruim depois ou de terminar o namoro e depois ver que foi bom...

Pesquisador (32:50)

Sobre, você usou já alguns aplicativos, que você me disse. Nesses aplicativos, quando você cadastra, sempre tem aqueles documentos, termos de... Regra de comunidade, termo de uso, política de privacidade, vários documentos jurídicos que informam, aí, algumas questões para o usuário, para quem vai cadastrar. Você respondeu, deixa eu voltar aqui nas tuas respostas, eu anotei aqui... Você respondeu que considera importante ler as regras da comunidade e as políticas de privacidade dos aplicativos de relacionamento, aliás, você considera importante os termos de uso dos aplicativos de relacionamento, e as regras da comunidade, muito embora não tenha lido nenhum deles. E, também, você considera que é muito importante ler as políticas de privacidade, mas leu apenas parte deles. Eu quero entender o que que você... São três documentos que eu vou tratar individualmente porque são coisas diferentes. Primeiro, o que você entende por esses termos de uso? O que que são esses documentos? Como você percebe? O que são os termos de uso? Quando você vai fazer? Você sabe me dizer como você enxerga isso? E qual é a função dos termos de uso, como que você enxerga?

Recrutado (34:30)

Então, pra ser bem sincero, não entendo nada de nada, tá? Eu acho que o termo de uso é... Sei lá, estou fazendo uma associação com alguma coisa que eu pego de alguém e ela me dá um termo de uso. Está ali dizendo as regras do que eu posso fazer e do que eu não posso fazer e do que acontece se eu fizer alguma coisa que eu não posso fazer, o que vai ser, sei lá, as penalidades, as consequências. Então, eu entendo que isso é o termo de uso, né? Assim como o termo de uso de, sei lá, peguei um celular, peguei um relógio, emprestado, alguma coisa assim.

Pesquisador (35:15)

Uhum. E o que que te impede de ler os termos de uso? Tem alguma coisa que dificulta ou impede que você faça essa leitura?

Recrutado (35:29)

Primeiro que é muito grande. Eles são muito grandes. O fato de ser muito grande geralmente é... a formatação tá sempre muito pequena, tipo, eu não vou ficar ali perdendo o meu tempo realmente lendo.

Pesquisador (35:36)

Uhum

Recrutado (35:36)

O fato também de eu não entender muito a linguagem dos negócios, assim. Então, até... assim, eu faço uma leitura meio, tipo, dinâmica, tá? Então tem isso e às vezes a questão de, ah, eu tô ali na pressa de querer conversar com alguém e tal, vou ficar lendo, sabe? Assim, principalmente porque a leitura não vai mudar eu entrar ou não no aplicativo. Eu vou entrar de qualquer jeito. Então tem um pouco disso.

Pesquisador (36:01)

Quando você baixa lá o aplicativo, independente de qual seja, você já tá, independente do termo de uso, você vai, já quer entrar, é isso?

Recrutado (36:14)

É, eu vou entrar.

Pesquisador (36:15)

Independente dos termos de uso.

Recrutado (36:15)

É. Principalmente porque as outras pess... Assim, a gente já sabe que as pessoas entram, usam, lendo ou não lendo, então só se lá, né? Está escrito alguma coisa que depois que entra você não pode mais sair.

Pesquisador (36:31)

Tá, é, sobre as políticas de privacidade. Mesma pergunta, o que você entende por essas políticas de privacidade? Qual que seria a função dessas políticas de privacidade e se você... O que também te impede de lê-las, de... de...

Recrutado (36:46)

É, eu entendo que... Primeiro que eu não lembro nem de conseguir separar um do outro, tá? Não sei se no aplicativo chega esse momento de falar tão detalhadamente cada um dos itens, então, talvez acabe se misturando. Mas eu entendo que a política de privacidade, ela tá mais, eu acho que... Assim, uma visão minha, tá? Pra me proteger, eu acho, tá? Se acontece alguma coisa, sei lá, com alguma foto minha, alguma coisa assim, eu acho, eu espero, talvez eu tenha que realmente ler pra saber. Que, sei lá, o aplicativo vai me ajudar nessa questão de... Se alguém tá usando uma foto minha e criou uma conta fake, e aí se eu faço contato com o aplicativo, ela vai me ajudar a derrubar a outra conta, que tá usando uma foto minha, que era [inaudível] minha. Então eu entendo mais ou menos isso.

Pesquisador (37:54)

E mais uma vez, o que te impede de ler esse documento?

Recrutado (38:25)

Eu acho que são as mesmas coisas, tá, a questão de às vezes ser muito grande. O modo de ler é inadequado, assim, por se tratar de um assunto que é tão importante eles colocam tipo muito pequeno, sabe, então eu acho que já leva a pessoa a, tipo, "olha só, não precisa ler, tá, pode pular, tá?". E a... o uso das palavras, mesmo, acho que é difícil de entender...

Pesquisador (38:41)

Quando você diz o uso das palavras, você diz o... muito técnico

Recrutado (38:42)

O vocabulário.

Pesquisador (38:43)

O vocabulário muito técnico, é isso?

Recrutado (38:44)

É. Isso.

Pesquisador (38:44)

Como que... Você falou que, de alguma forma poderia te proteger, né? Como que a política de privacidade pode te proteger?

Recrutado (38:44)

Eu acho que... sei lá, na minha cabeça, tá?

Pesquisador (38:44)

Não, aqui esse é o momento de todas as tuas percepções. Tem perguntas que, naturalmente, a gente não para para pensar no dia a dia e a minha ideia é justamente fomentar essa reflexão até para as pessoas poderem compreender melhor sobre o assunto, mas também para eu poder extrair o máximo possível de informações para seguir ali o estudo. Então, como eu disse, não tem certo e errado, é a tua percepção. Eu estou aqui para entender a tua percepção, entendeu? Não fica acuado de nenhuma forma, não tem certo ou errado, não tem julgamento, pode ficar bem tranquilo.

Recrutado (39:18)

Eu entendo que ela vai me proteger porque em algum lugar lá eu espero que tenha um... Não sei se nem se é a palavra, se é uma cláusula, um artigo que fala se a pessoa tá usando a foto inadequadamente ou de outro usuário o aplicativo tá ali pra te dar esse suporte mesmo. Eu acho que dessa forma.

Pesquisador (39:43)

Uhum. Como, como um canal, então, que ela... faça denúncias, alguma coisa nesse sentido?

Recrutado (39:59)

Isso.

Pesquisador (40:01)

E eles ajam sobre essas denúncias, naturalmente.

Recrutado (40:02)

Isso, exatamente.

Pesquisador (40:03)

Você citou o exemplo das fotos. Tem alguma outra coisa que você vê como violação da sua privacidade, que poderia acontecer nesse aplicativo?

Recrutado (40:03)

Talvez a... Cidade onde a gente mora, acho que ele não chega a pedir um endereço, mas... Bom, a pessoa pode botar também, mas eu acho que na cidade. Mas acho que... Na cidade, mas acho que a cidade também é opcional, então....

Pesquisador (40:24)

Desculpa, só pra entender, o que é exatamente da cidade? Descobri dentro da cidade? Não entendi.

Recrutado (40:30)

É, descobrir onde eu tô.

Pesquisador (40:33)

A tua localização.

Recrutado (40:35)

Isso. Entendo a questão da privacidade meio que como tudo. Eu acho que descobrir aonde eu tô, mas eu acho que ele só pede a cidade, eu acho que não chega a detalhar e acho que também é opcional, então acho que a pessoa, ela tem que estar ciente das consequências. Mas acho que tirando a foto, a localização também pode ser algo que me preocupe.

Pesquisador (40:59)

Uhum. Como que você lidaria com um vazamento, por exemplo, não vazamento, mas com a sua imagem sendo utilizada por uma terceira pessoa ali no aplicativo do Tinder? Qual que seria a sua conduta? O que você faria? Uma situação hipotética, né?

Recrutado (41:23)

Olha, isso nunca aconteceu comigo, não que eu saiba. Pra ser bem sincero, eu não saberia o que fazer. Eu acho que eu faria... Eu vejo muita gente nas redes sociais, às vezes publicando no Instagram, tipo "Ah, gente, olha só, criaram uma conta minha, não sou eu". Meio que pra avisar as outras pessoas. Eu não seguiria por esse meio. Eu não me sentiria à vontade de ficar divulgando pras outras pessoas que criaram um fake meu. Eu tentaria entrar em contato, assim. Isso, inclusive, é bom, pra eu saber, eu até ir atrás, de qual é a forma de contato para quando essas coisas acontecem, né? Se eles têm algum tipo de chat, algum tipo, sei lá, e-mail, não sei, mas eu iria mais por esse meio.

Pesquisador (42:11)

Uhum. Dessas informações que você preenche no seu perfil, além da fotografia, que você já me disse, você tem ali a possibilidade de indicar hobbies, indicar signos, indicar descrição, fazer a descrição, botar a localização, botar trabalho, botar onde você estuda, que música você ouve, qual o perfil que você tem no Instagram. Eu acho que agora tem mais funcionalidades, que cada vez mais eles ampliam as possibilidades de você trazer informações para deixar um perfil cada vez mais completo, né? De todas essas informações que você preenche no seu perfil, quais delas você acredita que são considerados dados pessoais?

Recrutado (42:59)

Eu acho que a idade, eu considero como algo. Não, tá, a idade. Eu acho que a idade tá muito relacionada, sei lá, à data de nascimento. Então eu acho que é uma coisa meio pessoal, né? Pensando que muita gente usa, às vezes, a data de nascimento como senha, então às vezes tu for botar ali é algo meio pessoal. A localização, a cidade, você detalha muito onde você está. O trabalho, eu acho que é algo bem pessoal. Talvez o curso que você faz, onde você está estudando, também seja pessoal. É que eu entendo o pessoal como dados que a pessoa poderia te achar. Eu fico pensando mais nesse meio. Então eu considero isso. A questão de... Ah, e o Instagram, né? Se você coloca o seu Instagram ou o Facebook, também é bem pessoal. As outras coisas, tipo hobby, signo, qualquer descrição que você fale de si, eu não considero tão pessoal assim.

Pesquisador (44:30)

Uhum. Você falou ali no questionário que a sua privacidade quando você usava o Tinder, naturalmente, né? Ela estava suficientemente preservada. Tem algum aspecto que você via que ela não estava preservada, a tua privacidade? O que faltava pra ela estar 100% preservada?

Recrutado (44:47)

É porque eu não conseguia ter o controle de quem via essas informações. Eu botei que estava suficientemente preservada porque eu tinha um certo controle do que eu queria mostrar, mas eu não sabia quem era que estava vendo, né? Não tinha... Não deixa eu ver quais eram as pessoas que estavam vendo, então, ficava as vezes meio inseguro, tá, tudo bem, eu tô mostrando pouca coisa, mas eu não sei, né, quem que tá vendo essas poucas coisas.

Pesquisador (45:24)

Uhum. É, você entende que a privacidade, então, tem relação com esse controle que você tem sobre essas, quem vê essas informações?

Recrutado (45:34)

Eu entendo que sim. Eu entendo que parte dela sim. Acho que tá mais pra, sob minha responsabilidade, eu que escolho, né, o que eu vou escrever e mostrar, mas, não sei, parece meio contraditório isso que eu tô falando, mas acho que depende também de quem, de eu saber quem que tá vendo.

Pesquisador (45:52)

Ou seja, parte tá relacionado... Oi, deu uma travada, tá me ouvindo?

Recrutado (46:08)

Tô te ouvindo.

Pesquisador (46:10)

Ótimo, desculpa, travou aqui a imagem, achei que tinha caído. Então, parte você entende que tá relacionado a esse controle sobre quem vê e parte com o que efetivamente você quer expor. É isso? Só pra eu...

Recrutado (46:27)

Sim, é bem isso que eu penso.

Pesquisador (46:32)

Você, nos outros aplicativos que você utilizava, você via que a sua privacidade tava preservada também, dessa mesma maneira que o Tinder? Ou tava menos preservada, ou mais preservada...

Recrutado (46:46)

Não, sentia que estava menos, assim, muito, muito menos. Porque as pessoas podem, né, ver o que você coloca e elas podem te mandar mensagem, elas podem... é que fica muito aberto, assim. Elas podem vir, sei lá, te xingar e não ter foto e você fica sem saber quem é a pessoa. Elas podem vir te ver, te xingar, te bloquear e aí o perfil dela some. Então, tu não consegue nem ter vestígio dessa pessoa.

Pesquisador (47:24)

Uhum. Você acredita que a privacidade é uma coisa só do mundo digital, internet, essas coisas, ou não? Como que tu enxerga isso?

Recrutado (47:37)

Não. Eu acho que não. Acho que não é só do meio digital. É que a gente acaba se preocupando, acho que mais do meio digital porque parece ser meio fácil, talvez, de conseguir as coisas. E principalmente porque a pessoa não tá ali na tua frente pra ver o que você tá fazendo. Mas da questão do dia a dia, fora do meio digital, eu acho que sim, também é preocupante. Só não consigo pensar agora como, mas sim.

Pesquisador (48:13)

Tem outros aspectos da vida fora da internet, então que a privacidade está envolvida neles, é isso?

Recrutado (48:21)

Sim.

Pesquisador (48:23)

Bom, a minha próxima pergunta era o quais, mas como você disse que não conseguiu pensar agora em alguma coisa...

Recrutado (48:28)

É, eu acho que, sei lá, da minha privacidade, fora... To com a sensação de que tá muito óbvio e eu não tô conseguindo pensar...

Pesquisador (48:41)

Pra ti é mais fácil pensar a privacidade dentro da internet do que fora da internet, me parece?

Recrutado (48:48)

É, eu acho que fora da internet... É mais fácil pensar dentro da internet, mas fora da internet é, pensar onde que eu tô indo, se tem alguém, sei lá, me seguindo, se tem alguém vigiando onde é que eu tô, eu penso mais nisso, assim.

Pesquisador (49:05)

Sobre dados pessoais, também, minha ponderação é nesse sentido. Você acredita que é uma coisa que a preocupação está mais voltada para o mundo digital? Ou também dados pessoais pode ser uma coisa que pode estar fora desse mundo digital, pode vazar, podem usar informações suas para outros fins sem efetivamente precisar de internet para isso?

Recrutado (49:44)

Eu acho que tá, apenas não, mas na grande maioria no meio digital, porque se você tem uma informação pessoal da pessoa fora da internet, vamos pensar assim, eu acho difícil de você conseguir fazer alguma... Eu acho, né? Difícil conseguir fazer alguma coisa porque o outro vai ver que não é a pessoa. Então, sei lá, se tem algum... Sei lá, um CPF da pessoa, eu vou lá fazer alguma coisa. Vai ver que, tipo, não bate. E no meio digital, se você tem informação e ninguém tá ali pra ver se é realmente a pessoa ou se não é. Então, eu acho que na grande maioria é no meio digital.

(50:24)

Vou dar algumas situações pra você... Já estou perto do término da sua entrevista. Tem algumas... Até porque já tomei algum tempo seu. Sobre a privacidade fora do mundo digital, vou dar algumas situações para você me dizer se você entende que a gente está falando de privacidade, está falando de proteção de dados ou não. Por exemplo, você vai fazer algum tipo de atendimento em uma clínica médica e você precisa preencher informações suas para que esse atendimento aconteça. Nome, telefone, dados de saúde, tipo sanguíneo, número de plano de saúde, se você tiver plano de saúde, essas informações todas. Aqui a gente está falando de privacidade, a gente está falando de proteção de dados pessoais ou não? E se sim, qual dos dois também, né? Pode ser que você entenda que só de um, só de outro.

Recrutado (51:34)

Acho que sim para os dois.

Pesquisador (51:37)

Você acha que tem uma conexão direta entre privacidade e proteção de dados?

Recrutado (51:43)

Sim, eu entendo que sim. Porque eu entendo que se eu tenho um dado meu, pessoal, que eu quero privacidade, tem que ter um cuidado. Eu entendo mais ou menos assim.

Pesquisador (51:55)

Você acredita que tem algum tipo de dado que é mais especial, que merece maior cuidado do que outros tipos de dados pessoais? Dentre os dados pessoais possíveis, né? Você vê algum que deve ter uma proteção maior?

Recrutado (52:19)

Hmm... Não. Eu acho que se é dado pessoal, se a pessoa considera pessoal, acho que tem que ser o mesmo cuidado pra todos.

Pesquisador (52:29)

Você... Entre vazarem o teu nome completo, ou vazarem o teu e-mail, vou botar o e-mail, entre vazarem o teu e-mail e vazarem a tua orientação sexual, você acredita que os dois estão na mesma, no mesmo grau de reprovação? Ou seja, os dois dados são dados tão importantes que merecem o mesmo tipo de cuidado?

Recrutado (53:03)

Não. Não. Eu acho que o meu e-mail ia ficar muito mais chateado e irritado do que a minha orientação. Porque no meu e-mail as pessoas podem entrar em contato e me encher o saco, né?

Pesquisador (53:21)

Agora se fosse o teu e-mail e tua... eu vou usar orientação, não sei se é o termo mais adequado, mas, sua orientação política, sua percepção política?

Recrutado (53:22)

Uhum. Continuaría no e-mail.

Pesquisador (53:24)

E... Agora eu vou criar um caso hipotético que não é o seu caso. Até porque eu não tenho nem informações para saber se é ou não. Imagina uma pessoa que ela tenha... uma pessoa que viva com HIV e essa informação é uma informação muito delicada e uma informação que geralmente as pessoas que vivem com HIV costumam manter em sigilo ou muito restritas por uma questão de preconceito que existe na sociedade e tudo mais. Entre um dado sobre ela ter ou não HIV e um dado que é o e-mail dela, você acredita que existe, está no mesmo nível de importância o vazamento deles?

Pesquisador (55:01)

Não. Eu acredito que o dado da sorologia da pessoa ela tem que ter um cuidado muito, muito grande. Por mais que eu considere os dois dados pessoais. Acho que as repercussões por essa informação do que o e-mail são muito diferentes, pra esse caso.

Pesquisador (55:01)

No direito, existem alguns dados que a gente chama de dados pessoais sensíveis. E aqui não é minha intenção esclarecer essas pontuações até porque foge do escopo da entrevista. Existem dados pessoais e dados pessoais sensíveis. O que que para você, pegando um dado pessoal, existe alguma coisa que você consideraria mais sensível do que outra? Agora, tendo como base alguns exemplos que eu te dei, certamente esses exemplos podem ter te aberto até a cabeça para pensar outros. Também uma outra questão que está atrelada com a primeira é se a gente pode definir a priori isso ou não? Como que a gente pode chegar nessa conceitualização do que é sensível ou não?

Recrutado (56:00)

Eu acho que essa definição ela vai ser muito subjetiva, assim. Não sei se vai conseguir chegar a um acordo. Talvez essa seja uma das intenções da pesquisa, mas eu acho que iria muito de pessoa para pessoa, porque eu acho que é... Como é que eu posso explicar? Teria que ver as repercussões que divulgar aquela informação ia causar na pessoa. Às vezes tem pessoas que podem, sei lá, divulgar o e-mail e tá nem aí, isso nem afetou ela. Agora tem gente que é muito sensível a essa informação divulgada, então, a questão da definição eu acho que é isso: o quanto aquela informação vazada ia afetar a saúde mental e física, sei lá, da pessoa. Nas informações sensíveis... É um bom termo esse, viu, eu não tinha parado pra pensar. Eu... E aí você citou esse exemplo, a questão de a pessoa tem algum diagnóstico que ela quer, né? A gente falou da questão do HIV, mas casos de câncer, às vezes a pessoa não quer se falar, realmente é bem sensível e bem importante às vezes, né, de não ser vazado. Mas eu colocaria também tipo CPF, que eu acho que é meio básico e telefone, tá? Telefone e e-mail também colocaria como sensível porque acho que é uma forma de a pessoa te contatar, te encontrar.

Pesquisador (57:30)

Tem... Deixa eu só ver se faltou alguma questão. Foram vários desdobramentos aqui, né? Tem algum... Tem algum... Sobre a privacidade... Já fiz algumas questões sobre proteção de dados, outras. Tem algum ponto que você gostaria de trazer uma última fala sobre como você entende o que é privacidade, como você entende o que é proteção de dados? Qualquer coisa que você queira adicionar nessa pesquisa, pra me ajudar a entender a tua percepção sobre esses temas?

Recrutado (57:57)

Ahm...

Pesquisador (57:57)

Tanto o que é e quais as tuas dificuldades pra ti identificar o que é, porque isso é uma questão possível. Às vezes a gente, é, não tem tanta facilidade de identificar o que é. Então, o que você entende por privacidade, por proteção de dados? Como que é difícil, por que que é difícil, quais as dificuldades que você tem pra identificar o que é privacidade e o que é proteção de dados?

Recrutado (58:39)

Bom, eu tenho dificuldade, sim, de separar um e outro, pra mim tá tudo dentro de uma grande caixa que é proteção de dados, tá, e aí eu entendo que se você protege esses dados é porque eles são seus, existe essa privacidade sua que você não quer compartilhar então você tem que proteger esses dados, então eu coloco tudo numa grande caixa, assim. Então, não consigo pensar em muitas outras coisas em relação a esses dois termos, tá? Eu acho super importante saber justamente melhor essas duas coisas para que a gente também possa saber a quem recorrer, né? E quando recorrer, quando que é o caso. Porque, como eu falei, pode ser que aconteça comigo, mas eu não saberia o que fazer, né? Mas aí tem também uma vasta consequência. Eu também não li o termo, então também se eu tivesse lido talvez eu saberia responder e saber aonde procurar. Então eu acho importante, né, as pessoas saberem sobre isso justamente pra pensar o que fazer quando essas coisas acontecem. Mas eu não sei se o melhor jeito de divulgar essas informações é são no uso do aplicativo, tá? Talvez... Se bem que não tem outro jeito, né? É que não é uma coisa assim, né, de que tu vai encontrar em qualquer lugar. Porque quando tu acha que a pessoa entra ali no aplicativo, ela não... É tipo um manual de instrução que vem num produto, ninguém lê. A pessoa só lê quando? Quando encontra algum problema. Então, existe também essa dificuldade, tá? Eu não sei se eu respondi direito.

Pesquisador (01:00:30)

Você, você... Tem essa percepção de que... Aliás, melhor, qual a tua percepção sobre como a privacidade e a proteção de dados estão sendo tratados como um assunto pela sociedade? As pessoas estão falando disso, você vê essa conversa que a gente está tendo aqui, que entrou em vários assuntos, entre os teus amigos, entre a tua família, na própria universidade, E aí não necessariamente no nível de ensino superior, também no ensino básico, enfim, ou até informalmente. Como que você vê isso? Qual a tua percepção sobre esses temas? Se estão sendo tratados, né?

Recrutado (01:01:12)

Então, não, não é tratado, literalmente esse tema não é tratado e não é muito divulgado também como, como proteger os seus dados porque eu vejo que cada um faz de um jeito diferente. Então tem gente que tem aplicativo de banco no celular, outro prefere não ter aí um quer ter de um jeito, outro do outro porque realmente as pessoas vão pelo que dá certo pra elas. Então eu vejo que isso não é discutido entre os adultos e até mesmo entre adolescentes e crianças que usam às vezes o celular, então aí entra num nível que é bem pior. E também não é discutido entre amigos, né? Então, que nem o exemplo que eu falei já vi muita gente conhecida que tem suas fotos usadas para criar outros, pra criar fakes e isso não entra em discussão quando a gente se encontra. Tipo, "olha só, viu que fulano criou um fake", né? E meio que parece que neutralizou esse assunto. Tipo, é uma coisa que acontece sempre, então é isso, vida que segue.

Pesquisador (01:02:29)

Bom, eu acredito que é isso, a minha entrevista... Eu já consegui coletar várias informações bastante preciosas aqui, eu vou analisar posteriormente, mas várias informações bastante preciosas. Quero agradecer a tua disponibilidade antes de eu encerrar aqui a gravação. Caso tu tenhas alguma dúvida, algum questionamento, posteriormente você pode ficar à vontade para mandar ali para o e-mail da pesquisa. Resultados vão ser encaminhados posteriormente para aqueles que manifestarem interesse em ter acesso a eles. Então, se você tiver interesse, pode ali também mandar um e-mail informando, porque daí fica registrado também, mais fácil para eu ter esse controle. O resultado vai ser, naturalmente, aí a publicação da dissertação

posteriormente, né? Então, muito obrigado pela disponibilidade e é esse, vou terminar a gravação aqui.

Recrutado (01:03:27)

Já bem.

Pesquisador (01:03:29)

Deixa eu ver como eu faço...

## APÊNDICE K – Transcrição da entrevista do Recrutado 6

Pesquisador (00:01)

Entrevista do dia 26 de agosto de 2023, uma hora da tarde. Começamos com um minuto de antecedência. Eu, antes de começar essa pesquisa, então eu quero passar algumas informações e ratificar o teu aceite no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você deu esse seu consentimento quando você preencheu o questionário. Para que continue a pesquisa, eu preciso que você me confirme se você leu, se você entendeu, se tirou qualquer dúvida que porventura tivesse em relação ao que está escrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recrutado (00:43)

Não, li sim, entendi tudo certinho e concordo com tudo, sim.

Pesquisador (00:49)

Tá. Gostaria também de lembrar que essa entrevista vai ser gravada, com captação da tua imagem e de som, sendo que a tua confidencialidade e o sigilo dos dados, ela é resguardada. Você pode optar por não responder qualquer questão que possa te causar qualquer tipo de constrangimento, ou mesmo pode desistir de participar da pesquisa a qualquer tempo, sem necessidade de apresentar qualquer tipo de justificativa e você não vai sofrer qualquer tipo de prejuízo por conta disso. E os dados que forem coletados até esse momento, eles vão ser imediatamente excluídos.

Recrutado (01:23)

Tá bom.

Pesquisador (01:23)

O objetivo dessa entrevista é compreender as respostas que você já deu no questionário e possibilitar a resposta a outros questionamentos que decorrem desse questionário. Não tem resposta certa, não tem resposta errada. O meu papel aqui como pesquisador não é te julgar, não é trazer qualquer análise de valor sobre o que tu estás dizendo, não tem certo ou errado. O meu objetivo aqui é entender a tua percepção, entender como que as respostas foram dadas. Quanto mais descritivo

você for, quanto mais detalhado você for quando responder as perguntas, trazer suas percepções, melhor porque vai contribuir para que no momento da análise desses dados eu consiga maior quantidade de material aí para realizar.

Recrutado (02:15)

Entendi.

Pesquisador (02:15)

Tudo certo?

Recrutado (02:16)

Entendi.

Pesquisador (02:17)

Vamos começar então. Que aplicativos de relacionamento que você utiliza hoje?

Recrutado (02:25)

Hoje em dia eu tô usando o Tinder e o, é o Umatch, acho que é, o de universidades. O Tinder de universitário.

Pesquisador (02:35)

Como que é esse? Esse eu não conheço.

Recrutado (02:37)

É o Tinder que tu faz, que tu tem que mandar tua carteirinha, um comprovante que tu é universitário, é Tinder só pra universitário.

Pesquisador (02:46)

Tu consegue escrever o nome ali no chat pra eu... Esse daí eu nunca tinha ouvido falar.

Recrutado (02:52)

Ah, Deus, deixa eu ver aqui como é que é o nome dele...

Pesquisador (02:56)

Que eu já até anoto pra eu, pra eu descobrir.

Recrutado (02:57)

Aqui ó, Umatch.

Pesquisador (03:04)

Ah, tá. Umatch.

Recrutado (03:07)

Isso, mandei ali.

Pesquisador (03:10)

Anotei aqui. Tá, obrigado. Então você usa o Tinder e esse, o Umatch?

Recrutado (03:16)

Uhum, esses dois.

Pesquisador (03:18)

Tá. Você, quando respondeu ali o questionário disse que já utilizou, além do Tinder né? O Happn, o Facebook Namoro, o Bumble, o Badoo. Por que que você deixou de usar esses?

Recrutado (03:33)

O Happn, eu... sei lá, é que às vezes, vamos se dizer assim, eu viajava pra fora, as vezes eu vou para BC, Itajaí, daí eu dava match com pessoas de lá. Só que é muito empenho ir para lá, ficar com alguém. Daí eu parei de, com o Happn, por causa disso, né? Porque ele pega a tua localização e, vamos dizer assim, tu vai para lá, ele pega as pessoas que tu cruzou por lá e vai dar match com quem tu cruzou por lá. Só que é difícil manter alguma relação com alguém tão longe assim. Desisti por causa disso. Achei muito trabalhoso. O Bubble é aquele que as meninas têm que iniciar a conversa, não é tu que conversa, que inicia. E, sei lá, eu sinto que elas são meio... Tipo, dava match e elas não querem conversar. Então, ah, prefiro eu mesmo iniciar a conversa.

Pesquisador (04:35)

Uhum.

Recrutado (04:35)

Daí eu desinstalei. Tipo, dava match, ficava lá disponível pra elas mandarem mensagem, não mandavam. Daí eu, ah, eu vou... tirar esse daqui também. E o Facebook só tinha gente velha e ninguém usava.

Pesquisador (04:45)

[risos] O Happn não é... Tu não consegue utilizar ele na tua cidade atual? Porque tu falou que usava ele quando ia pra Itajaí, Balneário, né?

Recrutado (04:59)

Uhum. Não, eu consigo usar aqui né, e tals, é até bom também, como eu vivo na UNIVERSIDADE, é bom, só que é basicamente as mesmas pessoas que eu vejo no Umatch e no Tinder.

Pesquisador (05:13)

Entendi. Então mais por uma... não é mais necessário porque você já...

Recrutado (05:14)

Já tem aqui.

Pesquisador (05:14)

Já te preenche aí, né. Tá. Como, me conta, hoje, como que é o uso do teu aplicativo do Tinder? Qual que é a frequência que você usa? Como que você desenrola as conversas? Como que é o teu perfil? Se é preenchido? O que que tem nele? O que que não tem? Se tem fotos? Tu linka com... Enfim, descreve aí como que é esse teu uso e essas informações que tu tem.

Recrutado (05:49)

Cara, eu sou bem... Como posso dizer? Bem prático. Eu só... Como a minha grade da semana é toda preenchido, faço estágio, eu peguei muitas matérias esse

semestre, eu não tenho tempo pra ficar escolhendo ali não, eu só passo tudo pra direita e vejo os que dão match, vejo se é alguém interessante e daí eu fico. Se não é alguém interessante eu só desfaço o match.

Pesquisador (06:16)

Aham.

Recrutado (06:17)

O UMatch também é a mesma coisa. O meu Tinder, se tu quiser eu posso te compartilhar a tela. Eu posso te mostrar aqui... Bem... Acho fácil.

Pesquisador (06:30)

Eu prefiro que tu descreva por que essas pesquisas depois, eu vou, elas vão ser convertidas em áudio. Eu vou só analisar expressões corporais, mas a tela, essas coisas eu não vou poder colocar no estudo.

Recrutado (06:48)

Ah, entendi.

Pesquisador (06:49)

Até porque existem limitações éticas definidas, aí, na submissão do projeto para a comissão de ética.

Recrutado (06:59)

Sim. O meu Tinder e o meu Umatch estão bem completos, eu diria. Eu tenho umas quatro fotos. Minha descrição, eu acho que é bem fraca, fraca assim, razoável. A minha descrição é "Moro na UNIVERSIDADE e às vezes entro na minha casa", porque eu fico muito tempo fora de casa, moro na UNIVERSIDADE ultimamente. E a última foto minha é uma foto na academia, daí eu falando um miniprojeto de rato de academia [risos].

Pesquisador (07:32)

[risos].

Recrutado (07:32)

Mas eu respondo todas as perguntas do Tinder que tem, vamos se dizer assim. Tipo de relacionamento, monogamia, idiomas que fala, português. Estilo de vida, não tenho pets...

Pesquisador (07:46)

Tu linka com o teu Instagram, com o teu perfil?

Recrutado (07:50)

Não, não mais.

Pesquisador (07:52)

Mas já linkasse?

Recrutado (07:54)

Mas já, uma vez já coloquei.

Pesquisador (07:57)

Por que que tu tirou?

Recrutado (07:59)

Eu prefiro que a pessoa tenha interesse em vir conversar e pedir o meu Instagram pra gente ir pro Instagram, entendeu? Porque é mais fácil... O Instagram também tá virando quase um Tinder hoje em dia.

Pesquisador (08:12)

Sim, verdade.

Recrutado (08:13)

Mas eu prefiro que a pessoa tenha o interesse de querer trocar uma ideia e pedir o meu Instagram do que pegar o meu Instagram e me seguir do nada, entendeu?

Pesquisador (08:24)

Aham. Antes quando tinha o Instagram... Porque tem duas formas, né? Ou tu bota ali o teu @ na descrição ou tu só vincula e daí aparecem as imagens, né? Mas não dá pra pessoa ir direto no teu perfil, né?

Recrutado (08:37)

É...

Pesquisador (08:37)

Tu fazia como? Tu botava, vinculava e botava o @ ou só vinculava?

Recrutado (08:42)

Vinculava e botava o @ na descrição.

Pesquisador (08:45)

Na descrição. Entendi. Daí as pessoas iam lá no teu Instagram...

Recrutado (08:50)

É, daí chegava uma conversa ali do nada. O bom também é que se a conversa do Tinder não for muito boa, daí tu já nem pega o Instagram da pessoa e não... não continua.

Pesquisador (09:00)

Não desenrola.

Recrutado (09:00)

É, não continua mais.

Pesquisador (09:00)

Hoje em que momento então que tu passa o Instagram? Depois que já desenrolou, já viu algum interesse mútuo?

Recrutado (09:09)

Isso, exato, daí a gente vai, troca uma ideia, se eu vejo que ela tem já, tem um interesse, que eu também tô interessado, a gente, "ai, conversar pelo Tinder é ruim..."

Pesquisador (09:19)

Aham

Recrutado (09:21)

"Vamos pro Instagram".

Pesquisador (09:21)

Nessa época que tu botava o Instagram ali no perfil, as pessoas costumavam chegar com alguma frequência no teu perfil do In... Digo, botava o Instagram no perfil do Tinder, né? Elas chegaram a ir no teu Instagram com alguma frequência, puxar, seguir do nada...?

Recrutado (09:43)

Ai, teve algumas vezes, não vou dizer que... Ai, meu Deus, muita frequência, sei lá, uma por semana assim... Só que geralmente me seguia e...

Pesquisador (09:56)

Só seguia.

Recrutado (09:57)

Nada, exato, e não dizia nada. Então, por isso que hoje em dia eu acho melhor passar o Instagram e tals, porque daí eu vejo que a pessoa já tem interesse.

Pesquisador (10:05)

Sim, sim. Tu disse, ali no questionário, que acredita que a tua privacidade, ela esteja preservada no Tinder. Por que que você pensa que a tua privacidade está preservada no Tinder? Da onde vem essa percepção?

Recrutado (10:24)

Boa pergunta, acho que eu...

Pesquisador (10:27)

O que seria uma privacidade preservada?

Recrutado (10:34)

[Pausa pensativa] Bom, tecnicamente é só para as pessoas que usam Tinder, a minha privac... Então eu não vou ter privacidade, no caso ali eu boto muitas informações sobre mim. Muitas pessoas podem ver. Mas tecnicamente é só pessoas do Tinder mesmo, né? Então, é preservada para essas pessoas do Tinder, para as pessoas fora do Tinder, no caso.

Pesquisador (10:57)

Uhum. No caso, é como se você sentisse que as tuas... Por tu colocar ali naquela plataforma que ela é restrita para outras pessoas que só acessam a plataforma, essas informações não vão ficar aí saindo para todo mundo, vamos dizer.

Recrutado (11:15)

Acredito que não. Tudo bem que uma pessoa pode pegar minhas informações ali e passar para outra pessoa, óbvio. Mas...

Pesquisador (11:21)

E se uma pessoa pegar alguma informação tua e passar para outra pessoa, isso seria uma violação da tua privacidade?

Recrutado (11:29)

Putz, é que eu deixo público também, né? Eu deixo exposta. Então, tecnicamente, não. Ao meu ver, né? Tecnicamente, não. Porque eu estou colocando as informações ali, né? Eu estou deixando expostas as minhas informações. Então, acho que não.

Pesquisador (11:45)

Vamos dizer que essa pessoa... Beleza, passou alguma informação. Até aí, tudo bem. Tu acha que não. Agora, ela pegou uma foto tua e se passou por ti.

Recrutado (11:55)

Ah, daí é óbvio, né? Daí sim.

Pesquisador (11:58)

Aí violou a tua privacidade.

Recrutado (12:00)

É. Acho que sim.

Pesquisador (12:01)

Mesmo que tu que disponibilizou a fotografia?

Recrutado (12:05)

Sim.

Pesquisador (12:06)

Tá.

Recrutado (12:06)

Mas é que daí não acho que é... Não é nem questão do uso da minha imagem, né?

Mas sei lá, o que que essa pessoa pode fazer isso passando por mim, né?

Pesquisador (12:16)

Uhum. Tu acredita então que tem alguma relação aí com o dano que essa ação pode fazer, vamos dizer, passar por ti, pode trazer um dano muito maior do que a pessoa só pegar um dado ali teu e passar pra uma outra pessoa que é de fora da plataforma?

Recrutado (12:34)

Sim, é. É muito mais do que a pessoa pode fazer do que isso...

Pesquisador (12:41)

Tá. Deixa eu... Vou voltar aqui. Eu fico oscilando de aba porque eu tenho todas as anotações aqui... Deixa eu ver aqui. Tá. Hoje você tem algum tipo de precaução ou

algum tipo de... Aliás, algum tipo de preocupação em relação à tua privacidade no Tinder?

Recrutado (13:11)

Cara... Não, eu sou... Eu não me acho muito importante assim pra alguém querer se passar por mim, tá ligado? [risos] Então, não. Não tenho nenhuma preocupação, não.

Pesquisador (13:25)

Tá. Tu falou que a privacidade... Eu dei uma questão ali no questionário que era uma escala. E nessa escala, essa privacidade tua estaria suficientemente preservada. Depois de suficientemente preservada, nessa escala tinha a possibilidade de muito preservada. O que que falta entre ela estar suficientemente preservada e muito preservada? Falta alguma coisa?

Recrutado (13:59)

É que é difícil, né? Porque ele é um aplicativo que você está se propondo, né, a colocar suas informações para conhecer outras pessoas. Então não tem como ele fazer um aplicativo sem que tu coloque suas informações ali expostas. Então eu acho que não tem como chegar nesse muito protegido, muito coisa.

Pesquisador (14:20)

Preservada.

Recrutado (14:20)

É, exato, porque tu precisa se expor para essas pessoas.

Pesquisador (14:29)

Tá. Só para eu entender bem, então. Não seria possível tu ao mesmo tempo expor informações que tu gostaria de expor para preencher ali aqueles dados que a plataforma pede, aquelas lacunas, né, que a plataforma pede e ao mesmo tempo ter a tua privacidade preservada nesse nível mais alto, vamos dizer assim?

Recrutado (14:50)

Exato, exato. Eu vejo assim pelo menos. Acho que é isso. Não tem como chegar nesse muito preservado. Impossível.

Pesquisador (15:01)

Ali você falou, mais no começo você falou que tem vários dados que você coloca, você falou inclusive onde estuda, antes você linkava com o Instagram. Enfim, a plataforma permite que você insira diversas informações suas. Desses dados que você insere, o que são dados pessoais? O que você poderia dizer "olha, isso aqui é um dado pessoal".

Recrutado (15:35)

UNIVERSIDADE, né, estudar na UNIVERSIDADE. É o primeiro. Vou até ver aqui meu perfil, deixa eu ver. Dizer que tomou vacina, eu acho que é pessoal também, hoje em dia. É só isso mesmo. O resto é tudo perguntas mais pra saber de você mesmo, assim, trejeitos, acho que eles falam, seus, assim.

Pesquisador (16:30)

Como, como, por exemplo, me dá um...

Recrutado (16:30)

Tipo, tipo de relacionamento que eu curto. Monogamia. Mais sobre mim. Pergunta meu signo. Pergunta se o meu... Como é que é, aquele STP, como é que é...

Pesquisador (16:45)

Ah, sim, tô ligado. Eu não sei como que se chama essas escalas né?

Recrutado (16:51)

Isso, ele pergunta...

Pesquisador (16:52)

Mais introspectivo, menos introspectivo...

Recrutado (16:55)

Isso

Pesquisador (16:56)

Aham.

Recrutado (16:56)

Exato.. Eu não acho pessoal isso, eu acho mais do teus trejeitos, né? Pessoal, informação pessoal pra mim é essas informações que tem o local que eu estudo, né? A UNIVERSIDADE. Então se alguém provavelmente quisesse me encontrar, ela iria na UNIVERSIDADE.

Pesquisador (17:15)

Seriam, então, informações que permitem alguém chegar diretamente até a ti, vamos dizer.

Recrutado (17:22)

Exato.

Pesquisador (17:23)

Por exemplo, tua orientação sexual. Dizer que tu é heterossexual.

Recrutado (17:29)

Sim.

Pesquisador (17:30)

Isso seria um dado pessoal?

Recrutado (17:30)

Hmm... Eu falo pra todo mundo que sou hétero, então acho que não.

Pesquisador (17:47)

Tu achas que tem, que existe uma relação entre o dado ser pessoal e o quanto tu fala sobre ele? Como falasse agora, "ah, não, eu falo pra todo mundo". Ele deixa de ser pessoal, vamos dizer assim, na medida em que tu vai expondo mais?

Recrutado (17:59)

É, sim, sim. É, só que daí não faz sentido com a UNIVERSIDADE, porque eu falo pra todo mundo que eu estudo na UNIVERSIDADE também. Agora eu to pensando assim. Mas... É diferente, o que a pessoa pode fazer com essa informação de que eu sou heterossexual? É um... Não sei, tipo, com a UNIVERSIDADE, vamos dizer assim, que eu coloque que estudo na UNIVERSIDADE. A pessoa sabe onde que eu tô quase sempre. Agora, a pessoa saber que eu sou hétero, o que ela pode fazer com isso? Entendeu?

Pesquisador (18:45)

Não... vamos dizer que não tem um impacto tão grande...

Recrutado (18:46)

Isso, como saber onde eu estudo, no caso, né?

Pesquisador (18:50)

Aham. Se a tua orientação sexual fosse outra, tu achas que teria um impacto? Por exemplo, homossexual, tu achas que teria um impacto?

Recrutado (18:58)

Talvez, se alguém não gostasse de gays, não sei.

Pesquisador (19:07)

Tu me falou aí que tem alguns dados pessoais no teu perfil, certo? Dentre esses que tu me citou, tem algum que é mais importante do que o outro? Existe uma escala, assim, dados mais importantes do que outros?

Recrutado (19:30)

Vamos ver. Signo não faz diferença, esse STP também não faz diferença. Deixa eu ver... Importante, mais importante. Bom, pra mim, o mais importante é a distância. Se for muito longe, eu já não dou match no caso. Sei lá. Acho que a distância é o mais importante.

Pesquisador (20:13)

Mas eu digo mais no sentido da privacidade em si.

Recrutado (20:18)

Ah, tá.

Pesquisador (20:19)

Tem algum dado, de ponto de vista de privacidade, que é mais importante do que outro? Da privacidade, da proteção dos dados, né?

Recrutado (20:30)

Sem ser o que eu mesmo coloco, né, que eu estudo na UNIVERSIDADE, eu acho que não. Eu acho que são todos iguais. Perguntas dos seus trejeitos mesmo.

Pesquisador (20:30)

A gente sabe que tem... agora eu lembrei até por conta dessa... Eu não lembrava que tinha essa informação aí de preencher sobre o teu perfil. É mais perfil psicológico e comportamental, né?

Recrutado (20:58)

Isso, é.

Recrutado (20:58)

Aquelas letrinhas, né?

Recrutado (21:00)

Aham.

Pesquisador (21:00)

... que cada uma tem suas explicações. Hoje a gente sabe, inclusive, entre estudantes que tem muita gente que tem várias questões psicológicas, questões psiquiátricas, por vários fatores, inclusive, dificuldades do próprio ambiente escolar. E no final das contas, essas letrinhas também vão indicar como a pessoa se comporta, que está relacionada com questões psicológicas, psiquiátricas, né?

Recrutado (21:28)

Sim, sim. É tipo um signos.

Pesquisador (21:31)

É tipo signos, para quem é mais holístico, vamos dizer, é tipo signos.

Recrutado (21:39)

É, exato.

Pesquisador (21:40)

Tu... No final das contas, essa é uma informação que pode até ser desdobrada em uma informação de saúde. Você acredita que informações de saúde, elas são informações, são dados, podem ser dados pessoais?

Recrutado (21:59)

Hmm.

Pesquisador (22:00)

Eu vou te dar um outro exemplo que talvez deixe a pergunta até mais direta e mais clara, mais objetiva. Hoje em dia a gente fala mais e mais sobre pessoas vivendo com HIV e tudo isso naturalmente também tem seus reflexos na hora de se relacionar. Tem pessoas, tem mulheres que vão colocar lá no seu perfil. Eu não sei em termos de dados quantas fariam isso, fazem isso. Mas "eu vivo com HIV", "HIV positivo".

Recrutado (22:36)

Sim.

Pesquisador (22:36)

E tem outras que podem ter essa sorotipia e não indicar ali no perfil. Aí é um dado de saúde. Esse dado que tá ali no aplicativo, ele é um dado pessoal?

Recrutado (22:45)

Ah, ele é, né? Talvez essa pessoa sinta que vai ser julgada, então, é que nem no Grindr, né, no Grindr ele tem essa opção de colocar, né? Eu tenho amigos gays que usam o Grindr e eles, eles olham essa parte aí. Eu não sei. Pra mim não é uma informação pessoal, porque você tem que informar as pessoas se você está se propondo a se relacionar com elas, mas talvez elas sintam que não vai chegar nem a ter o match pra isso. Eu acho que é uma informação pessoal, que não precisa ser informada, mas é mais porque é um tabu, né? Tem todo esse preconceito, coisa e tals, mas acho que é só por causa do tabu. Provavelmente se essa pessoa for alguém que não se importe com tantos tabus, ela vai colocar.

Pesquisador (23:56)

Aham. Agora eu vou pedir pra ti um pouquinho de exercício de imaginação.

Recrutado (24:03)

Pode mandar.

Pesquisador (24:04)

Tu me disse também que dizer que tu está estudando na UNIVERSIDADE, que é um dado pessoal.

Recrutado (24:10)

Sim.

Pesquisador (24:11)

Se a gente pegar esse dado de saúde "vivo com HIV" e o dado "estudo na UNIVERSIDADE ", eles têm o mesmo nível de importância em termos de proteção de dados pessoais, em termos de privacidade, na tua percepção? O que que tu acha?

Recrutado (24:29)

Eu acho que não. Acho que... Acho que não. Estudar na UNIVERSIDADE eu considero um dado mais importante do que o soropositivo.

Pesquisador (24:44)

Uhum. Tá. Por que que tu acha que o Estudar na UNIVERSIDADE é mais importante?

Recrutado (24:50)

Porque... Eu tô colocando... Eu estudo ali, alguém pode ir lá, e, sei lá, alguém não gosta de mim, daí foi lá e me viu "ah, esse menino estuda na UNIVERSIDADE, se eu quiser fazer alguma coisa com ele...".

Pesquisador (25:08)

Tem a ver com uma chance maior de tu sofrer um perigo físico real, concreto com essa informação de onde tu estuda?

Recrutado (25:19)

Exato. Exato. Agora, e quando você disse assim, colocar o soropositivo ali, que tu tem HIV. Provavelmente vai fazer você perder alguns matches. Eu acho, né, ao meu ver.

Pesquisador (25:38)

Tá. Seguindo, tu falou que não leu os termos de uso, políticas de privacidade, regras de comunidade, esses documentos todos que geralmente todas as plataformas têm. Algumas não têm regras de comunidade, mas os outros dois, via de regra, todas elas têm. Por que que tu não lê esse tipo de documento?

Recrutado (26:08)

Sou burro, talvez? Não sei. É muito texto. Não tenho tempo, irmão.

Pesquisador (26:16)

Então, é um texto excessivo? A linguagem, ela colabora pra te afastar também?

Recrutado (26:24)

É, tipo, palavras... Ai, é muito difícil....

Recrutado (26:30)

Juridiquês, assim, né?

Recrutado (26:30)

É, tá louco. Cara, se eu for parar pra ler tudo aquilo, tipo, em linha em linha, eu não vou me inscrever em nada.

Pesquisador (26:40)

Tu acha que esses documentos são importantes?

Recrutado (26:47)

Acho que são, né? Eram pra ser, pelo menos [risos].

Pesquisador (26:50)

Não sei [risos].

Recrutado (26:51)

Eu não leio, porque eu não leio.

Pesquisador (26:55)

Aqui eu tô na posição centrão. É o neutro [risos].

Recrutado (27:00)

Cara, eu, eram pra ser, eram pra ser, mas eu acho que eles protegem mais a empresa do que a gente, né, tecnicamente.

Pesquisador (27:08)

Aham. O que que seria uma política de privacidade? O que que você acha que é uma política de privacidade?

Recrutado (27:17)

Não passar teus dados, tá? Mas é uma resposta muito rasa, né?

Pesquisador (27:24)

Eu digo assim, o que que esse documento contém?

Recrutado (27:32)

Ele deve... Ele deve... O Tinder, vamos pensar aqui, que ele tem uma política de privacidade. O Tinder em si não vai passar os seus dados para outras pessoas, mas ele também deve ter alguma lei ali, alguma coisa no contrato ali que... Lei não deve ter, né? Porque ele não é Estado, não é União. Mas ele deve ter alguma cláusula ali que ele não pode fazer nada se uma pessoa pegar as informações dali e passar. Mas ele em si não vai passar para outras pessoas, eu acho que é isso.

Pesquisador (28:07)

Quando a gente fala de dado pessoal, esses dados aí, tu passou esses dados, beleza, estava dentro do propósito da plataforma, tu queria passar, tudo certo. Só que, obviamente, para que o aplicativo rode, esses dados vão ter que rodar também, né? Eles vão ter que passar pelos servidores, eventualmente passar por algum tipo de transformação para que chegue aí num perfil que vai permitir que tu dê ou não match, inclusive por questões de algoritmo pra que defina que aquele teu perfil que tu preencheu possa ou não dar match com uma outra... E ser mostrado pra uma outra pessoa, que daí é a pessoa que vai decidir se dá match. Nesse processo, então, a empresa... Oi, oi, deu uma travada aqui.

Recrutado (29:02)

Opa! Ainda tá travado?

Pesquisador (29:05)

A tua imagem travou, mas estou te ouvindo.

Recrutado (29:07)

Ai, deixa eu tentar fechar.

Pesquisador (29:10)

Voltou, voltou. Voltou?

Recrutado (29:11)

Senão ia fechar, ia voltar.

Pesquisador (29:13)

Então, nesse processo aí de que tu passou o dado e a empresa pegou esses dados para transformar aí na interface, em todas essas possibilidades de interação, ela também precisa manipular os teus dados. No primeiro momento tu me falasse que a privacidade, ela taria relacionada com o quanto que tu se expõe.

Recrutado (29:39)

Sim.

Pesquisador (29:40)

Ou seja, colocou a responsabilidade mais em ti do que...

Recrutado (29:44)

Na empresa.

Pesquisador (29:44)

Na empresa ou em outra pessoa. Se esses dados, eles forem manipulados de forma incorreta pela empresa, isso afetaria a tua privacidade? Se, por exemplo, a empresa pegou esses dados que tu só forneceu para aquele propósito de utilizar na plataforma para dar match e tudo mais. A empresa pega isso e vende para uma outra para marketing. E aí tu começa a receber publicidade de...

Recrutado (30:19)

Entendi. É, é uma invasão da minha privacidade, sim. Se ela tá vendendo meus dados, sim. Eu considero, sim.

Pesquisador (30:28)

Mesmo que tu que forneceu, esses dados?

Recrutado (30:32)

Sim.

Pesquisador (30:32)

Tá. O que que difere, se, nesse caso ser uma invasão de privacidade na medida que tu forneceu e nos outros casos não ser invasão de privacidade quando tu fornece e uma terceira pessoa vai lá e pega os dados e usa?

(30:49)

O que diferencia, vamos ver... Putz...

(30:50)

A situação foi a mesma, alguém pegou teu dado e usa pra fim que não é pra usar. Pegou teu... Pegou ali o... Onde tu estuda, um e-mail, porventura que, se tu indicou, um telefone, quando tu preencheu o cadastro, por algum motivo apareceu, enfim. Ela pegou e usou para marketing também. Mas se não foi ela, não foi o Tinder, foi uma pessoa.

Recrutado (31:25)

Acho que eu estou, a minha confiança, né? Eu estou confiando no Tinder e nessa outra pessoa eu já não conheço, já não...

Pesquisador (31:35)

Não tinha nenhuma relação com ela.

Recrutado (31:37)

Exato. Isso. Eu estou confiando que ele vai proteger meus dados no caso.

Pesquisador (31:43)

Tu disse que... Tu disse que acha pouco importante ter o poder de escolher quem que pode ver o teu rosto e o teu corpo que não esteja nu. Por que que tu atribui pouca importância pra isso?

Recrutado (32:14)

Tu sai na rua já, então todo mundo vê teu corpo, teu rosto. Então ele sempre tá exposto. Então, não tenho problemas com isso.

Pesquisador (32:29)

Tu também disse que acha pouco importante ter o poder de escolher quem pode ver o teu corpo nu, que não tá exposto.

Recrutado (32:37)

Uhum.

Pesquisador (32:39)

Qual que é... Por que isso atribui pouca importância?

Recrutado (32:43)

Ah, assim, pelo menos pra mim, eu não ligo tanto pra isso, pra essas questões de imagem e tals, né, acredito que pra pessoas deve ter algum problema. Eu sou satisfeito com meu corpo, então quem quiser ver, eu mostro.

Pesquisador (33:01)

Que veja.

Recrutado (33:02)

É.

Pesquisador (33:03)

Entendi. É como tu tens uma boa relação com o teu corpo, vamos dizer. Isso não é um problema.

Recrutado (33:10)

Exato. Acredito que pra quem tem problemas com o corpo seja um problema, mas pra mim não é.

Pesquisador (33:11)

Aham, tá. Tu, ainda nessa linha... Tu tomas algum tipo de cuidado em relação a nudes, que tu tira, que tu envia? Na plataforma não dá pra enviar, mas, naturalmente, as conversas se desenrolam por outros...

Recrutado (33:15)

Sim. Hoje em dia eu não troco mais nudes, mas não porque tenha acontecido alguma coisa, "ai, alguém vazou meu nude", é, não. É mais porque... Sei lá, acho que é a idade também. Acho que jovem tem mais esse negócio, mas...

Pesquisador (33:53)

Cansou, né?

(33:54)

É, 23 anos hoje em dia... O pessoal da minha idade, da minha faixa etária, não liga tanto pra nude assim. Acho que quando tu é menor, né? Que menor já é difícil se encontrar, então acho que é o jeito que eles se encontram de fazer isso, né? Mas acho que é porque quando é jovem, assim... Mas agora... Eu acho que... Nossa, faz tempo que eu não tenho uma conversa que peça um nude ou que eu mando um nude.

Pesquisador (34:24)

Uhum. Tu falou que não aconteceu nada pra tu tomar essa decisão, que não aconteceu nenhum tipo de vazamento de nude, nada disso. Como tu lidaria se tivesse, se vazasse uma nude tua? Seria um problema vazar uma nude tua?

Recrutado (34:45)

Cara, eu não teria problema não. Depende de como é que tava esse nude, né? [risos] Vai falando que foi um nude feio, aí é foda. [risos]

Recrutado (34:58)

[risos]

Recrutado (34:58)

Mas, sei lá, não...

Pesquisador (35:00)

Depende da qualidade do nude. [risos]

Recrutado (35:02)

Exato, depende da qualidade do nude. Bom, os nudes que eu mandei na vida acho que não teriam problemas. Eu também num, sempre cuidei pra mandar nude, né? Não mandava por rosto, tal, né? Mas, mesmo assim, vai que alguém manda e "Ah, esse aqui é o nude dele, esse aqui é o nude dele" eu não teria problema, falaria "É meu mesmo, e aí, gente"?

Pesquisador (35:31)

Tá. Você também disse, saindo dos nudes agora [risos], que acha pouco importante não ter os seus dados pessoais usados para marketing sem autorização. Por que você acha que é pouco importante?

Recrutado (35:47)

Porque ele tá... Vamos dizer assim, todo mundo usa o Google, o Google usa, todos usam de qualquer forma, assim, para marketing. Pra ficar mandando propaganda, pra isso, pra isso, pra aquilo. Então, todos já usam, né? Acho que os novos tempos aqui, assim...

Pesquisador (36:08)

Meio que um a mais, um a menos não vai fazer diferença, vamos dizer...

Recrutado (36:10)

Exatamente. Todo mundo já usa, então o que que é ganhar? Mais uma publicidade ou não?

Pesquisador (36:17)

Tu já utilizou o Tinder quando tava em algum relacionamento?

Recrutado (36:25)

Eu namorei uma vez e não, não usei namorando.

Pesquisador (36:36)

Deixa eu ver aqui... Tu já... Tu me disse que não sofreu nenhum tipo de abuso, vazamento de dados, nada disso no Tinder. Já ouviu relato de alguém, de alguma pessoa próxima ou de amigo, de parente conhecido que sofreu algum tipo de abuso,

de ameaça, vazamento de dado pessoal ou que sofreu algum tipo de situação vexatória no Tinder?

Recrutado (37:15)

Não no Tinder, mas em outro aplicativo de namoro, né? Acho que foi no Facebook Namoro ainda. Assim, fiquei sabendo... Que tipo, um cara enganou uma mulher assim. Ah, o cara do Tinder, tem a série da Netflix lá, o cara que se passava por rico no Tinder, que enganou as mulheres.

Pesquisador (37:42)

Mas pessoa próxima, tu conheceu alguém ou não?

Recrutado (37:45)

Já, já conheci alguém e era quase a mesma coisa. Pessoa gostava...

Pesquisador (37:50)

Mesma logística.

Recrutado (37:51)

É, só pensava que foi bom e emprestou dinheiro pra pessoa e se fudeu depois.

Pesquisador (37:59)

Tu acha que a privacidade é exclusiva do mundo digital? Quando eu falo em privacidade. Eu só tô falando do mundo digital ou também do não digital?

Recrutado (38:11)

Acho que não tem privacidade no mundo digital. Eu acho. Eu acho que tudo decide o quanto que tu vai ter tua privacidade exposta.

Pesquisador (38:25)

Tá, se não tem no mundo digital, onde que tem essa privacidade?

Recrutado (38:29)

Só no real. Se tu quiser tu não passa nenhuma informação no mundo real e tals. Mas no virtual, tu coloca tudo, todas as informações em qualquer coisa.

Recrutado (38:32)

Quando eu falo em privacidade, me diz aí, o que que vem, as primeiras palavras que vem na tua cabeça, assim, ah, duas, três palavras que vêm na sua cabeça.

Recrutado (38:51)

Não sei por que, segurança, hmm... Privacidade, privacidade. Informações, óbvio. Privacidade, segurança, informação. E... putz, acho que é isso, só lembro essas.

Pesquisador (39:03)

Acho que é isso, porque senão tu terias dito.

Recrutado (39:04)

É, não sei, não sei.

Pesquisador (39:20)

Por que que tu relaciona privacidade com segurança?

Recrutado (39:23)

Bom, quanto menos tu passar informações pras pessoas, menos elas vão ter o que usar pra se passar por ti, pra fazer alguma coisa por ti, então quanto menos tu passar essas informações pra essas pessoas... Eu acho que é isso.

Pesquisador (39:37)

Tu acha que é possível a gente viver hoje em sociedade mantendo essas informações pra gente?

Recrutado (39:51)

Acho que não. Acho que não. Vamos dizer que no Instagram tu já posta basicamente teu dia a dia, tudo que tu faz, então acho que não.

Pesquisador (40:06)

Deixa eu só ver se tem mais alguma coisa que eu preciso te perguntar e que passou, só vou repassar aqui. Eram essas perguntas que eu tinha para ti. Agradeço a tua participação. As respostas tuas certamente vão me ajudar a ir no momento da análise a construir essa pesquisa. Obrigado pela disponibilidade, inclusive no final de semana. E é isso, vou terminar aqui a gravação.

Recrutado (40:54)

Valeu, boa sorte, Daniel.

Pesquisador (40:56)

Obrigado.

## APÊNDICE L – Transcrição da entrevista do Recrutado 9

Pesquisador (00:00)

Gravação, então, da entrevista do dia 25 de agosto de 2023. Quero iniciar ratificando, gostaria de ratificar o seu aceite que foi dado no preenchimento do questionário para continuar a pesquisa. Quero confirmar, nesse momento que você leu, você entendeu e você, se teve algum tipo de dúvida que estava ali naquele documento, quando você preencheu o questionário e que posteriormente foi enviado por e-mail para você, se você tirou essas dúvidas. Tudo certo?

Recrutado (00:34)

Sim, eu aceito. Sim, tudo certo.

Pesquisador (00:37)

Tá. Gostaria de lembrar também que essa entrevista vai ser gravada com a captação da tua imagem e do teu som, sendo que vai se resguardar a confidencialidade e o sigilo dos seus dados. Você pode optar por não responder qualquer questão, que pode te causar qualquer tipo de constrangimento, ou pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de apresentar qualquer tipo de justificativa. E você não vai sofrer qualquer tipo de prejuízo por conta disso e os seus dados coletados até o momento vão ser imediatamente excluídos. O objetivo dessa entrevista é compreender as respostas que você já deu lá no questionário para que possibilite aí outros desdobramentos e uma melhor compreensão aí do que você já disse. Não tem resposta certa, não tem resposta errada, o meu papel aqui não é de julgar o que você está dizendo. A minha ideia é observar e tentar entender melhor. Quanto mais você for descritivo, quanto mais você for minucioso, aí, trazendo suas percepções, respondendo as perguntas melhor, porque aí eu consigo ter mais elementos para análise posteriormente.

Recrutado (01:47)

Tá.

Pesquisador (01:48)

Fechou, vamos começar então, direto ao ponto. Você continua usando o aplicativo Tinder hoje?

Recrutado (01:53)

Sim.

Pesquisador (01:54)

Me conta como que é o teu uso do aplicativo, com que frequência que tu usas? Como que tu desenrolas as conversas? Como que é o teu perfil, se tu preenche tudo, se tu não preenche. Se tu usas aqueles, dá pra conectar outras coisas, se tu conectas... como que é o teu uso hoje?

Recrutado (01:56)

Eu uso frequente até, quase que diariamente. Eu tô solteiro já faz uns cinco meses, então eu... É uma ferramenta pra conhecer pessoas, né?

Pesquisador (02:24)

Sim, sim.

Recrutado (02:27)

E, cara, ele é conectado no Instagram. Eu conectei ele no meu Instagram.

Pesquisador (02:33)

Aham.

Recrutado (02:34)

E em relação a informações pessoais, assim, tem o básico, assim. E as conversas... Fluem naturalmente, né? De acordo com o estilo de cada pessoa, assim, eu, as conversas elas vão pra, pra, caminhos diferentes, né?

Pesquisador (02:56)

Uhum. O que que é o básico que você falou?

Recrutado (02:59)

O básico...

Pesquisador (03:00)

Você falou que tem o básico...

Recrutado (03:01)

É minha, minha cidade, minha profissão, algumas fotos, alguns interesses, e alguns hábitos. Onde que tu pode colocar lá, né? É isso...

Pesquisador (03:20)

As pessoas, elas costumam ir para o teu perfil do Instagram por conta de ter visto o teu perfil ali no Tinder?

Recrutado (03:29)

Não. As pessoas só vão para o meu perfil do Instagram quando a gente tem uma certa conversa que chega até um certo nível que a gente quer...

Pesquisador (03:41)

Desenrola, né?

Recrutado (03:41)

... um contato além do, além do aplicativo, então daí a gente troca o Instagram.

Pesquisador (03:46)

Ah, tá. No teu perfil, então, não tá o... Tu vincula o Instagram, mas não tá o teu link direto, vamos dizer.

Recrutado (03:52)

Isso, não tá o meu link direto. Eu acho que aparece... Eu não tenho certeza, eu acho que aparece só as fotos do meu Instagram, tá?

Pesquisador (03:57)

Ah, tá.

Recrutado (03:57)

Não sei se dá pra... Se dá pra entrar no meu Instagram a partir dali. Mas também, pra mim, não faz diferença.

Pesquisador (04:05)

Uhum. É, não, porque tem essas duas opções mesmo. Vincular as fotos ou tu botar escrito ali no teu perfil, ó, meu Instagram e tal.

Recrutado (04:12)

Ah, tá. Não, não. Não tá escrito.

Pesquisador (04:30)

Não, beleza, então tá vinculado às fotos do teu, do teu Instagram. Aí depois que você passa essa fase inicial, conversa, vê ali, troca ideia, deu match, né, pra usar a linguagem do Tinder, aí você costuma fazer o quê? Você passa direto já seu Instagram, seu WhatsApp?

Recrutado (04:35)

Normalm... É, porque o Tinder é um ambiente bem volátil, né? Então, daí normalmente, o mais comum é passar o Instagram e, às vezes, o WhatsApp. É uma forma de manter contato a médio prazo, né? A longo prazo.

Pesquisador (04:50)

Aham. Você tem algum critério ali? "Ah, não. Pra essa pessoa eu vou passar o WhatsApp. Pra essa eu vou passar o Instagram" ou só o que dá na telha ali no momento?

Recrutado (04:57)

Eu normalmente passo o Instagram. Porém, se a pessoa não tem Instagram ou se ela não usa frequentemente, daí o WhatsApp.

Pesquisador (05:06)

Aham. Por que? Tu tem algum tipo de preferência por passar primeiro o Instagram ao invés do WhatsApp?

Recrutado (05:13)

Tenho.

Pesquisador (05:13)

Qual que é a razão?

Recrutado (05:15)

Eu acho que no Instagram é um ambiente mais fácil de interagir porque daí tem os stories, tem fotos, tem vídeos. Eu acho que isso daí vai, serve como uma forma de puxar conversa ao longo do tempo.

Pesquisador (05:28)

Uhum. Te dá mais assunto aí, vamos dizer.

Recrutado (05:31)

Isso, é.

Pesquisador (05:32)

Tá. Nas tuas respostas ali no questionário tu disse que não acredita que a tua privacidade esteja preservada no Tinder. Por que que tu acredita que ela não, não está preservada?

Recrutado (05:46)

A Partir do momento que eu tou me expondo numa rede social [tom jocoso], a minha identidade está pública, ali, né?

Pesquisador (05:53)

Uhum. Tu acha que...

Recrutado (05:54)

[inaudível]

Pesquisador (05:54)

Oi, desculpa.

Recrutado (05:55)

Pode falar.

Pesquisador (05:58)

Tu achas que é possível. Que não é possível, aliás, você ao mesmo tempo gozar, ter privacidade, em certa medida, e também se expor?

Recrutado (05:58)

Ahmm... É que eu não sei que tipo de privacidade que você tá falando, né? Porque, tipo assim, a partir do momento que tu coloca tua foto, coloca os teus dados, num ambiente, torna público os teus interesses, né? A partir desse momento eu acho que tu já de certa forma abdicou da tua privacidade, né? A não ser que faça um perfil anônimo. E em relação a dados sensíveis, assim, é uma coisa, por exemplo, sei lá, na verdade eu não sei se o aplicativo tem acesso a algum dado sensível meu, talvez meu e-mail, meu telefone, mas eu não acredito que isso vai ser exposto para as pessoas que eu não quero que sejam expostos, né?

Pesquisador (06:57)

Aham.

Recrutado (06:58)

Então quando eu digo a questão da privacidade, eu digo essa questão de me expor, a minha foto tá ali, o meu nome tá ali, entendeu? Eu que escolhi isso, entendeu? Então, é, basicamente é isso.

Pesquisador (07:15)

Você, você me disse que não sabe que tipo de privacidade que eu tô falando, né?

Recrutado (07:23)

Isso.

Pesquisador (07:23)

Quais que são esses tipos possíveis?

Recrutado (07:26)

Talvez algum dado que eu tenha colocado no cadastro e que... Por exemplo, vou te dar um exemplo. Quando tu faz um cadastro em vários sites, em várias plataformas, talvez você tenha que colocar o teu CPF, o teu endereço, o teu número de telefone, que poderiam ser dados mais sensíveis, né?

Pesquisador (07:45)

Uhum.

Recrutado (07:46)

E só que até onde eu sei, é muito raro, não faz sentido para uma empresa expor um dado desse, entendeu?

Pesquisador (07:55)

Uhum.

Recrutado (07:55)

Quando é uma coisa assim, normalmente é algum ataque hacker, alguma coisa assim. Mas eu acho que é isso, porque fora isso, a minha foto, os meus interesses, as minhas intenções, elas estão públicas ali, né? E fui eu que fiz, eu que coloquei.

Pesquisador (08:14)

Tá. Você falou em dados sensíveis, né? O que seria um dado sensível? Como que você chega à conclusão de que isso é um dado sensível e isso não é um dado sensível?

Recrutado (08:25)

Um dado sensível seria algum dado pessoal que pode, se cair em mãos erradas, pode causar algum dano, como o teu CPF, teu número de telefone. Eu acho que isso seria um dado sensível, porque fora isso, não tem nada, assim, que eu me importe, assim, de estar público ali, entendeu?

Pesquisador (08:50)

O que seria então um dado que não é sensível? Me dá um exemplo de dados que não são sensíveis.

Recrutado (08:55)

Fotos, os meus interesses, as minhas intenções, até o meu Instagram, entendeu? Então, os dados que eu escolhi expor, eles não são sensíveis.

Pesquisador (09:10)

Uhum. Se tu disponibiliza o teu e-mail ali, na descrição ele deixa de ser um dado sensível, então?

Recrutado (09:19)

Sim, sim, sim.

Pesquisador (09:20)

Essa tua percepção...

Recrutado (09:22)

Talvez, talvez, dado sensível seja algo que... É, bom, eu definiria como algo que talvez se cair em mãos erradas pode ser usado para me causar algum dano, mas tudo aquilo que eu escolho expor eu não considero uma informação sensível, porque eu estou escolhendo expor isso, né?

Pesquisador (09:45)

Tá. Então, vamos dizer que de certa forma tem essa vinculação da tua responsabilidade, aí, com o dado ser ou não sensível. Então, se tu...

Recrutado (09:56)

Claro!

Pesquisador (09:57)

... Informa esses dados, eles podem ou não deixar de ser sensíveis, vamos dizer assim.

Recrutado (10:02)

A partir do momento que tu tá se expondo publicamente, tu não tem que reclamar de privacidade, né? [tom jocoso]

Pesquisador (10:10)

Uhum. Então, tá. Agora com essa última frase é bastante importante. A tua percepção de privacidade, então, tem muito a ver com isso, com o quanto tu se expõe.

Recrutado (10:25)

Com as tuas escolhas e com as tuas ações, né? A partir do momento que tu se escolhe e se expor, aí tu não tem mais o que reclamar de privacidade, porque foi tu que fez o perfil, né?

Pesquisador (10:38)

Se tu passa uma informação para uma pessoa, numa rede social privada ali, tu tens o teu Instagram, vamos dizer que seja privado, não sei se é ou se não é. Tu tens essa opção, né? Joga ali qualquer informação que vincule mais a ti ou teu WhatsApp, posta uma story ali com teu WhatsApp por exemplo. E essa informação alguém compartilha com uma pessoa que não tá no teu, naquele círculo de pessoas que te seguem porque tu permitiu. Tu entende que tu tá aí, sendo violado na tua privacidade ou não? Tendo em vista que tu já antecipou essas informações, mas tu antecipou pra um grupo restrito que tu definiu.

Pesquisador (11:22)

Não, sim, sim. Mas eu não acredito que tá sendo violado não, porque quem fez a ação inicial, nesse caso hipotético, fui eu, né? Então, a partir do momento que tu faz uma ação, tu tens que ser responsável pelas consequências daquela ação, né? Então, a plataforma não tem nada a ver com isso, por exemplo, né?

Pesquisador (11:44)

Entendi. Tá, deixa eu ver aqui. Você falou também que... Bom, voltando um pouquinho, porque daí eu fui desdobrando a tua resposta pra minha pergunta inicial.

Tendo em vista aí que tu acredita que a tua privacidade não está preservada no Tinder e aí essas explicações que você já me deu. Como que tu vê que a tua privacidade poderia estar preservada, se é que ela poderia, tendo em vista aí a resposta também, né? Nesse aplicativo. Tem alguma forma que ela poderia estar mais preservada. Que forma seria?

Recrutado (12:21)

Tem. É não fazer conta no aplicativo [risos].

Pesquisador (12:23)

[Risos] É somente não utilizar, então seria o...

Recrutado (12:29)

Ou, claro, algumas pessoas elas optam por fazer um perfil anônimo, né? Essa é uma outra opção.

Pesquisador (12:37)

Não botar uma foto, botar o mínimo de informação possível.

Recrutado (12:42)

Se a pessoa se preocupa com isso, é só ela não expor, né?

Pesquisador (12:52)

Aqui tem algumas perguntas que eu tinha para fazer e já acabei antecipando com as tuas respostas. Aconteceu já de algumas... Tem algumas perguntas que eu posso fazer que porventura até repitam o que eu perguntei no questionário, mas as tuas respostas, não só um sim ou não, podem dar algum desdobramento. Tu, de alguma forma já sofreu por alguém se passando por ti no aplicativo?

Recrutado (13:22)

Não. Isso é um problema, mas assim, não é responsabilidade do aplicativo, né? Isso pode acontecer com qualquer um.

Pesquisador (13:29)

Sim, sim, sim.

Recrutado (13:29)

Mas não, nunca, nunca.

Pesquisador (13:31)

E você já soube alguém que sofreu esse tipo de problema de alguém se passar por essa pessoa? Algum amigo, alguma pessoa mais próxima?

Recrutado (13:40)

Não.

Pesquisador (13:41)

Não? Você falou também que você tá aí cinco meses mais ou menos solteiro e nesse período você tem usado o Tinder.

Recrutado (13:56)

Uhum.

Pesquisador (13:56)

Em algum momento que você estava em algum tipo de relacionamento você já chegou a utilizar o Tinder?

Recrutado (14:03)

Não.

Pesquisador (14:04)

Não? O Tinder ele tem, e todos os aplicativos hoje em dia, geralmente tem dois documentos são, via de regra eles têm, né? As políticas de privacidade e os termos de uso. E um terceiro documento depende do aplicativo. Tem aplicativo que vai ter regras da comunidade ou não vai ter esse documento. Depende aí até do tamanho do aplicativo, de quão eles se preocupam com esse tipo de... Do comportamento dos usuários, enfim.

Recrutado (14:41)

Uhum.

Pesquisador (14:42)

Nas respostas que tu me deu, tu disse que não leu nenhum desses documentos e que, confirmando, até que nem dava tanta... nem dava importância, na verdade, para esses documentos.

Recrutado (14:56)

Sim.

Recrutado (14:56)

Por que que tu acha que esses documentos não são nada importantes?

Recrutado (15:02)

Eu não vou dizer que eles não são importantes. Eu vou dizer que eles não são importantes para mim, porque o meu interesse é simplesmente usar o aplicativo. Então, eu, tudo que eu exponho é uma responsabilidade minha. Então, eu acredito que, claro, um pouco essa questão de estabelecer regras é uma coisa que provavelmente eu não vou quebrar nenhuma regra do aplicativo e a outra, às vezes, para se resguardar juridicamente, né? Mas eu também não quero processar o Tinder. Então é uma coisa que não... Eu não estou dizendo que isso não tenha sua importância, só que para mim, eu não me importo com isso.

Pesquisador (15:41)

Em termos geral tem sua importância, pode ter alguma importância, mas para ti, especificamente...

Recrutado (15:49)

Isso. Mas para mim, não.

Pesquisador (15:50)

Não tem essa importância. E por que que tu não se importa com isso? Só porque... Por que tu já quer usar direto o aplicativo?

Recrutado (16:01)

Porque eu quero simplesmente usar o aplicativo, entendeu?

Pesquisador (16:04)

Tu acha que ali é mais uma burocracia?

Recrutado (16:08)

Isso, é que se tu fores parar para ler todos os termos de uso de tudo que tu usa na tua vida, isso vai te consumir muito tempo.

Pesquisador (16:38)

Aham.

Recrutado (16:39)

Então, é isso.

Pesquisador (16:39)

Então, esse impedimento, aí, está mais relacionado, hoje, ao, ao que se tornou esse documento, que é um amontoado de juridiquês, de...

Recrutado (16:39)

Isso, é uma burocracia.

Pesquisador (16:39)

É uma burocracia...

Recrutado (16:39)

É uma burocracia e uma forma de preservar também, né?

Pesquisador (16:41)

Uhum. Tá, mas mesmo assim tu achas que esses documentos, é importante, é necessário que tenha esses documentos?

Recrutado (16:43)

Claro, pra tudo tem que ter, né?

Pesquisador (16:44)

Tá. Do ponto de vista então... você me deu essa resposta mais do ponto de vista individual, do ponto de vista coletivo, porque que é necessário, então, ter esses documentos?

Recrutado (17:00)

Porque caso alguém... Caso alguém cometa algum crime na plataforma, caso alguém faça um mau uso da plataforma, a empresa tem que se resguardar, né? E aí é importante deixar claro as regras de uso caso envolva algum processo. Então isso é uma questão da própria empresa de se preservar e das pessoas que utilizam ter a consciência do que fazer e o que não fazer.

Pesquisador (17:29)

Uhum.

Recrutado (17:30)

Eu acho que é por isso.

Pesquisador (17:33)

Esse documento então é mais para proteção da plataforma do que dos usuários, seria isso?

Recrutado (17:39)

Olha, eu acho que sim, na prática eu acho que sim, sabe por que? Por que é importante também que os usuários tenham acesso às regras, ao que fazer, ao que não fazer. Mas eu imagino que a maioria não lê, tá? Então no fim, o mais importante na verdade é uma maneira de resguardar a empresa.

Pesquisador (18:02)

Uhum. Tá. Do ponto de vista aí, da privacidade, a gente conversou sobre isso, né? Você já, você disse que não soube de ninguém que se passou por ti, ou pessoas

próximas que sofreram com isso, mas você já ouviu qualquer tipo de relato de qualquer tipo de abuso, de ameaça, vazamento de dado, qualquer situação vexatória com amigo, com parente, com conhecido, usando o Tinder?

Recrutado (18:38)

Não.

Pesquisador (18:39)

Não ouviu? Tá. Voltando ali na privacidade, você entende que ela serve pro mundo digital e mundo não digital, vamos dizer assim, ou apenas pro mundo digital?

Recrutado (18:59)

Eu acho que ela serve para os dois, mas a questão é que as pessoas que escolhem se expor, né? Se as pessoas querem ter privacidade, o correto seria elas talvez não abram uma conta no Tinder, ou talvez não... Sabe? Mas sim, eu acho importante a privacidade nos dois sentidos, só que eu também acho importante que as pessoas tenham consciência e arquem com as consequências do que elas fazem, né?

Pesquisador (19:29)

Uhum. Você acha que é possível viver em sociedade hoje sem abrir mão da sua privacidade?

Recrutado (19:39)

Sem abrir mão?

Pesquisador (19:40)

É.

Recrutado (19:44)

Olha, eu não sei, eu não... Até porque a questão da privacidade, pelo menos no meio digital, a partir do momento que tu cria uma rede social ou que tu se expõe, é uma coisa que você praticamente não tem mais volta, né? Então, eu acho que é mais fácil tu preservar a tua privacidade no âmbito pessoal, mas na internet eu acho muito difícil ter privacidade, porque, eu vou te dar exemplo, já, já aconteceu de eu

estar falando, conversando pessoalmente com alguém sobre tal produto, "ah, eu queria comprar tal coisa".

Pesquisador (20:24)

Uhum.

Recrutado (20:24)

E sem brincadeira, já recebi, isso aconteceu mais de uma vez, já recebi e-mail de propaganda daquilo que eu estava conversando. Então eu imagino que até...

Pesquisador (20:32)

Eles estão nos ouvindo de verdade.

Recrutado (20:35)

É, então, se tu ficar preocupado com isso, tu vai enlouquecer, entendeu?

Pesquisador (20:40)

Aham. Assim, a minha pergunta foi mais pra tentar entender o seguinte: hoje em dia, eu consigo fomentar uma rede de amigos se eu não tô nas redes sociais, por exemplo? Tem um exemplo aqui, né?

Recrutado (20:57)

Consegue. Só que é, talvez... É um pouco mais difícil de conhecer gente nova.

Pesquisador (21:03)

Aham.

Recrutado (21:04)

Mas sim.

Pesquisador (21:07)

O que te levou a usar o Tinder?

Recrutado (21:09)

Pelo fato de que eu moro em uma cidade pequena e é difícil conhecer gente.

Pesquisador (21:30)

Então, no final das contas, tu acaba tendo que abrir mão da privacidade tua pra poder facilitar esse processo de conhecer pessoas para um relacionamento, para amizades, enfim...

Recrutado (21:31)

Sim, mas eu não me importo em abrir mão da minha privacidade, eu...

Pesquisador (21:37)

Não, não, isso eu entendi, isso eu entendi.

Recrutado (21:39)

Sim, sim, tu abre mão da privacidade a partir do momento que tu monta uma rede social pra conhecer gente tu tá abrindo mão da privacidade, né?

Pesquisador (21:40)

Uhum. Se não fosse pelo Tinder, que outras, numa cidade pequena, que outras formas se teria pra encontrar pessoas? Eu não sei quão pequena é essa cidade, também, né?

Recrutado (21:59)

Normalmente através, saindo e através de pessoas em comum, né?

Pesquisador (22:04)

Tá. Tu antes de usar o Tinder tu já usou algum outro aplicativo de relacionamento ou não?

Recrutado (22:30)

Não.

Pesquisador (22:32)

Esse foi o único que tu usou, então?

Recrutado (22:33)

É.

Pesquisador (22:34)

Agora, além dos aplicativos de relacionamento, né, vamos dizer, comerciais, tu já chegasse a usar as redes sociais tuas, não sei, Instagram, Facebook, qualquer outra rede, com esse intuito?

Recrutado (22:35)

Já.

Pesquisador (22:36)

Tu vê algum tipo de diferença assim, no sentido de, abordagem, é uma abordagem mais simples, evita... Enfim.

Recrutado (22:50)

Eu acho que o Tinder é mais direto no sentido das intenções.

Pesquisador (22:57)

Aham.

Recrutado (22:57)

Tu vai usar uma rede social, não necessariamente a pessoa sabe que tu tá interessado nela, né?

Pesquisador (23:04)

Então exige já um esforço maior, vamos dizer, até que as coisas se desenrolem, né?

Recrutado (23:10)

Sim, porque a partir do momento que já passou pelo filtro ali de dar um match, as intenções elas já estão claras, né?

Pesquisador (23:20)

Sim, sim, sim. É mais o pra frente, o continuar, o desenrolar, né?

Recrutado (23:26)

Sim, é.

Pesquisador (23:27)

Deixa eu só repassar aqui se eu tenho mais alguma pergunta pra ti que ficou... Acredito que não... Não. Eram essas questões que eu tinha pra ti. Eu agradeço pela tua disponibilidade. Posteriormente, eu vou fazer análise, vou fazer a apresentação dessa dissertação e vou disponibilizar aí pras pessoas que tenham interesse. E aí eu informo pelo próprio e-mail que foi disponibilizado. Vou encerrar aqui a gravação.

Recrutado (24:14)

É em direito que tu tá fazendo?

Pesquisador (24:14)

Isso...

### **APÊNDICE M – Transcrição da entrevista do Recrutado 13**

Pesquisador (00:02)

Entrevista do dia 30 de setembro de 2023 às 11h00. Bom dia! Eu vou já, de início eu gostaria de ratificar o teu aceite que foi dado no preenchimento lá no preenchimento do questionário, para que a gente possa continuar essa pesquisa. Eu gostaria de saber se você leu, se você entendeu, se você tem alguma dúvida, se você tirou essas dúvidas em relação ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lá do questionário e se você está de acordo com ele.

Recrutado (00:37)

Li tudo certo e sem dúvida alguma, estou de acordo.

Pesquisador (00:41)

Certo. Eu gostaria de lembrar que essa entrevista ela está sendo gravada e por conta disso vai ser feita a captação da tua imagem, do teu som, sendo resguardada a confidencialidade e o sigilo dessas informações e desses dados. Você pode optar por não responder qualquer questão que eu te fizer e que de alguma forma possa te trazer constrangimento, alguma questão pessoal. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento também, sem necessidade de apresentar qualquer justificativa, sendo que você não vai sofrer qualquer tipo de prejuízo por conta disso. E os dados que forem coletados até aqui, eles vão ser imediatamente excluídos. O objetivo dessa entrevista é justamente compreender as respostas que você já deu naquele questionário, para possibilitar outros questionamentos, respostas para outros questionamentos e um aprofundamento ali daquela daquelas respostas. Não tem uma resposta certa, não tem resposta errada. O meu papel aqui como pesquisador não é julgar e nem questionar o que você disser. Quanto mais você for descritivo, quanto mais você trazer suas percepções a respeito das perguntas que eu fizer, melhor, porque vai me ajudar na hora de analisar toda essa entrevista e continuar na análise dos dados para o estudo. Tá bom?

Recrutado (02:09)

Perfeito.

Pesquisador (02:09)

Alguma dúvida?

Recrutado (02:10)

Sem dúvida.

Pesquisador (02:11)

Tá de acordo?

Recrutado (02:12)

De acordo.

Pesquisador (02:13)

Perfeito. Vamos começar então. Primeira coisa que eu gostaria de saber de ti é como que é o teu uso do aplicativo Tinder hoje? Como que... Se tu, teu perfil, como que é, se tu preenche tudo, se tu não preenche, quantas vezes usa... É, como que a dinâmica dá, no aplicativo? Tenta descrever o máximo possível. Se tu linka, porque dá para linkar, né?

Recrutado (02:39)

Uhum, perfil né.

Pesquisador (02:41)

Exato. Se tu linka, se tu não linka, como que é.

Recrutado (02:44)

Tudo que tem de opção ali para poder preencher, eu tenho tudo preenchido. Eu tenho linkado o meu perfil do Spotify, do Instagram, tenho algumas fotos e basicamente tudo que tem ali tá, tem alguma configuração, não tem nada sem configurar, digamos assim. Lá tem a quilometragem que tá definido, perfil de imagem de interesse e tudo ali tem um... Tá preenchido.

Pesquisador (03:16)

Tá. E o teu perfil em si? Você coloca descrições? Como é que é aquela parte que você tem a parte que você pode escrever sobre você?

Recrutado (03:27)

Sim, sim. Eu descrevo ali o que eu sou estudante, que eu trabalho, trabalho numa panificadora, que por sinal é empresa da minha família, tenho as minhas imagens ali, mostro meu rosto, meu corpo, sem problema algum. Minha idade. Eu coloco ali os meus hobbies, que eu gosto de fazer.

Pesquisador (03:47)

Tu, Tu, por acaso bota o link do teu Instagram ali também? O arroba do Instagram.

Recrutado (03:53)

Sim, é linkado, aham.

Pesquisador (03:55)

É... Tu, as pessoas costumam, de alguma forma, que te viram no Tinder, mesmo que não dê um match. Não deu match, vamos dizer que não deu match. É, acontece de eventualmente elas chegarem em ti pelo teu perfil do Instagram?

Recrutado (04:14)

Sim.

Pesquisador (04:16)

Aí puxa conversa...?

Recrutado (04:19)

É, dá um alô, fala que viu ali no Tinder, ou simplesmente não... Às vezes não puxa conversa, mas deu match no Instagram e sai curtindo. Perdão, deu match no Tinder e sair curtindo tudo que tem no Instagram. Às vezes dá a entender que é uma forma de chamar a atenção para poder iniciar um diálogo, assim.

Pesquisador (04:39)

É... Nas respostas que tu deu ali no questionário, tu disse que tu não acredita que a privacidade, tua privacidade, esteja preservada no Tinder. Por que que tu acha isso?

Recrutado (04:55)

Na verdade, eu passei por um problema com o Tinder uns dois anos atrás, mais ou menos, e é por isso que eu considero que a privacidade ela... Não tem essa privacidade, né? O que acontece? Eu tive... Foi criado um perfil falso com as minhas fotos no Instagram, com meu nome idêntico ao perfil que eu já tinha e nesse perfil tratava minha sexualidade de outra forma. Hoje eu me declaro heterossexual, só que naquele perfil falava que eu era homossexual e tinha interesse em homens e tudo mais. E eu procurei o suporte do Tinder para isso, mas como eu não tinha o e-mail que foi criado. Ou, ainda, pior ainda, não tinha como validar que aquele... Que eu sou o Recrutado 13 e que aquele perfil não era meu, sabe? Então. De certa forma, a privacidade de fulano estava preservada, mas a minha privacidade não. Foi invadida e eu declaro que ela foi invadida sim, e eu não tive como consertar isso.

Pesquisador (06:02)

É, no final das contas... Está me ouvindo?

Recrutado (06:02)

Tô ouvindo sim, tá falhando um pouquinho a imagem, mas o áudio está funcionando.

Pesquisador (06:03)

Travou a imagem aqui. É, no final das contas alguém pegou as tuas informações pessoais e se passou por ti na plataforma.

Recrutado (06:09)

Sim.

Pesquisador (06:09)

Por isso que tu acredita que tua privacidade não esteja preservada. É, nesse contexto de dois anos atrás, a gente tá falando... Tu já usava o Tinder? Não?

Recrutado (06:36)

Já. Eu tinha um perfil no Tinder, só que não era ativo, assim, não...

Pesquisador (06:44)

Às vezes entrava, às vezes não.

Recrutado (06:46)

Isso.

Pesquisador (06:46)

Entendi. É, naquele momento, tu, como tu disse, as imagens foram pegadas no Instagram, né?

Recrutado (06:53)

Isso.

Pesquisador (06:54)

É, talvez alguém então criou, não necessariamente porque te viu no Tinder, mas pegou tuas imagens de outro local fora do aplicativo.

Recrutado (07:03)

Isso, aham.

Pesquisador (07:03)

Quando tu fala da tua privacidade, nesse contexto, tu estás falando da privacidade numa perspectiva de alguém que se viu violado por uma terceira pessoa, pegando informações pessoais e criando um perfil falso. Agora tenta me, tenta responder a minha pergunta de uma outra perspectiva. A perspectiva de alguém que hoje está na plataforma. Eu tô na plataforma ali. É, é, quais receios que eu tenho em relação à privacidade? É, teria algum, teria algum outro receio? Teria alguma outra situação que te faria desacreditar nessa... Que a tua privacidade está preservada ali no Tinder?

Recrutado (07:48)

Perdão, Daniel, acho que eu tinha me perdido no questionamento, né? Em relação ao Tinder especificamente. Em relação à privacidade, acho que o único receio que eu teria seria ter as minhas conversas ali expostas. Mas eu não... Não posso confirmar que eu acho que o Tinder estaria de alguma forma não tratando bem a minha privacidade nesse sentido. Realmente...

Pesquisador (08:20)

É, tu tens receio também que, ainda que essa situação que tu passou os dados foram no Instagram. Tens receio também que hoje o teu perfil do Tinder ele seja replicado ou feito alguma cópia e tentando imitar alguma informação, mas descaracterizando, como por exemplo, dizendo que tu tens uma outra sexualidade, também tem esse receio. Já vamos ser um pouco mais restritos.

Recrutado (08:49)

De certa forma sim, porque da mesma forma que alguém pegou as minhas informações lá do Instagram, por exemplo, e criou um perfil falso no Tinder, eu acredito que a pessoa também poderá pegar essas minhas informações no Tinder e replicar com, alterando as informações a favor do que ela quiser. É, nesse sentido, sim.

Pesquisador (09:08)

Deixa eu te perguntar. O teu perfil do Instagram é um perfil aberto ou fechado?

Recrutado (09:12)

É aberto.

Pesquisador (09:14)

Tu tens receio... Vou tirar, como caiu nessa situação, só para eu entender bem, vai me ajudar a entender bem a tua noção de privacidade. É, no Instagram, hoje, tu também tem esse receio quanto a tua privacidade?

Recrutado (09:31)

Sim.

Pesquisador (09:32)

É, essa. Esse teu receio tem razão por conta das mesmas possibilidades de alguém...

Recrutado (09:40)

Sim, mesmas possibilidades. Porque eu, pelo menos, entendo como invasão de privacidade alguém poder pegar as minhas informações, mesmo que elas estejam públicas e replicar, alterando essas informações. Eu entendo que seria responsabilidade da empresa ter alguma forma de eu poder notificar: "olha, a minha privacidade, ela foi invadida de tal forma que essas informações estão sendo replicadas alegando uma inverdade e isso para mim seria invasão da minha privacidade. Só que eu declaro que a partir do momento que eu consiga entrar em contato com a empresa, eu entendo, né? Eu contato com a empresa e eu declaro o negócio, provo quem eu sou e qual é o meu perfil atrelado a minha imagem de mundo real, eu entendo que a minha privacidade estaria sendo preservada se a empresa conseguisse fazer essa análise e não, então vamos tirar esse perfil daqui. O Tinder eu entendo da mesma forma.

Pesquisador (10:42)

Tá.

Recrutado (10:43)

Conseguir responder a pergunta?

Pesquisador (10:43)

Respondeu. Não, perfeito, perfeito. Essa, essa. Quando aconteceu essa situação, o ti... tu fosse lá, apresentasse tua argumentação e provas, enfim. O que o Tinder efetivamente respondeu? Ou se respondeu. Às vezes não responde.

Recrutado (11:03)

Sim, eles responderam, Mas me pareceu automático.

Pesquisador (11:07)

Mensagem automática, né?

Recrutado (11:08)

É, parecia uma mensagem automática falando que a minha alegação, o meu questionamento, ele não era pertinente, digamos assim. Inclusive falaram que não, por se tratar de privacidade e tudo mais, então a gente não pode remover o perfil em, uma... Algo parecido nesse sentido. Só que me pareceu uma mensagem automática, só negando o pedido, sabe?

Pesquisador (11:36)

Uhum. E tu chegaste a buscar algum tipo de ajuda fora da plataforma, em fazer boletim de ocorrência, alguma questão judicial ou alguma coisa nesse sentido? Não?

Recrutado (11:47)

Na época eu até fui pesquisar como fazer, só que daí eu fiquei meio perdido assim e daí deixei de lado, sabe? Então acabou que eu tinha ficado no tempo, tinha ficado com dois perfis. Deu uma, duas semanas ali. O outro perfil tinha sumido. No caso, né? E... Daí nunca mais fui atrás também.

Pesquisador (12:08)

Como, como que tu descobriu desse, da existência desse perfil falso?

Recrutado (12:14)

Um amigo meu que é homossexual e então o perfil dele tá configurado para poder aparecer, né? Porque ele tava era o perfil de interesse dele. E daí ele mandou para mim, meu amigo. Tipo? Né? O que é isso? E daí? Foi quando eu descobri.

Pesquisador (12:34)

Aham, entendi. Tá. Deixa eu voltar aqui no meu roteiro, essas perguntas sobre essa situação aí que você passou eu já tinha colocado até para questionar, mas a gente já viu. É, então tu já me explicou por que que tu não acredita que a privacidade tá preservada no Tinder e me diga de que forma que você acha que ela poderia ser preservada. Um exemplo que você deu foi esse de após ter levado ao conhecimento da plataforma a situação com provas e tudo, eles tomarem uma medida efetiva que

eles não tomaram, teriam outro, outras, outras, outros comportamentos, outras formas de lidar com problemas que você espera que uma empresa deve ter? E, no caso, aqui eu tô falando só do Tinder, né? Para que você sinta que a tua privacidade está preservada ou ainda que não integralmente, mas um pouco mais?

Recrutado (13:33)

Sim. De certa forma meio irônica. Eu acredito que a partir do momento que a empresa solicita, por exemplo, um... Uma informação de cadastro único sua, é, já inibe um pouquinho que essa, esse problema ocorra. Por exemplo, se pedisse o meu CPF, RG, algo que impeça alguém de criar um perfil com um nome secundário, por exemplo, tenho o meu CPF, não poderia criar um perfil com outro nome, nesse sentido e da mesma forma como não permitiria também criar mais de um perfil com o mesmo CPF, com o mesmo dado. Mesmo que essa informação ela ficasse de certa forma invisível, oculta, mas pelo menos pedisse uma informação desse tipo para inibir que esses problemas ocorram

Pesquisador (14:23)

É, só para eu entender, essa... A... Você fornecer um número de identificação, seja um CPF ou algo que ligue tu a tu mesmo.

Recrutado (14:37)

Isso mesmo. Eu sei que pode parecer meio contraditório, talvez não, ah, mas tu não confia em privacidade, mas quer fornecer mais um dado. Mas acho que seria um filtro a mais.

Pesquisador (14:47)

Eu pergunto. Na verdade, não. Como disse, sem julgamento da minha parte. Eu pergunto na verdade, porque quando tu falou disso, eu me lembrei que existem, que é bem comum até, principalmente em instituições bancárias. É, você fornece o RG, o CPF, eles pedem depois para te mandar um documento com a tua foto.

Recrutado (15:09)

Sim

Pesquisador (15:10)

Porque aí acaba ajudando que eles comprovem que um documento está ligado necessariamente a uma pessoa.

Recrutado (15:18)

Sim

Pesquisador (15:19)

E confirma, e confirmam que aquela pessoa que está se cadastrando é efetivamente a titular do documento, porque ela é...

Recrutado (15:26)

Exatamente isso.

Pesquisador (15:27)

Diminui a quantidade, a possibilidade de fraude, ainda existe fraude, mas diminui a possibilidade. É, você... Esse aqui você já me respondeu. Deixa anotar aqui para perguntar depois. Então a plataforma foi bastante inócua. É, o que, nesse, a plataforma foi a primeira que você buscou para resolver essa situação? Ou você antes já foi dar uma pesquisada, ver o que poderia fazer?

Recrutado (16:08)

Eu cheguei a pesquisar no Google se tinha alguma forma de denunciar o perfil e hoje eu sei que tem, mas naquele tempo não tinha. Uma forma de, por exemplo, escolher o perfil e declarar ali que ela tá indo contra alguma política da empresa ou alguma coisa assim. Naquele tempo não achei nada que pudesse me ajudar nesse sentido de alguém criar um perfil falso em meu nome, no caso. E daí eu fui procurar no Google que eu poderia fazer. As informações que eu encontrei era registrar um boletim de ocorrência e contactar a empresa. Eu fui procurar como fazer um boletim de ocorrência e em um momento de muita ignorância, eu não sabia sequer como escrever um boletim de ocorrência, aí eu deixei de lado, e no site do Tinder mesmo eu encontrei uma informação de suporte... Não encontrei nada que de encontro com o que eu precisava, e daí eu mandei um e-mail, e daí esse e-mail eles me responderam de uma forma meio, genérica, assim.

Pesquisador (17:09)

É, no final das contas, então, o que te levou a buscar a plataforma foi mais a falta de informação do que acreditar que ela seria a melhor opção para resolver o teu problema?

Recrutado (17:21)

Isso.

Pesquisador (17:24)

Tá. Hoje, tendo passado por... Por isso, já tendo experiência. Desculpa. O que você faria se alguém se passasse por ti de novo no Tinder?

Recrutado (17:42)

Eu acho que eu seguiria os mesmos passos, mas teria registrado um boletim de ocorrência e procurado um advogado.

Pesquisador (17:52)

É, saindo dessa situação. No teu questionário tu disse que já deixou de usar o aplicativo de relacionamento por receio quanto à tua privacidade. E quando tu respondeu isso foi em relação ao Tinder mesmo porque tu respondeu que só usou o Tinder, na verdade.

Pesquisador (18:12)

Sim. É, né, então, tem outra coisa...

Pesquisador (18:15)

Não é que você deixou de usar, só diminuiu o uso, foi isso?

Recrutado (18:18)

Isso, aham. A questão do Tinder, no tempo que isso aconteceu eu fiquei bem chateado, assim, e cheguei até desativar o perfil, sabe? Não cheguei a excluir o perfil, mas eu desativei. E... Mas eu já deixei de usar outras plataformas, não sei se essa pergunta porque tem duas perguntas parecidas, né? Mas eu deixei de usar outras plataformas pensando nisso, ou a percepção que eu tive que eu tinha, no

caso, era, se o Tinder que é desse tamanho tem todo, toda essa estrutura, vamos dizer assim, já falhou comigo nesse sentido, então o que que outras empresas secundárias que vieram depois do Tinder poderiam fazer de melhor, sabe? E daí, por conta disso, deixei de usar.

Pesquisador (19:01)

Tu não chegou nem a criar, então, conta em outras plataformas?

Recrutado (19:04)

Não.

Pesquisador (19:06)

Tá. E o teu receio acabou aí, te deixando aí com...

Recrutado (19:13)

Sim.

Pesquisador (19:14)

Impedindo, vamos dizer, de criar isso. É, quando tu respondesse ali o questionário, você considerou como neutro o nível em relação à importância, você considerou neutro ler os termos de uso dos aplicativos de relacionamento que usa. Por que você considera neutro?

Recrutado (19:38)

Porque é o mesmo.

Pesquisador (19:40)

Só, só um... para ficar bem claro, a gente está, estarmos os dois na mesma página, né? Não sei se tu lembras no questionário era uma escala com cinco itens, né? Eram, é, nada importante, pouco importante, neutro, importante, muito importante. Então o neutro é como se fosse um grau irrelevante, não é nem importante nem desimportante.

Recrutado (20:04)

É que. Não que eu tenha ficado confuso, não é isso. Mas eu entendo que ao mesmo tempo que eu considero muito importante a gente ler, eu também não considero tanto assim porque... Não que eu não considere muito importante, mas é porque hoje, se tu for parar para ler um termo, tu fica um dia inteiro lendo o termo e tu não termina de fazer o cadastro. Então, ao mesmo tempo que, sim, o termo está ali, tem as informações que você precisa ler, tu dispõe de muito tempo para poder ler e entender tudo o que a plataforma quer de ti. Então eu acredito que ele deveria ser um pouquinho mais enxuto e abordar os principais problemas ali, as principais considerações para poder usar aquele aplicativo, no caso. Por isso que eu me declarei neutro, porque, como eu falei, é importante a gente ler, mas também é o tipo de informação, a linguagem que está ali, a quantidade de informação que tem. Ela não motiva ninguém a ler isso.

Pesquisador (21:03)

Entendi, não, tá. Então o que te impede de ler hoje é mais a dificuldade com a linguagem e o tamanho que têm esses termos que acabam. Tomando muito tempo, dificultando o entendimento dessa tua leitura, certo?

Recrutado (21:21)

Isso mesmo.

Pesquisador (21:22)

É o que que tu? Qual é a função desses termos de uso, numa...? Qual, o que você acha que seriam as funções desses termos de uso?

Recrutado (21:33)

Eu acredito, né? Que você está ali, porque eu mesmo digo por que eu não li a fundo, né? Mas eu acredito que sim. Tem ali algumas, alguns pontos que você está declarando que você é responsável pelas informações que você está cedendo...

Pesquisador (21:52)

Aham.

Recrutado (21:52)

Então todas as coisas que eu coloco ali, meus nomes, o nome, meu endereço, telefone, imagem... Eu sou responsável por aquilo que está ali e eu acredito, porque assim como outras plataformas que também têm alguma informação do tipo, tô tirando minha responsabilidade do que você ou um terceiro está colocando aqui, qualquer atitude que você tem dentro da plataforma é responsabilidade sua e eu, como empresa, me isento desse... De qualquer problema que isso possa vir a acarretar para ti ou para terceiros.

Pesquisador (22:25)

Tá, e hoje em dia geralmente as plataformas têm três documentos, têm no mínimo dois documentos, mas muitas delas quanto, quanto maior ela é, têm três documentos, que são as políticas de privacidade, os termos de uso e as regras da comunidade. Não sei se tu chegou a, a, já ler algum desses documentos em algum momento, é, cada um deles tem uma função. Quando eu falo para ti em Política de Privacidade, o que você acha que trata esse documento e o que que diferencia ele de um termo de uso, por exemplo? Uma percepção, mesmo tu não tendo muito contato, vamos dizer assim "Ah..."

Recrutado (23:11)

Sim.

Pesquisador (23:12)

"Me botaram para ler, então eu tenho que no mínimo já ter, no mínimo, uma ideia do que se trata, né?"

Recrutado (23:18)

Sim, entendo. Se falo de termos de uso, eu acredito que claro, ali tem informações do tipo o responsável pelo que você faz aqui dentro da plataforma, mas, você tem que usar ela de tal forma, ah, por exemplo, você pode usar para poder fazer uma nova rede de contatos, mas é vedada, é, é proibido tu fazer mal, prejudicar alguém, prejudicar terceiros. Acredito que tenha alguma coisa relacionada a criar perfil falso, é, falsidade ideológica. E quanto a, qual que era o outro termo?

Pesquisador (23:53)

Política de privacidade.

Recrutado (23:54)

Política de privacidade, eu acredito que seja alguma coisa garantindo para mim que as minhas informações que estão ali, elas estão resguardadas, estão protegidas de alguma forma que impeça que, sei lá, esses conteúdos vazem na internet ou que, sei lá, possa garantir que eu seja... Como posso dizer? Não garantir que eu seja atendido posteriormente caso tenha algum problema, mas... Porque eu também disse que eles podem se abdicar de qualquer problema que tenha. Mas. Também... Como posso dizer? Eu perdi um pouquinho de raciocínio. Mas, nesse sentido, assim de a gente tem a plataforma, você vai usar ela de tal jeito e informações, elas estão seguras com a gente. É o que eu entendo.

Pesquisador (24:54)

Aham. E quando eu falo de regra, das regras da comunidade?

Recrutado (24:59)

Eu acho que é... Acredito que seja a forma de se relacionar com os terceiros que tem dentro da plataforma. O que é...

Pesquisador (25:09)

O comportamento, assim?

Recrutado (25:11)

Isso. O que é permitido fazer dentro da plataforma com os integrantes que tem ali dentro e o que não é permitido.

Pesquisador (25:22)

É, quando tu respondeu em relação a, a leitura da política de privacidade, também tu colocou neutro. Tu já me disse sobre os termos de uso e as tuas motivações para ter dado essa resposta. Em relação a política de privacidade, por que você marcou neutro? Também pelas mesmas...

Recrutado (25:42)

Mesma coisa.

Pesquisador (25:44)

Você acredita que é um documento muito extenso, com uma linguagem que é complicada.

Recrutado (25:51)

Totalmente.

Pesquisador (25:51)

Demora tempo essas... Tá. É, tu consideras que a política de privacidade também é um documento importante, como você disse que acha que os termos de uso são?

Recrutado (26:06)

Sim.

Pesquisador (26:07)

Tá. Quando tu respondeu o questionário, tu colocou que é muito importante ter o poder de escolher com quem que você compartilha os seus dados pessoais. Por que que você acha isso?

Recrutado (26:21)

Porque dentro da plataforma existem alguns tipos de anúncios, né? Então eu entendo que esses, que as minhas informações podem ser passadas para uma empresa terceira, porque dentro da plataforma ela consegue monitorar a minha atividade e então eu tenho receio disso. O que eu tenho ali dentro, quando a empresa, ela concorda, vamos supor, né, que ela tenha um contrato ali de... É... Dividir os dados, ali, né? Compartilhar os dados. Eu entendo que esses dados eles podem ficar mais sensíveis e suscetíveis a vazamentos, digamos assim. Então, um possível risco à privacidade também.

Pesquisador (27:09)

Tá. É, deixa eu ver aqui um negócio importante para eu não esquecer, não analisar. Para algumas perguntas, tu respondeu com grau de importância pouco importante,

é, o que significa que ainda assim há alguma importância, até porque a gente tinha ali a opção nada importante, né? Eu gostaria que tu me explicasse por que tu acredita que para essas, pra essas, para os itens que eu vou falar, adiante, por que você acha que eles são pouco importantes em grau de importância? O primeiro é ter poder de escolher com quem pode saber minha orientação sexual.

Recrutado (28:02)

Porque eu entendo que tem pessoas que se sentem incomodadas com isso, mas se eu posso escolher, para mim eu declaro pouco importante, porque é minha vida pública, Então para mim, ok.

Pesquisador (28:18)

Ou seja, embora não seja uma coisa que te afete, tu considera pouco importante, porque ainda assim tem aí algumas pessoas que se afetam então, pra elas fica preservado, vamos dizer...

Recrutado (28:29)

Isso, porque eu entendo que para mim pode ser importante, mas eu tento considerar os outros também. Então, para mim é irrelevante. Por exemplo, ao mesmo tempo que eu declaro, eu acho importante saberem minha orientação sexual. Não me incomodaria, não me incomodaria se estivesse oculto, por exemplo.

Pesquisador (28:48)

É, ter poder de escolher quem pode saber minhas preferências de parceria.

Recrutado (28:53)

A mesma coisa. A mesma ideia.

Pesquisador (28:57)

Ter poder de escolher quem pode ver o meu rosto.

Recrutado (29:00)

Mesma coisa.

Pesquisador (29:02)

E ter poder de escolher quem pode ver o meu corpo que não está nu.

Recrutado (29:07)

A mesma coisa também.

Pesquisador (29:09)

Beleza. É... Colocasse que considera neutro, poder modificar ou retificar suas informações pessoais e ao mesmo tempo tu demonstrou bastante preocupação em relação a essas informações. Por que tu consideras neutro essa, essa possibilidade de modificar ou de retificar?

Recrutado (29:37)

Porque eu entendo que... Se eu entendi bem a pergunta, né? Eu entendo que são meus dados, então o mínimo que seria eu poder arrumar eles, reorganizar e...

Pesquisador (29:53)

Não. Vou falar assim. Não faz mais que a obrigação, a plataforma [risos].

Recrutado (29:58)

Isso mesmo.

Pesquisador (30:00)

Tá, entendi. Hmm, por que você acredita que é muito importante não ter os seus dados pessoais utilizados para marketing sem que tu autorize isso?

Recrutado (30:18)

Porque, falando de mim, né? Eu já tive muitos problemas com compras assim, tipo, eu tenho hoje laudo de, porque eu possuo ciclotimia e algumas patologias como depressão, ansiedade ou ciclotimia propriamente dito. Quando tem momentos de oscilação do teu humor, então tem momentos que você pode ser muito mais influenciável do que em outros. Então eu entendo isso como ser prejudicial.

Pesquisador (30:56)

Só...

Recrutado (30:57)

Pode falar

Pesquisador (30:58)

Só um pouquinho, deu uma travadinha aqui. Tem momentos que você...

Pesquisador (31:04)

Que... Peraí. Por conta da minha condição da ciclotimia, tem momentos que a gente é mais influenciável, um pouquinho mais influenciável. Então, a partir do momento que as empresas têm ali as minhas preferências e elas atuam com marketing, vendendo produtos, serviços e eu estou mais suscetível a comprar, então vender um dado sensível desse eu acredito que poderia me prejudicar.

Pesquisador (31:32)

Aham. Em alguns momentos dessa entrevista, usasse o termo dados sensíveis.

Recrutado (31:41)

Sim.

Pesquisador (31:41)

O que são dados sensíveis para ti?

Recrutado (31:44)

Qualquer informação pessoal minha, como por exemplo, sugerir que a plataforma solicitasse um dado sensível, né, por exemplo CPF, RG, a questão da imagem. E se eu forneço um dado para ela, qualquer dado dela para ela, qualquer dado meu que seja sensível, como... Que... Como posso dizer? Algum dado que está diretamente relacionado a mim? Meu nome, minha sexualidade, meu documento, identificação, data de nascimento... Eu considero isso dados sensíveis.

Pesquisador (32:17)

Aham, Por exemplo, tu...

Recrutado (32:18)

As Imagens...

Pesquisador (32:20)

Tu disse que trabalha numa padaria.

Recrutado (32:23)

Sim.

Pesquisador (32:24)

Tu acha que... Tu colocasse isso na descrição do teu perfil, né, falasse pra mim.

Recrutado (32:28)

Sim.

Pesquisador (32:28)

É, tu acredita que esse é um dado sensível?

Recrutado (32:34)

De certa forma sim, porque pode influenciar, por exemplo, o marketing.

Pesquisador (32:42)

Uhum. Então, só para eu entender bem, todos os dados que se relacionam contigo que podem te identificar, considera que seriam dados sensíveis?

Recrutado (32:52)

Isso mesmo.

Pesquisador (32:53)

E dentre esses dados, tem algum que, vamos dizer, é mais sensível do que outros? Tem algum que é mais delicado ainda?

Recrutado (33:03)

As imagens, né? Ou, seja as minhas imagens linkando diretamente com o meu perfil ou talvez conversas que têm ali dentro.

Pesquisador (33:14)

Uhum. E por que acredita que a imagem, sem dúvidas, é o mais delicado?

Recrutado (33:21)

Porque é quem eu sou, me caracteriza. Você pode não ter meu nome, pode não ter minha data de nascimento ali, mas se alguém tiver a minha imagem, consegue relacioná-la com o fulano que viu na rua.

Pesquisador (33:34)

Aham, entendi. Tá. Voltando. Fiz um, fiz um aparte porque percebi que você falou algumas vezes em dados sensíveis.

Recrutado (33:46)

Aham.

Pesquisador (33:46)

Teve um... Para um dos questionamentos que, que é basicamente, pedia que você analisasse o grau de importância de poder ficar no sigilo, ter o poder de ficar no sigilo e, e aí você considerou neutro. Você quer me explicar a tua resposta?

Recrutado (34:12)

Eu me considerei neutro, porque, para mim, é irrelevante. Mas eu... Talvez seja um erro meu, mas sempre que eu vejo essas perguntas do formulário eu considero o pensamento de outras pessoas também. Então eu sei que tem pessoas próximas a mim que gostariam de... De ter o sigilo ali do perfil dela, né? Mas para mim não que seja irrelevante, mas para mim, por exemplo, não... Se o perfil, por exemplo, colocasse ali a opção, manter sigilo de tal informação. Enfim, eu se pudesse escolher sim e não, eu colocaria não. Ou talvez sim.

Pesquisador (34:54)

O que seria ficar no sigilo?

Recrutado (34:58)

Não sei... Qual era a pergunta?

Pesquisador (35:02)

Eu vou, eu vou no questionário aqui pegar bem certinho, porque o que eu li foi as anotações que eu fiz para te entrevistar.

Recrutado (35:10)

E que eu vou falando e eu vou perdendo...

Pesquisador (35:14)

Ó, no questionário eu pedi para ti analisar algumas afirmativas segundo o nível de importância que você dava para cada uma delas.

Recrutado (35:23)

Sim.

Pesquisador (35:24)

A afirmativa que eu, que você analisou como neutra era ter poder de ficar no sigilo. E aí agora eu te perguntei o que que é ter poder de ficar no sigilo?

Recrutado (35:39)

Boa pergunta.

Pesquisador (35:41)

Porque você...

Recrutado (35:41)

Eu acho que no momento eu devo ter pensado alguma outra coisa e só coloquei neutra.

Pesquisador (35:46)

Porque você falou, ah, em relação a mim meio que tanto faz, mas em relação a outro conhecido...

Recrutado (35:53)

Sim, porque eu tenho pessoas conhecidas que até como também já fizeram propostas para mim de você, sei lá, a gente pode, por exemplo, outra pessoa do mesmo sexo que eu, no caso, minha não, a gente pode ficar, a gente pode ficar no sigilo. Tipo, eu acho que talvez tenha considerado isso na pergunta e hoje, falando, eu acho que não seja isso. É, né?

Pesquisador (36:15)

Não vou dizer nem que sim, nem que não, porque a consideração do que é sigilo ela é. Ela é muito individual. A gente essa ideia de sigilo. Geralmente ela é muito mais associado com a comunidade LGBT, LGBTQI+.

Recrutado (36:30)

É, foi isso, no caso foi isso que usei como exemplo.

Pesquisador (36:33)

É, mas não é só. Porque tem muitos homens héteros que também têm essa coisa de sigilo. A broderagem... Então cada pessoa tem uma interpretação, interpretação do que é sigilo. Por isso mesmo que a entrevista. No questionário vai ficar suscetível à, às variações de entendimento e a entrevista ajuda eu a compreender de uma forma mais afunilada o que cada um entende por isso.

Recrutado (37:01)

Sim.

Pesquisador (37:02)

Mas, então, tu trouxeste aqui esse exemplo que tem muito a ver com o que eu disse antes, né? Ah, uma proposta no sigilo...

Recrutado (37:10)

Mas eu, eu manteria, eu manteria minha resposta como neutra.

Pesquisador (37:16)

Mas quando tu respondeu, tu não estava pensando exatamente nisso agora que tu...

Recrutado (37:20)

Sim, agora...

Pesquisador (37:22)

Não. Perfeito. Não tem problema mudar de resposta agora, às vezes até um pouco mais esclarecido sobre...

Recrutado (37:29)

Sim.

Pesquisador (37:30)

Qual era a intenção da pergunta. Tá. É, quando... Nesse período, só para eu entender, porque aqui no teu, no teu questionário tu diz que usa o Tinder. Usava o Tinder... São várias perguntas. Há quanto tempo você usa o aplicativo de relacionamento? Um a dois anos. Então você disse aquela situação aconteceu há uns dois anos, mais ou menos. Aí você parou de usar por um tempo e depois voltou.

Recrutado (38:03)

Aham.

Pesquisador (38:03)

Quando você, pensando de hoje para trás, faz mais ou menos quanto tempo? Um ano? Um ano e meio? Seis meses?

Recrutado (38:17)

Eu ainda tenho, uso o Tinder entre aspas, mas não como eu usava antes. Então hoje eu tenho algumas conversas em... Mas não é um uso tão afimco assim.

(38:28)

Frequente, assim. É, se tu fosse dizer, ah, toda semana, quantas vezes que tu abre o Tinder? Ou todo mês, se você não abre...

(38:38)

Uma vez por semana, duas vezes por semana, aparece uma notificação, Alguma coisa...

(38:44)

Aham.

(38:44)

Não é tão frequente.

Pesquisador (38:45)

Beleza. Nesse período que tu que tu usou o Tinder, considerando aí esse tempo todo, né, desde a primeira vez até ter acontecido aquela situação. Tu já usou o Tinder enquanto tu estavas em algum relacionamento?

Recrutado (39:01)

Não.

Pesquisador (39:02)

Tá. É, a gente aqui nessa, nessa conversa...

Recrutado (39:08)

Para ficar claro, eu nunca tive um relacionamento. Como posso dizer? Autodeclarado relacionamento, então eu considero que não.

Pesquisador (39:22)

Tá, entendi. Então não era, vamos dizer assim, um namoro, uma coisa...

Recrutado (39:25)

Isso, não.

Pesquisador (39:28)

Tá. E aqui, durante a entrevista, a gente falou em vários momentos a palavra privacidade e trouxemos várias situações e várias, várias questões relacionadas com ela. É, o que tu entende hoje por privacidade?

Recrutado (39:51)

Eu tenho uma certa dificuldade de externalizar, assim, meus pensamentos, mas por privacidade eu entendo que seja qualquer força, qualquer informação relacionada a mim, que ela esteja condicionada a mim, que ela possa ser preservada de alguma forma, ou seja, informações como os dados que eu forneci ou que fulano ou beltrano terceiro informou sobre mim. Então eu entendo que ela é reservada a mim, porque se trata de mim. Isso seria minha privacidade.

Pesquisador (40:23)

Quando você diz que ela deve ser preservada, você quer dizer o que exatamente? É...

Recrutado (40:30)

Guardada com, como posso dizer? Com segurança mesmo.

Pesquisador (40:38)

Uhum. Tá. Essa... Tu forneceu as tuas informações para alguém e essa informação ficou guardada ali. Depois tu mudou de ideia e não quer mais. Não quero mais que essa pessoa tenha minhas informações pessoais ou qualquer coisa que o valha. É, tu acha que essa possibilidade de dizer para a pessoa olha, para uma empresa, enfim, "não quero mais que continue com o meu, com minhas informações", tem a ver com tua privacidade?

Recrutado (41:11)

Total.

Pesquisador (41:13)

Tá.

Recrutado (41:14)

Porque eu entendo que se eu fornecer as informações, mas depois eu puder, não puder mais, não apaga isso, eu não quero que você tenha essas informações referente a mim, eu entendo que daí não... Minha privacidade não está sendo respeitada.

Pesquisador (41:29)

Uhum. Muitas coisas que a gente fala, que a gente preenche para uma empresa, tudo bem, mas muitas coisas que a gente fala para os outros, para amigos, para conhecidos, para um atendente, para um, enfim, nas relações com pessoas e não com empresas, a gente fala, a gente fornece essas informações nossas, às vezes conta um segredo ou às vezes não é nenhum segredo, mas é, conta uma percepção pessoal de algum assunto ou fala sobre uma questão religiosa, uma preferência política, enfim. É, às vezes a gente pede que a pessoa guarde segredo, às vezes a gente não fala nada e às vezes a gente diz, não, pode, pode passar adiante. E como que tu vê que a privacidade está nesse contexto aí de...

Recrutado (42:24)

[risos] Num contexto mais informal, talvez?

Pesquisador (42:27)

É, num contexto de pessoa para pessoa e não de pessoa para empresa. Porque, como o primeiro exemplo que tu deu, me parece muito mais claro de pessoa para empresa.

Recrutado (42:34)

Sim, é, eu digo pensando nisso mesmo, Mas, meu, tu pode entender, eu entendo que um terceiro pode invadir minha privacidade, bem como no caso, alguém usar as minhas imagens, por exemplo, ou mesmo que eu conte alguma coisa para fulano, eu entendo que ela pode invadir minha privacidade passando adiante. Ou talvez, hoje, muito, muito comum, né? Divulgando alguma coisa na internet... Eu entendo que a minha privacidade, por exemplo, ela pode ser invadida nesse sentido. É, a tua pergunta era o que eu entendo por privacidade? É isso, né?

Pesquisador (43:11)

Isso.

Recrutado (43:13)

E, pois é, eu entenderia assim, de, considerando esse contexto, que privacidade é qualquer coisa que eu fale, que eu diga, referente a religião, como tu disse, e política, tudo mais, mas que eu solicite uma certa cautela com a passagem, com a transmissão desses dados para um terceiro. Eu acho que eu declararia assim. Acho que, não, né? Considero assim.

Pesquisador (43:47)

Tá. É, tu, tu acha que a privacidade, ela só tem a ver com o mundo digital, com o mundo não digital ou com os dois?

Recrutado (44:02)

Com os dois. Porque da mesma forma, por exemplo, que alguém tem um perfil falso meu, alguém pode, sei lá, criar inverdade sobre mim e espalhar no mundo real mesmo para todo mundo.

Pesquisador (44:18)

É, tu falasse de dados, de dados sensíveis, dados pessoais sensíveis. Só vou voltar um pouquinho nisso, para ficar bem claro para mim na hora de analisar. O que seria um dado pessoal para ti?

Recrutado (44:43)

Ahm, pessoal eu consideraria minhas imagens e meus documentos de identificação.

Pesquisador (44:53)

Uhum. É, o, porque que a tua imagem e os teus documentos de identificação são dados pessoais para ti?

Recrutado (45:04)

Porque elas me identificam e me caracterizam.

Pesquisador (45:08)

É, quando tu falasse sobre um receio em relação ao... Às informações ali que tu preenche no Tinder, falasse especialmente do receio que aquelas informações tuas pudessem colaborar para que fossem direcionados anúncios mais focados em ti, ou seja, te identificar, identificar o teu gosto e a forma de consumo que vai te atingir de forma mais fácil. Isso também não seriam dados pessoais, nessa perspectiva que você falou?

Recrutado (45:44)

Sim. Com certeza.

Pesquisador (45:47)

É, qual seria então a relação aí, dessa, porque agora você me disse antes, ah, documentos e imagens.

Recrutado (45:57)

Sim.

Pesquisador (45:58)

Só que aqui a gente tá falando de perfil de comportamento.

Recrutado (46:01)

Uhum.

Pesquisador (46:03)

É, tu consegue ver uma outra... Consegue entender o que mais além de, de imagem e de, desses dados, CPF, essas coisas seriam pessoal?

Recrutado (46:20)

As conversas, falando da plataforma mesmo, né? Eu considero que...

Pesquisador (46:26)

Pode ser fora da plataforma também, não precisa ser dentro da plataforma.

Recrutado (46:30)

Acho que qualquer coisa que eu fale, ela pode ser considerada como uma informação pessoal, porque, como eu falei, a partir do que eu falo também. Você pode, por exemplo, criar uma inverdade sobre mim, distorcendo o que eu falei, ou pode propor uma proposta comercial para mim, ou através de estratégia de marketing, sei lá... Qualquer coisa que eu faço na plataforma ou fora dela, também eu considero, de certa forma, como uma informação pessoal. Talvez o meu estilo, coisas que me caracterizem mesmo. Ah, o Recrutado 13 ele tem o perfil desse jeito, ele sempre tá com o cabelo desse jeito, ele tem o perfume de tal forma.... Tudo isso eu considero como uma informação pessoal.

Pesquisador (47:18)

Uhum, tá. É...

Recrutado (47:22)

Eu acho que eu fugi um pouco, né? [risos]

Pesquisador (47:24)

Não, você falou, me veio uma pergunta para eu fazer na cabeça e eu esqueci. Acabou de falar, Eu esqueci a pergunta. Memória de elefante. É a memorícula.

Recrutado (47:38)

Minha memória é da Dora, então...

Pesquisador (47:40)

Eu tenho minha memória para curto prazo é... Memória de curto prazo é muito ruim. A de longo prazo é muito boa. Como você vê, eu acabei de esquecer uma pergunta que tinha acabado de vir na minha cabeça. Sim.

Recrutado (47:55)

Talvez. Só deixa eu tentar me localizar um pouquinho e talvez te localizar, porque eu acho que eu posso ter me perdido um pouquinho. Quando, eu acho que eu tô perturbando um pouquinho o sentido da informação pessoal que eu tô relacionando

muito com o que é que caracteriza o Recrutado 13, o que é uma informação pessoal do Recrutado 13, que caracterize ele. E agora eu já perdi...

Pesquisador (48:25)

Agora isso me lembrou a pergunta. Ela é bem sobre informação pessoal, porque tu falou de... A gente começou em dado pessoal e em algum momento você falou "as minhas informações pessoais, tãñã, tãñã..." E aí você falou, "tudo que eu falo para alguém, pode ser informação pessoal". É, vamos considerar aí, você tá no meio de uma conversa no bar. Qualquer coisa que você fale pode ser uma informação pessoal, porque nem sempre que a gente fala tem a ver com a gente.

Recrutado (48:56)

Aham...

Pesquisador (48:57)

O que seria essas informações pessoais? Independente de ter relação contigo, você acredita que é uma informação pessoal?

Recrutado (49:04)

Não [risos].

Pesquisador (49:07)

É... E aí tu me falasse, a gente falou de dados, aí tu trouxesse informação. Tu vê alguma diferença entre dados e informação?

Recrutado (49:17)

Então, agora eu vejo assim, como posso dizer? Eu não saberia te responder.

Pesquisador (49:25)

Não tem problema não.

Recrutado (49:27)

Não saberia te responder.

Pesquisador (49:28)

Não precisa ter uma resposta.

Recrutado (49:30)

É que nem te falei. Acho que eu tô misturando, confundindo dados pessoais com informações pessoais. Então dados pessoais é que é a linha de assunto que eu tava falando para ti de qualquer coisa que me caracterize, que é uma coisa que eu não posso mudar, por exemplo, de que se relacione a mim ou informações pessoais, é qualquer coisa que eu tenha, terceiro tenha sobre mim. Também posso, de certa forma, me identificar. Então eu acho que eu estou confundindo um pouquinho. Mas dessa pergunta mesmo eu não saberia responder. Precisaria pensar um pouquinho mais calma.

Pesquisador (50:07)

Não, não tem problema. Até eu brinco que essa entrevista é no final dela. Muita. Muitos dos entrevistados até falaram isso. Nossa, você me fez pensar em coisas que eu nem sabia que... Refletindo sobre. Então, no final das contas, a gente acaba. É uma troca mútua, né?

Recrutado (50:28)

Sim.

Pesquisador (50:30)

Embora você que está respondendo, mas acaba sendo uma troca. Deixa eu ver aqui se faltou alguma coisa para eu te perguntar. Vou só dar uma passada no roteiro. Acredito que já foi tudo. Um segundo. Tá, isso foi... Quando tu fala em... eu vou pedir para ti fazer um exemplo, um exercício, um, um exercício mental. É, quando eu falo em privacidade, quais as primeiras coisas que te vêm na cabeça? Ou a primeira, pode ser uma.

Recrutado (51:17)

Privacidade?

Pesquisador (51:19)

Isso.

Recrutado (51:20)

Ahmm. Eu entendo como algo que...

Pesquisador (51:24)

Não, palavra. Tipo assim...

Recrutado (51:27)

Uma palavra?

Pesquisador (51:28)

Palavra, palavras... Que palavras que vêm na tua cabeça? Eu falo privacidade, palavras que vêm na cabeça.

Recrutado (51:34)

Vem informação. Acho que principalmente informação e segurança.

Pesquisador (51:38)

Informação e segurança. É, porque, por que segurança?

Recrutado (51:47)

Hmm [risos]

Pesquisador (51:47)

Eu, eu faço perguntas difíceis.

Recrutado (51:51)

Sim. É, porque tá tão enraizado na gente. Eu acho que é essa minha resposta. A gente cresce e quando, eu, pelo menos, né, tive meu desenvolvimento linkando privacidade com o fator de segurança. Então, por isso.

Pesquisador (52:08)

É, quando você diz segurança...

Recrutado (52:09)

Entendo que privacidade é uma forma de eu ter segurança.

Pesquisador (52:14)

É, quando tu diz segurança, tu... Porque quando se fala de segurança a gente fala de segurança contra algo, né? Eu ando num carro blindado porque eu quero ficar seguro da violência. Então, quando eu falo de segurança em relação à privacidade, é contra o quê? Do que você quer se proteger?

Recrutado (52:38)

[risos] Por exemplo, né? Desse ponto prático ali, do problema que eu tive com o Tinder, a minha privacidade, eu entendo que poderia ser a segurança de eu garantir que um terceiro não vai criar um perfil com meu nome e, sei lá, colocar a informação que ele quiser ali, qualquer inverdade, eu entendo isso.

Pesquisador (53:01)

É, o que que representa para tua vida alguém fazer um perfil no teu nome?

Recrutado (53:10)

Nossa, muita coisa. Que nem eu te falei, minha família tem panificadora, né? Tem padaria. E as pessoas me conhecem de tal forma na padaria. A partir do momento que alguém cria qualquer inverdade sobre mim, não necessariamente só em questão da sexualidade, mas por exemplo, a gente teve as eleições agora bem conturbadas. Se eu tenho posicionamento específico com os meus clientes, na padaria, alguém cria um perfil falso ou alega qualquer inverdade sobre mim referente a esse assunto, eu posso ter a minha relação com os meus clientes, por exemplo, afetadas.

Pesquisador (53:45)

Certo.

Recrutado (53:46)

Então, entendo assim.

Pesquisador (53:54)

Acho que é isso.

Recrutado (53:58)

[risos]

Pesquisador (53:58)

Deixa eu voltar aqui que me veio essa pergunta, mas eu acho que era a última mesmo. Eram essas perguntas que eu tinha. Vou encerrar a gravação aqui e agradeço tua, tua disponibilidade e tua participação na pesquisa. Posteriormente, assim que a pesquisa for concluída e for apresentada, vai virar uma dissertação e eu vou encaminhar o link aí para as pessoas que tiverem interesse em ler, inclusive com uma versão obviamente reduzida, até porque uma dissertação costuma ter um tamanho muito maior e hoje em dia as pessoas às vezes não tem nem tempo para isso. E aí, caso você tenha interesse, fica o convite para a leitura.

Recrutado (54:49)

Perfeito.

Pesquisador (54:49)

Deixa eu...

## APÊNDICE N – Categorias, subcategorias e códigos

COMPORTAMENTO	
Comportamento: adaptação	1
Comportamento: agilidade em usar o Tinder	7
Comportamento: autonomia	3
Comportamento: cautela	8
Comportamento: dificuldade com tecnologia como justificativa para comportamento descuidado	2
Comportamento: discriminação	4
Comportamento: evita ler documentos cansativos	3
Comportamento: exposição pessoal	7
Comportamento: preconceito	8
Comportamento: preguiça de ler políticas de privacidade	3
Comportamento: pressão social	6
Comportamento: responsabilidade	6

CRENÇA	
Crença: dados identificam pessoas	8
Crença: dados identificam trejeitos	8
Crença: dados localizam pessoas	3
Crença: dados sensíveis geram discriminação	1
Crença: alguns dados são mais importantes que outros	11
Crença: dados sensíveis servem para encontrar pessoas	1
Crença: todos os dados têm a mesma importância	2
Crença: fotos mentem	2

<b>DIFICULDADES E DESAFIOS</b>	
Dificuldades e desafios: ausência de discussão/conscientização	2
Dificuldades e desafios: conflito familiar	2
Dificuldades e desafios: desconhecimento tecnológico	2
Dificuldades e desafios: desinteresse	9
Dificuldades e desafios: desmotivação	9
Dificuldades e desafios: dificuldade de leitura	5
Dificuldades e desafios: falta de conhecimento	3
Dificuldades e desafios: falta de tempo	1
Dificuldades e desafios: influência da mídia	1
Dificuldades e desafios: Influência social	2
Dificuldades e desafios: relações familiares	5

<b>EMOÇÕES</b>	
Emoções negativas: confusão	2
Emoções negativas: desconforto	3
Emoções negativas: medo	6
Emoções neutras: expectativas	2

<b>IMPACTOS PSICOLÓGICOS</b>	
Impactos psicológicos: diferenças de valores	1
Impactos psicológicos: estranhamento cultural	1

PERCEPÇÃO	
Percepção: apoio emocional	8
Percepção: confidencialidade	2
Percepção: dados pessoais	6
Percepção: independência financeira	1
Percepção: necessidade de simplificar as políticas de privacidade	3
Percepção: perceber o impacto que informar dados tem	7
Percepção: sigilo	4
Percepção: sigilo como performance	1
Percepção: sigilo para ocultar desejos	1
Percepção: sigilo para ocultar orientação sexual	2

PRIVACIDADE	
Privacidade	40
Privacidade: controle	4
Privacidade: política de privacidade como documento para cuidar da privacidade	3
Privacidade: política de privacidade como escudo	2
Privacidade: política de privacidade como regras	3
Privacidade: privacidade como conforto	1
Privacidade: privacidade como disposição de informações	10
Privacidade: privacidade como segurança	6
Privacidade: privacidade dilatada	1
Privacidade: privacidade em tudo	2
Privacidade: privacidade relacionada com consequências	2
Privacidade: privacidade relacionada com intimidade	5

<b>PROTEÇÃO DE DADOS</b>	
Proteção de dados pessoais	10
Proteção de dados pessoais: complexidade	1
Proteção de dados pessoais: desconfiança em relação ao compartilhamento de dados	3
Proteção de dados pessoais: incidente de segurança	2
Proteção de dados pessoais: invasão de privacidade	4
Proteção de dados pessoais: segurança da informação	7
Proteção de dados pessoais: vazamento de dados	6
Proteção de dados pessoais: venda de dados pessoais	2

<b>SENTIMENTO</b>	
Sentimento negativo: desapontamento	2
Sentimento negativo: desconfiança	6
Sentimento negativo: Impaciência	3
Sentimento negativo: incerteza	2
Sentimento negativo: indecisão	3
Sentimento negativo: insatisfação	3
Sentimento negativo: insegurança	18
Sentimento negativo: preocupação	9
Sentimento negativo: preocupação com dados pessoais	6
Sentimento negativo: preocupação com privacidade	8
Sentimento negativo: receio de ser descoberto	6
Sentimento neutro: autoaceitação	12
Sentimento neutro: autoexpressão	4
Sentimento neutro: corresponsabilidade	9
Sentimento neutro: vulnerabilidade	4
Sentimento positivo: despreocupação	4
Sentimento positivo: segurança	4



CÓDIGOS	1	2	3	4	6	9	13
Dificuldades e desafios: desinteresse	x	x	x	x	x	x	x
Dificuldades e desafios: desmotivação	x	x	x	x	x	x	x
Comportamento: agilidade em usar o Tinder	x	x	x	x		x	x
Comportamento: cautela	x	x		x	x	x	x
Crença: alguns dados são mais importantes que outros		x	x	x	x	x	x
Sentimento negativo: insegurança	x	x	x	x	x		x
Sentimento neutro: corresponsabilidade	x	x	x	x	x	x	
Percepção: perceber o impacto que informar dados tem	x	x	x	x	x		
Privacidade		x		x	x	x	x
Privacidade: privacidade como disposição de informações		x		x	x	x	x
Privacidade: privacidade como segurança	x	x	x		x		x
Privacidade: privacidade relacionada com intimidade		x	x		x	x	x
Proteção de dados pessoais: vazamento de dados	x	x	x		x	x	
Sentimento negativo: preocupação	x	x	x	x			x
Sentimento negativo: preocupação com privacidade	x	x		x	x	x	
Comportamento: exposição pessoal				x	x	x	x
Comportamento: pressão social	x	x	x	x			
Crença: dados identificam trejeitos	x		x		x		x
Percepção: apoio emocional	x	x	x	x			
Sentimento neutro: autoaceitação	x	x	x	x			
Comportamento: autonomia			x		x	x	
Comportamento: discriminação	x	x		x			
Comportamento: evita ler documentos cansativos	x			x			x
Comportamento: preconceito	x	x		x			
Comportamento: preguiça de ler políticas de privacidade			x	x	x		
Comportamento: responsabilidade	x		x			x	
Crença: dados identificam pessoas		x	x				x
Crença: dados localizam pessoas		x		x	x		
Dificuldades e desafios: dificuldade de leitura				x	x		x
Dificuldades e desafios: relações familiares		x	x	x			
Privacidade: controle		x		x			x
Privacidade: política de privacidade como documento para cuidar da privacidade	x		x	x			
Privacidade: política de privacidade como regras	x			x	x		
Proteção de dados pessoais		x	x	x			
Proteção de dados pessoais: invasão de privacidade		x			x		x
Proteção de dados pessoais: segurança da informação		x				x	x
Sentimento negativo: indecisão			x	x			x
Sentimento negativo: insatisfação				x	x		x
Sentimento negativo: preocupação com dados pessoais		x	x				x
Sentimento negativo: receio de ser descoberto	x	x		x			
Sentimento neutro: autoexpressão		x	x	x			
Sentimento neutro: vulnerabilidade	x				x		x
Sentimento positivo: segurança	x		x				x
Comportamento: dificuldade com tecnologia como justificativa para comportamento descuidado			x	x			
Crença: dados sensíveis geram discriminação		x		x			

CÓDIGOS	1	2	3	4	6	9	13
Crença: todos os dados têm a mesma importância			x	x			
Dificuldades e desafios: ausência de discussão/conscientização				x		x	
Dificuldades e desafios: conflito familiar			x	x			
Dificuldades e desafios: falta de conhecimento		x		x			
Dificuldades e desafios: Influência social			x				x
Emoções negativas: confusão		x				x	
Emoções negativas: desconforto	x	x					
Emoções negativas: medo				x	x		
Percepção: confidencialidade	x				x		
Percepção: dados pessoais		x				x	
Percepção: necessidade de simplificar as políticas de privacidade	x						x
Percepção: sigilo	x	x					
Percepção: sigilo para ocultar orientação sexual	x	x					
Privacidade: política de privacidade como escudo				x			x
Privacidade: privacidade em tudo		x		x			
Proteção de dados pessoais: incidente de segurança	x	x					
Proteção de dados pessoais: venda de dados pessoais		x			x		
Sentimento negativo: desapontamento					x		x
Sentimento negativo: desconfiança		x			x		
Sentimento negativo: incerteza		x		x			
Sentimento positivo: despreocupação					x	x	
Comportamento: adaptação			x				
Crença: dados sensíveis servem para encontrar pessoas				x			
Crença: fotos mentem	x						
Dificuldades e desafios: desconhecimento tecnológico			x				
Dificuldades e desafios: falta de tempo						x	
Dificuldades e desafios: influência da mídia				x			
Emoções neutras: expectativas	x						
Impactos psicológicos: diferenças de valores	x						
Impactos psicológicos: estranhamento cultural	x						
Percepção: independência financeira				x			
Percepção: sigilo como performance		x					
Percepção: sigilo para ocultar desejos	x						
Privacidade: privacidade como conforto	x						
Privacidade: privacidade dilatada		x					
Privacidade: privacidade relacionada com consequências					x		
Proteção de dados pessoais: complexidade		x					
Proteção de dados pessoais: desconfiança em relação ao compartilhamento de dados		x					
Sentimento negativo: Impaciência		x					